

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

FELIPE ZAINEDIN

A ESCRITA DA HISTÓRIA DE PONTA GROSSA: ELISABETE ALVES PINTO,  
MARIA APARECIDA CEZAR GONÇALVES E O MODELO REGIONAL E  
DEMOGRÁFICO

PONTA GROSSA  
2026

FELIPE ZAINEDIN

A ESCRITA DA HISTÓRIA DE PONTA GROSSA: ELISABETE ALVES PINTO,  
MARIA APARECIDA CEZAR GONÇALVES E O MODELO REGIONAL E  
DEMOGRÁFICO

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História na Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Programa de Pós-Graduação em História, Cultura e Identidades.

Orientadora: Professora Doutora Maria Julieta Batista de Almeida Weber.

PONTA GROSSA

2026

Zainedin, Felipe

Z21      A escrita da história em Ponta Grossa: Elisabete Alves Pinto, Maria Aparecida Cezar Gonçalves e o modelo regional e demográfico / Felipe Zainedin. Ponta Grossa, 2026.  
164 f.

Dissertação (Mestrado em História - Área de Concentração: História, cultura e identidades), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Julieta Batista de Almeida Weber.

1. Historiografia - Ponta Grossa (PR). 2. História intelectual. 3. Historiadores - Paraná. 4. Universidade Estadual de Ponta Grossa. I. Weber, Maria Julieta Batista de Almeida. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. História, cultura e identidades. III.T.

CDD: 907.2

## TERMO DE APROVAÇÃO

**Felipe Zainedin**

**A escrita da história de Ponta Grossa: Elisabete Alves Pinto,  
Maria Aparecida Cezar Gonçalves e o modelo regional e  
demográfico**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História- Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 3 de março de 2026, pela seguinte banca examinadora:



Documento assinado digitalmente

**MARIA JULIETA BATISTA DE ALMEIDA WEBER**

Data: 03/03/2026 20:57:46-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Julieta Batista de Almeida Weber (Orientador/a)



Documento assinado digitalmente

**LUIS FERNANDO LOPES PEREIRA**

Data: 04/03/2026 16:19:40-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Luís Fernando Lopes Pereira (UFPR)



Documento assinado digitalmente

**ERIVAN CASSIANO KARVAT**

Data: 04/03/2026 00:53:35-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Erivan Cassiano Karvat (UEPG)

## **AGRADECIMENTOS**

Carrego uma convicção pessoal, a de que sou fruto da paciência. Paciência do Deus Trino, que me criou, salvou e me sustenta diariamente com vontade de viver e O encontrar. Em meio ao mundo caótico, o que me dá esperança e vontade de todo dia levantar da cama é saber que Jesus Cristo levantou dos mortos e vai consertar esse mundo quebrado.

Paciência dos meus pais, Jessé e Sandra, que deram e fizeram de tudo para que eu e meu irmão tivéssemos uma vida digna, e também, com sacrifícios, colocaram como prioridade nossos estudos.

Paciência da minha esposa, Martha, e minha filha, Luiza, que me apoiaram e, nos diversos momentos em que a porta da desistência se abria como horizonte próximo, souberam fechá-la e me encorajaram a concluir este texto. Minha filha precisou em vários momentos exercer essa virtude, quando eu não podia brincar ou estar cem por cento com ela. Minha esposa, também estudante e professora, compartilhou comigo inúmeros momentos em que foi necessário conciliar, no mesmo notebook, as demandas de trabalho e de estudo.

Paciência da professora Maria, orientadora. Com certeza, este trabalho não chegaria ao resultado atual sem sua ajuda, orientação e paciência constantemente exercida.

Agradeço também ao Centro de Documentação e Pesquisa (CDPH-UEPG) e a toda a equipe, que me atenderam com prontidão e abriram as portas para as pesquisas, fazendo sempre mais do que esperado, contribuindo de forma decisiva, sem a qual este trabalho não seria possível. À professora Ângela Ribeiro, do DEHI-UEPG, que, aos 45 minutos do segundo tempo, colaborou na consulta dos Relatórios Anuais do Departamento, contributo imprescindível para qualquer eventual sucesso desta pesquisa.

Aos membros da banca, professores Erivan e Luís, que prontamente aceitaram o convite e trouxeram contribuições indispensáveis para o desenvolvimento desta pesquisa durante a etapa de Qualificação.

Por ser a paciência uma virtude escassa e rara no mundo apressado de hoje, quero agradecer a todas e todos por tê-la compartilhado comigo. Caso este trabalho mereça algum louvor, ele certamente se deve à paciência de vocês. Muito obrigado.

*Fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não descansar em Ti (Agostinho, de Hipona).*

## RESUMO

ZAINEDIN, Felipe. **A escrita da história de Ponta Grossa:** Elisabete Alves Pinto, Maria Aparecida Cezar Gonçalves e o modelo regional e demográfico. 2026. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2026.

Este trabalho tem como objetivo apreender a produção historiográfica na e sobre a cidade de Ponta Grossa, a partir dos escritos, acervos e trajetórias das historiadoras e professoras universitárias Elisabete Alves Pinto e Maria Aparecida Cezar Gonçalves - as quais atuaram na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) -, estabelecendo comparativos com a produção de historiadores que produziram de lugares que não a Universidade. Nesse aspecto, os rumos das pesquisas e textos se alinharam e foram produzidos a partir da história da historiografia em conjunto com a história intelectual, tal como praticada por François Dosse e Helenice Rodrigues da Silva, dialogando e nos apropriando das contribuições de Michel de Certeau sobre a operação historiográfica. A partir de rastros, nos documentos do Acervo de Elisabete Alves Pinto e Maria Aparecida Cezar Gonçalves, sob guarda do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (CDPH – DEHIS/UEPG), comparando-os com seus textos e trajetórias, intentamos apreender a formação de uma forma de pensar e sentir a operação historiográfica e o tornar-se historiadora, entendendo os fatores que influíram para tal, como o ingresso nos cursos de pós-graduação em História do Brasil, na opção História Demográfica, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), a possibilidade de ingressar e avançar na carreira de professoras universitárias na UEPG, bem como o encontro com teorias, metodologias e técnicas de pesquisa e escrita historiográfica. Durante a pesquisa, verificamos o registro testemunhal e memorialístico do conhecimento histórico, no contexto local, bem como o processo de leitura distinto do esperado no contexto da produção realizada na Universidade. Conseguimos perceber, a partir das trajetórias analisadas, que a formação de um lugar de produção historiográfica esteve entrelaçada com as carreiras e as vontades intelectuais e sociais de Maria Aparecida Cezar Gonçalves e Elisabete Alves Pinto, as quais tiveram suas formas de sentir, pensar e fazer historiografia moldadas e transformadas por sociabilidades mediadas por vínculos institucionais e intelectuais, e expostas a questões geracionais de técnicas e outros fatores sociais.

**Palavras-chave:** Lugar social; história intelectual; história da historiografia; UEPG.

## ABSTRACT

ZAINEDIN, Felipe. **The writing of the history of Ponta Grossa:** Elisabete Alves Pinto, Maria Aparecida Cezar Gonçalves and the regional and demographic model. 2026. Dissertation (Master's in History) – State University of Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2026.

This work aims to understand the historiographical production in and about the city of Ponta Grossa, based on the writings, collections and trajectories of the historians and university professors, Elisabete Alves Pinto and Maria Aparecida Cezar Gonçalves - who worked at the State University of Ponta Grossa (UEPG) -, establishing comparisons with the production of historians who produced from places other than the University. In this respect, the directions of the research and texts aligned and were produced from the history of historiography together with intellectual history as practiced by François Dosse and Helenice Rodrigues da Silva, dialoguing with and appropriating the contributions of Michel de Certeau on the historiographical operation. Based on traces, the documents from the collection of Elisabete Alves Pinto and Maria Aparecida Cezar Gonçalves, held by the Center for Documentation and Research in History of the Department of History at the State University of Ponta Grossa (CDPH – DEHIS/UEPG), compared with their texts and trajectories, we intend to understand the formation of a way of thinking and feeling about the historiographical operation and becoming a historian, understanding everything that influenced this, such as entering postgraduate courses in Brazilian History, specializing in Demographic History, at the Federal University of Paraná (UFPR), the possibility of entering and advancing in the career of university professors at UEPG, and the encounter with theories, methodologies, and techniques of historiographical research and writing. During the research, we perceived the testimonial and memorialistic record of historical knowledge in the local context, imagining a reader distinct from that expected in the context of the production carried out at the University. We were able to perceive, from their trajectories, that the formation of a place for historiographical production was intertwined with the careers and aspirations of the intellectual and social figures Maria Aparecida Cézar Gonçalves and Elisabete Alves Pinto. Their ways of feeling, thinking, and doing historiography were shaped and transformed by social interactions mediated by institutional and intellectual ties, and exposed to generational issues of techniques and other social factors.

**Keywords:** Social place; intellectual history; history of historiography; UEPG.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

|                                                                                |     |
|--------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Fotografia 1 - Capa - Aula Inaugural .....                                     | 71  |
| Fotografia 2 - Aula Inaugural .....                                            | 71  |
| Fotografia 3 - Cópia de fonte documental .....                                 | 73  |
| Fotografia 4 - Ficha Metodológica.....                                         | 74  |
| Fotografia 5 - Anotação no verso de cópia de fonte .....                       | 75  |
| Fotografia 6 - Computador IBM 1130 .....                                       | 77  |
| Fotografia 7 - Universidade Estadual de Ponta Grossa, década de 1970 .....     | 84  |
| Fotografia 8 - Distribuição por cor e condição social (Gonçalves, 1979). ..... | 115 |
| Fotografia 9 - Trabalho de conclusão de disciplina - ADBEAP .....              | 120 |
| Fotografia 10 - Trabalho de conclusão de disciplina de aluna .....             | 121 |
| Fotografia 11 - Trabalho de conclusão de disciplina .....                      | 122 |

## LISTA DE QUADROS

|                                                                                 |     |
|---------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Quadro 1 - A produção dos membros do CCEC-PG .....                              | 41  |
| Quadro 2 - Atividades de pesquisa realizadas por Professores – DEHIS-UEPG ..... | 92  |
| Quadro 3 - Produções escritas de professores do DEHIS-UEPG, 1970 .....          | 93  |
| Quadro 4 - Relação de estagiários em formação – DEHIS-UEPG .....                | 95  |
| Quadro 5 - Currículo de Licenciatura em História 1979 -DEHIS-UEPG .....         | 96  |
| Quadro 6 - Professores, estagiários e funcionários – 1976.....                  | 97  |
| Quadro 7 - Carreira de Maria Aparecida Cezar Gonçalves .....                    | 100 |
| Quadro 8 - Carreira de Elisabete Alves Pinto.....                               | 118 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|          |                                                                    |
|----------|--------------------------------------------------------------------|
| ADBEAP   | Acervo Documental Bibliográfico Elisabete Alves Pinto              |
| CDPH     | Centro de Documentação e Pesquisa em História                      |
| CCEC     | Centro Cultural Euclides da Cunha                                  |
| UEPG     | Universidade Estadual de Ponta Grossa                              |
| UFPR     | Universidade Federal do Paraná                                     |
| DEHIS    | Departamento de História                                           |
| FAFIS    | Faculdades de Filosofia                                            |
| FEFCL-PG | Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                       |            |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                                                               | <b>11</b>  |
| <b>CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA DE PONTA GROSSA: PERÍODO NÔMADE.....</b>                                                                                     | <b>36</b>  |
| 1.1 A HISTÓRIA E HISTORIADORES: EM BUSCA DE UMA IDEIA E DE UM LUGAR .....                                                                             | 36         |
| 1.2 A ESCRITA DA CIDADE CONVERGENTE: ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA ..                                                                                      | 41         |
| <b>CAPÍTULO 2 – DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UFPR: LUGAR FORMADOR .....</b>                                                                            | <b>58</b>  |
| 2.1 HISTORIOGRAFIA PARANAENSE: MODELO REGIONAL E DEMOGRÁFICO                                                                                          | 58         |
| 2.2 O FASCÍNIO PELA SÉRIE, NÚMERO E TÉCNICA: O USO DO COMPUTADOR E A QUANTIFICAÇÃO NA HISTORIOGRAFIA REGIONAL .....                                   | 76         |
| <b>CAPÍTULO 3 – A CONSTRUÇÃO DE UM LUGAR: FORMAÇÃO DE PROFESSORE(A)S E PESQUISADORE(A)S DO DEHIS-UEPG .....</b>                                       | <b>83</b>  |
| 3.1 HISTÓRIA DE UM DEPARTAMENTO: A CONSTITUIÇÃO DE UM LUGAR .....                                                                                     | 84         |
| 3.2 TRAJETÓRIA DE MARIA APARECIDA CÉZAR GONÇALVES: UMA VIDA ENTRE ENSINO E HISTÓRIA .....                                                             | 98         |
| 3.3 VONTADE DE MEMÓRIA: A TRAJETÓRIA DE ELISABETE ALVES PINTO...                                                                                      | 117        |
| 3.4 A RECEPÇÃO DA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA: A LEITURA DE ELISABETE ALVES PINTO E DE MARIA APARECIDA CEZAR GONÇALVES PELA COMUNIDADE HISTORIADORA..... | 131        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                                                                     | <b>137</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                                                                               | <b>141</b> |
| <b>APÊNDICE A - ENTREVISTAS COLIGIDAS DA TESE DE DOUTORADO .....</b>                                                                                  | <b>147</b> |
| <b>APÊNDICE B - FONTES.....</b>                                                                                                                       | <b>159</b> |
| <b>ANEXO A – QUADRO Nº 25 DISSERTAÇÃO DE MARIA AP. CEZAR GONÇALVES .....</b>                                                                          | <b>162</b> |
| <b>ANEXO B – PROGRAMA DE DISCIPLINA HISTÓRIA DO PARANÁ DO DEHIS-UEPG, DE 1976 .....</b>                                                               | <b>163</b> |

## INTRODUÇÃO

Bem, depois deste preâmbulo, necessário para a história eclesiástica a que me propus, só nos resta começar nossa espécie de viagem, partindo da manifestação de nosso Salvador em sua carne e depois de invocar a Deus, Pai do Verbo, e ao mesmo Jesus Cristo, nosso Salvador e Senhor, Verbo celestial de Deus, como nossa ajuda e nosso colaborador na verdade da exposição. (Eusébio de Cesaréia, século IV d. C.)

A história, essa viagem ao outro, deve servir para fazer sair de nós, tão legitimamente quanto nos confortar em nossos limites. (Paul Veyne, século XX d. C.)

Historiadores, separados por mais de mil anos, diferentes em vários aspectos, se encontram e concordam em um ponto: escrever história é fazer uma viagem. E caso eles e, portanto, as epígrafes estejam certos na descrição do que seria fazer história e ela seja essa viagem e produza esse deslocamento temporal, somos levados a concluir que o historiador seria um viajante. Assumindo o trabalho historiográfico como viagem, o nosso será um relato de viagem e mapa - resultado de um viajante à procura de sensibilidades e modos de ser historiador no tempo, assim como os viajantes antigos, que em suas descobertas fabricavam mapas, nomeando e identificando lugares do maravilhoso e o diferente de suas descobertas. Entretanto, é bom que se diga que a comparação com viajantes antigos não foi de forma fortuita. Isso é um aviso ao leitor: não se deve esperar um mapa ao estilo contemporâneo, que conta com a precisão dos satélites e GPS. É mapa de quem vai indo na viagem, descrevendo o que encontra e nomeando lugares, a partir de comparações.

O texto que o leitor tem em mãos ou em telas é, portanto, cartografia, exercício dessa viagem e pesquisa que tem por objetivo apreender aspectos da historiografia produzida na Universidade Estadual de Ponta Grossa entre 1970 e 1990, em comparação com a produção não acadêmica. O *corpus* de fonte e, ao mesmo tempo, objeto de estudo são, primordialmente, os textos e a atuação das historiadoras Elisabete Alves Pinto e Maria Aparecida Cezar Gonçalves, e a construção da história demográfica e regional. Procura-se, nesse sentido, compreender 1º) o impacto que exerceu o curso de Pós-graduação em História do Brasil (UFPR) na concepção profissional dessas historiadoras; 2º) a apropriação de correntes e ideias historiográficas acadêmicas nas suas produções, e como efetuaram a recepção dessas ideias; e 3º) quais foram os efeitos produzidos pela profissionalização na historiografia local. Com isso, propõe-se estudar a mudança da identidade do que

significa ser historiador e fazer história na cidade, ou o surgimento de uma nova identidade, a partir do que esse contexto, os períodos focados, os métodos e a forma de apresentação deixam entrever.

A partir do problema inicial, estabeleceremos comparativos com outras modalidades de historiografias sobre a cidade de Ponta Grossa, de uma história não acadêmica, entendida aqui não no sentido qualitativo, mas em oposição a uma produção profissional que faz parte de um contexto mais amplo, pelo qual o Paraná e o Brasil passam, que se delineará a partir dos cursos de graduação e principalmente pós-graduação. Esse exercício de comparação nos serve como uma forma de olhar de fora e poder compreender como o conhecimento histórico é construído, como se formam subjetividades historiadoras e sua relação com lugares na produção desse conhecimento.

Assim, inquieta-nos e nos acompanha a seguinte questão: de que forma duas mulheres do interior do Paraná, entre as décadas de 1970 e 1990, encontram um mundo que possui regras de entrada, procedimentos de leitura, escrita e uma crítica autorizada, e produzem a partir desse lugar, diferindo em sua produção da de um homem, Epaminondas Holzmann – filho de imigrante, espírita, jornalista, vitimado pela doença às portas da eternidade –, que escreve como missão existencial ao cumprir uma promessa aos seus ancestrais? Desse modo, as preocupações desta pesquisa aproximam-se às de Certeau (1982), quando esse se perguntava o que fabricava um historiador enquanto esse escrevia história<sup>1</sup>.

Nossa interrogação de partida foi a de empreender a investigação com o objetivo de chegar à compreensão das diferenças de textos escritos por sujeitos de tempos e principalmente de lugares diferentes, portanto, com formações diferentes. Intentaremos, nesse sentido, compreender como esses diversos sujeitos interagiram e deram sentido para os seus lugares e como isso repercutiu na produção da escrita e produção do conhecimento histórico.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> “O que fabrica o historiador quando “faz história”? Para quem trabalha? Que produz? Interrompendo sua deambulação erudita pelas salas dos arquivos, por um instante ele se desprende do estudo monumental que o classificará entre seus pares, e, saindo para a rua, ele se pergunta: O que é esta profissão? Eu me interrogo sobre a enigmática relação que mantenho com a sociedade presente e com a morte, através da mediação de atividades técnicas” (Certeau, 1982, p. 56). Certeau ainda falará de 2 tríades que explicitam o processo de “fabricação” de um historiador: sujeito, instituição e objeto, e lugar, disciplina e texto (Certeau, 1982, p. 57, 60, 64).

<sup>2</sup> Assim sendo, nosso olhar tanto quanto possível evitará reduções de cunho determinista. Sabemos que o mundo social, seus lugares e pressões do tempo são habitados, construídos e ressignificados por pessoas com certa liberdade do possível. Carlo Ginzburg, estudando o moleiro Domenico

Nessa esteira, reflexões<sup>3</sup> que revisitam a produção historiográfica local estão em historiadores da geração<sup>4</sup> 90/2000<sup>5</sup>. Podemos citar dois trabalhos de importância e relevância no cenário local, que são as teses de doutoramento das historiadoras Rosângela Wosiack Zulian<sup>6</sup> e Carmencita Holleben Mello Ditzel<sup>7</sup>.

A professora Rosângela Wosiack Zulian se propõe a estudar a trajetória e as práticas discursivas do primeiro Bispo diocesano da cidade de Ponta Grossa, Dom Antônio Mazzarotto. A autora, porém, não deixa de situar a cidade e a disputa pelo seu espaço. Portanto, propõe:

No segundo capítulo abordamos as relações entre as diferentes representações discursivas sobre a cidade e seu diálogo com o projeto

---

Scandella, Menocchio, mostrou uma das possibilidades de estudo, ao mostrar certa autonomia, que em outros estudos poderia, segundo o próprio autor, aparecer em uma nota de rodapé, para comprovar uma tese de uma determinante, seja econômica, social ou técnica: “Assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes – uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um” (Ginzburg, 2006, p. 20). Giovanni Levi, ao historiar a biografia e os modos que foram praticados, evita reduzir a singularidade de uma vida a uma categoria, de grupo e época ao afirmar que: “Mas para todo indivíduo existe também uma considerável margem de liberdade que se origina precisamente das incoerências dos confins sociais e que suscita mudança social” (Levi, 1996, p. 182). Ainda, poderíamos afirmar que, além das contradições das normas, há na singularidade de uma vida a faceta propositiva e criativa. E, ainda, Chartier (2006), ao complexificar a questão, ao falar de estratégias, representação, apropriação e prática, aponta para um caminho mais complexo em como se dá incorporação, geralmente clivada, da cultura.

<sup>3</sup> Esse levantamento de estudos sobre a Historiografia é uma continuação e aprofundamento de pesquisa desenvolvida a nível de conclusão de curso de Graduação, na qual pesquisei a Historiografia local (Zainedin, 2021).

<sup>4</sup> Nesse sentido, a definição de geração posta aqui está seguindo o que Helenice Rodrigues da Silva retoma para os estudos de história intelectual e intelectuais. “Para Wilhelm Dilthey, por exemplo, o fenômeno de geração é intermediário, uma vez que deriva da interação do tempo ‘exterior’ da História e do tempo ‘interior’ psíquica, quer dizer, da ‘experiência vivida’. Consequentemente, Dilthey diferencia as duas utilizações do conceito de geração: o pertencimento a uma ‘mesma geração’ e a ‘sequência das gerações’. Como ele mesmo afirmou: ‘Pertencem a uma ‘mesma geração’ contemporâneos que foram expostos às mesmas influências, marcados pelos mesmos acontecimentos e pelas mesmas transformações’” (Silva, 2003, p. 22). Para entrar na sua elaboração da compreensão da geração, Mannheim constata e contrapõe a uma sociedade sem geração. Utópica alguns fatos que parecem realmente terem lastro social, ajudando a não esquecer algumas questões, inclusive em análises de historiadores e discursos históricos, que são sempre alocados a um tempo específico. Com isso, escreve: “Em contraste com uma tal sociedade utópica e imaginária, a nossa tem as seguintes características: a) novos participantes do processo cultural estão surgindo, enquanto b) antigos participantes daquele processo estão continuamente desaparecendo; c) os membros de qualquer uma das gerações apenas podem participar de uma seção temporalmente limitada do processo histórico, e d) é necessário, portanto, transmitir continuamente a herança cultural acumulada; e) a transição de uma para outra geração é um processo contínuo” (Mannheim, 1982, p. 74).

<sup>5</sup> Percebemos, na memória escrita pelo professor e historiador ponta-grossense (Chaves, 2019), o que poderíamos classificar como sua representação do que configurou o departamento durante os anos 90, que, na visão do autor, foi uma geração e teve orientação teórica e de pesquisa definida em comum. Podemos, seguindo Roger Chartier (1989, p. 183), entender que as representações dessa geração dos anos 90 são formas de se organizarem, atuarem e construírem o mundo social e intelectual, marcando seu próprio local.

<sup>6</sup> Historiadora que teve como lugar de formação e atuação a UEPG. O trabalho aqui mencionado é sua tese de doutorado (Zulian, 2009).

<sup>7</sup> Historiadora que teve como lugar de formação e atuação a UEPG. O trabalho aqui mencionado é sua tese de doutorado (Ditzel, 2004).

institucional católico para a Igreja no Paraná. A cidade, locus de disputa de diferentes projetos, oscilava entre as permanências de uma sociedade marcada pela presença de uma tradicional elite campeira e seus valores e a emergência do imaginário do progresso, pautado pela ordenação do espaço urbano, de novas sociabilidades e padrões culturais. Construída e ‘inventada’ tanto pelas elites campeiras quanto pela crônica jornalística como ‘cidade ideal’, a futura sede da diocese configurou um espaço atravessado por múltiplos conflitos, expressos em episódios que envolveram imigrantes poloneses e alemães, a instituição católica e os cidadãos brasileiros (Zulian, 2009, p. 21).

Com foco nas representações sobre a cidade por jornalistas, políticos, intelectuais e os grupos representados por eles, o objetivo da pesquisa é entender a disputa de projetos que se colocavam, o do passado campeiro e tradicional, representado pelas antigas famílias, de um lado; e o da visão da cidade como moderna e embebida pela ideia de progresso, de outro. Assim, busca fornecer o pano de fundo para compreender a ação discursiva de Dom Antônio Mazzarotto.<sup>8</sup>

Em um artigo publicado na *Revista Regional*<sup>9</sup>, a historiadora traz uma contribuição na análise sobre diferentes disputas discursivas em torno da fundação da cidade, por obras históricas de personagens locais. Intitulado “*A semente de uma grande cidade: uma leitura dos discursos construídos sobre a fundação da cidade de Ponta Grossa (PR)*”, o trabalho em questão visa a compreender narrativas de caráter histórico como sendo agentes na construção da identidade da cidade:

Mitos fundadores geram imaginários e são gerados por eles, reforçando a cada passo uma narrativa ‘inventada’, produtora de sentidos. Nos relatos sobre a fundação da cidade de Ponta Grossa essas questões estão presentes, ‘invenções históricas e criações culturais’ que tramam o épico e o sagrado, na construção de um momento inicial (Zulian, 2009, p. 106).

Analisando esses discursos, a autora os entende como mito, seguindo de perto o pensamento da filósofa brasileira Marilena Chauí. Zulian (2009) analisa os escritos a partir dessa visão, entendendo que esses discursos tinham um fim prático, primeiro gerar uma versão correta do passado - sempre idealizado - para conseguir apaziguar as tensões e manter o poder:

Para a autora, a ideia de mito é tomada não apenas no sentido etimológico de narração pública de feitos lendários da comunidade (no sentido grego da palavra *mythos*), mas também no sentido antropológico, como narrativa que traz uma ‘*solução imaginária para tensões, conflitos e*

<sup>8</sup> Situar Ponta Grossa como lugar em que grupos ligados a famílias antigas sempre lutaram por manter sua tradição e estabelecer seus projetos foi muito comum para uma geração de historiadores pontagrossenses. A toponímia da formação da cidade aparece em vários trabalhos como elemento obrigatório para compor a explicação de objetos de estudos.

<sup>9</sup> Revista criada e editada desde 1995 pelo Departamento de História da UEPG.

*contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade'* (Zulian, 2009, p. 105).

Nesse aspecto, a reflexão de Zulian (2009) reforça o papel de certos grupos na formulação e cristalização da visão histórica sobre a cidade, e como ela foi mobilizada por esses, como estratégias discursivas e políticas para não serem movidos do lugar de poder no espaço social e temporal no contexto local, como a própria autora conclui:

As fontes produzidas sobre a ocupação do território dos Campos Gerais, a formação e organização da sociedade local e sua condução política geraram discursos unívocos, construídos com a intenção de particularizar o processo histórico, configurando uma 'história oficial' de caráter épico e romântico. Tal produção contribuiu para reforçar o imaginário local que atribui aos grandes fazendeiros o papel de condutores da vida política e responsáveis pelo desenvolvimento da cidade (Zulian, 2009, p. 124).

Essa foi uma das formas de investigação, empreendida como projeto de compreensão das produções históricas feitas na e sobre a cidade. A pesquisadora voltou-se aos discursos de certa elite campeira - principalmente do senador Flavio Carvalho Guimarães -, relacionando-os a outros contextos e textos. E uma das contribuições é tornar os próprios escritos históricos fontes de pesquisa, mais do que objetos de simples consulta.

Quando voltamos para a tese de Carmencita Ditzel, vemos a mesma tendência da tese de Zulian (2009), a qual busca retomar a origem e o desenvolvimento da cidade de Ponta Grossa, evidenciando a formação e presença de uma elite de origem campeira, que teve e tem atuação política constante na sua história. Essa retomada tem o objetivo de ajudar a compreender a boa recepção eleitoral que teve o líder do integralismo, Plínio Salgado, na região dos Campos Gerais:

A análise parte do pressuposto que a eficácia do discurso de Plínio em 1955, na região dos Campos Gerais, se deve a uma conjugação de fatores como o passado integralista, o momento de ampliação das fronteiras paranaenses, e a consequente perda de prestígio político-econômico do Paraná Tradicional (o que pode ser compreendido como uma crise), o processo de modernização conservadora vivenciado pela cidade de Ponta Grossa, pólo regional, que possibilitou a permanência de valores tradicionais nos imaginários sociais de sua área de abrangência (Ditzel, 2004, p. 4-5).

Novamente os escritos de intelectuais e seus engajamentos diversos, seja na atuação jornalística, política e cultural, são lidos com foco nesse objeto outro, que é entender o papel da atuação dessa intelectualidade na sustentação de imaginários

presentes na cidade em disputa, a preservação de certos valores e a contribuição para recepção de certas ideias políticas:

Tais valores foram defendidos pela elite campeira, que permaneceu no poder e muitas vezes compartilhou-o com outros setores (ervateiros, industriais, comerciantes), além de incorporar imigrantes e seus descendentes que adotaram a tradição do familismo. **Permanência essa garantida pela mediação de setores intelectuais, da imprensa e da Igreja que forjaram seus discursos sustentados na defesa da ordem, da hierarquia, da autoridade, da pátria e na representação do brasileiro como povo de índole pacífica e que precisa ser conduzido** (Ditzel, 2004, p. 5, grifo nosso).

Nesse âmbito, podemos incluir a produção histórica dos autores que vivenciaram o contexto estudado pela autora. Inclusive, em capítulo dedicado ao *Centro Cultural Euclides da Cunha*, mostra a atuação do grupo e aponta como lugar de produção cultural dos mais importantes na cidade, inclusive em história:

Essa passagem (da obra de Ribas Silveira) expressa a tendência de particularizar o processo histórico encontrada em boa parte dos estudos que tratam da formação de Ponta Grossa. Com isso, reforça-se um imaginário local que atribui aos grandes fazendeiros o papel de condutores da vida política e do desenvolvimento ponta-grossense (Ditzel, 2004, p. 60).

O historiador citado, Ribas Silveira, pertencia ao CCEC de Ponta Grossa e fazia parte de família tradicional da cidade, remontando ao período colonial e de fundação da região. Ao citar esse personagem, portanto, contextualizando como era a visão histórica do autor - que representava, de certa forma, a visão do grupo -, Ditzel (2004) enfatiza que a produção intelectual, na sua vertente de história local, do CCEC era predominada pelo espírito de família e tradição, característicos da região.

De qualquer forma, a abordagem aponta caminhos a percorrer no que tange à complexidade da produção histórica na cidade de Ponta Grossa, pois ela se deu em vários níveis e por várias formas e meios. A obra de Ditzel (2004) aponta caminhos de retomada, como foram seguidos no próprio estudo do Centro e suas produções intelectuais. Boa parte da produção sobre o CCEC, Faris Michael (fundador e presidente por toda sua existência, do Centro) e outros personagens do grupo dialoga com os estudos de Ditzel, como é nosso caso. Nesse sentido, a leitura do trabalho da referida autora contribui para entender os caminhos da produção histórica na cidade em períodos em que não havia ainda um lugar acadêmico consolidado.

Outro trabalho que se debruça a entender o que permeava a visão historiográfica da cidade de Ponta Grossa é o da historiadora Caroline Guebert. Ela desenvolveu, no âmbito de trabalho de conclusão de curso, a análise da visão histórica

do CCEC veiculada no periódico da agremiação, *O Tapejara*. Sobre esta produção historiográfica do centro euclidiano, escreve:

O tempo da memória foi eleito como refúgio do presente e, sobretudo, como locus privilegiado para pensar, porque permitiria um distanciamento da 'hora em que estamos', expressão associada com a ideia de momento acelerado. A este tempo, o articulista atribui uma perspectiva de aspereza, de problema e de preocupação, que em diversos outros textos aparece articulada com a ideia de perder (de valores em processo de se perder). No gesto de 'fazer história', que implica 'derivar' para outro tempo defende o articulista, que seria permitido certo romance e tom de fantasia na narração ou descrição, contanto que não se dê espaço para inverdades (Guebert; Karvat, 2015, p. 60).

Em sua análise das produções que tinham o caráter de produção histórica, ela percebeu que estavam espalhadas por diversos gêneros textuais, não se limitando às narrativas que traçavam e descreviam acontecimentos:

Diante da maneira como estão dispostos os textos no Tapejara em várias formas e diferentes gêneros, sem uma regularidade ou coluna específica – que podiam ser tomados como escrita de história, percebemos que não houve apenas um instrumento usado pelo CCEC para veicular a visão de passado pelo grupo. O pensamento histórico do Centro – e de seus integrantes – foi manifesto em narrativas históricas, no elenco de um panteão de Heróis, em crônicas memorialísticas e reflexões filosóficas bastante gerais sobre o tempo e a sociedade (Guebert; Karvat, 2015, p. 60).

A pesquisa e perspectiva da historiadora deixam entrever algumas questões relacionadas à historiografia local: quais eram os lugares de produção, como era feita e quais eram seus lugares de publicação e circulação. Sabemos que o trabalho da autora se debruça em específico sobre a história jagunça do CCEC, porém nos permite apontamentos e direcionamentos mais amplos sobre a historiografia local, sendo, portanto, um trabalho que segue na esteira do que propomos: *história da historiografia local*.

Outra via de acesso à história local é a iniciativa do professor e historiador Antônio Paulo Benatte. Em verbete publicado no *Dicionário Histórico dos Campos Gerais*, traz uma nota que aponta caminhos que podem seguir as pesquisas que se aventurarem em encontrar e estudar a história local. No verbete, aborda o modelo de história proposto pelo vereador Frederico Martinho Bahls, afirmando ter sido o primeiro de que se tem notícia. Sobre o modelo propriamente dito, escreve:

A ênfase em datas, nomes próprios e 'origens' remete a uma concepção tradicional da história, dita oficial, próxima das elites e dos poderes constituídos. Não obstante, o projeto apresenta uma sinopse, um modelo indicativo de 'campos' a serem explorados pela pesquisa e escrita de uma história ainda por fazer; elenca uma série de temas, questões e 'objetos' a

servirem de orientação ou plano nos campos da história política, eclesiástica, econômica, demográfica, administrativa, dos transportes, da 'cultura', das comunicações, entre outros (Benatte, 2019).

O comentário proposto por Benatte (2019) se torna frutífero por nos mostrar uma fonte proveitosa, muitas das vezes desconsiderada, no estudo de história da historiografia: documentos oficiais, em específico Atas da Câmara Municipal. Essa fonte se mostra útil, principalmente no caso do Brasil, em geral, e do Paraná em específico, quando pensamos em apreender as concepções de história nos séculos XVIII e XIX. Essa empreitada nos ajuda a evitar um olhar viciado, quando queremos compreender outros regimes historiográficos, pois, se queremos estudar produções históricas de outras épocas, precisamos procurá-las em outros lugares, suportes e gêneros textuais, conforme aponta Benatte (2019):

Somente nas primeiras décadas do século XX, os literatos e eruditos locais (cronistas, poetas, jornalistas, memorialistas e mesmo historiadores) começaram a escrever e publicar as primeiras 'histórias' de Ponta Grossa. Essa historiografia assumiu múltiplas formas, da crônica ao poema épico, da 'reminiscência' ao romance histórico, da biografia de 'grandes vultos' a textos propriamente historiográficos, ou melhor, com pesquisa, citação e referência de documentos. É visível a influência do 'modelo' de Martinho Bahls não somente na definição de períodos e conteúdos da historiografia local, como também na permanência de determinadas concepções de história herdadas do século XIX. Mas esse problema carece de pesquisas mais detalhadas (Benatte, 2019, s. p.).

Nessa nota e abordagem, o autor oferece um indicativo dos caminhos a seguir, e aponta formas e documentos para se pensar a história da historiografia, no contexto regional, para períodos nos quais os textos não estavam e não vinham de locais convencionais para a atualidade. Assim, possibilita a entrada em terrenos ainda não ou pouco estudados da história local, assumindo como projeto de pesquisa a história da historiografia.

O trabalho que se apresenta busca, portanto, trazer uma contribuição ao estudo da historiografia local, fazendo dela o foco principal das pesquisas, e utilizando os textos historiográficos como objetos e fontes em si. Nesse tipo de trabalho, que busca analisar tanto a travessia de sujeitos como as suas produções, são inescapáveis traços de biografia. Portanto, pensaremos a história como forma de conhecimento e como uma modalidade de escrita, e o historiador, como uma forma de ver e ser no mundo social, que muda durante o tempo. Pensar a história e prática historiográfica como forma de dar sentido e ao mesmo tempo compreender os sentidos efetuados por outros sujeitos.

Com o intuito de tornar factível a pesquisa e possível fornecer respostas, mesmo que parciais, fizemos a escolha de cruzar as informações presentes nas obras das historiadoras citadas: *Ponta Grossa: um século de vida (1823-1923)*, livro que é a adaptação das dissertações de mestrado das historiadoras estudadas, *Estudo demográfico da Paróquia Nossa Senhora de Sant'Ana de Ponta Grossa (1823 - 1879)*, de Gonçalves (1979), e *A população de Ponta Grossa a partir do Registro Civil (1889 – 1920)*, de Pinto (1980), bem como atentar para as próprias dissertações e para a tese de doutorado de Elisabete Alves Pinto, *Vila de Castro: população e domicílios (1800 – 1830)*, na qual defende a tese original sobre a povoação dos Campos Gerais, seguindo e corroborando a visão de Brasil Pinheiro Machado<sup>10</sup>, além de realizar uma adequação teórica e metodológica, a partir de leituras de autores nacionais e internacionais, especialmente no que concerne ao foco de sua pesquisa: estrutura familiar e domiciliar.<sup>11</sup>

A partir da leitura de seus textos, são comparados com documentos encontrados nos acervos disponíveis, que estão localizados no Centro de Documentação e Pesquisa em História, do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa<sup>12</sup>. Nos fundos documentais das referidas historiadoras, encontra-se material bibliográfico, alguns dos que foram utilizados na produção dos seus trabalhos, e cópia de fontes documentais com anotações e ficha de leituras, como é o caso do Acervo Bibliográfico e Documental de Elisabete Alves Pinto. A imersão na materialidade dessas fontes, que apresentaremos através de reproduções e fotografias, colocadas em perspectiva e em conjunto com suas escrituras, contribuirá para apreendermos o valor e a forma de nos relacionar com a fonte, e quais

---

<sup>10</sup> Nos referimos ao debate historiográfico entre a tese de Brasil Pinheiro Machado, esboçada na Sinopse da História Regional do Paraná (1951), que defende que o subnúcleo paulista de Curitiba como centro de irradiação da parte principal que efetivou conquista, ocupação e desenvolvimento dos Campos Gerais, e a de Benilde Maria Lenzi Motim, que defende que “[...] Castro possui algumas especificidades, como, por exemplo, uma relativa autonomia em relação a Curitiba e, por outro lado, grande dependência com relação a São Paulo e Sorocaba” (1987, p. 9).

<sup>11</sup> Nos referimos à recepção que a autora faz de Peter Laslett, Louis Henry, Adolphe Landry, Eni Samara, Maria Luiza Marcílio, Iraci del Nero da Costa, José Luiz de Freitas, entre outros historiadores demógrafos. A questão gira em torno de tornar as categorias e métodos operacionáveis ao contexto local, principalmente a questão de diferenciar família, domicílio e suas variações, estrutura de poder, situação jurídica e social – livre, agregado, liberto e escravo. Essas questões estão presentes entre as páginas 26 e 36 de sua tese. Voltaremos a essas questões em capítulo específico.

<sup>12</sup> O Centro de Documentação e Pesquisa em História, como apresenta breve histórico no site, foi criado em 1995, a partir de doação do acervo do Centro Cultural Euclides da Cunha, seguida da doação de outros fundos documentais, entre os quais os que pesquisamos para o trabalho que então comunicamos aqui: <https://www2.uepg.br/cdph/>

eram os tipos privilegiados, além de compreender as questões que eram confrontadas com os documentos, na concepção historiográfica que norteava o trabalho delas.

Ao acessar o acervo produzido durante uma carreira como professora e historiadora, vemos uma característica delineadora da atividade de docente e pesquisadora: a produção de arquivo<sup>13</sup>. Ao acessar esse acervo, nos remete à produção desmontada, não unida sobre o signo do texto historiográfico. É como se fosse possível sondar os alicerces, abaixo da terra, de um prédio qualquer. Ao nos deparamos com materiais do texto, como fichas de pesquisas, livros, registros de aulas, cópia de fontes, trabalho de alunos, torna-se possível reconstruir, em conjunto com a trajetória e o texto final, o processo da operação historiográfica e os fluxos que a agenciam.

Além disso, a ideia de materialidade ou suporte material, a que os modos de fazer história estiveram relacionados, nessa reconstrução, não é algo que pode ser desconsiderado. Com isso, queremos apontar para a cultura material que os historiadores dispõem em seus respectivos contextos, e pela mediação dos quais formam sua sensibilidade específica e produzem conhecimento histórico. A história e os historiadores do livro e da leitura podem nos ajudar a compreender como esse fator influi nas práticas e representações, pois têm nos ensinado que o suporte material sobre o qual se encontra o escrito tem impacto nas formas de produção, circulação e leitura da cultura escrita. Ginzburg (2006), no texto sobre a relação de Menocchio com a palavra escrita, aponta como a questão da técnica de Gutenberg abriu um campo de possibilidades para formação de ideias do moleiro, mas a ênfase em como a tecnologia e os suportes materiais da cultura escrita podem afetar as formas de leitura e escrita será desenvolvida por Roger Chartier, o qual nos propõe a seguinte imagem:

De certo modo, sim. De um lado, o leitor da tela assemelha-se ao leitor da Antiguidade: o texto que ele lê corre diante de seus olhos; é claro, ele não flui tal como o texto de um livro em rolo, que era preciso desdobrar horizontalmente, já que agora ele corre verticalmente. De um lado, ele é como o leitor medieval ou o leitor do livro impresso, que pode utilizar referências como a paginação, o índice, o recorte do texto. Ele é simultaneamente esses dois leitores. Ao mesmo tempo, é mais livre. O texto eletrônico lhe permite maior distância com relação ao escrito. Nesse sentido, a tela aparece como

---

<sup>13</sup>Como lembra Michel de Certeau: “Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’ certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de copiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Este gesto consiste em ‘isolar’ um corpo, como se faz em física, e em ‘desfigurar’ as coisas para constituí-las como peças que preencham lacunas de um conjunto, proposto a priori. Ele forma a ‘coleção’ (Certeau, 1982, p. 81).

o ponto de chegada do movimento que separou o texto do corpo. O leitor do livro em forma de códex coloca-o diante de si sobre uma mesa, vira suas páginas ou então o segura quando o formato é menor e cabe nas mãos. O texto eletrônico torna possível uma relação muito mais distanciada, não corporal. O mesmo processo ocorre com quem escreve. Aquele que escreve na era da pena, de pato ou não, produz uma grafia diretamente ligada a seus gestos corporais. Com o computador, a mediação do teclado, que já existia com a máquina de escrever, mas que se amplia, instaura um afastamento entre o autor e seu texto (Chartier, 2009, p. 13-14).

A ideia de que a tecnologia afeta o ato da leitura e da escrita com certeza pode ser considerada no que tange às modalidades de ser historiador e o fazer da historiografia. Como veremos, o uso do computador afetou a produção das autoras, mas a relação sentimental e epistemológica com as fontes em formato impresso, ao copiar e ter em posse em casa, era diferente. O ato de precisar e copiar fontes, já que a fotografia em celular, câmera digital e computadores portáteis eram inexistentes ou inacessíveis, para poder realizar a pesquisa consistia em uma relação de se apropriar daquele documento, e nessa ação é que se gestava uma maneira de pensar e sentir<sup>14</sup> a operação historiográfica distinta da enraizada numa era de notebooks, celulares e inteligência artificial.

Entender também a escritura da história e o arsenal movido para tanto nos remete ao papel que o leitor destinatário, idealizado ou real na consciência do historiador, exerce no próprio ato de escritura. Podemos nos lembrar na literatura de Dom Casmurro e sua relação de amor e ódio com seu leitor, imaginando como esse fará a recepção do seu texto, e como isso o faz explicar certos fatos. No caso da produção de história, vemos que a imagem do leitor que se tem no horizonte influi na escrita do texto. No caso de Maria Aparecida Cezar Gonçalves e Elisabete Alves Pinto, vemos essa realidade operar, quando, em obra adaptada de suas dissertações e

---

<sup>14</sup> Sobre uma história que vise aos mecanismos que atuam na formação de modos de pensar, sentir e agir, como aponta George Duby em seu programa para uma história das mentalidades, “[...] como assunto da sua atenção principal os mecanismos intelectuais, os sentimentos, os comportamentos dos homens que nos precederam” (Duby, 1999, p. 73), ainda fornece material para pensarmos. A atitude diante da história e a formação de um modo de pensar/sentir, e seus mecanismos podem ser historicizados, pois “[...] os sentimentos, as emoções, os valores morais, os avanços do raciocínio podem ter, também eles, a sua história” (Duby, 1999, p. 8). Acrescentamos ainda que a modalidade de pensar, sentir e fazer da operação historiográfica também tem sua história. Podemos lembrar de historiadores que afirmaram como despertaram seu desejo pela história e sua relação afetiva com os objetos, como Jacques Le Goff, Marc Bloch e Fernand Braudel, este último que afirmou, na introdução de “A identidade da França”, que “[...] amo a França com a mesma paixão exigente e complicada que a de Jules Michelet. Sem fazer distinção entre suas virtudes e defeitos [...]” (Braudel, 1989, p. 11). Porém, logo depois afirmou que tal paixão não interferia no seu trabalho, pois o ofício de historiador lhe pedia distância. A partir desses registros, podemos pensar que a forma de pensar e sentir a prática historiográfica é formada historicamente.

divulgação a público mais amplo, há mudanças inclusive na utilização de fotos, com ênfase em pessoas, relação afetiva, uso de registro oral, artefatos que não estão presentes no texto imaginado para a comunidade de leitura autorizada.

No final do século XX, Michel de Certeau (1982) já apontava que a escrita da história acadêmica mantinha relação modeladora e condicionante com a leitura, e o leitor esperado exercia um poder modelador no ato da escrita, quando problematizava o uso de “*nós*”, quando esse pronome era ao mesmo tempo indicativo de que a produção era de comunidade, mas também apontava para um horizonte de expectativa de um leitor, que infringia mudanças na sensibilidade historiadora. Era a figura de um leitor autorizado que nascia dentro das Universidades:

Ao ‘*nós*’ do autor corresponde aquele dos verdadeiros leitores. O público não é o verdadeiro destinatário do livro de história, mesmo que seja o seu suporte financeiro e moral. Como o aluno de outrora falava à classe tendo por detrás dele seu mestre, uma obra é menos cotada por seus compradores do que por seus ‘*pares*’ e seus ‘*colegas*’, que a apreciam segundo critérios científicos diferentes daqueles do público e decisivos para o autor, desde que ele pretenda fazer uma obra historiográfica. Existem as leis do meio. Elas circunscrevem possibilidades cujo conteúdo varia, mas cujas imposições permanecem as mesmas. Elas organizam uma ‘*polícia*’ do trabalho. Não ‘*recebido*’ pelo grupo, o livro cairá na categoria de ‘*vulgarização*’ que, considerada com maior ou menor simpatia, não poderia definir um estudo como ‘*historiográfico*’. Ser-lhe-á necessário o ser ‘*acreditado*’ para aceder à enunciação historiográfica. [...] depende de uma ‘*agregação*’ que classifica o ‘*eu*’ do escritor no ‘*nós*’ de um trabalho coletivo, ou que habilita um locutor a falar o discurso historiográfico (Certeau, 1982, p. 63).

Assim como lembra Ricoeur (2007), o texto histórico está numa espiral hermenêutica, que envolve a escrita e a leitura. O texto é realizado pelo público leitor, existindo, portanto, o “*mundo do texto histórico*” e o “*mundo do leitor de história*”, com suas figurações atuando. O historiador está magnetizado pela escritura, em todo seu circuito narrativo, e um de seus aspectos é a leitura:

[...] a história é uma escrita, de uma ponta a outra: dos arquivos aos textos de historiadores, escritos, publicados, dados a ler. O selo da história é, assim, transferido da primeira à terceira fase, de uma primeira inscrição a uma última. Os documentos tinham o seu leitor, o historiador “*de mangas arregaçadas*”. O livro de história tem seus leitores, potencialmente quem quer que saiba ler, na verdade, o público esclarecido. Caindo assim no espaço público, o livro de história, coroamento do ‘*fazer história*’, reconduz o seu autor ao cerne do ‘*fazer a história*’. Arrancado do mundo da ação pelo arquivo, o historiador reinsere-se nele ao inscrever seu texto no mundo de seus leitores; por sua vez, o livro de história faz-se documento, aberto à série das reinscrições que submetem o conhecimento histórico a um processo contínuo de revisão (Ricoeur, 2007, p. 247).

O leitor, portanto, precisa ser pensado no estudo de historiadores e historiografia. Ele não está presente apenas como elemento do momento final de realização do ciclo narrativo do documento historiográfico, mas também na própria produção do documento. A figura desse leitor age como um agulhão, constrangendo e afetando direcionamentos e linguagem do texto, ao menos nos casos que estudamos aqui. Há a figura de um leitor autorizado que, por vários meios, lança suas expectativas do que espera de uma obra para considerá-la historiografia, e dos leitores “leigos”, os quais podemos mapear como público escolar e o mundo social que circunscreve a historiadora e o historiador.

A visita ao Centro de Documentação já citado nos proporcionou essa sensação e consciência de que as formas de escrever e historiar e ser/se tornar historiador são diferentes no tempo-espço. Deparamo-nos com a forma como a tecnologia e os suportes de escrita alteram ou influem no modo da pesquisa e escritura. Assim, se história é o ato de encontrar o diferente, o que já foi, do outro lado, percebemos por vezes a semelhança. Ainda que pese contra essa consideração a crítica de ter caído no pecado da obviedade, para este trabalho, enfatizá-la é necessário, devido ao fato de nosso trabalho colocar historiadoras e suas práticas e produtos em uma dupla tensão, entre o contínuo e o descontínuo - contínuo em relação à linhagem direta que guarda com as formas atuais de produção historiográfica, ao mesmo tempo, descontínuo em fatores teóricos, escriturísticos e tecnológicos.

Suspender o presente e olhar a história em sua historicidade nos proporcionará refletir alteridade/identidade do estatuto do historiador, e como a pesquisa que propomos pode contribuir para refletirmos sobre a questão de história, afetividade, verdade, formas de validação e comunicação, identidade do historiador, ou o que é ser historiador e como sua figura é percebida no tempo nosso: terceiro milênio. Conforme Prost (2008), a história é também histórica e, portanto, a figura do historiador o é de igual modo, sofrendo com as investidas do tempo:

Em vez de uma essência eterna, de uma ideia platônica, a disciplina chamada história é uma realidade, em si mesma, histórica, ou seja, situada no tempo e espaço, assumida por homens que se dizem historiadores e que são reconhecidos como tais, além de ser aceita como história por diversos públicos. Em vez de uma história sub *specie aeternitatis*, cujas vicissitudes do tempo, existem diferentes produções que os contemporâneos de determinada época estão de acordo em considerar como história; ou seja, antes de ser uma disciplina científica – segundo sua pretensão e, até certo

ponto, conforme ela o é efetivamente -, a história é uma prática social (Prost, 2008, p. 13).

A relação que as historiadoras tinham com seus leitores era nas salas de aula e na produção de materiais de divulgação, dos quais já citamos um livro adaptado do trabalho acadêmico das autoras. Num dado momento, em Ponta Grossa, em sintonia com o que acontecia no Brasil, o historiador vai confluir com a imagem do professor de história - o que não foi sempre verdade, uma vez que tínhamos (e ainda temos) historiadores que eram fazendeiros, jornalistas, médicos, contadores, juízes, empresários etc. O ato de ser historiador, antes do advento da profissionalização historiográfica, era uma ocupação espontânea e sem formas definidas de produção e recepção, encarado como uma missão de vida, ligado ao lugar de família, como abordaremos em capítulo específico.

Em sobreposição a outros modos, a profissionalização e especialização do ser historiador irão transformar seu estatuto social, carregando uma missão de ensino. Vai ser nesse contexto que se delimitará, em Ponta Grossa, um papel social específico do que é ser historiador e que estará associado à Universidade, Escola e Museus, portanto, ao ensino. Esse influxo não acontece naturalmente, pois, no primeiro momento, o que estará narrado em capítulo específico, a inauguração de um curso acadêmico de história não causará por extensão um novo lugar de produção e uma transformação no estatuto de historiador. Veremos que, nos primeiros anos do primeiro curso de história em Ponta Grossa, a indefinição da identidade profissional de historiador era a realidade.<sup>15</sup>

Será a partir da “missão curitibana da UFPR”<sup>16</sup>, nos anos 60 e 70, pelo interior do Paraná e, para o que nos interessa aqui, em Ponta Grossa, com organização de arquivos, ensino de teórico-metodológico e criação de curso que fornecesse

<sup>15</sup> “Nesse aspecto, em relação ao contexto brasileiro, pontua-se que nos anos 1950, e mesmo nos de 1960, prevalecia em termos quantitativos um tipo de história que se poderia chamar de ‘tradicional’, ‘produzida por intelectuais autodidatas com as mais diversas formações, também vinculados a instituições de ensino e agremiações tradicionais, como sociedades e institutos históricos’. Como já mencionado, a ‘profissionalização’ do historiador no país foi mais tardia a esse período e ainda não se consolidou, pois, embora contando com historiadores profissionais, a profissão em si, ainda não é reconhecida pelo Estado” (Arruda; Proença; 2013, p. 244).

<sup>16</sup> Entendo o termo missão do departamento de história da UFPR, a atuação dos seus professores em seminários em Ponta Grossa e a influência que adquirem a partir de sociabilidades forjadas/mediadas pelas malhas institucionais, comparadas às chamadas missões francesas à USP. O que pretendemos com essa comparação é enfatizar que os professores do DEHIS-UFPR, a partir principalmente do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, formularam um projeto intelectual para desenvolver um campo historiográfico paranaense, a partir de Curitiba, mas visitando outras cidades, o trabalho ocorreu em três frentes: formação de pesquisadores, base institucional e organização de acervos e arquivos.

preparação e plataforma para profissionalização, que ocorrerá esse influxo. Como constataram os historiadores Gilmar Arruda e Wander de Lara Proença, a Universidade se tornará o lugar social dos historiadores.

A transformação do papel social (ou talvez criação de um novo papel, já que outros modos continuam) para o historiador, que acontece a partir da década de 1970<sup>17</sup>, em Ponta Grossa (PR), vai ser permanente, sendo expandido na geração dos anos de 1990. O historiador profissional será chamado a participar e contribuir com informações e formações nos diversos âmbitos da sociedade: em jornais, televisão, empresas e associações<sup>18</sup>. No campo social, cultural e educacional, haverá sinais dessas presenças. O grau de alcance dos historiadores e do departamento de história da UEPG se estenderá pelos Campos Gerais. Esse influxo acontece e se articula com as trajetórias de vida que tentamos apreender aqui.

Nesses encontros com os rastros<sup>19</sup> do que foi deixado, revela-se um pouco do que foi mediador – do que esteve envolvido – no processo de tornarem-se historiadoras, e, na relação desse material com os textos e a obra, percebemos uma relação de documento/monumento. Como já apontado por Jacques Le Goff, todo documento é monumento, e aqui defendemos que a obra e os rastros deixados pelos historiadores também o são. Ademais, o próprio ato de preservar e destinar para uma instituição de guarda documental nos revela o desejo de lembrança e uma escolha de como se quer ser lembrado. O documento preservado é projeto de monumentalização, que busca controlar e influenciar o presente e futuro incertos, pois: “O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro - voluntária ou involuntariamente - determinada imagem de si próprias” (Le Goff, 1990, p. 549).

---

<sup>17</sup> A década de 1970 vai ser um marco nesse sentido, como veremos em capítulo específico, pois as professoras do Departamento de História da UEPG buscam capacitação e aperfeiçoamento teórico-metodológico, desenvolvem projeto de pesquisa no Departamento e produzem resultado dessas pesquisas.

<sup>18</sup> É notório que o papel social do historiador nos anos de 1970, 1980 e 1990 sofrerá transformações em cenário internacional, como acontece na França. Conforme escreve Olivier Dumoulin (2013, p. 21), ocorrerá a necessidade de justificação da existência e da produção de/dos historiadores. No caso francês, esses ganharão relevância na política e em casos de justiça, servindo como testemunhas de julgamentos.

<sup>19</sup> O efeito da doação pode nos remeter à causa, somente a partir de um processo de intelecção conjectural. Ou seja, concebemos que a doação guarda uma relação direta com um desejo de memória. Nessa situação de rastro, pistas, pegadas, podemos citar o método ou paradigma indiciário apresentado por Ginzburg (1990), em *“Sinais: raízes de um paradigma indiciário”*, ao retomar a formação de um olhar, que, segundo advoga, se desenvolveu na fase caçadora e coletora (p. 151), e para ele, engendrando a narrativa (p. 152).

O texto do historiador, a partir dessa definição, é o monumento por excelência. Os gêneros textuais do historiador profissional, com que também lidaremos na pesquisa, como dissertação de mestrado e tese de doutorado, acabam por se impor e esconder ou dissimular o trajeto. Os sentimentos, os horários de escrita, encontros e desencontros dos percursos, entre outros pontos, acabam sendo abafados.<sup>20</sup> O que lemos é a obra acabada. É o caso das obras de origem acadêmica, objeto da nossa pesquisa, nas quais, ao compararmos com outra obra de origem não acadêmica, percebemos uma nítida diferença. Por essa natureza do documento do passado ser origem e obra de um projeto monumentalizador, portanto, seletivo e desejoso de subsistir e agir na memória coletiva, o historiador francês convoca: “É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos” (Le Goff, 2016, p. 549).

Uma parte dessa decomposição do monumento obra, no caso das historiadoras Maria Aparecida Cezar Gonçalves e Elisabete Alves Pinto, pudemos realizar na visita ao CDPH-UEPG. Lá, encontramos os materiais que fizeram parte do processo formativo das historiadoras, documentos utilizados na docência, atividade que fez parte da atuação profissional delas, documentos utilizados no processo de pesquisa e escrita da dissertação e, no caso de Elisabete Alves Pinto, da tese de doutoramento. Além disso, pudemos apreender um projeto cultural e intelectual mais amplo, com a proposta de ensino e comunicação cultural pautada no regionalismo historiográfico, ao encontrarmos materiais de museus, obras de ensino de história regional para ensino primário compostas pelas autoras, ações políticas em prol de patrimônio, trabalhos de conclusão de disciplina realizada por estudantes. Assim, o estudo abre porta para apreender os modos que engendram a formação de um historiador e como isso repercute em ações textuais e formativas.

O acervo de Elisabete Alves Pinto é o mais volumoso, composto por diversos tipos de documentos. Encontram-se no seu acervo: a) livros e revistas do campo da história, demografia, folders de museus; b) impressos de lista nominativa, relatórios, censos, documentos legais; c) manuscritos de documentos nominativos, relatórios governamentais, leis, dados de censos, caderno e fichas de pesquisas que utilizava

---

<sup>20</sup> Nos trabalhos dos anos da década de 1990 em diante, percebeu-se, no espaço dedicado aos agradecimentos, um desejo de mostrar os percursos das pesquisas, com todos os encontros e desencontros muitas vezes pessoais do pesquisador, talvez, apontando para o desejo de comunicar a subjetividade negada ou restringida na sua obra. Ainda precisamos de pesquisas que analisem essa parte esquecida dos textos.

para interrogar as fontes e construir tabelas para apresentação de resultados de pesquisas; d) trabalhos acadêmicos de alunos; e) documentos de ação política em relação a patrimônio; e f) documentos sindicais para professores. Um aspecto interessante do acervo da historiadora é que a maioria – talvez em torno de 80% - é material que influenciou suas pesquisas, quase todos, inclusive antecederem ou são contemporâneos das pesquisas. Percebemos um desejo de ser lembrada como historiadora, entendendo essa atuação como alguém que pesquisa e escreve a partir de fontes.

No acervo de Maria Aparecida Cezar Gonçalves, encontramos uma diferença substancial, é composto somente de material bibliográfico, com 48 itens. Os temas dos livros são diversos, mas gravitam em torno da grande área de história, não sendo específico do contexto regional e nem da demografia histórica. Percebemos ainda uma grande diferença entre os títulos lidos e usados como referência na sua dissertação e o acervo doado, no qual não consta nenhum material utilizado e/ou citado nela; encontramos apenas um livro que foi utilizado como fonte, que foi escrito em conjunto com Elisabete Alves Pinto, de nome *Ponta Grossa: um século de vida 1823-1923* de 1982. Dos demais títulos, nenhum conversa com pesquisa conhecida da autora, sendo que boa parte dos títulos são clássicos da historiografia sobre Antiguidade, Antiguidade clássica e Idade Média. Entre esses títulos se encontram: *História da Vida Privada: Do Império Romano ao ano mil*, organizado por George Duby e Philippe Ariès; *O fim do Mundo Antigo e o princípio da Idade Média*, de Ferdinand Lot; *Acreditavam os gregos em seus mitos?*, de Paul Veyne; e *História: novos objetos*, de Jacques Le Goff e Pierre Nora.

A maioria do material do acervo de Maria Aparecida Cezar Gonçalves é de data posterior à escrita de sua dissertação. E os temas dos livros, como já apontado, não são os que nortearam sua obra. Ao mesmo tempo que isso nos diz pouco sobre o processo de pesquisa e escrita da história, fornece-nos subsídios para entender sua concepção profissional. Boa parte do material é destinada à compreensão do mundo antigo e medieval, o que, quando cruzado com os dados biográficos, nos quais consta que sua docência se dava nas disciplinas de História Antiga e História da Idade Média, permite-nos ligar os rastros.

Nas suas memórias cruzadas com o acervo, podemos interpretar como um desejo, não necessariamente consciente, de ser lembrada como professora. Maria

Aparecida Cezar Gonçalves atuou em todos os níveis da educação e concebia sua atuação de professora como ligada profundamente à leitura, e, em suas lembranças, como veremos, são nítidas as dificuldades geracionais – tecnologia disponível, acesso a obras, idioma - que ela tinha de transpor.

Portanto, ao imergirmos em seu acervo doado, composto por 48 livros, contendo desde obras historiográficas das mais gerais até obras de literatura, podemos desmontar a monumentalização para entender sua concepção profissional como historiadora e professora e como quis ser lembrada, pelo menos a partir desse recorte documental.

Ainda podemos compreender a prática de doação e arquivamento do material a partir da noção de arquivamento da própria vida - não de toda a vida, mas de um recorte. Não se trata de doar a parte que remete ao contexto familiar, como mãe, filha, esposa, amiga etc., e sim doar parte relativa à sua atuação profissional de historiadora e professora. Essa realidade entra naquilo que Philippe Artières escreve (1998, p. 11): “Mas não arquivamos nossas vidas, não pomos nossas vidas em conserva de qualquer maneira; não guardamos todas as maçãs da nossa cesta pessoal”.

Assim, entendemos que a prática de guardar o material e posteriormente doar é um rastro, é uma fonte invisível e imaterial que deve ser lida como prática histórica que aponta para um desejo de escrita de si, que presume a forma como deseja ser lida, e, no seu polo negativo, também evita outras formas de serem lidas. O material doado e escrito é fonte, no entanto, o ato de doar é também atitude *historiocizável*. Portanto, seguindo o itinerário indiciário, conforme desenvolvido por Ginzburg (1990), assumimos, também, pressupostos hermenêuticos já ensaiados no século XIX, por Droysen (2009), o qual, em seu *Manual de Teoria da História* (2009), propõe o exercício do historiador como ato de compreensão, o que torna a historiografia diferente das Ciências Naturais e Exatas:

A essência do método histórico é compreender ao pesquisar. A possibilidade de compreensão reside na afinidade congênita das manifestações disponíveis como material histórico. Ela está condicionada pelo fato de que a ‘natureza físico-moral’ do ser humano revela cada processo interno de perceptibilidade sensorial; reflete os processos internos de cada manifestação. A manifestação ao ser percebida, projetando-se para o interior de quem a percebe, estimula o mesmo processo interior. Percebendo o grito de angústia, pressentimos a angústia daquele que grita, etc. (Droysen, 2009, p. 38-39).

O caso da historiadora Elisabete Alves Pinto, a qual conservou com grau de classificação e em boas condições papéis de mais de 30 anos, nos revela um cuidado de si e uma forma de resistência ao efeito corrosivo do tempo. Esse ato de conservar e doar – o que foi doado, para quem e onde – pode e será lido a partir da noção e compreensão de que “Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (Artières, 1998, p. 11).

Além de projeto de escrita, o arquivo de um historiador e historiadora revela a faceta do historiador como leitor e mediador cultural<sup>21</sup>, como apontou a historiadora Maria Julieta Weber Cordova em estudo sobre Brasil Pinheiro Machado. Nesse sentido, o arquivamento documental e bibliográfico nos deixa entrever a faceta leitora da atividade. Assim, com essa noção, podemos entender quais eram os cânones locais, regionais, nacionais e internacionais do campo historiográfico, e como eram efetivadas as leituras desses textos, mas, para além disso, como era realizada a leitura do mundo social e político, e qual projeto e engajamento tomavam a partir de sua escritura.<sup>22</sup>

O conhecimento do acervo bibliográfico de duas historiadoras e professoras, em conjunto com seus textos e práticas, nos casos que aqui propomos, nos leva a entender que a atividade de leitura foi um dos elementos fundantes e orientadores da prática historiadora. O texto do historiador é também visto como um exercício de leitura e como uma forma de produção de arquivo historiográfico, como propõe Cesar Saad (2021), ao estudar o trabalho de história da história, de José Honório Rodrigues.<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> Sobre essa perspectiva de enxergar o historiador como um leitor e mediador cultural, são de interesse da pesquisa realizada por nós o itinerário e os inventários de pesquisas e perguntas realizados por Cordova (2019), que propõe modos de interrogação a documentos deixados pelo historiador Brasil Pinheiro Machado, o que nos permite pensar nosso objeto de estudo. Cito-a: “O presente estudo, ao perspectivar a história intelectual, não buscou pela coerência do pensamento e da trajetória de Brasil Pinheiro Machado, mas perceber, em suas argumentações, vestígios reveladores de suas escolhas teóricas, seus temas de estudo, seu lugar social e o traçado de seu itinerário intelectual e político. Indícios, enfim, que podem elucidar sobre os objetos de interesse do historiador, suas apreciações e percepções e, nesse sentido, compreender o intelectual estudado enquanto leitor e mediador cultural” (Cordova, 2019, p. 22).

<sup>22</sup> Em estudo sobre a historiografia brasileira, Oliveira (2018) aponta que muitos historiadores se engajaram com o mundo externo, através dos textos acadêmicos. Podemos debater suas conclusões, mas um fator importante é revelar que o engajamento pode ser efetivado por outras formas.

<sup>23</sup> “Esses três pontos – análise da trajetória de pensamento, aparatos teórico-metodológicos e tradições eletivas – impõem as complexas relações em torno da problemática do arquivo que venho desenvolvendo, a fim de compreender como essa mesma problemática do arquivo, por meio de HHB, permite intuir a figuração de um arquivo historiográfico. Vale notar que os três pontos levantados

Um ponto importante a destacar é a dívida intelectual do nosso trabalho à pesquisa e tese de Silvana Maura Batista de Carvalho, intitulada *A Formação do Professor de História na Faculdade de Filosofia da Universidade Estadual de Ponta Grossa de 1950 a 1970: propostas curriculares e memórias docente*, defendida no ano de 2010. A pesquisa, de forma abrangente e aprofundada, situa o departamento de história na sua trajetória histórica, no diálogo com o contexto mais amplo de escala regional e nacional, além de resgatar a memória de pessoas que participaram desse *dever*. Portanto, além de dialogarmos com sua pesquisa e teses defendidas no seu trabalho, utilizaremos as memórias que ela obteve mediante os métodos da história oral.

Para nosso trabalho, tornam-se essenciais as memórias ao menos de duas personagens: Guízela Veleda Frey Chamma<sup>24</sup> e Maria Aparecida Cezar Gonçalves. Apesar de somente o trabalho e trajetória de uma delas serem o objetivo principal do trabalho, as memórias das duas, coligidas por Carvalho (2010), nos ajudam a conhecer e compreender a formação e produção historiográfica da época visada. Para nós, apesar da importância ímpar atribuída às memórias e representações das historiadoras, em um dos casos tornou-se impossível realizar entrevistas devido ao falecimento de Guízela Velêda Frey Chamma; e, no caso de Maria Aparecida Cezar Gonçalves e Elisabete Alves Pinto<sup>25</sup>, não nos foi possível entrevistá-las até o momento, em razão da impossibilidade de contato.

Devido a isso, mesmo com interesse de pesquisa diverso do nosso, as entrevistas realizadas por Carvalho (2010) contribuíram como fontes de valor inestimável para nossa pesquisa. Desse modo, nossa leitura do trabalho da historiadora é mediada por motivo duplo: diálogo historiográfico e coleta de fontes. Apesar de a autora ter realizado entrevistas com outras personagens, para o interesse do nosso trabalho, elegemos as já citadas historiadoras, pois, embora com trajetórias distintas, tiveram sua concepção e produção historiográfica transformadas pelo

---

anteriormente são três dispositivos da composição do arquivo historiográfico figurado em HHB, e correspondem eles mesmos a uma prática de seleção por parte de Rodrigues – conservação e classificação de uma certa autoimagem disciplinar – que fabrica o sentido da história da história, além disso, dá densidade a uma definição mesma dos limites do campo historiográfico de então” (Saad, 2021, p. 188).

<sup>24</sup> Sobre Guízela Velêda Frey Chamma e sua biografia, conferir o link a seguir: <https://www.academiaetrascamposgerais.org/academicos/Guízela-veleda-frey-chamma>.

<sup>25</sup> Não conseguimos contato com Maria Aparecida Cézar Gonçalves e Elisabete Alves Pinto. A impossibilidade de entrevistar as historiadoras decorre de não encontrarmos meio para nos comunicarmos com elas e apresentarmos a pesquisa.

contato com as correntes e historiadores acadêmicos de grande aceitação no campo disciplinar. A partir disso, produziram textos sobre a história local com formas de pesquisa e apresentação acadêmicas.

As memórias das autoras, principalmente de Maria Aparecida Cezar Gonçalves, nos farão perceber a concepção que tinham da profissão, quais eram os seus interesses intelectuais e como fizeram a recepção dos problemas e questões geracionais. Portanto, selecionamos do trabalho de Carvalho (2010) todas as falas das historiadoras, sendo que são: 4 falas para Guízela Velêda Frey Chamma; 38 falas para Maria Aparecida Cezar Gonçalves. Tabulamos todos os trechos com as devidas páginas na tabela que disponibilizaremos como Apêndice A.

Sobre tal procedimento, é claro que se pode levantar objeções de ordem metodológica, já que não fomos nós os entrevistadores e, portanto, as questões que guiaram as perguntas foram outras, e ainda pode-se aventar a confiabilidade dessa operação já que o processo não foi controlado por nós. Contudo, acreditamos ser metodologicamente possível, partindo da premissa de que a fonte, o registro, só fala a partir de questões do presente, e mais, ao imaginarmos tal procedimento para outras épocas, em que não se pode entrevistar as pessoas pesquisadas, é amplamente utilizado e recomendado que se utilize de intertextualidades – registros de determinadas pessoas presentes em textos como coligidos ou em diálogo. A questão que pode ter mais força ao objetar nosso proceder seria a veracidade de tais depoimentos, mas que acaba perdendo a força ao sabermos da forma, condições e modos de validação a que foram sujeitos os procedimentos de Silvana Maura Batista de Carvalho (2010).

Parece que esse primeiro trabalho de crítica a fontes, o de estabelecer a credibilidade/autenticidade das fontes, no caso dos depoimentos coligidos, torna-se desnecessário. Dizemos com isso que seria um espaço não justificável, aquele de demonstrar que os depoimentos são mesmo documentos transcritos das falas de Maria Aparecida Cézar Gonçalves e Guízela Velêda Frey Chamma. Conforme apontamos, as operações utilizadas para as entrevistas orais foram atestadas e validadas no contexto de tese universitária, garantindo a natureza fiduciária do trabalho de Carvalho (2010).

Assim, entendemos que as devidas objeções que podem ser feitas não são ao uso dos depoimentos, que sempre serão devidamente referenciados, mas sim,

como em todo trabalho historiográfico, à forma como serão articulados durante o texto com outras fontes e suas devidas problematizações. Dialogamos com a tese de Carvalho (2010) sobre duas perspectivas: 1ª) a tese defendida sobre a identidade do Departamento de História, do período da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa (1949-1969) à Universidade Estadual de Ponta Grossa (1969), em seu propósito de formação e durante seu primeiro momento, como lugar destinado à formação de professores para o ensino básico; e 2ª) sob uma perspectiva heurística, ao utilizarmos do seu trabalho no levantamento de fontes, em específico dos depoimentos já citados.

Ainda, em perspectiva sobre as fontes, os textos das historiadoras (es), junto com sua vida, serão tomados como acontecimentos singulares, mas que tangenciam outros fluxos históricos, como técnica, ambiente, geração, instituição, sociabilidades etc. Perceberemos a tensão existente entre a própria existência e os textos. Sobre a especificidade dos textos que estão aqui sendo analisados, sabemos que são fruto de condições de produção diversas, com estilos e formas de apresentação próprios, levando a marca indelével do tempo, lugar, referencial, intelectual e personalidade dos escritores.

Os textos das/os historiadora/es não são um reflexo de um contexto, mas devem ser entendidos na sua identidade e tensão com a figura do autor. Nesse sentido, será pertinente um diálogo com a história intelectual, que recusa a análise mecânica e aponta para a complexidade, conforme sugere Helenice Rodrigues da Silva,

Visando apreender as formas de pensar e de agir dos intelectuais, com base em um contexto histórico e cultural específico, a História Intelectual precisa observar essas duas escalas de análise. No entanto, mais do que uma articulação puramente mecânica entre contexto e conteúdo, em outras palavras, para além de uma abordagem que privilegie a relação entre a análise externa dos acontecimentos (históricos, sociais, políticos) e análise interna da obra (a hermenêutica ou análise do discurso), a História Intelectual deve levar em consideração, simultaneamente, a dimensão diacrônica (história) e sincrônica ('os aspectos diferentes de um mesmo conjunto em um mesmo momento de evolução'). Isto pressupõe a necessidade de integrar no campo das investigações, para além das noções de 'configurações' (Elias) e de 'campo' (Bourdieu), os paradigmas intelectuais, os *epistémé*, as correntes filosóficas que interferem, direta ou indiretamente, nas representações, nas visões de mundo, condicionando sistemas de percepção, de apreciação e de classificação. (Silva, 2003, p. 19).

Outro historiador a apontar as nuances e as tensões tem sido François Dosse, que também é referência nos estudos da teoria e da história da historiografia, o qual

propõe que o “[...] existir e pensar devem ser retomados juntos em seus respectivos recortes, numa abordagem que não dependa do internalismo e nem do externalismo, mas enfatize, a fim de funcionar como ponte entre esses dois pontos [...]” (Dosse, 2015, p. 369). Com esse gesto de estudar, tanto o historiador quanto seu discurso na sua relação com o lugar, seguindo de perto as investidas de Certeau (1982), também é possível, a partir da história intelectual, na forma praticada por Dosse (2015) e Silva (2003), estudar o texto desse historiador.

Sabemos que o texto construído sobre fundamentos intelectuais e científicos, tem suas peculiaridades e sua relação com o mundo social - um caminho de mão dupla -, passa por refrações e filtros específicos. No caso do conhecimento produzido dentro da academia, alguns princípios externos ao campo se tornam força de constrangimento à produção textual – por exemplo, a estrutura universitária, códigos de ética, base, financiamento, articulação em departamentos etc. Além dessas condições e preocupações seculares a que o historiador acadêmico está sujeito de maneira direta e inescapável em determinadas conjunturas, ele enfrenta as questões relativas ao próprio campo disciplinar, que visa à acomodação do historiador em objetividade ideal, ou senão, lhe tirar de sua subjetividade a vulgaridade.

Distante de Ponta Grossa e do Brasil, Bourdieu (1989) empreendeu uma análise - ontologia, para sermos fiéis ao pesquisador e ao pesquisado -, de Heidegger e como diferentes intérpretes o haviam recebido. Dois grupos opostos tinham pensado o filósofo de *Sein* e *Zein*, que tinham em comum rechaço ao seu nazismo, porém isentavam sua filosofia. Bourdieu (1989) se coloca na contramão deles para propor que a obra de Heidegger era testemunha de sua política, mas não da maneira direta e vulgarizada como é de costume encontrar em outras produções, dos chamados mediadores ou despertadores. Por uma linguagem sublimada e eufemizada, sua prática política e seu antissemitismo estavam lá.

Acontece que o circuito em que o filósofo estava envolvido, professor e pensador dentro de uma linhagem diacrônica do pensamento alemão, envolto por um clima de época, fatores sociais e econômicos, e o campo disciplinar do qual fazia parte faziam com que sua relação de influenciador e influência fossem mediadas por vários filtros e refrações. No que concerne ao texto, ao mesmo tempo que sublinhava até certo ponto sua visão de mundo, a análise precisa se basear em “[...] dupla rejeição: ela recusa tanto a pretensão do texto filosófico a uma autonomia absoluta, e a recusa

correlata a toda referência externa, como a redução direta do texto às condições mais gerais de sua produção” (Bourdieu, 1989, p. 12).

Nesse sentido, a análise que Bourdieu (1989) empreende sobre o filósofo alemão fornece um apoio metodológico à leitura dos textos. Os textos dos historiadores de profissão, apesar de manterem sua relação com o mundo externo, o fazem a partir de pressupostos e linguagem próprios. O historiador profissional é inquirido na sua produção, por critérios de validação e apresentação do conhecimento produzido, pressupondo os leitores. Se no mercado editorial um dos fatores que dita a publicação é o gosto do leitor, indicado pelos gêneros que mais são procurados, no caso do historiador acadêmico, o que se espera em sua produção é a partir dos manuais de normatização e das regras epistemológicas da disciplina.

O que reiteramos do que enunciamos, a partir da leitura dos teóricos já citados, portanto, é, como já dito, a postura teórica e metodológica com relação à atenção dada ao texto. Os textos dos historiadores e intelectuais muitas vezes são deixados em segundo plano, como se fossem uma redução de posição de classe, de época e outras determinantes. De outro lado, o texto pode ser entendido como algo suspenso do tempo, projeto de uma autoria a-histórica, não ligada à geração, ao lugar, à posição social, ao projeto profissional e existencial.

Com as premissas apresentadas, o presente trabalho é estruturado com uma lógica argumentativa, na qual cada capítulo tem a função de inserir o leitor na compreensão das vidas, práticas e representações aqui estudadas. Abordaremos no primeiro capítulo a história da produção historiográfica, numa cultura histórica que não tinha como centro de gravidade a Universidade e um campo disciplinar especializado. Em síntese, esse primeiro capítulo busca revisar como foi e de onde foi produzida a história da cidade, e quem eram os historiadores e seu estatuto (parece-nos que, aqui, antes do período da universidade, o trabalho de escrever história era uma atividade basicamente masculina).

No segundo capítulo, ainda seguindo os rastros das obras, acervo e depoimentos, buscaremos entender o papel formador que teve o Departamento de História da UFPR e a atuação formadora dos seus professores. O foco será a atividade de recepção leitora de paradigmas epistemológicos, teóricos e metodológicos como é o caso da história regional, o modelo demográfico e o método quantitativo. Assim, procuramos compreender a forma que essa sociabilidade intelectual, mediada por um

projeto de história, uma instituição, atravessada por fatores de geração e conjuntura social, procurada e encontrada por um desejo de formação individual, influenciou na constituição formativa de sensibilidade historiadora; e ainda: como a leitura receptora de modelos historiográficos foi realizada no ato da escrita de história por parte de Maria Aparecida Cézar Gonçalves e Elisabete Alves Pinto.

No terceiro capítulo, trabalhamos a constituição do departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa e como a identidade do DEHIS-UEPG sofreu transformações geracionais. Esse capítulo é destinado a situar a constituição de um lugar que atravessou a trajetória de Maria Aparecida Cezar Gonçalves e Elisabete Alves Pinto, as quais contribuíram para constituí-lo e torná-lo centro produtor de conhecimento historiográfico. Será nesse capítulo que buscaremos narrar a trajetória das historiadoras, o percurso e os processos que formaram e transformaram a sensibilidade historiadora.

Por fim, buscamos, ainda dentro do terceiro capítulo, sintetizar através da comparação, em termos e a partir dos textos e pressupostos, as continuidades e descontinuidades entre produção acadêmica e não acadêmica – releitura, comprovações, refutações, recebimento. E, para concluir o exercício de compreensão sobre a atividade historiadora e o texto histórico, investigamos a forma como foram recebidas as histórias, partindo do pressuposto de que a história, o texto histórico e historiador e historiadora são realizados e recebidos como tais, conforme a recepção de uma comunidade leitora.

## CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA DE PONTA GROSSA: PERÍODO NÔMADE

### 1.1 A HISTÓRIA E HISTORIADORES: EM BUSCA DE UMA IDEIA E DE UM LUGAR

Uma das primeiras narrativas históricas sobre a cidade de Ponta Grossa será a de Thomas Bigg-Wither, que por aqui viajava no final do século XIX<sup>26</sup>. Na sua estadia em Ponta Grossa, fornece-nos dados importantes para a história da cidade no que concerne aos códigos sociais, agricultura, comércio, entre outros temas. Para além dessas informações, vai propor uma narrativa histórica da cidade, em meio a suas histórias de viagem. Nessa narrativa, o viajante inglês proporá, deixando transparecer ter sido coletada por meio de registro oral, a tese de que a cidade se desenvolveu a partir de uma forma específica de ocupação facilitada pelo ambiente, tornando-se cidade de entroncamento comercial entre um centro e um sertão a oeste:

Ponta Grossa, literalmente transposta, oferece perfeitamente no seu nome a semelhança de altura em que a cidade está construída, sobretudo quando vista do lado de Curitiba. É uma cidade nem velha nem grande. Sua origem pode ser remontada a muitas poucas gerações atrás, ao tempo em que era apenas um aglomerado de chácaras e construções pertencentes a um homem, proprietário de toda a região circunvizinha, então fazenda de criação de gado. Fica assim explicada facilmente a situação elevada em que está a cidade. Todas as casas das grandes propriedades eram, na época, e ainda continuam a ser, construídas nos mais altos locais, com o fim de ser obtida uma vista de todo o vasto território que lhes pertencia. É preciso lembrar que as propriedades nesta região são avaliadas, não pelo número de acres, mas pelo número de léguas quadradas e, em dias anteriores, uma propriedade de cinquenta léguas quadradas de extensão não era incomum.

Quando o dono da fazenda Ponta Grossa morreu, deixou a sua propriedade indivisa para todos os filhos. O resultado foi que Ponta Grossa se desenvolveu rapidamente como pequena colônia e, embora com vida própria a princípio, começou um pequeno comércio privativo, comprando em Curitiba e vendendo aos vários fazendeiros e pequenas povoações, nas regiões ainda mais distantes. **Assim, com o tempo, perdeu o seu caráter originário e se tornou o que agora é, o entroncamento comercial entre Curitiba e as populações mais afastadas do Oeste** (Bigg-Wither, 1974, p. 90, grifo nosso).

Essa visão de história de Ponta Grossa nos revela alguns traços que merecem nota. O relato deixa pistas que apontam que as informações vieram do registro de

---

<sup>26</sup> No século XIX, com a abertura dos Portos, o Brasil recebeu viajantes que produziram relatos, a partir de suas visões de mundo, interesses e projetos. Dentre esses relatos, surgem os baseados em concepções científicas da época, as quais orientam seus olhares e a representação escrita sobre o que veem e querem ver. Ao produzir esses relatos, sempre buscam aprender e narrar a história por onde se aventuram. Os relatos de viagem eram postos para circular na Europa. Desse cenário, faz parte Thomas Bigg-Wither, o qual foi um desses viajantes. Eles produziram imagens, conhecimento e estereótipos do Brasil que se tornaram muitas vezes como o país era conhecido no mundo europeu. Sobre a relação do Brasil, viajantes e o seus relatos, ver Rundvalt (2016).

transmissão oral, possivelmente de dados e histórias que corriam pelas famílias com que teve contato. A cidade é vista como já consolidada na região, sendo e se vendo como uma ponte entre o sertão e o centro (Curitiba e São Paulo). Os personagens que fizeram a história, para Bigg-Whither, são os fazendeiros e descendentes, que também se tornaram comerciantes. Os costumes, como o de passeio da população em geral, são identificados como originados nas tradições e costumes indígenas. Uma ideia que nos chama a atenção, no entanto, é a de entroncamento. Essa ideia não será mais esquecida na historiografia de Ponta Grossa.

Os discursos históricos, porém, serão esparsos e não terão um lugar organizado e orientado de produção. Viajantes e relatos, por certo, continuarão, mas na cidade a história estará espalhada nos jornais, comemorações privadas e públicas, muito afeita ainda ao discurso oral, por personagens reconhecidos da comunidade. A festa de 1923, centenário da elevação à freguesia de Ponta Grossa, teve grande ajuntamento de pessoas, e grandes recursos humanos e financeiros foram movidos para levar a cabo. Cito de passagem esse evento para realçar como era vivida e sentida a historicidade.

O lugar, para a história e os seus leitores, não será consolidado e sedentarizado tão cedo. Em uma pesquisa preliminar, são notórios os cadernos de José Becker e Silva, em cujos livros, utilizados como material didático<sup>27</sup>, predominam questões de níveis nacionais e internacionais. Discorre sobre história, antropologia, geografia, mas focando o aparecimento do homem, as “raças” humanas, a chegada dos primeiros seres humanos na América, os períodos geológicos, desenhos de tipos de grupos étnicos. A região só é tocada quando dialoga com um desses assuntos.

Com certeza, a visão de que a cidade tinha sua importância histórica e de que essa consciência engendrava em prática política era real. Os sujeitos identificados como atores e construtores dessa história eram, nesse sentido, os fazendeiros, com suas famílias e seus descendentes.

Um dos primeiros livros, visando a organizar os fatos históricos e compor uma narrativa sobre a cidade, a partir do contexto local, foi o de Manoel Cirilo Ferreira, em

---

<sup>27</sup> Segundo informações presentes na página do Museu Campos Gerais, parte considerável dos Cadernos Pedagógicos foi desenvolvida e utilizada na atividade educativa do professor. A partir deles, é possível perceber uma determinada concepção de História, inclusive sobre o que deveria ser ensinado nas escolas. Há ainda outros cadernos, como os de desenhos de tipos “raciais” e de diferentes temáticas. O leitor poderá consultar o acervo em: [www.memoriasdigitais.museu.uepg.br/collection/show/65](http://www.memoriasdigitais.museu.uepg.br/collection/show/65)

sua *Miscelânea da História de Ponta Grossa*. Obra datada da década de 1930, propõe resgatar a história antiga da cidade até próximo ao seu tempo, o da escrita. Utiliza-se de fontes escritas, como, por exemplo, o decreto imperial sobre a elevação do então bairro à freguesia. Recupera a história das famílias de fazendeiros que se reuniram para escolher o local, dialogando muito com a história narrada por Flavio Carvalho Guimarães<sup>28</sup>, sobre o voo das pombas, e o papel de Miguel Rocha Carvalhaes, fazendeiro proprietário de boa parte das terras centrais da então cidade de Ponta Grossa.

O historiador, assim recebido, recupera os estabelecimentos comerciais da cidade, seus desenvolvimentos e crescimentos. Conta-nos fatos de bandas musicais que surgiram. Narra a história de desastre natural que afetou a cidade e trouxe grandes danos, também relatando que a comunidade conseguiu superar o desafio. O livro servirá de fonte de consulta para a comunidade daqueles que, depois, buscarão aprofundar o conhecimento sobre a história de historiadores. O estilo de escrita é tradicional: descrever eventos em sucessão, sem uso de muitos recursos para gerar efeito no leitor. Ele, ao apresentar a obra, dirá que não pretende exaurir o tema e que se trata de uma iniciativa que visa a recuperar a história da cidade. O autor era ligado a famílias com considerável influência política na cidade e ele também tinha essa influência.

Os modelos de escrita de história que predominaram na localidade haviam sido marcados pela ênfase em quem dizia, sobre quem e para quem escrevia. As formas de validação estavam na figura do escritor, em seu nome/sobrenome, no apelo emocional da escrita, no que era dito.

O Centro Cultural Euclides da Cunha<sup>29</sup> foi um lugar que forneceu segurança, diálogo e suporte para a intelectualidade local. Os membros se autodenominavam jagunços pelas influências do euclidianismo e do mestre maior da agremiação, Faris Antônio Salomão Michael. Esse mostra, em seus escritos, que se mantinha atualizado quanto à bibliografia das ciências do homem. A própria biblioteca do CCEC-PG, o apreço que os seus integrantes tinham pelos livros, o quadro de leitura e o

---

<sup>28</sup> As narrativas da história proposta por Flávio Guimarães estão presentes em discursos e textos para jornais, como é o caso que foi analisado pela professora Rosangela Zulian.

<sup>29</sup> Para um estudo recente sobre o CCEC-PG, ver: Guebert (2018).

acesso a muitas referências nos mostram que os livros eram elevados pelo grupo, e sociabilidades eram mediadas através deles.<sup>30</sup>

O CCEC-PG, desde seu início, teve textos sobre a história de Ponta Grossa. Porém, ao mesmo tempo, o interesse recaía sobre o nacional e internacional. Os integrantes do CCEC-PG tinham como projeto estudar e intervir nos problemas do Brasil. A questão de toque era, nos escritos do representante máximo da instituição, a raça e o apagamento do elemento caboclo na memória intelectual e sociocultural de certos grupos da sociedade. Por isso, não é raro ver, nas obras de Faris Antônio Salomão Michaelé, a defesa do indígena brasileiro e uma luta contra os racistas e/ou também um embate com alguns dos mestres que, ao seu ver, não haviam compreendido direito o valor e o lugar desse indígena dentro da civilização brasileira.<sup>31</sup>

Ainda no caso específico de Faris Antônio Salomão Michaelé, esse tem uma trajetória atípica. Na construção de sua obra, suas filiações a agremiações, em correspondências e bibliografia, percebe-se um interesse em conhecer o mundo, em não se contentar em produzir um conhecimento local. Desde suas primeiras obras, entre as quais há um trabalho sobre epistemologia, até o livro *Breve Introdução à Antropologia Física* (1961), no qual aborda desde aspectos geológicos e aparecimento do homem até as formas de prática antropológica - que classifica, grosso modo, entre física e cultural, sendo a história é uma faceta -, percebe-se uma amplitude temática. Destaca-se a defesa do mestiço e do indígena, como no livro *Cepa Esquecida* (1976), que coloca em exame todo o Brasil, a destacar a contribuição indígena e cabocla na formação racial e sociocultural brasileira. Nesse último livro, Faris Michaelé aborda a questão de Ponta Grossa e revela uma faceta de seu método: tratar o homem como

---

<sup>30</sup> Ver: Lopes (2010).

<sup>31</sup> Nesse aspecto, vale ressaltar que o presidente do CCEC-PG, Faris A. S. Michaelé, entendia sua missão como científica e, seguindo como tal, seu trabalho e autores com que tinha finalidade eram mobilizados em seus textos contra aqueles intelectuais, cientistas sociais e políticos que cometiam um racismo às avessas ao privilegiarem os sujeitos de origem africana como principais contribuidores e mártires da nação brasileira, em detrimento ou por uma falta de equilíbrio em pensar o papel do caboclo e indígenas. Essa visão fica patente no seu livro *Introdução à Antropologia Física* de 1961 e em *Cepa Esquecida* de 1976. Ao escrever e organizar o CCEC-PG, tem como missão corrigir o desequilíbrio na ênfase dada pelos chamados afrogenistas em detrimento dos povos indígenas. Em *Cepa Esquecida* (1976), utilizam-se levantamentos populacionais, censos, contribuições culturais para mostrar o que cada etnia teve de contribuição para a composição e formação nacional, em cada estado do Brasil. Apontará que sua análise não pretende tirar o valor devido aos povos originários da África, mas corrigir o que chamava de esquecimentos naturais da terra. Suspeitava inclusive que essa situação de injustiça histórica e racial se devia aos acontecimentos que se desenrolavam nos EUA, nos anos 50 e 60, que, ao seu ver, poderiam ser causa e atuar no meio científico brasileiro a partir da ideia de modismo. Para outro estudo sobre o Centro e sua visão de história, ver: Guebert (2015).

documento, observando rostos, por meio de fotos e nas ruas, para reconhecer a origem racial.

Em outro livro, editado no ano de 1975, por Lourival Santos Lima, para o qual contribui com artigo sobre Ponta Grossa, especificamente no lugar denominado Vila Velha<sup>32</sup>, é abordada a questão da presença humana indígena naquele lugar. Ao recuperar impressões de viajantes desde Cabeza de Vaca a Visconde de Taunay, aborda a presença dos povos que ali habitaram e como a região dos Campos Gerais, de forma geral, é marcada pela toponímia tupi-guarani. Ao fazer esse trabalho demonstra que, mesmo numa população local propensa ao esquecimento, há permanência na sociedade, levando-o à conclusão dessa influência.

Entretanto, boa parte de seus integrantes tinha sua atuação longe daquilo que chamamos hoje de História e Ciências Sociais. Eram políticos, médicos, contadores, empresários, e a agremiação da qual faziam parte acabava por ser um lugar que lhes dava a oportunidade de fruição e produção cultural, através de material escrito e oralizado, por meio da sociabilidade entre os pares e a partir da leitura. Isso, além da própria diferença de ocupação, reforça a ideia de formação e visão de mundo. Os historiadores que escreveram sobre história local, dentro do CCEC-PG, alguns dos quais tinham uma visão tradicional e consolidada sobre a história local, viam o presente como algo que fazia escapar, pelo devir histórico, os bons tempos de outrora.

Em levantamento sobre a produção dos membros do CCEC-PG, pudemos perceber certas diferenças entre as formas de concepção, execução e apresentação de uma operação de escrita de história. A seguir, apresentamos um inventário dessas produções, nas quais veremos que a agremiação possibilitava, através do seu jornal, o espaço para divulgação de escritas de histórias diversas, desde casos que já ensejavam pesquisas e vontade de preservação patrimonial, como é o caso de João Alves dos Reis, a historiadores que resgatavam a história a partir do interesse em preservar a memória familiar, bem como aqueles que escreviam a partir do seu lugar social e visão social de mundo, como é o caso de Daily Luiz Wambier, que, no aniversário da cidade, retira a ênfase da elevação para Freguesia em 1823 para a criação da Câmara Municipal de Ponta Grossa, em 1855, quando homens se reúnem

---

<sup>32</sup> No referido artigo para o livro, percebemos alguns apontamentos de trabalhos históricos sobre a cidade e por qual caminho andavam certos debates sobre a histórica local, como era o caso da visão do integrante do CCEC-PG Ribas Silveira, que questionava a ênfase dada a certas famílias na fundação da cidade, ou o esquecimento de outras famílias tão ou mais importantes, entre as quais estava a sua própria.

na casa de um particular para orientar o bem comum da cidade, isso torna-se compreensível ao sabermos que o historiador foi também vereador na década de 1950.

Quadro 1 - A produção dos membros do CCEC-PG

| AUTOR                               | PRODUÇÕES                                                                                                                                                                                                                                                                                     | SUPORTE                                                                                                       |
|-------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Daily Luiz Wambier                  | 1) Literatura Ponta-grossense<br>2) De 15 de setembro a 6 de dezembro.                                                                                                                                                                                                                        | 1) Palestra Rotary Club, transcrita para O Tapejara<br>2) Fala pela Rádio Difusora transcrito para O Tapejara |
| Faris A. S. M. Lourival Santos Lima | 1) Vila Velha                                                                                                                                                                                                                                                                                 | 1) Livro sobre Ponta Grossa, Histórias indígenas na região, e de forma específica em Vila Velha               |
| Ribas Silveira                      | 1) A Expedição de Cabeza de Vaca - passou por Ponta Grossa em dezembro de 1541<br>2) O Último Bandeirante (verso)<br>3) Fundação de Ponta Grossa<br>4) Chegada do Exército Libertador a Ponta Grossa em 1894<br>5) Ponta Grossa (Verso)<br>6) Lagoa Dourada - (Verso)<br>7) Jornadas Heroicas | 1-6) Textos para Tapejara<br>7) Livro em versos                                                               |
| Eno T. Wanke                        | 1) O voo da pombinha (verso)<br>2) Vila Velha (verso)                                                                                                                                                                                                                                         | Textos para O Tapejara                                                                                        |
| João Alves dos Reis                 | 1) Santa Barbara do Pintangui<br>2) Um bandeirante francês                                                                                                                                                                                                                                    | Textos para O Tapejara                                                                                        |
| Maria Eulina dos Santos Schena      | 1) Vila Velha (verso)<br>2) Vila Velha (palestra)                                                                                                                                                                                                                                             | 1) Poema para O Tapejara<br>2) Palestra transcrita para O Tapejara                                            |

Fonte: O autor.

## 1.2 A ESCRITA DA CIDADE CONVERGENTE: ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA

Outra obra de memória e história que marca a escrita sobre a cidade e que será fonte-confiança, obra-monumento, um lugar de memória (Nora, 1993, p. 22), para o passado ponta-grossense, é o livro *Cinco histórias convergentes*, de Epaminondas Holzmann. O lugar de escrita do autor é complexo: a imprensa, a dor da saudade, a doença e a fé. Esse livro, apesar de levar o título de 5 histórias, carrega uma infinidade de outras histórias, de pessoas e acontecimentos. Os personagens emergem na narrativa de Holzmann pela via do afeto, seja de repulsa, admiração e profunda

devoção. Trata-se de um jornalista que tem uma concepção do ofício de jornalista e do trabalho de historiador: a busca pela verdade dos fatos.

Ao explicar o que motivou sua escrita, ficam evidentes algumas palavras a que precisamos nos atentar. E aqui cabe uma digressão de ordem metodológica. Seguimos os conselhos metodológicos dos historiadores das histórias das mentalidades<sup>33</sup>, quando apontavam para o cuidado com os vocabulários de cada época, precavendo contra o perigo de palavras iguais do presente, pois, como lembra Braudel<sup>34</sup>, a história é um exercício que deve começar com a decomposição – para ele, do tempo.

Estamos mais próximos, no trabalho presente, de nosso objeto do que geralmente os autores das mentalidades estavam dos seus. Porém, não é por estarmos a menos de um século do nosso objeto que adotaremos certa ingenuidade quanto ao vocabulário e à sua semântica. Se a história das mentalidades já foi “superada”, superação que pode ser colocada em aspas, a postura metodológica que tais historiadores adotaram em relação aos seus objetos nos serve quando pensamos em regimes de representação.

Voltando da digressão, queremos com isso dizer que, ao se ouvir palavras como história, verdade, intelectual, mentira, memória, fonte, Ponta Grossa, não se está dizendo a mesma coisa do que quando ditas em gerações, posições, espaços socioculturais diferentes. Epaminondas Holzmann usa palavras que preservam a mesma grafia, mas que em alguns casos não preservam a mesma semântica.

Ao nos apresentar as justificativas de sua escrita, vemos a recorrência de palavras que podem soar, sem as devidas precauções enunciadas, como se referindo a mesma realidade e práticas. Holzmann, vitimado por doença, escreve a partir dela. Mas a potência de vida, segundo sua própria concepção, é sua fé; ele era espírita. O que fornece a ele a ferramenta literária de escrita é sua trajetória e formação como

---

<sup>33</sup> Jacques Le Goff e Georges Duby, nesse sentido, trouxeram contribuições para o cuidado em relação ao vocabulário e como precisa-se inventariar sua semântica, fonte e forma de utilização. Em trabalho de George Duby, *Para história das mentalidades*, no qual o historiador apresenta um programa teórico e metodológico para uma história das maneiras de sentir e pensar, destaca-se a importância do vocabulário e das representações. Jacques Le Goff, em *São Francisco de Assis*, no desafio biográfico de compreender São Francisco e suas maneiras de agir, sentir e pensar, dá atenção especial à questão do vocabulário, discutindo a partir de qual crivo São Francisco e seus discípulos se apropriam e dão significado. Portanto, os consagrados historiadores deixam pistas e modelos metodológicos que ainda são de proveito. Ver principalmente: Duby (2001).

<sup>34</sup> “Todo trabalho histórico decompõe o tempo passado” (Braudel, 1965, p. 263).

jornalista. Ele escreve de um lugar de afeto, pois com todos os narrados travou contato, com alguns íntimo; um deles é seu pai. Ele escreve:

O pensamento é força. Nem o derrame cerebral, que nos vitimou foi capaz de neutralizar-lhe a potência. E, como pensar é irradiar força para bem ou para mal, pensemos só no bem e peçamos a Deus que, em sua infinita misericórdia, permita possam nossas vibrações fraternas alcançar nossos entes queridos, estejam onde estiverem, beneficiando não apenas as personagens principais, senão também todos os demais figurantes de *Cinco histórias convergentes* (Holzmann, 2004, p. 32).

Sobre a escrita, é colocada esperança espiritual, que ela alcance mais que leitores bem encarnados. Do lugar da doença, da qual ele é vitimado, sua espiritualidade dá sentido à sua missão última: escrever. Quer alcançar o mundo além com suas narrativas e abençoá-los com seu livro. Ainda, em continuação direta ao parágrafo citado acima,

Este livro (**relato do que realmente aconteceu, sem qualquer preocupação literária**) acolhe, em parte, nossas próprias memórias com a evocação de cinco gigantes de granito, que muito honraram e engrandeceram a cidade de Ponta Grossa, convergindo seus esforços para este ponto fundamental aprimorar o índice de cultura de uma comunidade que, até 1894, nada mais era do que um aglomerado de casas no topo do espigão, onde foi erguida uma capela ao lado da Casa de Telha; e na esteira dos cinco protagonistas desfilam homens de beca, tonsurados, serventuários públicos, operários, artistas, sábios, tipos de rua, damas ‘respeitosas’, curandeiros, ex-escravos... enfim, gente humilde na maioria, gente boa, gente simples, gente que afinou suas cordas emotivas pelo diapásão único da caridade (Holzmann, 2004, p. 32-33, grifo nosso).

A percepção que ele tem do seu livro é pautada por um registro de verdade que vem sendo ensaiado na civilização ocidental, por séculos, no campo da história, trata-se da relação entre a representação/escrita/discurso e a realidade vivida. Ao mesmo tempo, em contraposição a uma novidade da modernidade, principalmente a modernidade tardia no caso da história, isto é, os tropos literários do texto histórico, ele defende o que chama de “*relato do que realmente aconteceu, sem qualquer preocupação literária*”. Assim, percebe-se que, em sua concepção, a verdade é entendida como correspondência: a história seria uma narrativa que escreve o que ocorreu, e, por isso, a “preocupação literária” representaria o perigo de manchar o escrito histórico.

A acolhida de suas próprias memórias, na escrita, como se fosse um lugar limpo de grandes problemas na escrita de um texto histórico, para ele, é o sinal de entendimento de que a verdade do seu texto não está operando no registro de documento/fonte entendido pelos historiadores profissionais. Parece-nos que sua

memória está ligada à sua capacidade de lembrar e traduzir para o presente, com muita precisão, o que, por sua vez, é ligado a um lugar de afeto e moral; sua posição e trajetória moral conferem credibilidade a ele e ao seu público, não lhe sendo necessário revelar e refletir sobre o estatuto da memória, o diálogo memória. História e verdade estão aliançados, e só serão relativizadas quando o autor sentir que seu poder de lembrança está abatido pela idade e doença. Nesse sentido, sua escrita de história é a de testemunha, que viu, viveu e pode comunicar a verdade dos fatos. Sobre testemunho, a obra de Epaminondas Holzmann pode ser pensada a partir do que escreve Kolleritz (2004, p. 75):

Há um ponto comum neste continuum de situações. Elas remetem em primeiro lugar ao ter estado presente, ao ter ouvido, pessoalmente, falar, além do mais a testemunha mantém-se presente a si no tempo e pode jurar de si. A condição de ser confiável para os outros é ser confiável para si mesmo. (Não é outro o ponto de partida socrático nas suas interrogações.) O testemunho explicita que a verdade depende de alguém, não se impõe necessariamente com a evidência autônoma da construção teórica. Regime de verdade, para além do mero registro. A testemunha carrega o passado para o presente, o que aconteceu num lugar geográfico para outro; sustenta assim o real, suporta-o e o garante, e, sempre, garante a si por ter sido capaz de ver com verdade e de transportar intacta aquela realidade para hoje, aqui... A testemunha fala de si no passado e no presente: dou agora por verdadeiro o que vi e afirmo que sempre fui capaz de discernir no que vivi a verdade do real, por abismal que fosse. O testemunho carrega uma continuidade na faculdade de conhecer. Ver, verdadeiramente ver, é, ao mesmo tempo, tornar-se responsável por uma verdade.

Se de um lado tem sua credibilidade e memória como fonte privilegiada, de outro lado, utiliza-se e se apoia na memória de outras pessoas. Revela que “*Uma segunda parte é oitiva, fruto de nossas conversações [...]*” (Holzmann, 2004, p. 33), conversações essas que também são fruto de um filtro duplo, a memória dos depoentes e do próprio Holzmann, que precisa recuperar as informações e reconstruir os diálogos. De novo, pontuamos que a verdade e memória podem andar juntas, na concepção historiadora do autor. A autoridade do conteúdo das informações é garantida pelo elemento de ele ter vivido situações e conversado com quem também as viveu. Nesse ponto, vemos que nesse registro de história opera um regime de confiança na autoridade do autor, pela qual é investida pela sua trajetória no seio da sociedade que escreve.

Se já fomos avisados de que as primeiras fontes são a memória, mediada por conversas e vivências, também clivada pela espiritualidade, o autor nos informa, numa sequência de parágrafos, a terceira categoria de fontes, e aqui vale citar o texto

integral, pois ele cita as obras que utilizou como referência para completar e colaborar com as duas primeiras categorias de fontes. Conforme revela:

Por fim, uma terceira parte decorre da consulta que pudemos, com olhos de Sergio Neville Holzmann, nas seguintes publicações: *Miscelânea da história de Ponta Grossa* (opúsculo de Manoel Cirilo Ferreira), D. Pedro II na Província do Paraná, 1880 (livro do dr. David Carneiro), e as coleções dos periódicos *O Progresso*, *Diário dos Campos*, *Folha Rósea*, *A Cidade*, *O Campos Gerais* e *Álbum do Paraná* (Holzmann, 2004, p. 33).

A citação das obras consultadas é uma estratégia narrativa, que o autor irá utilizar para ambientar e contextualizar ao narrar a história. A história é a de cinco personagens principais, que trouxeram luz e progresso cultural e social à cidade de Ponta Grossa. O corte temporal situa-se entre o ano 1872 e os 1930, onde boa parte dos acontecimentos e histórias narradas se desenvolvem. Os livros e periódicos o ajudam a estruturar e ambientar o contexto macro da sociedade, para que ele possa preencher com registro memorialístico carregado de afeto, com especial atenção ao seu pai, Jacob Holzmann, e Hugo Reis, jornalista e amigo da família, com admiração profunda a José Cadilhe, teatrólogo, Casemiro dos Reis Gomes e Silva, juiz, e Francisco Burzio, médico.

É o caso, por exemplo, do capítulo primeiro, dedicado ao pai, no qual narra situações que aconteceram quando seu pai tinha 2 anos, na Rússia à margem do Volga, explicando o motivo da imigração de sua família e outros russo-alemães, utiliza-se de conhecimento histórico geral, que é referente ao acordo de cem anos entre Rússia e o que conhecemos hoje como Alemanha, devido ao casamento entre Catarina Sofia Augusta Frederica e o czar Pedro III, e depois sobre a chegada dos imigrantes a Ponta Grossa, e a situação de crise, abandono e pressão que viveram no início. Utiliza-se do historiador David Carneiro para tal contextualização.

No entanto, durante toda a narrativa, o que lhe dará vida serão as memórias dos diálogos, de fatos, lugares, sentimentos, corpo. Na sua escrita de história, focada no grupo católico da imigração, Holzmann revela escolha definida de objeto: “Como nosso propósito é historiar somente os fatos relacionados aos russos católicos da imigração de 1877”, afirma que, por escolha de propósito, “não estão aqui mencionados os luteranos, que, por sua vez, tiveram papel preponderante na expansão comercial e indústria do Paraná” (2004, p. 50). E talvez essa escolha se deva à relação visceral com o pai, ao pedido do avô e à vivência que teve com as demais figuras.

Percebemos que, nesse exercício de historiografia, está presente a noção de que sua perspectiva de história não abrange tudo, é o conhecimento parcial. Não é toda a história de Ponta Grossa e nem toda a história da imigração russa. É a história do que aconteceu, mas não de tudo que aconteceu. Marca, também, a especificidade de cada grupo em sua trajetória histórica, a do grupo luterano e a do católico, do qual sua família faz parte.

Além da escolha definida, vale destacarmos o que e como ele escolhe narrar. Ele escolhe narrar sentimentos, diálogos, lugares e corpos, como anunciado, e isso é um contraponto para revermos como, a partir de determinada época, os sentimentos, os nomes e os corpos foram excluídos, amenizados e/ou esquecidos na narrativa historiográfica. Em vários momentos, ele descreve a cor da pele, fisionomia, talentos, sentimentos e nomes, que só podem ser alcançados pela sua pena, devido à memória e ao poder imaginativo.

Ao narrar a partida da família para o Brasil, escreve: “Naquela manhã dominical da primavera de 1877 [...] alemães católicos procedentes da Suábia e Bavária, [...] localizados nas cercanias de Saratov, [...] vestiam-se de melancólica tristeza” (Holzmann, 2004, p. 39). No respectivo ano, seu pai teria 2 anos; ele, Epaminondas Holzmann, portanto, estava longe de nascer. No entanto, ele consegue perceber e sentir a “melancólica tristeza” dos imigrantes do Volga, a partir da escrita empática, e produzir o efeito de empatia sobre o leitor. A expectativa do leitor a ser encontrado pelo seu livro é de alguém que precisa e deve ser sensibilizado. As palavras dramáticas e com alta carga emocional, mesmo pelo lugar de escrita, são, parece-nos, escolhidas de forma deliberada para produzir um efeito, portanto pressupõe-se o leitor. O objetivo de comunicação e escrita não é somente a transmissão de conhecimento e certa explicação do processo histórico; é, tão ou mais importante, a comoção, a sensibilização.

A descrição da aparência física e estilo pessoal dos personagens é, também, uma forma de produzir empatia, utilizada pelo autor. Sobre o pai, a descrição, de memória, diz que, em viagem para a Argentina, “tendo ele menos de trinta, magrinho, com peso de jóquei”, quando retornou, “em vez de rever o papai esbelto, divisamos na plataforma do carro um gorduchão de mais de cem quilos!” (Holzmann, 2004, p. 74). Sobre o personagem Casimiro Gomes Reis e Silva, Holzmann descreve dizendo que “tinha a cor [...] e o talento de José Patrocínio e, como este, foi abolicionista dos

mais vigorosos” (2004, p. 144), e ainda “Cabeça raspadinha a zero, rosto caprichosamente escanhado [...] cicatriz no canto esquerdo da boca” (2004, p. 145).

Todas essas estratégias de sensibilização têm a ver com a forma que ele escolhe compor e estruturar as narrativas dos personagens principais: a história do herói<sup>35</sup>. A história dos 5 personagens, eleitos como protagonistas, e outros, figurantes, tem como objetivo narrar a trajetória do herói que lutou e transcendeu, apesar do meio. No caso do pai, essa transcendência se dá pela superação da falta de formação formal: “Jacob Holzmänn não tinha sequer o curso primário completo. Não obstante, teve capacidade para formar sua mentalidade robusta como autêntico autodidata” (Holzmänn, 2005, p. 75). Soma-se a isso a resistência de certa elite política e econômica, que lhe negava o acesso - “Contrafeitos, os manda-chuvas de ideias feudais” (Holzmänn, 2004, p. 76) -, bem como as dificuldades econômicas e a barreira étnica. Esses heróis, cada um na sua esfera ou a partir dela, conseguem trazer progresso à cidade de Ponta Grossa. Por serem personagens reais e históricos, e por seu texto pretender ser uma história do que realmente aconteceu, os seus heróis não cumprem a última parte da jornada do herói, que é o reconhecimento. Esse reconhecimento ficará talvez para a posteridade, depois da leitura do seu texto, mas, para Holzmänn, com certeza para a eternidade.

A cidade, por sua vez, insere-se em um regime de historicidade<sup>36</sup> particular: entre uma imagem de cidade poeirenta, projeta-se uma era de ouro, e depois nova

---

<sup>35</sup> Conforme explica Zilberman (2018) - a partir de Vladimir Propp, Alan Dundes, Claude Bremond e A. J. Greimas -, há a seguinte característica na jornada do herói: “A alienação ou dano, em que o herói (ou alguém relacionado a ele) sofre uma perda ou percebe uma carência, desencadeando o início da história. As provas, isto é, a ação do herói para a recuperação do(s) objeto(s) perdido(s) ou para eliminação da carência. As provas apresentam-se, via de regra, em número de três: qualificativa (habilitação do herói para supressão do dano), principal (enfrentamento e vitória sobre o inimigo, responsável pelo dano) e glorificante (por meio da qual se dará o reconhecimento pela sociedade da grandeza do herói). A reintegração, em que o dano é reparado, recuperando-se o equilíbrio rompido no início da ação; encerra-se então a história” (Zilberman, 2018, p. 89).

<sup>36</sup> Sobre o conceito de regimes de historicidades, podemos compreendê-los, a partir da definição de Hartog (1996), e aqui vale a pena ler sua formulação: “Entendo essa noção como uma formulação erudita da experiência do tempo que, em troca, modela nossa forma de dizer e viver nosso próprio tempo. Um regime de historicidade abre e circunscreve um espaço de trabalho e de pensamento. Ele dá ritmo à escrita do tempo, representa uma ‘ordem’ à qual podemos aderir ou, ao contrário (e mais frequentemente), da qual queremos escapar, procurando elaborar outra. Posso dizer que a frase emprestada de Tocqueville, ‘Quando o passado não mais esclarece o futuro, o espírito caminha nas trevas’, esclarece meu propósito. Antes (quando o passado esclarecia o futuro, quando a relação do passado com o futuro era regrada pela referência ao passado) era o tempo da história magistra vitae [história mestra da vida]. Quando, ainda em 1796, Chateaubriand pensava que poderia ‘iluminar, tendo nas mãos o facho das revoluções passadas, a noite das revoluções futuras’, seu paralelo entre as revoluções antigas e modernas fazia parte daquele paradigma. Mas este antigo regime de historicidade se desfez. Na França, a Revolução marcou a transformação desta economia do tempo. Doravante, não é mais o passado que deve esclarecer o futuro, mas, inversamente, cabe ao futuro

decadência. A era de ouro é promovida pelas vidas reais dos 5 personagens, todos imigrantes, que aqui convergem em seus encontros e aspirações de fraternidade, para construir o progresso da cidade. Outros personagens, por sua vez, ausentes em outras narrativas, aparecem e contribuem junto aos heróis para a construção do progresso, geralmente tipos populares.

O regime temporal da cidade, portanto, da escrita, é carregado de emoção, é o tempo de pessoas que chegaram a um lugar que estava na infância cultural. Nas suas palavras, a cidade “estava a engatinhar como centro cultural” (2004, p. 105), mas pelo trabalho dos heróis, “já não merecia mais a designação jocosa de capital da poeira, pois que ali se cultivava a arte musical” (2004, p. 106). Desse modo, a sua escrita, elaborando uma explicação de como foi a imigração russo-alemã, no caso de Ponta Grossa e Argentina, e, ao mesmo tempo, de como se deu o progresso da cidade, focaliza em suspender o tempo, o qual, no momento narrado, já é diferente do que foi.

Ele já não é mais uma criança, adolescente e jovem adulto que viveu esse tempo de ouro se formando. Ele, como a cidade, está em decadência, ele em decadência da saúde pela doença, e a cidade pelo esquecimento dos seus heróis. Seu trabalho de historiador é segurar o tempo e fazê-lo voltar pelo poder da escrita carregada de fatos e sentimentos. A escrita de história e o papel do historiador, na sua concepção, consistem em resgatar o que se perdeu, é olhar para o futuro a partir do passado.

Mas quem é esse historiador? Conforme sua certidão de óbito e o prefácio da obra, nasceu no ano de 1896. Portanto, viveu parte considerável do que narrou. A exemplo de seu pai, afastou-se de Ponta Grossa, de modo que o falecimento ocorreu na cidade em que passou os últimos dias da sua vida, Curitiba. A ligação com a cidade continuou, e o livro que deixou faz parte desse relacionamento. Para ele, a cidade existe como uma unidade histórica, que tem um sentido e uma alma. A construção da escrita é, ao mesmo tempo, uma escrita por si e para si, um discurso sobre a cidade e seus heróis.

---

esclarecer o passado” (Hartog, 1996, p. 129). Aqui no Brasil, o historiador Nicolazzi (2019, p. 209-212) dialoga e desenvolve o debate sobre noção de regime de historicidade e regime historiográfico e o uso profícuo que pode ter na história dos modos de experiência com o tempo e da escrita da história. Assim, utilizamos as definições de regimes de historicidade e/ou historiográficos como ferramenta que possibilita compreender relações com percepções de tempo e como são reelaboradas, realizadas, nos discursos históricos aqui estudados.

Teve formação e atuação em jornais da cidade de Ponta Grossa e Curitiba. O pai, por um curto período, havia sido proprietário e fundador do primeiro jornal com circulação contínua da cidade. Percorreu todos os espaços de trabalho, de entregador a redator. O talento da escrita parece ter vindo desse lugar de formação. Nesse aspecto, não seria diferente de outros intelectuais paranaenses, e inclusive historiadores, como é o caso de Romário Martins.<sup>37</sup>

A questão da raça é outro tema importante em sua topografia de interesses. O historiador faz um contraponto entre o grupo que foi para a Argentina e o grupo que ficou no Brasil. As vicissitudes que acompanharam a imigração dos russo-alemães que cruzaram o oceano e chegaram à cidade de Ponta Grossa são as de ordem de pressão política - de fazendeiros que pressionavam o grupo de imigrantes, em busca de suas terras -, econômica e ambiental, quando suas culturas agrícolas não vingavam da forma que esperavam. Nesse percurso, algumas famílias escolhem ir para a Argentina, onde o trigo, o grão de ouro, parecia ser mais bem recebido pelo solo.

Ao visitar parentes na Argentina e conhecer grupos familiares da comunidade russa-alemã, nos anos 20, junto com seu irmão, percebe a diferença da trajetória do grupo ponta-grossense. A experiência do grupo radicado na Argentina, narrada por Holzmann, foi marcada pelo isolamento e por uma visão de mundo alicerçada no orgulho da nação, que acabou por reforçar e dar ensejo ao orgulho racial (Holzmann, 2004). O grupo mantinha o uso da língua alemã, pautada no catolicismo, e era profundamente marcado pelo antissemitismo<sup>38</sup>, o qual era alimentado por pessoas e notícias que chegavam da Europa após a Primeira Guerra Mundial, corroborando para

<sup>37</sup> A dedicação e o domínio da prática do jornalismo parecem ter preenchido a ausência de uma formação acadêmica. A passagem por esse ambiente foi constantemente reconhecida por meio dos seus escritos: “A oficina é uma história e um lar. Instrui e educa. Ela formou meu espírito e formou-o de maneira a fazer de mim uma individualidade moral e intelectual de ação no meio do meu tempo” (Javorski, 2019, p. 33-34).

<sup>38</sup> “[...] os reprodutores Hereford, Poland Angus ou Poney, embora nascidos nos estábulos argentinos, não permanecem puro sangue inglês? – Os animais – redargüíamos – têm pedigree, mas vocês não dispõem de certificado que comprove a pureza da raça, ou que garanta não ter havido mestiçagem... – *Eres un charlatán y nada más!* – tornavam, galhofeiros, usando a expressão a expressão *charlatán* para qualificar o conversador fiado. – Como charlatã? – insistíamos. – Pois entre vocês não há os Decahndt [...], os Burchardt, os Duvoisin, os Strevenski? E que dizer dos *judische Namen*, tão comuns em nossas colônias?... Era aí que a indignação subia ao auge, pois os campônios, sendo mais anti-semitas do que anti-russos, não toleravam qualquer alusão ao judaísmo; católicos ferrenhos, constituía-lhes o maior dos sacrilégios admitir miscigenação com a raça hebraica [...] Graças a Deus, tudo foi muito diferente no Brasil!” (Holzmann, 2004, p. 73). Nessa citação direta do texto de Holzmann, veremos como ele conclui a análise do grupo de russo-alemães radicado na Argentina e como este se diferenciou do grupo de russo-alemães brasileiros, como ele e sua família, que se miscigenaram por laços de sociabilidade diversos, e tinham orgulho de serem brasileiros.

que a experiência do grupo fosse profundamente racializada e racista, a partir da doutrina *jus sanguinis*, nos anos 20 e 30 (Holzmann, 2004, p. 71-72).

Por certo, demonstrará exceções, os excluídos ou incompreendidos, temática comum em seu olhar e narração. Esses excluídos e incompreendidos, sob a pena de Holzmann, sempre estarão do lado certo da história, no sentido moral/ético e do futuro, mas, por vanguarda que são, em suas próprias épocas e localidades, não são aceitos, como é o caso narrado por Holzmann (2004, p. 72):

Restava-nos o consolo das exceções, entre as quais grande parte da família Holzmann e, sobretudo, o velho Rueckert que, longe de ser iletrado ou varicht (a ignorância dos demais tomava-o por louco) era versado em História, Geografia, Religião, Política Internacional etc., discorrendo sobre qualquer assunto com a erudição e a autoridade de um professor (Holzmann, 2004, p. 72).

Na citação acima, vemos o resgate de um personagem que era incompreendido e tachado de louco, mas sob a escritura de Holzmann, era um sábio incompreendido, que vencida sua situação de isolamento social e orgulho racial, transcendendo o meio, tema caro a Holzmann, pela leitura e conhecimento. A formação do olhar de Epaminondas Holzmann, portanto, se dá pela descrição da trajetória do grupo, explicando a partir de nexos que causam a individualidade histórica de cada grupo, resgatando personagens incompreendidos e, ainda, usando da comparação com a experiência de sua família.

Sobre si, dirá que nasceu no Brasil e da língua materna da família pouco aprendeu. Ao seu pai, creditará um orgulho de ser brasileiro, quando falará que Jacob Holzmann se via como brasileiro (Holzmann, 2004, p. 66-67; 70; 77). A partir desse retrato do velho pai, de sua própria experiência de crescer como brasileiro, da trajetória da família que se integrou com brasileiros, por casamentos e sociabilidades diversas, e pelo conhecimento da história dos anos 30 e 40, marcados pelo racismo de várias ordens, e a partir disso afirmando a individualidade dele e do próprio grupo, conclui se distanciando do grupo argentino a partir de uma profunda crítica.

Epaminondas Holzmann demonstra leitura de obras consideradas clássicas na literatura universal e de conhecimento histórico. Além dessa formação se dar pela leitura, outro fator que contribuirá será suas viagens e entrevistas, bem como o ambiente vivenciado desde cedo no jornal e o fato de ter vivido boa parte das histórias. Nesse sentido, a escrita da história de Ponta Grossa e os heróis que estão, no tempo

em que ele escreve, no que chamará, em vários momentos, de Ordem dos Ofuscados e Esquecidos (Holzmann, 2004, p. 59) é uma escrita de si.

A narração do referido autor é uma forma de se ver crescendo, enquanto ao mesmo tempo vê a cidade se desenvolvendo pelos personagens que escolhe narrar. Esses personagens são a vanguarda que puxa o sentido da história e fazem caminhar a cidade em direção ao progresso. Entre esses personagens reais, os 5 e mais os coadjuvantes, alguns, se não fosse sua escrita, estariam talvez perdidos para a história, por serem pessoas simples e não produtoras de documentos duradouros, assim são muitas das vezes incompreendidos e mesmo hostilizados.

Holzmann utiliza-se de recursos literários para escrever sua história, através da imaginação, para recuperar histórias e personagens. Usa-se de estruturas e imagens, como epopeia, tragédia<sup>39</sup> e linguagem religiosa, além de métodos próprios de repórter ao transcrever documentos que provam sua versão, documentos geralmente de jornais e revistas; muitas das vezes, no entanto, é exercício de lembrar o que viu como ator e coadjuvante das histórias.

Do tempo em que escreve da cidade de Curitiba, se ressentirá da cidade de Ponta Grossa, ao dizer que essa esqueceu seus heróis e vive em fase de materialismo egoísta. Contraporá a nova Ponta Grossa à velha, a partir de seus heróis que atuavam e eram pródigos em caridade, quase todos terminando em situações difíceis financeiramente falando, devido aos sacrifícios em prol do próximo e na renúncia. A renúncia é principalmente devido a negociatas e acordos escusos. O que, do começo ao fim, refletindo a visão que tinha do jornalismo e a função da imprensa, será a recusa de tornar o jornal e suas notícias escravas da vontade política dominante, em troca de favores e dinheiro. Percebemos nas narrações, principalmente, sobre seu pai, Jacob

---

<sup>39</sup> Sobre a narração da história do Rodolfo Rupp, no contexto da Revolta Tenentista, encontra-se: “[...] no comando da praça ficou o nunca esquecido tenente Rodolfo Rupp. Incansável no propósito de garantir a tranquilidade da população, aquele oficial, após haver postado sentinelas nos edifícios públicos, ministrando-lhes as instruções mais rigorosas, demandou sua residência, a fim de repousar um pouco, depois de um trabalho estafante e escrupuloso [...] E que ciladas terríveis reserva a fortuna aos vivos! Ao entrar no veículo, procedente da Rua Balduino Taques, na Avenida Vicente Machado, o oficial, por um desses caprichos insondáveis, deu ordem ao chofer para apagar os faróis do automóvel e avançar lentamente, pois queria ter certeza de que a vedeta do Banco do Brasil havia compreendido suas severas instruções. Quando o carro se ia aproximando, a sentinela gritou com energia: - Quem vem lá? Nenhuma resposta. O carro, sem qualquer luz, prosseguiu em marcha ainda mais vagorosa. E partiu o segundo grito: - Quem vem lá?! Porque o silêncio perseverara, ecoou ameaçadoramente a última advertência [...] E o fuzil Mauzer, sob a mira da sentinela, expeliu a bala fatídica. O projétil, virando o para-brisa, passou entre o motorista e o sargento e foi atingir o tenente em pleno tórax. (Holzmann, 2004, p. 243-244). Percebe-se, nessa narrativa e em outras, uma estrutura e um efeito de tragédia, muito próximo das descrições da *Poética* de Aristóteles e com comparação do levante dos 18 de Capanema, no estopim da Revolta Tenentista em 1924.

Holzmann<sup>40</sup> (capítulo 1), Hugo Borja dos Reis (capítulo 4) e José Cadilhe (capítulo 5), que eles não cediam ao chamado situacionismo e nem à verba pública para manter a imprensa, símbolo do progresso, pois se recusavam a ficar contra o direito do povo e vender a verdade em troca da riqueza material.

Essa diferença será marcante em relação ao grupo dominante da época da sua narração e do tempo em que escreve suas histórias convergentes. A ferida de memória em seus escritos é sobre o rumo que tomou a imprensa de forma geral, e em específico a folha *Diário dos Campos*, jornal criado por seu pai e mantido e assumido pelos amigos que comungavam com o mesmo sonho de tornar Ponta Grossa grande e conhecida. Sobre o *Diário dos Campos*, o continuador direto do *O Progresso* dirá que, após a saída dos grandes jornalistas ligados ao seu pai, a folha se tornou vulgar e vendida para o situacionismo (Holzmann, 2004, p. 31-32).

A escrita dele visa a conceder o direito à memória e à verdadeira história, que ficou esquecida ou distorcida na memória da cidade. Para ele, uma dessas memórias deturpadas é que o *Diário dos Campos* não é continuador direto do *O Progresso*. Além disso, busca expiar e expurgar os crimes contra a memória e o legado dos heróis. Nesse sentido, uma dessas histórias que eram correntes é a do personagem do capítulo 3, Francisco Burzio, o médico.

Outro tema presente no seu escrito é o interior em oposição ao centro. O interior é Ponta Grossa e o centro são as grandes metrópoles, desde Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro até metrópoles do hemisfério norte, principalmente europeu. Com isso, demonstrará, através de vários personagens seus, que o interiorano pontagrossense, de nascimento ou por escolha, é valoroso na produção cultural e humana. Será corrente nas linhas do seu livro, portanto, como pontagrossenses brilharam e superaram cidadãos dos grandes centros e como esses cidadãos pontagrossenses foram precursores em muitos avanços culturais e sociais. Sobre a atuação de um dos heróis como vanguarda, Hugo dos Reis, leiamos juntos:

[...] rememoremos os extraordinários feitos intelectuais do jornalista fluminense, que sempre teve em mira as conquistas sociais de nossa pátria, por meios pacíficos, o que somente poderia ser conseguido mediante o conagraamento das classes trabalhadoras. Até então, ninguém jamais falara em tal assunto no Paraná, muito menos em Ponta Grossa, embora já estivesse em cogitação o surgimento de uma agremiação que defendesse os sagrados direitos do proletariado. Mas Hugo dos Reis, com seu espírito clarividente, lançou seu notável 'Manifesto' para fundação da Sociedade

---

<sup>40</sup> Para um estudo sobre Jacob Holzmann, ver: Cordova e Garcia (2021).

Operária de Ponta Grossa. O Diário dos Campos publicou o esboço do estatuto, de autoria do Hugo, e noticiou todas as iniciativas relacionadas com o palpitante problema. Os médicos Francisco Burzio e Flaviano I. da Silva, conhecedores das agruras da massa operosa [...] aderiram desde logo a campanha encetada pelo Hugo; e assim o operário de Ponta Grossa passou a ter prerrogativas que o governo Getúlio Vargas traria cerca de vinte anos depois. (Holzmann, 2004, p. 287-288).

Sobre Hugo dos Reis, ainda acrescentará outras importantes contribuições, como a vanguarda na questão ambiental. Nas primeiras décadas do século, o jornalista, que por um tempo se dedicou a outras atividades que não a redação de jornal, contrariou a opinião corrente de sua época quanto à extração indiscriminada e materialista de árvores, e propôs o caminho de reflorestamento para tal negócio, mas foi incompreendido por estar à frente do seu tempo e pensar não com interesses em riqueza material. Ainda nesse espaço, se dedicará a narrar como Hugo dos Reis tinha adiantado o futuro promissor agrícola, na plantação de arroz, quando apontou esse grão para a agricultura local, que, à época da escrita de Holzmann, como aponta ele mesmo, vigorava (Holzmann, 2004, p. 304-306).

Na descrição desse personagem real, de Hugo dos Reis, faz-se, por inferência narrativa e indicação clara, referência e associação ao personagem Dom Quixote, e um dos ajudantes nas lutas por fazer Ponta Grossa grande associa a Sancho Pança: “[...] tal qual figura de Dom Quixote [...] caia vencido diante dos moinhos de vento do descaso público” (Holzmann, 2004, p. 308). Essa associação, bem como essa referência aos personagens como idealistas de causas perdidas, constitui uma marca dos 5 personagens, que recebem descaso da cidade de Ponta Grossa.

Esses brilhantes sujeitos, sejam mulheres ou homens, representantes da Princesa dos Campos, serão ainda reconhecidos por seus pares e adversários nos grandes centros, segundo Holzmann. Esse reconhecimento será o contraponto dos conterrâneos, que não valorizavam os gênios de sua terra, principalmente o grupo dominante e a sociedade do tempo da escrita. Alguns dos acontecimentos e personagens narrados por Holzmann, e seus reconhecimentos, estão entrelaçados com a história nacional, um desses casos é a atuação decisiva de Ponta Grossa e de dois personagens na Revolução de 1930: o médico Francisco Búrzio e o enfermeiro Paulino Ferreira. Conforme Holzmann - que também foi repórter desse período, prestando seu serviço à Gazeta do Povo, durante os conflitos armados, em que os feridos se multiplicavam -, “o dr. Francisco Búrzio, tão só com o auxílio do Paulino

*Ferreira, [...] realizou nada menos de dez operações num único dia!”* (Holzmann, 2004, p. 248).

Esse fato e sua atuação foram decisivos para a vitória do grupo capitaneado por Getúlio Vargas, que não permaneceu alheio às ações do médico. Em um jantar, ocorreu um encontro entre Búrzio e Vargas, dado como certo por Holzmann, que afirmou ter presenciado a cena e a descreve da seguinte forma: “Quando do aperto de mão, testemunhamos estas palavras, proferidas por Getúlio Vargas: - Tenho muita satisfação em conhecê-lo, dr. Francisco Burzio, tanto mais que estou informado de seus notáveis feitos como homem de ciência!” (Holzmann, 2004, p. 249).

Outros personagens que vêm à tona na narrativa de Holzmann e têm ação decisiva no fluxo histórico – o fluxo histórico existe, na perspectiva dele<sup>41</sup>, e é puxado por vanguardas – são também as mulheres. Uma das narrações, em que aparecem mulheres tendo efeito decisivo sobre os acontecimentos históricos, é a da Revolução de 1930, quando atuam na criação da Cruz Vermelha. Além disso, no contexto local, destacam-se quando se articulam para a criação do hospital Santa Casa da Misericórdia.

Esse sentimento de ingratidão e de incompreensão dos conterrâneos é marca de alguns intelectuais do grupo ligado ao CCEC-PG. Nos escritos de Faris Michaelle, vemos esses desabafos, muitas vezes se sentindo incompreendido pelo meio. Esse meio, chamado de ingrato, será marca do CCEC-PG e de Epaminondas Holzmann. Similar é a reclamação e a crítica cultural que fazem à sociedade, considerada excessivamente materialista e desligada das verdadeiras riquezas, que são a cultura. Essa forma de ver e sentir o meio social, também semelhante, deve-se, com quase toda certeza, ao fato de terem contato e comungarem de uma forma de ver a atividade intelectual e sua atuação.

O historiador que concebe a cidade convergente era sócio correspondente do CCEC. Semelhante ao centrista Faris Michaelle, tem uma escrita que é marcada pela adjetivação. Sobre a vida e a prática intelectual, ele as vê como algo nobre, que deve ser acompanhada de virtudes como verdade, imparcialidade, modéstia e a busca por objetivos superiores. Sobre CCEC, instituição do seu presente, enxergará como uma continuadora ou realizadora dos sonhos de sujeitos de outra época:

---

<sup>41</sup> “O tempo foi passando em sua marcha inexorável” (Holzmann, 2004, p. 241).

Ainda no mesmo período, os intelectuais da terra fizeram surgir, e 11 de março de 1914, o Grêmio Literário de Ponta Grossa, que durou menos do que uma manteiga em focinho de cachorro... Que dizer, vai lá quase cinquentenário, aqueles baluartes da pena, mais Mario Caldeira, Olegário de Almeida e outros tantas vezes citados nestas páginas, intentaram fazer o que nos dias atuais se tornou realidade com a criação do Centro Cultural Euclides da Cunha, cujo porta voz é o Tapejara, órgão dirigido por Faris A. S. Michael, admirável homem de letra que se esconde atrás de inexpugnável muralha da modéstia, coadjuvado por Daily Luis Wambier, João Alves Pereira e Rolando Guzzoni (Holzmann, 2004, p. 290).

A escrita do historiador é afetada, como dirá, mais pelo coração do que pelo cérebro (2004, p. 258), e feita pela saudade, a arma existencial contra sua situação de doença, pois, ao lembrar e visualizar a história, consegue chorar, se alegrar, matar a saudade. Por outro lado, é marcada por crítica à cidade que tanto ama, carregada algumas vezes de ressentimento com essa Ponta Grossa, para cujo progresso tanto ele quanto os seus personagens trabalharam, sem que alguns tenham recebido nem reconhecimento na época e nem na memória da cidade, por meio de ruas, histórias e fotos.

O leitor imaginado opera na construção do seu texto, pois ele visa como leitor não o público especializado, que vai averiguar a metodologia e formas de narração e estruturação, mas, sim, um público leitor que precisa saber a história da cidade, como ela chegou ao progresso, a partir dos fatos verdadeiros - uma história que vise atingir a emoção do leitor para que esse possa valorizar os heróis de outrora e apreender com seus valores de caridade.

Na própria obra, nos prefácios, podemos ver como esse texto foi recebido e o efeito que causou. A leitura dele se estendeu para o público interessado academicamente na história da cidade, que tinha como premissa entender o vir a ser de uma cidade. Será usado como fonte para diferentes pesquisas que se debruçaram em compreender o passado pontagrossense.

A obra revela, como indicam Maria Aparecida Cezar Gonçalves e Elisabete Alves Pinto, que a produção historiográfica sobre a cidade era movida por trajetórias e iniciativas individuais, sendo que obras e fontes estavam sob tutela, não sendo acessíveis para a construção do conhecimento histórico. O que marca um corte com a trajetória acadêmica das autoras e do departamento para cuja construção contribuirão, no qual vão trabalhar para que o conhecimento e as fontes estejam em acesso público e se forme uma comunidade de historiadores profissionais, que escreverão a partir do lugar disciplinar.

Como apontamos, o método utilizado por Holzmann (2004), em muitos casos, não é possível de ser feito, pois fala de um lugar particular, de experiências familiares e como essas experiências dialogaram com acontecimentos públicos de cunho regional e com um contexto mais amplo a nível nacional, como foi o caso da Revolução de 30, e de forma internacional, como é o caso da imigração e as questões raciais. Ele fala a partir da vontade de memória, que, conforme aponta Nora (1993), nasce do sentimento de falta e se inscreve com suas especificidades e reelaboração, como testemunha, conforme aponta Kolleritz (2004), com dever moral de contar a verdade dos acontecimentos históricos que ouviu, viu, viveu, participou, para uma geração que não foi informada corretamente sobre a história de sua cidade. Nesse sentido, a ideia de leitor não é um aluno que precisará aprender dados e números sobre o conteúdo, ou a comunidade de leitores autorizados institucionalmente, mas um leitor incumbido de deveres morais contra o esquecimento do passado e presente egoísta. O futuro, no seu regime de historicidade, é opaco, como se fosse uma fresta que só pode ser acessada pela memória do passado e visão do Além.

Além de imaginar o leitor com deveres, ele imagina um leitor destinatário que aprende e se apropria do conhecimento não somente pela via da cognição mental e lógica, mas um leitor que aprende por imaginação e sentimento. O escritor tem uma concepção antropológica do leitor destinatário. O estudo do caso da obra de Epaminondas Holzmann nos ajuda a compreender um projeto e forma de comunicação histórica, de forma consciente ou não, parte de uma concepção social e antropológica do leitor destinatário. Essa percepção já foi notada em relação a projetos pedagógicos, ao perceberem que toda prática educativa parte de uma concepção antropológica, ou seja, do que é um ser humano, como afirma Igor da Silva Miguel ao escrever que “Por trás de toda pedagogia há uma antropologia, no sentido que toda prática formativa depende de um conceito de ser-humano” (2013, p. 80).

Assim, ao considerarmos a investigação sobre Epaminondas Holzmann e seu texto, partimos da ideia de que ele nos servirá como contraponto ou referente para pensar em que medida sua modalidade de história difere da realizada por Maria Aparecida Cezar Gonçalves e Elisabete Alves Pinto. Estas, como veremos, faziam parte de uma carreira profissional, de uma geração específica, envoltas em sociabilidades intelectuais e leituras especializadas e mediadas pelas teias do mundo

universitário, além de conceberem de maneira consideravelmente diferente os leitores destinatários.

## CAPÍTULO 2 – DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UFPR: LUGAR FORMADOR

### 2.1 HISTORIOGRAFIA PARANAENSE: MODELO REGIONAL E DEMOGRÁFICO

A historiografia paranaense tem um ponto de inflexão na criação e desenvolvimento do Departamento de História da UFPR. Da década de 1950 à década de 1980, os professores do departamento vão provocar verdadeira revolução nos modos de apreensão do passado, ou, melhor dizendo, do processo histórico paranaense. Essa transformação se dará na qualificação de profissionais, quantidade de produção, organização de pesquisas e arquivos.<sup>42</sup>

O núcleo aglutinador e formador estará nas figuras dos historiadores Brasil Pinheiro Machado, Cecília Westphalen e Altiva Balhana Pilatti, como agentes despertadores, orientadores e organizadores de um centro produtor de pesquisas em história. A atuação do grupo será decisiva tanto na frente de pesquisa quanto na docência, organização de arquivos, criação de redes de pesquisa e na institucionalização do projeto de escrever uma história do Paraná.

Acreditamos poder seguir a periodização de Westphalen (1985, p. 110-111) e dizer, grosso modo, que a historiografia paranaense pode ser organizada em 3 grandes momentos, até a data do seu texto, e hoje, como a própria autora apontava, um quarto, e talvez já estejamos no quinto. O texto de Brasil Pinheiro Machado, de 1951, publicado no Boletim Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná, Sinopse da História Regional do Paraná, é reconhecido pela historiadora como um marcador do início do terceiro momento da historiografia paranaense.

O texto de Brasil Pinheiro Machado (Machado, 1951), de fato, se tornará referência para toda uma geração de historiadores<sup>43</sup>. Na sua sinopse, consta toda

---

<sup>42</sup> Sobre a trajetória do Departamento de História da UFPR e da mudança de gerações e identidade, um dos trabalhos que retoma a sua trajetória é Fagundes (2014).

<sup>43</sup> “[...] o Esboço de uma Sinopse de História Regional (1951), lançava o que seriam os fundamentos para uma investigação de história regional. O direcionamento da análise sustentava-se pela ideia de expansão do território paranaense a partir de pressupostos históricos nacionais, tendo o conceito de ‘comunidade’ como núcleo das indagações” (Cordova, 2019, p. 17). Sobre o historiador Brasil Pinheiro Machado, é notório que seus escritos constituíram acervo obrigatório para o estudante da história do Paraná e sobre esses escritos. Entre esses, estão: “Outros estudos de cunho regional de Brasil Pinheiro Machado, também considerados referenciais na historiografia paranaense, foram as obras Campos Gerais - Estruturas Agrárias (1968) e História do Paraná (1969), publicadas em conjunto com Altiva Pilatti Balhana e Cecília Maria Westphalen. Estudos que apontam para questões concernentes à formação histórica da estrutura agrária da região dos Campos Gerais e sobre a ocupação do Paraná tradicional e do Paraná moderno, e que Brasil Pinheiro Machado denominou por três tipos de migração ou três tipos de colonização mantidas por um mesmo poder administrativo. Citem-se também dois

uma base, bem como um programa para que se realize uma história regional do Paraná. Os temas apontados, partindo do conceito de região como de ligação à terra e à forma social de ocupação dela, serão, posteriormente, aprofundados e estudados de forma exaustiva. Inspirado na inquietação paranista, principalmente de Romário Martins, de quem e quantos somos, vai afirmar que o Paraná é um “capítulo da história regional do Brasil, e consiste na história da formação de uma comunidade que, como tal, adquiriu individualidade distinta, de qualquer forma, das outras comunidades regionais do Brasil” (Machado, 1987, p. 183).

Brasil Pinheiro Machado<sup>44</sup> aponta para uma individualidade do Paraná. Essa individualidade já estava sendo construída pelo movimento paranista, o qual produziu mapas, imaginários, símbolos, textos, que criavam, na visão de Szesz (1997) e Lopes (1996), uma identidade paranaense inventada, a partir de uma visão regionalista. A historiadora Christiane Szesz (1997), a partir de pesquisa em mapas e textos, propôs que o discurso regional inventou o Paraná, sendo, ainda, esse discurso enunciado por uma classe dirigente.

A pesquisadora mencionada afirma que, apesar de o Paraná ter sua emancipação política em 19 de dezembro de 1853, marcada, inclusive, segundo a autora, pela parca participação das elites<sup>45</sup>, e com pouco ou nada de efeito direto no grosso da população, o Paraná enquanto região vai ser inventado no período republicano, a partir de intervenções intelectuais. O discurso regional, que se ufana da sua história, fauna e flora, geografia, na verdade o inventa numa operação discursiva. Na sua perspectiva, com intuito de exercer poder:

As diversas expressões da construção da identidade regional paranaense identificavam o espaço geográfico-territorial à sociedade. Tais elaborações da identidade paranaense constituíram-se em forte instrumento que efetivaria

---

artigos publicados no Boletim do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, enquanto estudos anteriores às obras referidas: Contribuição ao estudo da história agrária no Paraná (1963) e Nota prévia ao estudo da ocupação da terra no Paraná Moderno (1968)” (Cordova, 2019, p. 17-18).

<sup>44</sup> Para um estudo da trajetória intelectual de Brasil Pinheiro Machado, ver: Cordova (2019).

<sup>45</sup> Essa tese de uma participação discreta da elite no processo emancipatório do Paraná não foi vista assim por historiadores como Cecília Maria Westphalen, em uma das suas contribuições no livro publicado *História do Paraná* (1969). Sobre o processo que levou à emancipação, no tópico *Emancipação Político-Administrativa*, apontará que a elite já reivindicava um Paraná livre de São Paulo e autônomo desde 1811. E foi a articulação de certos personagens paranaenses que colocou a questão da criação da província. (Balhana; Machado; Westphalen, 1969, p. 102-109). Brasil Pinheiro Machado vai apontar um desencontro entre os interesses e a forma de vida no Paraná tradicional, e os interesses da Capitania paulista e as ordens do Governo Geral. Essa realidade, segundo Machado (1969), é vista no “encastelamento” dentro das terras senhoriais e, outras vezes, na recusa e fuga dos alistamentos para os embates militares no atual Rio Grande do Sul e nas fronteiras.

o projeto de domínio político das classes dominantes do Paraná através de uma ideologia regional (Szesz, 1997, p. 5).

O discurso regional, para Szesz (1997), tinha ideologia e projeto de poder, e foi operado e enunciado num contexto maior, no qual o Brasil disputava fronteiras com seus países vizinhos. Assim, durante o Império, no Paraná provinciano, o discurso nacional era a forte ligação da sociedade brasileira-paranaense com o território, para fazer frente às investidas argentinas e paraguaias. Em 1893, já como estado e no período republicano, quando os assuntos externos são resolvidos, se iniciam as contestações internas. Assim, para a historiadora, é nesse período que emerge:

A temática da região se caracterizaria por produzir obras geográficas e históricas vinculados a projetos políticos regionais. Até o final de 1950, pesquisar a temática regional constituía-se em uma tarefa de intelectuais paranaenses descompromissados com as regras do conhecimento científico. Esse trabalho era *metier* de escritores provincianos, eruditos, que reuniam detalhes acerca de uma localidade. Sendo pagos pelas classes detentoras de poder econômico e político promoviam heróis, descreviam a paisagem, e desenhavam recortes geográficos para, assim, elaborarem a história dos espaços regionais (Szesz, 1997, p. 6-7).

Ao mesmo tempo em que discordamos das conclusões da autora — no que concerne à redução e à associação indiscriminada da história regional ao campo da ideologia, bem como à generalização sobre os escritores locais —, podemos ainda segui-la em parte e reter a ideia de que o conceito de região e a própria história regional possuem uma história, marcada por relações complexas com o mundo histórico. A apreensão e reflexão do mundo social acabam reverberando no conhecimento historiográfico. Portanto, ainda ficam válidas as indagações dos historiadores das mentalidades sobre o que está disponível em termos de vocabulário, concepção de tempo e de espaço no mundo social. De forma geral, a tendência da história cultural e da história intelectual contribui para visualizar o corte desse sistema direto/reflexo, pelos filtros e noções como as de apropriação, reelaboração, prática e representação, e de não reduzir de forma linear e automática um discurso e texto elaborado a uma classe ou um projeto específico.

Assim, o Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (DEHIS-UFPR), dentro do período formativo e modelador de sua trajetória, fez opções de ordem teórica e metodológica, formando uma comunidade de historiadores que teria uma orientação bem clara de leitura e pesquisa, o que, na década de 1960, era reler e consolidar a perspectiva do regional, como categoria de análise:

A análise da produção científica desses pesquisadores, ainda que preliminarmente, autoriza afirmar que durante a década de sessenta os professores direcionaram seus esforços para o curso de graduação, dedicando-se às atividades do magistério e mantendo em andamento pesquisas em torno da História do Paraná. Já nesta época, os nomes dos professores Brasil Pinheiro Machado, Bento Munhoz da Rocha Neto, Cecília Maria Westphalen, Altiva Pilatti Balhana, Homero de Barros, Odah Regina Guimarães Costa, Rui C. Wachowicz, Oksana Boruszenko, Jayme Antônio Cardoso, entre outros, despontavam no cenário da produção científica paranaense com diversos títulos sobre temas regionais (Marchi; Boni; Siqueira; Nadalin, 1993, p. 135).

Na década de 1970, ao criar um curso de pós-graduação, orientado para desenvolver pesquisas sobre o Paraná e suas regiões, segundo os aportes de demografia histórica e história econômica:

Os esforços dos anos sessenta permitiram que, na década seguinte, esse grupo de professores se sentisse credenciado e habilitado para assumir as tarefas da criação de um Curso de Pós-Graduação, a nível de mestrado. No ano de 1972 teve início a primeira turma e, com ela, definiam-se alguns recortes em torno dos quais iriam se desenvolver a maioria das pesquisas para as dissertações de mestrado. Durante uma década, predominaram temas relacionados à História Demográfica e à História Econômica. A produção dos demográficos se inspirava nas propostas francesas (Institut National d'Études Demographiques) e inglesas ('grupo de Cambridge') e seguia as técnicas propostas por Louis Henry/Michel Fleury e por Peter Laslett. Por sua vez, os historiadores da História Econômica, seguiam, principalmente, as indicações teórico-metodológicas de Frédéric Mauro, discípulo de Fernand Braudel (Marchi; Boni; Siqueira; Nadalin, 1993, p. 136).

Nessa perspectiva, ao olharmos para essa trajetória e as pesquisas desenvolvidas, percebemos o intuito de criar uma história do Paraná que desse cabo de suas particularidades regionais e históricas, a partir do eixo econômico e demográfico.

Figura e nome recorrentemente evocados em memórias e textos de historiadores paranaenses é o de Brasil Pinheiro Machado. Com atuação política, sendo até prefeito de Ponta Grossa e interventor do Paraná, vai ser sua faceta de historiador e professor que o fará ser marcado e recorrentemente citado, pelo menos até certa década. Colegas de trabalho no campo da história no Departamento de História (UFPR) farão referência a ele como influência positiva nos rumos de suas próprias carreiras e orientações de pesquisa, como é o caso de Cecília Maria Westphalen em rememoração dos 25 anos do Curso de Pós-Graduação do DEHIS-UFPR:

Quando retomou à cátedra, após um dos seus licenciamentos para o exercício de cargos políticos, freqüentamos o curso do Professor Brasil Pinheiro Machado que nos indicou para leitura primeira, Gilberto Freyre.

Timidamente, abrimos as páginas de Casa Grande e Senzala. Que encontros, que sustos. Que admiração! Gilberto Freyre procurava atingir a “história íntima”, a história “de dentro” que é, na verdade, a história da vida dos homens, atingida seja pela porta da casa grande seja pela da senzala (Westphalen, 1996, p. 7).

Além do primeiro contato com a figura docente e aquele que a introduziu em um mundo e forma de conhecimento diferentes do modelo tradicional, Westphalen (1996) remeterá a Brasil Pinheiro Machado a origem e o norte da preocupação de uma história regional, tanto no sentido de torná-la o problema principal dos historiadores do Paraná como a conceituação do que seria essa história regional:

Partiu-se da necessidade do estabelecimento de um quadro de referências para se construir a História do Paraná, a partir do conceito de história regional, dentro do quadro maior da História do Brasil, ou seja, como a história dos grupos humanos regionais, com a adoção, portanto, de um regionalismo social e não simplesmente geográfico, considerando-se ainda que cada uma das histórias regionais tem uma ambientação que a diferencia das outras, usando-se o termo ambientação no sentido de caracterização, ou seja, de espaço social, conforme modelo que nos fora proposto por Brasil Pinheiro Machado (Westphalen, 1996, p. 9).

O sentido de se lembrar das proposições de Brasil Pinheiro Machado e de sua figura como importante no desenvolvimento profissional/intelectual não será exclusivo de Westphalen (1996). Outra aluna e depois colega foi Helena Isabel Mueller, que, em texto produzido, faz comentário, analisa e, ao mesmo tempo, relembra o papel de Brasil Pinheiro Machado. Sobre o autor e sua influência na historiografia paranaense, escreve:

A historiografia paranaense, se é que se pode chamar assim, talvez não tivesse seguido os mesmos caminhos sem a presença de Brasil Pinheiro Machado. O Professor Brasil, como era chamado por alunos e professores do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR), fez parte do imaginário desse departamento por longos anos, desde a fundação da Faculdade de Filosofia, na década de 1940, e da instituição do Departamento de História, nos anos 1960. Catedrático de História do Brasil, transcendia os limites dessa disciplina (Mueller, 2019, p. 179).

Uma conclusão geral, em tom de análise da figura e da representatividade para os historiadores, historiadoras e a historiografia paranaense, é seguida de um comentário em tom de memória sobre sua própria trajetória e o cruzamento com a figura de Brasil Pinheiro Machado, o qual, relata Mueller (2019), foi um despertador para sua formação intelectual:

Aquilo me fascinava, me fazia pensar como é que uma pessoa podia ler tanto, ter tanta sabedoria. Mais velha, conheci o porquê dessa sabedoria e qual a direção que seguia: fui sua aluna no curso de História da UFPR, quando

recebi o estímulo que uma estudante precisa para incrementar sua curiosidade e ampliar seus horizontes. O Prof. Brasil estava sempre aberto a uma conversa com colegas e alunos; creio, mesmo, que essa foi uma de suas principais (Mueller, 2019, p. 180).

Parece que essa figura formadora teve um papel crucial na formação e consolidação da historiografia paranaense. Nesse caso, registramos a memória de duas alunas, que depois se tornaram suas colegas no DEHIS-UFPR. Altiva Pilatti Balhana se lembrará de Brasil Pinheiro Machado, ao prefaciar o livro *Ponta Grossa: um século de vida (1823-1923)*, como um dos personagens orientadores de uma história regional do Paraná:

Partindo das lições de Martius [...], João Ribeiro, Brasil Pinheiro Machado tem explicitado o conceito de História Regional, dentro do complexo da História do Brasil, como a história dos grupos humanos regionais, com a adoção, portanto de um regionalismo social, global e não político-geográfico, e considerando que cada uma das histórias regionais tem uma ambientação que a diferencia das outras, usando-se o termo ambientação no sentido de caracterização de espaço social (Balhana, 1983, p. 13-14).

Parece-nos que o regional como uma comunidade com ambientação social específica, sem desconsiderar o geográfico, virá, portanto, da conceituação proposta por Brasil Pinheiro Machado. A individualidade da comunidade paranaense dentro da história global do Brasil será aceita como o modelo metodológico e teórico como o mais plausível para historiadores/as paranaenses, inclusive, as historiadoras Elisabete Alves Pinto e Maria Aparecida Cezar Gonçalves. A matriz intelectual do regional, desse modo, virá de Brasil Pinheiro Machado, mas a gestação de transformar esse modelo proposto já em 1951 em projeto que deverá ser institucionalizado será articulada com sociabilidades intelectuais que vão se encontrar através da história e do lugar chamado DEHIS-UFPR.

Retomando as memórias de Cecília Maria Westphalen, nas quais a autora busca narrar o processo de construção da historiografia paranaense a partir da criação, desenvolvimento e importância do Curso de Pós-Graduação em História do Brasil (Mestrado), em 1972, percebemos laços de sociabilidade intelectual entre três personagens: Brasil Pinheiro Machado, Cecília Maria Westphalen e Altiva Pilatti Balhana. Com certeza, surgirão outros nomes, nas fontes, sobre a consolidação do Curso de Pós-Graduação e da historiografia paranaense. No entanto, a recorrência aos nomes citados será a de maior frequência. A título de caracterização de como Brasil, Cecília e Altiva tiveram um encontro através da pesquisa e do projeto para a história do Paraná, citamos a frase emotiva de Westphalen (1996, p. 19):

Desejo encerrar com uma palavra especial de agradecimento a dois colegas que, por motivo de saúde, não estão hoje presentes, mas que formaram o trio ABC na história dos nossos Cursos: Altiva e Brasil. Este, pelos ensinamentos, orientação e apoio. E ela, pela inteligência, a agilidade de raciocínio, a firmeza e, sobretudo, a lealdade.

Ao retomar, no ano de 1996, a formação do Curso de Pós-Graduação e sua importância, o texto documento de Westphalen (1996) pode ser lido como um exercício de construir ou afirmar um lugar na memória histórica da DEHIS-UFPR na comunidade historiadora paranaense e brasileira. Westphalen (1996, p. 7), fazendo referência a ela, Brasil Pinheiro Machado e Altiva Balhana Pilatti, diz: *“No ano de 1971, [...] nós organizamos aquele de História do Brasil”*.

Ao propor uma reconstrução do processo que levou à consolidação tanto do DEHIS-UFPR como do Curso de Pós-Graduação em História do Brasil, vai atrelá-lo à sua trajetória e à de sua amiga Altiva Pilatti Balhana, para avançar no refinamento da sua prática historiográfica. Westphalen (1996) se lembrará da atuação em conjunto, conforme relata:

Certamente, as jovens professoras de História da América e de História Moderna e Contemporânea, começavam a escapar das malhas da historiografia tradicional, ainda que no meu caso as exigências acadêmicas ‘de cada macaco no seu galho’, como dizia Sergio Buarque de Holanda, me houvessem retido por maior tempo (Westphalen, 1996, p. 7).

A memória de Westphalen (1996) associará a seus esforços e aos de sua colega um dos motivos que influirá na profissionalização do DEHIS-UFPR e posteriormente na criação da Pós-Graduação em História Brasil (opção em História Demográfica e História Econômica), e, com isso, a própria profissionalização da historiografia paranaense.

A demografia, enquanto ciência ou modo de conhecimento da população, surge e assim é nomeada no século XIX, em relação direta com as sociedades que vivem o urbanismo destravado pela Revolução Industrial. Conforme o historiador paranaense Francisco Moraes Paz, este pensamento demográfico tem relação umbilical com esta realidade:

Significa, sobretudo, pensar na economia de corpos resultantes das transformações políticas, econômicas, sociais e demográficas dos séculos XVIII e XIX, forjadoras de um novo espetáculo, o das multidões. Este espetáculo está associado às ideias de caos urbano, cujo contraponto situa-se nos discursos de controle da natalidade, sexualidade e prazer, bem como nos de disciplinarização das massas no primeiro caso, podemos tomar a exemplaridade do Ensaio de Thomas R. Malthus, que vê no desequilíbrio

entre a taxa de crescimento da população (geométrica) e dos alimentos (aritmética), a origem dos males futuros da humanidade. Resta-lhe, pois, propor o celibato e o retardamento dos casamentos que, uma vez constituídos, deverão ser acompanhados por períodos de abstinência sexual entre os cônjuges (Paz, 1995, p. 122-123).

O surgimento do pensamento, campo e modo de conhecimento demográfico tem como objetivo, conforme Rosental (2009, p. 183):

compreender a população em suas dinâmicas internas: ela a reduz a um jogo de variáveis, tais como, a natalidade, as núpcias e a mortalidade, considerando suas outras determinações (inclusive, e o mais frequentemente, as migrações) como exógenas.

A partir desse modo de conhecer, ligado intimamente a conhecer para controlar a sociedade, principalmente a questão da natalidade, e pensar politicamente pelo modo estatístico e matemático - em alguns casos, com grande proximidade com projetos de eugenia de cunho autoritário de controles populacionais -, rompe-se com conhecimentos populacionais praticados por outros modos de conhecimento da realidade social e suas dinâmicas, como anteriormente (Rosental, 2009).

Assim, no projeto demográfico que vai se desenvolver durante a última metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, vai olhar a realidade social como estrutura dinâmica, sendo a população *“compreendida como uma entidade orgânica e dinâmica que contém de maneira endógena o princípio da sua própria evolução”*, relegando às facetas sociais, econômicas, políticas, institucionais papéis secundários, assim tornando-se acomodada, durante as primeiras décadas do século XX, *“a uma tendência biologizante que marca o entre-guerras”* (Rosental, 2009, p. 184).

O grande responsável por desenvolver e levar estes métodos e questionários demográficos ao passado e suas documentações, portanto, dando outro uso para demografia, será Louis Henry, no pós-guerra. O demógrafo e intelectual francês conseguirá sucesso na sua empreitada – e, para nosso trabalho, é de suma importância, devido à influência formativa que teve sua obra e atuação no trabalho historiográfico ponta-grossense.

Se vimos até agora que os modelos que operaram na escrita da história falavam de um lugar pessoal, familiar ou espiritual, no caso acadêmico, no trabalho de dissertação e depois no livro produzido em conjunto pelas historiadoras Maria Aparecida Cezar Gonçalves e Elisabete Alves Pinto, o lugar de escrita foi a Universidade. Nesse lugar, se dá uma transformação inclusive na formação

acadêmica, uma vez que na graduação foram treinadas para docência. É lá que travam contato e farão a recepção de correntes teórico-metodológicas, digamos, de origem mediterrânea. Nesse sentido, a opção pelo método da demografia histórica foi explícita e desejada.

O levantamento e exploração sumária dos dados vitais foram efetuados conforme os métodos e técnicas preconizadas por Louis Henry, que adaptadas às necessidades brasileiras, vieram facilitar os estudos de demografia histórica (Pinto, 1980, p. 4).

Fazendo parte e se ligando por constrangimentos externos como foi o caso da reforma universitária, mas também por opção de interesse, à geração de historiadores paranaenses, a aproximação e o elo se construíram através de afinidades intelectuais, aqui teóricas e metodológicas.

Sobre a questão de o trabalho das historiadoras ser construído e participar de um projeto mais amplo, fica claro já na sua introdução. Também é interessante perceber a consciência que a autora tem de que pontos já foram estabelecidos na historiografia paranaense, e de que o lugar da sua pesquisa e texto têm objetivos científicos coletivos, pois Elisabete Alves Pinto escreve: “Os diversos estudos realizados, permitiram estabelecer, de maneira geral, as fases de desenvolvimento e consequentes transformações nas estruturas econômicas e sociais do Paraná” (Pinto, 1980, p. 2).

Nesse sentido, vale ainda destacar a frase que abre o texto: “O presente História Demográfica do Paraná do Departamento de História da Universidade Federal que tem por objetivo o estudo da população e das estruturas sociais paranaenses” (Pinto, 1980, p. 2). Vemos uma consciência de estar contribuindo para algo de maior impacto no campo historiográfico.

Ponta Grossa, como cidade, parece que vivia um período relativamente duplo. Perdia o lugar para outras cidades, que surgiam alimentadas pelo café. Desde a década de 1940, perdia seu lugar de segunda cidade do Paraná. Mas, ao mesmo tempo, chegavam novos ares de cidade cosmopolita aos seus, como faculdades consolidadas na década de 1950, a de História e Geografia, Odontologia, Letras e Direito. O Paraná, ao contrário, vivia a fase de ouro. A partir de certos atores e grupos, celebrava a vitória. Vista pela lente de personagens como Bento Munhoz Rocha Netto, entre os anos 40 e 60, era o momento em que o destino e vocação de estado

vanguarda se realizava, conforme aspirações de antigos paranaenses<sup>46</sup>. A demografia era indicadora e razão, ao mesmo tempo, desse desenvolvimento. Em prefácio de livro que pode ser considerado referência, aponta essa realidade e mostra que a história tem papel em garantir e orientar esse desenvolvimento futuro:

O Paraná povoou-se subitamente, diante dos nossos olhos. De repente ficou cheio, numa geração que pôde assistir o coroamento da longa preparação, com que as lideranças do passado, com plena consciência das possibilidades paranaenses, foram delineando a realidade de hoje (Rocha Netto, 1969, p. 11).

Para a comunidade paranaense, agora toda formada com seus devidos enxertos, novos e tradicionais, mas de toda forma alicerçada nas raízes, chegavam os tempos de alçar velas rumo à liderança e vanguarda nacional, seja pela economia, seja pela cultura, seja pela etnia. Estado vivido como fronteira e mal ocupado e pouco respeitado durante a história colonial e nacional, agora era referência e estava preparado para assumir a liderança.

A demografia histórica, portanto, praticada pela historiografia que se profissionalizava e encontrava lugar seguro para fazer duradouro seu projeto, no seio da Universidade, além de se adequar a práticas do contexto historiográfico francês e norte-americano, respondia também a uma questão social e política do seu lugar temporal de escrita. Pretendia responder o que era o Paraná, quem eram os paranaenses e quais eram suas regiões. A demografia era um totem de força, pois respondia numericamente a esses anseios, ao demonstrar o crescimento numérico do Estado, alocando nas suas respectivas regiões essa população e dizendo quem eram.

Como vimos, o modelo de regional levado a efeito na historiografia que se profissionalizava nas décadas de 1960/1970, no Paraná, era o proposto por Brasil Pinheiro Machado. Porém, a ideia de que os historiadores paranaenses, por fazerem parte do ciclo histórico da comunidade chamada Paraná e por estarem ligados às universidades do mesmo estado, deveriam se dedicar à história regional ganharia contornos específicos a partir de Bento Munhoz da Rocha Netto, conforme aponta Altiva Pilatti Balhana:

---

<sup>46</sup> “Toda a atual expansão paranaense estêve antes na mente dos homens que tiveram as responsabilidades, tanto políticas quanto sociais e econômicas, em nosso Estado. Nada que do que se tem feito deixou de ser previsto, numa quase intuição da gente de vanguarda, em nosso passado”. (Rocha Netto, 1969, p. 11).

A opção pela história regional deliberada e conscientemente assumida não apenas por razões de ordem metodológica, mas também porque enquanto professoras e pesquisadoras de uma Universidade regional estiveram atentas as recomendações de Bento Munhoz da Rocha Netto que sempre insistiu em um sentido regionalista para a atuação das Universidades brasileiras (Balhana, 1983, p. 13).

Conforme aponta Balhana (1983), esse sentido regionalista também devia vir da ligação das pesquisadoras, no caso de Maria Aparecida Cezar Gonçalves e Elisabete Alves Pinto, com a sociedade circundante. A partir da visão de Bento Munhoz da Rocha Netto, a história e os historiadores paranaenses tinham uma função dentro da sociedade:

[...] como Universidade, a do Paraná tem de estar integrada ao ciclo de civilização a que pertencemos, isto é, o europeu-americano, e não pode deixar de possuir características que nos distingam, afirmando nossa personalidade nacional e nossa cultura, sem que, a Universidade ficaria distanciada da vida. Mas sendo do Paraná, estando situada em nosso Estado tem, em certo gênero de pesquisas, de atentar para o regional, de diferenciar-se justamente aí, para não perder seu sentido próprio dentro da sociedade global brasileira (Rocha Netto *apud* Balhana, 1983, p. 13).

Se, para Bento Munhoz da Rocha Netto, o Paraná, ao mesmo tempo, era a “mancha loira do Brasil”, em razão das imigrações europeias da virada do século XIX para o XX, ainda mantinha, a seu ver (Rocha Netto, 1969), relações profundas com a tradição ibérica (portuguesa). Isso se evidenciaria no fato de que a juventude curitibana que visitava a Europa sentia-se em casa justamente ao estar em Portugal. Para Rocha Netto (1969), o Paraná era uma síntese do processo de uma dialética étnica, de europeus de imigração e brasileiros ditos tradicionais. Se o intelectual e o político tinham uma interpretação sociológica, de cunho ensaístico, da realidade paranaense, e convocavam a comunidade de historiadores da Universidade a aprofundar o conhecimento histórico do Estado, os historiadores acadêmicos vão testar interpretações consagradas sobre essa comunidade, a partir de métodos, à exaustão, principalmente de cunho demográfico.

Sobre a estratégia das historiadoras, percebemos que existiu, já no início, uma delimitação dos períodos e de como foi dividido este trabalho. Referindo-se ao texto de Maria Aparecida Cezar Gonçalves, ela, Elisabete Alves Pinto, nos deixa entrever essa realidade. Além de explicitar algumas imagens que a autora tem de história, como um exercício de comprovar uma verdade:

Foi comprovado, em estudo precedente, que devido a posição geográfica e ocupação econômica - criação, comércio e invernagem de animais - a Paróquia de Nossa Senhora Sant'Ana de Ponta Grossa, recebeu constantes correntes migratórias que contribuíram para seu crescimento e mudanças nas suas estruturas demográficas (Pinto, 1980, p. 2).

Contudo, apesar de a pesquisa estar alocada em um projeto científico coletivo, vemos alguns pontos de individualidade nas perguntas e questões. Partindo, na visão da autora, de uma falta de pesquisa sobre o período sobre o qual pretende se debruçar, ela argumenta, concomitantemente, a preocupação de se entender os contingentes populacionais. “A escassez de estudos sobre a integração de novos contingentes populacionais em Ponta Grossa, numa fase de transformações econômicas e sociais: decadência da atividade tropeira e desenvolvimento de uma política imigratória, gerou o interesse pela presente pesquisa” (Pinto, 1980, p. 3).

Ainda sobre a introdução de sua pesquisa, percebemos que, no trabalho e na concepção historiadora dela, o que determina a pesquisa e como ela será feita é o acesso e o tipo de fonte. Pinto (1980) narra os desencontros pelos quais suas pesquisas passaram<sup>47</sup>, quando o acesso às fontes da Capela Sant' Ana lhe fora negado e como ela precisou procurar outro espaço para continuar sua pesquisa: “[...] foi decidido operar inicialmente com o Registro Civil, cujas fontes similares as paroquiais continham dados de boa qualidade.” (Pinto, 1980, p. 3). A partir do corpus documental que encontrou, foi também determinada a periodização que seguiria, conforme ela mesma escreve:

A periodização desta primeira etapa da pesquisa foi então condicionada a instalação do Registro Civil em Ponta Grossa no ano de 1889 e, de outro tomando como baliza o Recenseamento de 1920, o qual apresenta um maior número de variáveis, cujas informações são mais completas (Pinto, 1980, p. 3).

A grande importância das fontes num trabalho dessa natureza historiográfica, que era a abordagem de demografia histórica, era devido à própria problemática e concepção de história a partir da qual operava. Era a ideia de encontrar e comprovar certas informações que fossem possíveis de compor uma série, pois “a [...] problemática que determinou o seu desenvolvimento foi a de encontrar, dentro do possível, os fatores que contribuíram para o crescimento populacional de Ponta Grossa, durante o período proposto para estudo” (Pinto, 1980, p. 3).

---

<sup>47</sup> Inicialmente, esta teria como fonte básica, as séries dos registros paroquiais do Arquivo da Igreja Matriz de Nossa Senhora Sant'Ana de Ponta Grossa. Entretanto, por motivos aleatórios, as pesquisas neste arquivo foram suspensas temporariamente. [...] (Pinto, 1980, p. 3)

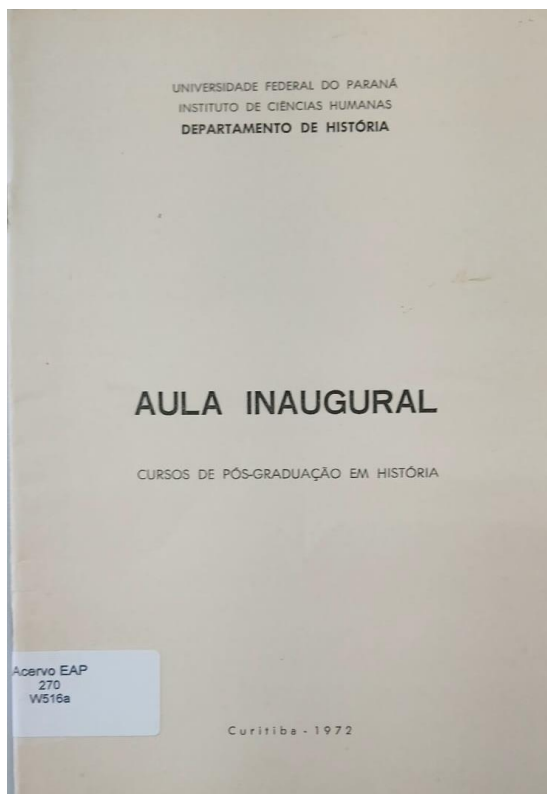
Nesse sentido, uma das grandes influências da historiadora neste trabalho é Louis Henry, um dos maiores expoentes da demografia histórica e que teve papel decisivo na consolidação dessa disciplina no DEHIS-UFPR, através da mediação de Cecília Maria Westphalen e Altiva Pilatti Balhana, conforme aponta Westphalen (1996). A concepção de demografia histórica do demógrafo francês era a de que:

Para suprir a impossibilidade de experimentação em Demografia é preciso esforçar-se por observar as populações evoluindo em contextos diferentes, sob a ação de diversos regimes políticos, de diferentes organizações sociais e igualmente em diferentes graus de desenvolvimento, assim como em climas e épocas diferentes. Em outras palavras, isto significa que a Demografia Histórica tem um papel importante no desenvolvimento da Demografia como ciência (Henry, 1976, p. 63).

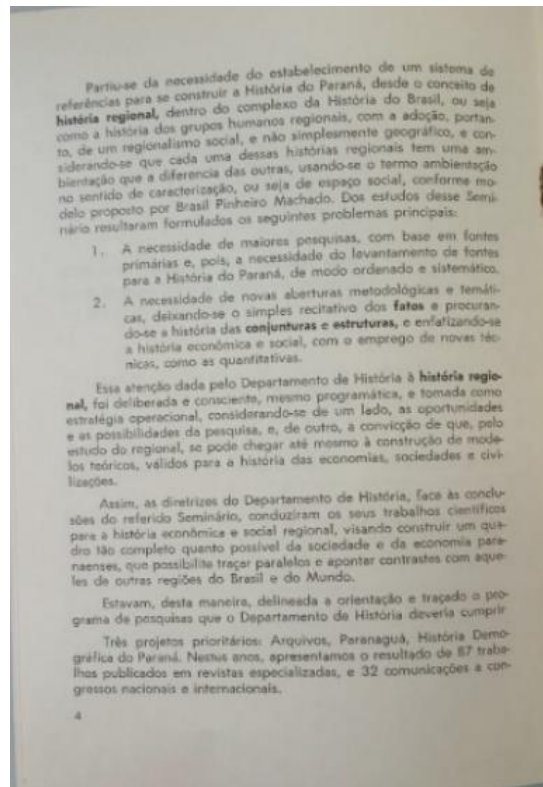
O trabalho de Elisabete Alves Pinto deixou um legado material - no qual podemos ver o poder de transformação que exerceu sobre ela a formação universitária em nível de pós-graduação, já citado - que encontramos no Centro de Documentação e Pesquisa em História, do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Nesse acervo, vemos como a questão temporal e a concepção de fonte orientavam seu trabalho.

Em uma das pastas, encontramos um livreto, de poucas páginas, que é a transcrição da aula inaugural do Mestrado em História de 1972, no qual duas figuras proeminentes do campo historiográfico, que também eram professores no Departamento de História da UFPR, têm suas falas registradas: Brasil Pinheiro Machado e Cecília Maria Westphalen. Historiadores, de conhecimento geral, foram dois dos grandes responsáveis pela consolidação de um novo modelo teórico e metodológico de produção historiográfica para o Paraná, a história regional, entendendo região não mais só ligada à questão administrativa, geográfica e política, mas principalmente na sua relação social, enfatizando a ocupação da terra e as organizações sociais e econômicas construídas sobre e a partir dessa ocupação.

Fotografia 1 - Capa - Aula Inaugural



Fotografia 2 - Aula Inaugural



Fonte: ADBEAP/CDPH-UEPG

Nesse livreto, os professores citados abordam a importância do curso de pós-graduação e quais seriam suas linhas mestras. Percebemos que as historiadoras, nesse caso específico, Elisabete Alves Pinto, tiveram um impacto do lugar, que forneceu projeto, que era amplo, ao qual as pesquisas individuais deveriam se adequar. Tratava-se de produzir uma história do Paraná, a partir de um projeto intelectual com identidade e relevância, o qual seria apresentado ao campo mais amplo da historiografia nacional.

Esse incentivo por uma prioridade do regional vinha do campo político, em que figuras como Bento Munhoz da Rocha Netto, intelectual e político, encabeçavam. Fazer história naquela geração, daquele lugar, parece-nos, portanto, guardar diferenças do processo do historiador acadêmico de hoje, no qual o lugar de produção é sentido e exercido de outra maneira.

Além desse lugar, percebemos, como já ensejado, que o contato com novas teorias e metodologias de se fazer história pode ter transformado e fornecido uma gramática para duas mulheres que se dirigiam à capital, para avançarem na profissão. Vale lembrar a distância temporal que separava essas mulheres da década de 30, a

qual viu a conquista do direito ao voto feminino, é uma distância menor do que nos separa de nós, que escrevemos. Ao serem introduzidas as correntes, com toda certeza, foram transformadas. Sobre o curso de graduação, Maria Aparecida Cezar Gonçalves fala:

[...] Quando eu entrei na nossa antiga Faculdade de Filosofia, diziam para mim: 'Nossa você vai fazer cursinho Walitta!' Já, havia essa conotação do curso de História ser um curso muito fraco, ser um curso onde todo mundo passava, e que não tinha nada a ver com o conhecimento. [...] quando eu fiz era História e Geografia juntos. [...] Eu me formei ainda era bacharel e depois que eu fiz licenciatura [...] Meu tempo ainda é daquele tempo assim bem antiquinho! [risos] (Gonçalves, 2008 *apud* Carvalho, 2010, p. 96).

Percebe-se então que o curso de graduação que escolheu era tido como algo fácil, e que não tinha preocupação em conhecimento, seja ele em nível aprofundado de ensino e na forma de produção. Em entrevista à Carvalho (2010), Maria Aparecida Cezar Gonçalves, em resposta a se havia tido uma formação para pesquisa, responde:

Pesquisas bibliográficas durante o curso que eu fiz... Como aluna? A única que ainda pediu um trabalho um pouco maior foi a professora Josefina, no primeiro ano, ela dava História Antiga. [...] Pesquisa bibliográfica, só, exclusivamente! (Gonçalves *apud* Carvalho, 2010, p. 132).

Além da dificuldade da formação, que era voltada para formação de professores, a questão profissional de professora impedia o avanço no campo. A questão de ocupação, mesmo que fosse o professorado, acaba dominando o tempo da professora Maria Aparecida Cezar Gonçalves, que barrava um avanço significativo na sua formação:

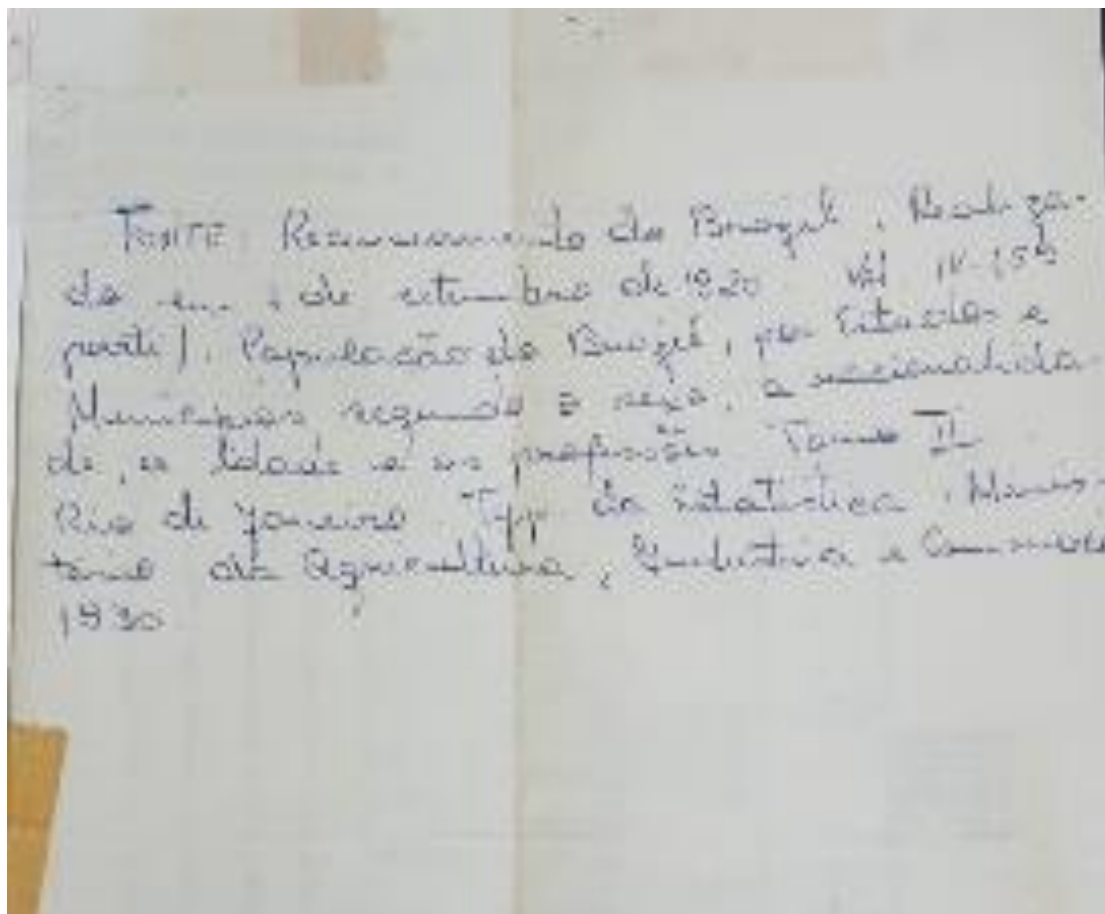
[...] Não, não havia! E o fato também é que a gente que trabalhava no ensino médio. Se a gente ganhava, digamos, a oportunidade de a Faculdade nos dar licença para ir fazer um simpósio, fazer um curso, o Estado não permitia. O Estado, quando eu falo, [do magistério] no ensino médio. Então a gente não podia sair. Porque, como é que o professor sobrevivia e sobrevive até hoje? Das aulas que leciona! [...] Não havia incentivo para isso. Era muito difícil. Eu fiz poucos encontros, assim, fora daqui. Naquela época ainda havia, muitas vezes, ainda não, até hoje tem, hoje muito mais, mas havia algum curso aqui a gente ia e fazia... Cursos de curta duração. Teve só um que foi assim, acho que uns dois, não sei, quantos meses de aperfeiçoamento. Isso aí! (Gonçalves, 2008 *apud* Carvalho, 2010, p. 212).

Aqui, podemos ver o impacto que a formação em um curso de pós-graduação teve sobre as autoras, objeto desse estudo. Podemos ver pelo depoimento de Maria Aparecida Cezar Gonçalves a questão de que um campo disciplinar acaba mudando a forma de conhecer e representar essa realidade, mas também isso fica evidente na





Fotografia 5 - Anotação no verso de cópia de fonte



Fonte: ADBEAP/CDPH-UEPG

Nas fotos esboçadas acima, em consulta ao Acervo Documental e Bibliográfico Elisabete Alves Pinto, quando confrontadas com o depoimento de Maria Aparecida Cezar Gonçalves e seus próprios textos, vemos a influência e recepção positiva que fizeram das teorias e metodologias da história demográfica. Transformou o modelo de operação da pesquisa histórica e da produção conhecimento sobre o passado, que exigia um rigor científico. Sobre a metodologia, Elisabete Alves Pinto escreve, fazendo referência a Loui Henry, que adotou:

'Este levantamento foi efetuado em folhas nominativas abreviadas para nascimentos, casamentos e óbitos. As folhas nominativas abreviadas são divididas em colunas numeradas, com itens específicos, os quais possibilitam anotar os seguintes dados: data, ata, sexo, legitimidade, estado civil, idade, geração, origem, residência, profissão, assinaturas, nome, prenome, relação de parentesco, cor e condição social, para cada registro (Pinto, 1980, p. 38).

Devia-se à fonte um cuidado meticoloso, que daria autoridade e validade ao conhecimento produzido, operando em um registro diferente do que operava até então, como vimos no caso de Epaminondas Holzmann: a ideia de que a história precisava ser acessível, as informações rastreáveis e amplamente documentadas, e as fontes passarem por um exame crítico. Na estrutura dos trabalhos acadêmicos das autoras, dissertação e tese, era reservado um espaço para descrição e crítica das fontes, para compreender a produção, os problemas e lacunas para os problemas de conhecimento historiográfico.

## 2.2 O FASCÍNIO PELA SÉRIE, NÚMERO E TÉCNICA: O USO DO COMPUTADOR E A QUANTIFICAÇÃO NA HISTORIOGRAFIA REGIONAL

Na sua geração, especialmente a partir do Departamento de História da UFPR, os historiadores começavam a se abrir para a tecnologia dos computadores. A pesquisa de Elisabete Alves Pinto e Maria Aparecida Cezar Gonçalves envolvia quantificação para se estabelecer as respectivas teses de cidade agregadora, que tinha crescimento endógeno e exógeno, e apreender a mentalidade a partir do exercício de comparação com outras regiões do Brasil e da Europa, e assim afirmando, como era a premissa dos historiadores regionais, a individualidade histórica da comunidade paranaense, e para as autoras a individualidade histórica ponta-grossense:

Para estudo da frequência da ilegitimidade na Paróquia de Sant'Ana de Ponta Grossa, procurou-se não só estabelecer os resultados mas compará-los com outros obtidos entre populações européias e brasileiras, a fim de evidenciar as semelhanças e diferenças entre elas existentes (Gonçalves, 1979, p. 100).

Em diálogo com a história nacional, principalmente com Gilberto Freyre, Maria Aparecida Gonçalves irá apontar que as conclusões do autor não podem ser generalizadas de forma total e geral para o contexto regional, pois, a partir de pesquisas em documentos e articulação em recortes temporais demonstráveis em gráficos e tabelas, com tese rastreável em documentação material, afirma:

Pelos resultados obtidos é possível determinar que a frequência de 'ilegítimos não se apresenta muito elevada. De 9266 crianças batizadas somente 1641 crianças ou 19,27% são ilegítimas. Este resultado demonstra que, embora tenha ocorrido o relacionamento extraconjugal e conseqüente aparecimento de bastardos conforme já foi configurado por Gilberto Freyre para outras regiões brasileiras, na região em foco este problema não teve a mesma

intensidade que em outras partes como mostra o Quadro N9 .25 (Anexo A)  
<sup>48</sup>. (Gonçalves, 1979, p. 100).

A forma, o meio material, que tornou possível esse tipo de projeto científico, ou ao menos facilitou e o fez factível em um tempo de execução reduzido, foi o desenvolvimento da tecnologia dos computadores. No Departamento da UFPR, o equipamento fundamental para o projeto de História Demográfica era o IBM1130, desenvolvido em 1965 pela empresa estadunidense também de nome IBM. O sistema novo 1130 permitia armazenamento de memória e processamento de dados, a partir de leitura de cartões perfurados, além de realizar cálculos e criar gráficos que poderiam ser impressos. Esse equipamento tornou-se mediador e facilitador do projeto pensado pelos historiadores do DEHI-UFPR. Em conjunto com papel, documentos antigos, máquina de escrever, lápis e caneta, o computador tornava-se símbolo do historiador projetado:

Fotografia 6 - Computador IBM 1130



Fonte: The National Museum Computing.

Notas: Foto encontrada no site <https://www.tnmoc.org/ibm1130>.

Vemos que o papel do historiador e historiadora idealizados como uma figuração social pelo grupo articulado pelas professoras Cecília Maria Westphalen e Altiva Pilatti Balhana – isto é, o profissional que trabalha a partir de estudos concretos, quantificáveis e pautados em uma grande massa documental - foi apropriado e exerceu papel formativo na sensibilidade historiadora de Maria Aparecida Cezar Gonçalves e Elisabete Alves Pinto. Com isso, houve a introdução das respectivas

---

<sup>48</sup>Reproduzimos o quadro construído por Maria Aparecida Cezar Gonçalves, no qual expõe numericamente a comparação que realiza com outros estudos e regiões, a partir do caso de Ponta Grossa, na seção Anexos.

historiadoras ponta-grossenses ao uso de computador para pesquisa e escritura da história local, algo que trouxe novidades.

A história demográfica visava a apreender histórico a partir da quantificação. A quantidade de dados e material consultado para poder compreender o movimento populacional com suas razões, taxas e distribuições por situação de livre, escravo, cor, sexo, durante o tempo, geralmente em recortes esticados, acabava exigindo para o cálculo e demonstração o uso de técnicas e equipamentos que possibilitassem esse objetivo. É, nesse processo, que o uso de computadores pelos historiadores vai adentrar. De novo, a influência e o aprendizado virão de Cecília Westphalen e Altiva Balhana<sup>49</sup>. Sobre a introdução do uso de computadores no fazer historiográfico, em comunicação data de 1972, apresentarão:

Na presente Comunicação, serão focalizados exemplos do emprego de computação eletrônica em Projetos de pesquisa histórica, desenvolvidos no Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, e que se vêm utilizando os serviços do computador IBM 1130, e do plotter 1627, do Centro de Computação Eletrônica da Universidade, órgão instalado em setembro de 1969 (Balhana; Westphalen, 1972, p. 1).

No contexto dos anos 60 e 70, em que a tecnologia do computador se tornava indispensável para empresas que lidavam com quantidade cada vez maiores

---

<sup>49</sup> "Desde que instalado o Centro de Computação Eletrônica da Universidade Federal do Paraná, e estando já em curso Projeto com o emprego de técnicas quantitativas, em julho de 1970, foi iniciada a aplicação do computador no processamento de dados relativos ao Projeto n.º 2 — Navios e mercadorias no porto de Paranaguá, sob a direção da Professora Cecília Maria Westphalen. Objetivava-se, no tratamento da informação, nessa fase, c. construção de "leques de curvas", conforme metodologia proposta por J. Bertin. Assim, foram, de início, submetidos ao processamento, 27.600 dados positivos ou negativos, referentes ao movimento de entradas e saídas de embarcações no porto de Paranaguá, no século XIX, sua procedência e destino, tipos, nacionalidades, tonelagens, equipagens, e outros, bem como listas de mercadorias importadas e exportadas, sua proveniência e destino, quantidades, preço e outros. Foram construídas 19 tabelas comportando 276 séries de informações, de 1801 a 1900, que resultaram no traço de 276 curvas, sendo 223 relativas à navegação e 53 relativas ao comércio. A escala logarítmica adotada na construção gráfica, uma vez montadas as transparências com cada curva sobre um suporte separado, realizada a interpretação, permitiu o estudo das variações conjunturais e das tendências de longa duração, pela percepção da imagem visual, manipulação e reagrupamentos comparativos. Por sua vez, desde junho de 1971, tem sido utilizada a computação eletrônica no tratamento inicial dos dados demográficos sobre a evolução da população de Curitiba no século XIX, ou seja, de resultados parciais do Projeto n.º 3 — História Demográfica do Paraná, sob a direção da Professora Altiva Pilatti Balhana. Foram construídas as séries anuais de batizados, casamentos e óbitos, no total de 87.248 registros, e calculadas as medidas decenais para cada uma das séries no período estudado. Ao mesmo tempo, com os resultados preliminares obtidos, o plotter traçou as curvas que evidenciaram as flutuações do movimento de batizados, casamentos e óbitos ocorridos na Paróquia de Nossa Senhora da Luz de Curitiba, no século XIX. Presentemente, estão recebendo idêntico tratamento, os dados levantados para o século XVIII, bem como os arquivos da Comunidade Evangélica de Curitiba, e das Paróquias de Abranches e de Santa Felicidade, relativos aos imigrantes alemães, poloneses e italianos, de grande significação na formação da população de Curitiba" (Balhana; Westphalen, 1972, p. 3-4).

de números produtos, vendas e registros, a historiografia demográfica paranaense também necessitava de sua operacionalidade para altas quantidades de informações que vinham e viriam dos arquivos organizados, de que as respectivas historiadoras era as despertadoras e mediadoras. Com isso, a tecnologia dos computadores era vista como aliada e parceira do ideal científico que as proponentes da renovação historiográfica paranaense tinham para historiografia:

A historiografia atual, renovada metodologicamente, e aproveitando-se das modernas técnicas postas à sua disposição pelo progresso da ciência, objetiva uma História científica, dinâmica, concreta. Assim, além das técnicas tradicionais que visam obter informações que conduzem apenas a avaliações qualitativas, decorrentes da própria abordagem qualitativa, a nova historiografia vem largamente empregando métodos, técnicas e recursos operacionais que visam obter dados e informações, direta ou indiretamente quantificáveis, acerca de tudo quanto pode ser medido ou contado na História. A sua utilização permite dispor de instrumentos de análise altamente precisos e objetivos que libertam o historiador de seus julgamentos intuitivos e limitados pelos seus quadros de referência, fornecendo bases de apoio indispensáveis às avaliações qualitativas (Balhana; Westphalen, 1972, p. 1).

Vemos que a historiografia preconizada pelas historiadoras formadoras era uma história científica. Era esse o projeto de história que queriam deixar para a posteridade. O objetivo era combater, ou melhor falando, depurar o conhecimento histórico que até então tinha vigorado no cenário brasileiro, marcado por interpretações que carregavam imprecisões ou generalizações incompletas, por desconsiderar dados e as individualidades regionais. A década que se abria seria o do milagre da saída do artesanato para o alcance e complexificação, a partir do uso de computadores e estatística:

As possibilidades e vantagens de estudo e análise, oferecidas pelo emprego de computadores na História, são de extraordinário alcance, permitindo atingir maiores profundidades e amplitudes extensas, ou sejam, o tratamento de um maior número de variáveis, para períodos mais longos de tempo, mesmo seculares, ou seja, ainda, a observação microscópica de macro-corpus. A abordagem quantitativa, com o emprego de computadores, permite abranger senão todas as situações, mas uma grande soma delas, e não apenas aquelas que podem, eventualmente, ocorrer ao pesquisador artesanal, enquadrado que está pelo seu instrumental lógico e operacional, atingindo, em consequência, maior grau de complexidade, com maior grau de segurança e objetividade (Balhana; Westphalen, 1972, p. 2).

O uso da tecnologia do computador no fazer historiográfico, introduzido pelas historiadoras formadoras e adotado pelas historiadoras que aqui estudamos, fazia parte do projeto de tornar a história do Paraná científica. Com isso, ao

divulgar/encorajar para o campo historiográfico nacional, coloca-se a história no mesmo nível das demais Ciências Sociais:

Os historiadores justamente se acham em retardamento em relação aos demais cientistas sociais. Esse atraso tem tido como consequência que cientistas políticos, economistas, demógrafos, sociólogos, e outros, têm produzido História quantitativa, enquanto os, historiadores de ofício ainda relutam em praticá-la e mesmo aceitá-la, arraigados que se encontram sobretudo a preconceitos relativos à própria natureza da ciência histórica (Balhana; Westphalen, 1972, p. 2).

Apesar de não termos base para indagar sobre a real situação do embate da História e demais Ciências Sociais no Brasil, podemos tomar essa fala das autoras como sinal de alinhamento com o debate internacional, incorporado pela vertente francesa braudeliana, a qual queria colocar a história em pé de igualdade às demais ciências sociais. A demografia histórica e a história econômica faziam parte e eram um dos sustentáculos desse projeto, operando a partir de altas quantidades de fontes e de forma seriada – a exceção e a individualidade acabavam perdendo a força, em detrimento da série e da recorrência. Para isso, a tecnologia era o apoio que tornaria possível tal empreendimento, de forma que o historiador não poderia recusar o uso:

De modo que, antes que relutar, e mesmo rejeitar a priori, os historiadores devem realizar experimentos válidos, desde simples aplicações até o emprego altamente sofisticado de computadores, sobretudo no campo da História do Brasil, tão marcada pela erudição e tradicionalismo, e, onde, senão em abundância inesgotável, existe material que pode fornecer evidências direta ou indiretamente quantificáveis, ainda totalmente inexploradas (Balhana; Westphalen, 1972, p. 3).

O objetivo era ousado, e vemos que a utilização dos recursos de computador nos casos de Maria Aparecida Cezar Gonçalves e Elisabete Alves Pinto visavam a atingir os mesmos objetivos, perceber “leis” ou “princípios”<sup>50</sup> de mudança e comportamento histórico de sociedades.

As experiências relatadas são ainda iniciais expressam resultados parciais. Todavia, já se pode concluir que o emprego do computador nos Projetos referidos, pode dar bases concretas de apóio para a análise e interpretação históricas, bem como permitiu realmente a manipulação de grandes quantidades de informações, de tal maneira que puderam ser inferidas regularidades que facilitam a exemplificativa **nomotética** na História (Balhana; Westphalen, 1972, p. 4, grifo nosso).

---

<sup>50</sup> Nomotética pode significar leis, princípios ou padrões gerais de explicação do desenvolvimento histórico.

Para esse projeto científico, impunha-se o problema da formação de profissionais para levá-los a cabo. No contexto paranaense, as historiadoras formadoras se dedicaram a formar profissionais para construírem a história regional do Paraná, com cientificidade. As autoras apontam para esse ponto:

Entretanto, a maior dificuldade encontrada para o seu emprego, dificuldade aliás de quase todos os historiadores que, até aqui, de modo geral, não possuem suficiente formação matemática e estatística, reside na elaboração de programas para o computador (Balhana; Westphalen, 1972, p. 4).

As historiadoras olhavam para os historiadores do futuro de forma profética e diziam: “Este é o problema fundamental a ser resolvido, pois o historiador do futuro” (p. 4), frase que se completa com Le Roy Ladurie, segundo o qual o historiador será programador ou não será. O historiador de hoje, 2026, só pode ser aceito nas comunidades acadêmicas com textos redigidos e formatados pelo computador e, para além disso, a escala das revisões é dependente da tecnologia. A comunicação da história, a chamada história pública atual, precisa dialogar com os meios de comunicação, que chamamos de redes sociais, e ao uso cada vez mais constante de softwares e inteligência artificial.

O Departamento de História da UFPR atuou de forma deliberada e consciente para desenvolver uma história regional do Paraná através de seus professores, primeiro com o chamado Seminário de História e depois, principalmente, com o Curso de Pós-Graduação. O Paraná foi investigado em diversos arquivos, na busca por fontes que abordassem a comunidade, direta ou indiretamente. Nesse processo, destacam-se personagens como Cecília Maria Westphalen e Altiva Balhana Pilatti, consideradas pioneiras nesse sentido. Vemos um movimento inicial das respectivas autoras de buscar aprimoramento em centros do exterior para aprender novas técnicas, teorias e metodologias renovadas da historiografia.

É esse lugar, com essas representações e concepções, que Maria Aparecida e Elisabete Alves vão encontrar. A partir dele, encontram seus objetos e o arcabouço teórico-metodológico para pesquisa. Vão individualizar a experiência histórica de Ponta Grossa, a partir de massivas quantidades de documentos, quantificando dados e os apresentando em tabelas e gráficos.

Percebemos, a partir da relação entre a trajetória da historiografia e a trajetória das historiadoras de Ponta Grossa com a do Paraná e da UFPR, a existência de uma divisão de função intelectual, pois os historiadores do interior (margem) deveriam

estudar as cidades locais do Paraná e produzir a interpretação dessas realidades, e os historiadores intérpretes do quadro geral do Paraná que apresentariam a síntese à comunidade historiográfica brasileira seriam os historiadores do centro (DEHIS-UFPR).

Com essa consideração, aventamos a ideia de que, dentro dessas relações a partir das malhas institucionais, existiam posições definidas, portanto, pressupondo uma hierarquia, na qual um grupo como o dos professores formadores do DEHIS-UFPR estabelecia o projeto, os temas, os modos de pesquisar, os referenciais autorizados, e aceitavam pesquisadores que se enquadrassem ou aceitassem esse projeto. Nessa relação, esses pesquisadores e pesquisadoras em formação desenvolveriam suas pesquisas e teses dentro do projeto maior de História Regional do Paraná, sobre história de localidades menores, como cidades, ou temas menores, com orientação a produzir uma história visando o total dessa localidade, a partir do período recortado. A pesquisa contribuiria, nesses aspectos, com o projeto de História Regional do Paraná, sobre o qual quem detinha a posição para representar de forma abrangente seriam os historiadores formadores.<sup>51</sup> Assim, a história local e regional pode ser definida no sentido teórico-metodológico, conforme aponta José D'Assunção de Barros (2022, p. 51-52):

No Brasil, país de dimensões continentais, a dinâmica das expressões História Local/História Regional, conforme se vê, também pode ser utilizada para estabelecer essa relação entre espaços menores e espaços maiores, que os integram. Esses usos passam por decisões dos próprios historiadores envolvidos nesses estudos. É muito comum a utilização da designação história regional para os espaços mais amplos: por exemplo, nos casos em que a História Local estabelece conexões com a História Econômica. Além de se falar na região do Vale do Paraíba – uma área que pode abarcar muitas localidades menores – fala-se também em regiões definidas pelo principal tipo de atividade econômica que as recobrem em certos períodos históricos (região mineradora, região da borracha). O uso do conceito de 'região' como uma noção intermediária entre o 'local' e o 'nacional' [...].

A diferenciação do historiador do local e do regional era operacionalizada a partir de um jogo de posições dentro do campo acadêmico no Paraná, sendo sinalizada a partir de hierarquias dentro das estruturas institucionais e espaços simbólicos que geraram consagração conquistada a partir de atuações dentro do quadro intelectual e historiográfico paranaense.

---

<sup>51</sup> Nesse sentido, a diferenciação entre História Local e Regional era marcada pela linha de posição de sujeitos pesquisadores na relação estabelecida dentro da geração e organização social.

### **CAPÍTULO 3 – A CONSTRUÇÃO DE UM LUGAR: FORMAÇÃO DE PROFESSORE(A)S E PESQUISADORE(A)S DO DEHIS-UEPG**

Você sabe que, entre os seres humanos em uma família, em um clube ou em um sindicato, as pessoas falam sobre o “espírito” dessas instituições. Elas falam sobre o seu “espírito” porque os membros individuais, quando estão juntos, realmente desenvolvem formas particulares de falar e de se comportar que eles não teriam se tivessem separados. É como se uma espécie de personalidade comunal viesse à existência. (C. S. Lewis)

Certamente não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, tanto quanto se possa estendê-las, capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde falo e do domínio em que realizo uma investigação (Michel de Certeau).

Parece-nos que um lugar afeta a produção de discursos historiográficos. Ao enunciar uma fala ou escrita, o lugar de produção enreda numa posição de segurança, ou mesmo afeta e influi na linguagem de quem enuncia. Ainda parece que a durabilidade do estatuto e a circulação da fala do enunciador serão tanto mais prováveis de continuidade – mesmo que não seja o único fator - quanto for a do seu lugar de produção. Nesse sentido, as epígrafes nos dizem algo sobre o efeito do lugar nos comportamentos humanos para nosso interesse, sobre historiadores e seus discursos. Portanto, neste capítulo propomos investigar a transformação do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa e como trajetórias encontram espaço oportuno, a partir da situação geracional, de desenvolver suas carreiras e ao mesmo tempo contribuir para a construção de um espaço sólido e profícuo na produção historiográfica.

### 3.1 HISTÓRIA DE UM DEPARTAMENTO: A CONSTITUIÇÃO DE UM LUGAR

Fotografia 7 - Universidade Estadual de Ponta Grossa, década de 1970



Fonte: Ponta Grossa Histórica

A fotografia acima serve para ilustrar algo: a segurança de um lugar. O lugar chamado Universidade. Este espaço social irá, na historiografia de e sobre Ponta Grossa, ser espaço social e simbólico seguro<sup>52</sup> para formação e estabilização da produção historiográfica. Porém, os lugares não nascem prontos ou não nascem com a mesma identidade institucional que tomam durante o tempo. Para entendermos a atuação e as obras historiadoras do departamento, nas produções das historiadoras já citadas, precisamos fazer entender o contexto mais amplo que deu base material e

---

<sup>52</sup> A palavra segurança é usada no sentido de que instituição universitária fornece base profissional, material e contribui para a formação de sociabilidades que possibilitam trocas formativas no âmbito intelectual. As dificuldades que encontram indivíduos e grupos sem apoio material certo, como agremiações, no contexto da segunda metade do século XX, na cidade de Ponta Grossa, são um indicativo.

moral. Nesse contexto, precisamos compreender a formação da UEPG e a trajetória do curso de História.

As instituições e o poder que elas adquirem como produtoras reconhecidas de conhecimento têm sua história. Na história do Paraná, em específico de Ponta Grossa, é sabido, dentro da produção de conhecimento, que essa era feita fora dos padrões acadêmicos e ambiente universitário. No caso do conhecimento histórico, vimos que ele esteve localizado principalmente nos centros, classe e por iniciativas individuais.

O curso de História da atual UEPG tem, portanto, uma trajetória histórica. Criado dentro da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciência e Letras de Ponta Grossa<sup>53</sup>, era uma formação dupla, História e Geografia, composta pelo curso de Didática. Resumindo essa trajetória, a historiadora Silvana Maura Batista Carvalho escreve:

Na FEFCL-PG, entre os primeiros cursos criados, esteve o Curso de Geografia e História e o Curso de Didática, em funcionamento de 1950 a 1965. O Curso de Licenciatura em História foi implantado em 1963 e modificado no final da década de 1960, em atendimento à Lei 5.540/68 – Reforma Universitária, com as novas mudanças, como a implantação do sistema de créditos e a semestralização das disciplinas, mudanças nas grades curriculares, entre outras. Ainda, atendendo à referida Lei, a antiga Faculdade de Filosofia de Ponta Grossa passou a incorporar a recém-formada Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), a partir de 1970, na qual permanece o curso de formação de professores de História até os dias atuais (Carvalho, 2010, p. 18).

Fazendo parte do contexto do ensino superior para o interior, alinhado às expectativas político-econômicas da conjuntura, tinha a proposta de formação de professores. O Brasil vivia um *boom* industrial, novas tecnologias entravam no mercado de trabalho, necessitando de mão de obra qualificada para essa necessidade do mercado; escolas de ginásio e secundário começam a ser criadas. No contexto das décadas de 1930 e 1940, período de nacionalização no Brasil,

Portanto, reconhece-se que a criação da Faculdade de Filosofia de Ponta Grossa deveu-se a inúmeros fatores que concorreram para a concretização

---

<sup>53</sup> Almeida (2025, p. 27) afirma: “A criação da FEFCL-PG ajudaria também o próprio grupo de professores, a terem a possibilidade de atuar em uma instituição de ensino superior na cidade que residiam, e pela possibilidade do ingresso nessa modalidade de ensino das suas próximas gerações e de indivíduos das suas redes de sociabilidades. Ter a formação em um curso de nível superior dentro da sociedade ponta-grossense, não poderia contribuir apenas nos recursos culturais, mas também simbólicos, sociais e econômicos desses indivíduos”. O projeto do grupo que formou uma comissão para lutar pela FEFCL-PG tinha interesse na criação de um espaço de Ensino Superior, na cidade, por diversos motivos, incluindo um lugar para atuarem. Para mais informações sobre a Comissão, a mesma autora defendeu, em fevereiro de 2026, tese no PPGE da UEPG, na qual aborda a comissão de criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa.

desse projeto, dentre os quais se destacam o desenvolvimento político-econômico e educacional do Estado e da Região dos Campos Gerais; a presença de representantes políticos ponta-grossenses no governo do Estado; de representantes paranaenses no Poder Legislativo Federal; **e a localização estratégica da cidade, que desde a década de 1930 encontrava-se em franco desenvolvimento, vindo a concentrar ainda o potencial da população estudantil, formada nas escolas estaduais e particulares, criadas entre as décadas de 1920 e 1950** (Carvalho, 2010, p. 61, grifo nosso).

Neste sentido, as FAFIS por todo o Brasil cumprem este papel de formar professores que iriam trabalhar nestas escolas. Com o crescimento de escolas básicas alinhadas ao governo e devido à proposta de formar brasileiros aptos para este mercado que surgia, seriam necessários professores minimamente capazes deste ensino. Neste contexto, a FEFCL-PG surge, também, como fruto de luta política e intelectual de famílias e intelectuais da cidade de Ponta Grossa. Portanto, é neste entreposto entre vontade nacional e luta local que a criação acontece. O grupo de intelectuais alocados no Colégio Regente Feijó e no Centro Cultural Euclides da Cunha teve atuação na estruturação do Curso de Geografia e História, em primeiro momento, na docência, conforme Guebert (2018, p. 90-91):

Lendo-se a documentação referente à FFCL, verifica-se a presença de seus nomes na formulação do Regimento Interno e no conselho técnico-administrativo, responsável, por exemplo, pela organização das bancas examinadoras e critérios dos exames do concurso vestibular, bem como da montagem dos programas das disciplinas. Além dos cursos de Geografia e História e de Letras Neolatinas efetivados, o Regimento da FFCL previa a criação de um curso de Ciências Sociais, também com duração de três anos. Este último não saiu do papel, mas 'Antropologia', 'Etnografia' e 'Etnografia Brasileira' foram disciplinas institucionalizadas na grade curricular do curso de Geografia e História. Nesse curso, ao menos quatro cadeiras – Geografia Cultural, História do Brasil, Antropologia e Etnografia – foram logo de início assumidas por euclidianos e sinalizam similaridades e mesmo um circuito de conteúdo entre o CCEC e a FFCL.

Apesar de o Estatuto que regia o ensino superior no Brasil prever que também nestas faculdades deveria haver estímulo à pesquisa, Carvalho (2010), a partir de fontes institucionais e memória de alunos e docentes, nota que, na prática, isso não se verificou. Na memória de alunos, ela percebeu um claro corte entre a concepção de docência e de pesquisa. Assim, o curso cumpriu, nos seus primeiros anos, a tarefa de formação de professores para o ensino básico, deixando a pesquisa ou formação de historiadores para outra geração, conforme Carvalho (2010, p. 131):

O foco da pesquisa, previsto no estímulo ao espírito de investigação, não se evidencia nas prescrições curriculares e nem nas práticas docentes dos professores da década de 1950, entrevistados neste trabalho. Quando

questionados sobre a presença da pesquisa em sua atuação, apenas comentam que faziam pesquisas bibliográficas para a preparação de suas aulas, o que revela o modelo de formação inicial dos docentes e a coerência em suas práticas.

Ainda sobre esse processo, destaca como Ponta Grossa, conforme apontado, estava vivendo uma fase de criação de escolas, além disso, cumpria papel fundamental na região. Com isso, a necessidade de professores era urgente e, tanto por seu papel regional como por sua própria situação, começou a se organizar, na intelectualidade e na política local, a possibilidade da instituição de uma faculdade. Sobre essa situação - proliferação de escolas e necessidade de professores -, a autora escreve:

Percebe-se a ampliação da rede escolar, tanto pública como privada, nos municípios da região, na primeira metade do século XX. Na década de 1910, havia duas escolas primárias, e no início da década de 1950, contava-se com 19 instituições escolares (Anexo B). Esses dados confirmam o funcionamento da política educacional de expansão para o interior dos Estados e corroboram a condição privilegiada da cidade de Ponta Grossa na região. Do total de instituições escolares instaladas, 11 foram criadas na cidade de Ponta Grossa, o que justifica, sendo esta um polo educacional na região, **o aumento potencial de alunos para o curso secundário e, conseqüentemente, o aumento da demanda de formação de professores para esse nível de ensino** (Carvalho, 2009, p. 61, grifo nosso).

Pela necessidade e propósito de criação da Faculdade, conseguimos inferir os motivos que deram rosto ao curso de História, o rumo que tomou nos primeiros anos, não tendo a proposta voltada à pesquisa, mas à formação de professores. Assim, tendo como base a pesquisa de Carvalho, podemos concluir que a “constituição de pesquisadores e linhas de pesquisa, que respondesse e dialogasse com as reflexões de âmbito nacional e internacional ficaria para mais tarde, na década de 1970” (Zainedin, 2021, p. 30).

Ao percebermos que o departamento surgiu de um projeto político e intelectual - de um lado, com o objetivo de formar professores devido à conjuntura socioeconômica externa, de outro, motivado pelo interesse de grupos de intelectuais que sentiam a falta de um lugar estruturado para refinar, através das letras e da ciência, a região -, constatamos que essa tensão se prolonga desde a primeira geração.

A tensão está no contraste entre o regime próprio vigente na cidade e a noção moderna de faculdade, marcada pela organização do saber a partir de formações específicas. No início do curso, como nos mostra Carvalho (2010), para a atuação

docente, não era necessária e nem foi cobrada uma formação disciplinar para atuar nos cursos disponíveis. Foi normal, no início, a atuação de médicos, engenheiros e advogados nos cursos das diversas áreas, inclusive no de história.

É sintomático, nesse sentido, que Guízela Velêda Frey Holzmänn, em comunicação apresentada em evento da ANPUH, na cidade de Campinas (SP), em 1969, ao ser questionada pela historiadora identificada como Júlia Folgueras Bécares acerca de uma bibliografia sobre a história da cidade, não tenha citado nenhuma produção do Departamento. Vejamos a bibliografia citada:

Quanto à bibliografia referente à cidade e à sua história informa que as principais obras são as seguintes: 1). - *A fundação de Ponta Grossa*, de Pedro Novais. Obra comemorativa do Centenário da cidade. Contém alguma documentação, mas é trabalho de poucas páginas, inteiramente dedicadas à localização, data e autoria do evento. 2). - *Crônicas comentadas de episódios e ocorrências da politicamente agitada vida ponta-grossense de outrora*, de Heitor Ditzel. 3). - *Cinco histórias convergentes*, de Epaminondas Holzmänn. Conta parte do desenvolvimento da vida princesina através de cinco biografias convergentes. 4). - *A fundação de Ponta Grossa*, de Reinaldo Ribas Silveira. 5). - *Várias crônicas da vida de Ponta Grossa* de Daily Luís Wambier, abrangendo períodos diferentes, principalmente da vida sócio-cultural da comunidade. 6). - *Tipos populares de Ponta Grossa*, de Manuel Cirilo Ferreira. Pequena coletânea de fatos e acontecimentos da Ponta Grossa dos fins do século XIX e começos do XX. 7). - *Vários artigos e conferências sobre os Campos Gerais e a vida cultural da cidade*, do Dr. Augusto Faria Rocha. 8). - *O desenvolvimento da pecuária nos Campos Gerais*, de Brasil Pinheiro Machado e Altiva Pilatti Balhana. Publicado nos Anais da Universidade do Paraná. 9). - *História do periodismo nos Campos Gerais*, de José Cadilhe, através do qual a Autora tomou conhecimento com as dificuldades com que se defrontam os que desejam conhecer as fontes históricas de Ponta Grossa. 10). - *A fazenda do Cambijú*, de Adar Silva, marco inicial das atividades pecuaristas nos Campos Gerais. 11). - *Breve histórico do povoamento dos Campos Gerais*, de Lindolfo Pombo. Era irmão de Rocha Pombo e residiu algum tempo em Ponta Grossa. 12). - *A capela do Pitangui*, de João Alves Reis. O autor conta como os jesuítas da Casa das Missões de Paranaguá chegaram a Ponta Grossa, relatando o árduo trabalho dos primeiros tempos, até a concretização de suas obras. 13). - *Ponta Grossa cultural*, de Faris A. S. Michael. Obra de grande valor. Mais um testemunho da grandeza intelectual do autor que é um dos nomes de maior projeção na cultura de Ponta Grossa. 14). - *O vôo da pombinha e A encruzilhada do Paraná*, de Eno Theodoro Wanke. Um poema e uma síntese histórica da cidade, escritos com sentimento e apurado senso crítico. É autor de uma outra obra de valor, *Os campos do nunca mais*, onde fala da beleza panorâmica de Ponta Grossa. 15). - *Arquivos e História dos Prefeitos*, de Farid Hafiz e Guaracy Paraná Vieira. 16). - *Campos Gerais e Estruturas Agrárias*, dos Professores Brasil Pinheiro Machado, Altiva Pilatti Balhana e uma equipe de outros professores. (Holzmänn, 1969, p. 363-364).

Percebemos que a história da cidade era produzida, conforme referido pela historiadora, fora do âmbito universitário, mesmo quando produzida por professores, como no caso de Faris Michael. Vemos que os trabalhos que estavam sendo produzidos dentro da Universidade e a partir dessa comunidade de pesquisadores

vinham do Departamento de História da UFPR, com destaque para Brasil Pinheiro Machado, a quem a autora cita como “os professores”. Em depoimento, ela afirma:

[...] com o professor Brasil [Pinheiro Machado] que eu aprendi o que era pesquisa, aí sim eu pude melhorar a disciplina [Introdução aos Estudos Históricos]. [A senhora trabalhava com pesquisa com os alunos, na sua disciplina? Pesquisa bibliográfica ou pesquisa de campo?] As duas, eu pegava os alunos e ia lá para a biblioteca, e dizia: ‘agora vocês vão pesquisar sobre tal assunto’. E saía, fazia viagens, no 1º semestre para a Lapa, no 2º semestre para Paranaguá. Lá para Morretes, depois, separado para Antonina. Lá para cá, Imbituva, Prudentópolis, Castro, Pirai do Sul [...]. [Entrevista em 17/03/2009] (Holzmann *apud* Carvalho, 2010, p. 243).

Essa relação com o Departamento de História da UFPR se estreitará por cursos que os respectivos professores ministravam em Curitiba e em Ponta Grossa, e depois, a partir de 1972, a partir do curso formador que foi a pós-graduação de História do Brasil, conforme explicitado no capítulo anterior. O próprio texto e comunicação de Holzmann fazem parte de um despertar na organização de fontes para a história local,

No levantamento das fontes do arquivo da Câmara Municipal, a professora responsável pelo mesmo, contou com a colaboração de um grupo de alunos da 1ª série do Curso de História, que pesquisaram toda a coleção de Livros de Leis. Pretende-se, com este trabalho, colaborar no sentido de facilitar mais, daqui para frente, o arrolamento das fontes históricas a todos os estudiosos que se interessam por essa matéria, e incentivar o gosto pela pesquisa histórica (Holzmann, 1969, p. 362).

No entanto, apesar de a organização de acervos, como os da Câmara Municipal, iniciar no final da década de 1960, como é o caso de Holzmann (1969) e outros, a partir do incentivo e orientação do DEHIS-UFPR, é sintomático que, em uma Mesa-Redonda, ocorrida em Curitiba em 1971, para debater a situação da pesquisa historiográfica no Brasil, não seja mencionado nenhum professor do DEHIS-UEPG. O fator desperta ensejo para entendermos a falta como representativa da realidade que vivia o Departamento de História da UEPG, uma vez que, na lista de participantes dessa mesa e evento, constam historiadores do Departamento de História da Faculdade de Filosofia de Guarapuava, da Universidade Estadual de Londrina, Faculdade de Filosofia de União de Vitória e outras partes do Brasil. Podemos saber da ausência pela lista fornecida no descritivo da Mesa (Mequelusse; Westphalen, 1971, p. 354-356).

Na grade de disciplinas do Curso de História, ainda na FEFLC-PG, em 1966, conforme apresenta Carvalho (2010, p. 180-181), baseando-se no Relatório de Atividades, percebemos um currículo ainda para formar professores, não sendo

indicada nenhuma disciplina específica sobre metodologia de pesquisa, com exceção da disciplina de Introdução aos Estudos Históricos. Porém, essa disciplina, apesar de apontar para questões referentes à construção de conhecimento histórico, em seu programa, mostrava-se tímida e incipiente para a mudança de identidade departamental do DEHIS-UEPG.

Em livro escrito para comemoração dos 150 anos da cidade de Ponta Grossa (1823-1923), organizado por Lourival Santos Lima (Lima, 1975), vemos também a ausência de um professor do Departamento de História da UEPG. Há capítulos escritos por alguns professores da UEPG, mas nenhum vinculado ao Departamento. Podemos, claro, problematizar os motivos de ausência por fatores diversos, como sociabilidades, formas de compreender o conhecimento, mas, ainda assim, chama a atenção a ausência.

Em 1975, em *Álbum de Ponta Grossa*, celebrando os 152 anos da elevação de Bairro à Freguesia, percebemos que o DEHIS-UEPG começava a ser reconhecido. A parte do documento destinada a reconstruir a história da cidade ficará por conta da professora Guízela V. Frey Holzmänn. Em seu texto, retoma as primeiras passagens e ocupações do território, passando pelo contexto das sesmarias, pela constituição política, administrativa e a evolução populacional, até chegar à Ponta Grossa contemporânea da época, utilizando fontes como Atas da Câmara e da Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. A apresentação do Álbum é feita por Faris Michaele, o qual descreve o trabalho que a professora do DEHIS-UEPG estava promovendo no despertar dos estudiosos e interessados na história da cidade, para direcionar a atenção aos Arquivos da região, na localização e organização.

Em Relatório de Atividades de 1974, vemos uma mudança substancial na orientação do Departamento. Percebemos, pela atuação das professoras, o despertar para pesquisas, com foco em história regional. Conforme o Relatório de Atividades de 1974 (UEPG, 1975, p. 18):

O Departamento de História, no mês de maio de 1974, - elaborou Projeto de Pesquisa intitulado 'Um Estudo de História Regional'. O referido Projeto de Pesquisa deverá ser levado a termo por alunos deste Departamento sob a supervisão dos senhores Professores visando preencher uma lacuna lamentável na vida de nossa comunidade, especialmente de Ponta Grossa, cidade sesquicentenária que nada possui de efetiva e cientificamente neste setor, a não ser artigos esporádicos publicados pelo órgão de Imprensa Tapejara, e uma história controvertida e não publicada de Ponta Grossa e região, de autoria do Sr. Ribas Silveira, e ainda recente criação do Instituto Histórico e Geográfico de Ponta Grossa.

Ao se encarregar de produzir essa história científica, o Departamento, a partir da ação e produção dos seus professores, elencava as formas de história que não atendiam aos critérios propostos e precisavam ser superadas. As pesquisas sobre a história local seriam uma atividade científica, da qual tanto alunos como professores participariam. Além disso, identificava grupos e sujeitos que produziam a história, ao mesmo tempo em que estabelecia um corte com a forma e projeto que se pretendia para a história local.

Durante a década de 1970, o currículo do curso passou por mudanças, ganhando, além da formação geral, um foco atento a questões regionais. Nesse sentido, uma disciplina que, até onde conseguimos rastrear, foi incorporada ao programa do curso é a de História do Paraná, no início da década. Influenciados pelo projeto de História do DEHIS-UFPR, o conteúdo programático do curso reproduzia em tema e estrutura, especialmente, dois livros: *História do Paraná (1944)*, de Romário Martins, e *História do Paraná v. 1 (1969)*, da GRAFIPAR, escrito por Altiva Balhana Pilatti, Brasil Pinheiro Machado e Cecília Maria Westphalen.

No Currículo de 1966 (Carvalho, 2010, p. 181), que organizou o Curso de Licenciatura em História, percebemos que não era contemplada nenhuma disciplina específica sobre história local e regional. A disciplina de História do Paraná não consta no programa de disciplinas ofertadas, bem como disciplinas que tenham um encaminhamento que prepare estudantes para a atividade de pesquisa, excetuando a disciplina Introdução aos Estudos Históricos. Sobre ausência do local e regional, escreve Carvalho (2010, 183):

Quanto às disciplinas complementares, não há nenhuma sobre a história local/regional, mas permanece a disciplina com a denominação da antiga cátedra – História do Brasil. Esses aspectos são reconhecidos na composição curricular do Curso de História, pelos registros da documentação institucional, e se evidenciam na prática dos professores, fazendo parte das lembranças docentes.

Nos primeiros anos da década de 1970, o Currículo em curso já possuía a disciplina em História do Paraná. Nesse sentido, tendo conhecimento do conteúdo programático (Anexo B), da atuação dos professores do DEHIS-UFPR e do contato desses com os professores DEHIS-UEPG, percebemos a mudança e a nova orientação que o Departamento tomou naquela época, com foco na história regional e na formação de profissionais com esse arcabouço teórico e metodológico.

Nos anos de 1974 e 1975, o Relatório Anual de Atividades aponta para pesquisas feitas por professores do Departamento. As pesquisas são de cunho local/regional e demonstram o despertar para o levantamento de arquivos e para a história feita a partir de fonte. Estava acontecendo um envolvimento dos alunos para pesquisa, conforme aponta o quadro abaixo. Algumas pesquisas se conectam com publicações de algumas das professoras e projetos de pesquisas mais amplos:

Quadro 2 - Atividades de pesquisa realizadas por Professores – DEHIS-UEPG

| PROFESSORES                         | PESQUISAS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|-------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Ismênia Pinheiro Machado            | Pesquisa com alunos do curso de História em Arquivos Paroquiais.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| Guízela Veleza Frey Holzmann        | Pesquisas com alunos do curso de História na Catedral Sant'Ana e nos Arquivos da Câmara Municipal.<br>Pesquisas em Curitiba, União da Vitória, Prudentópolis, Imbituva, Tibagi, Malé, Ivaí e Guarapuava, para a confecção de um trabalho sobre a Diocese local.<br>Solicitada pela Prefeitura Municipal uma História de Guaragi, e Planejamento para criação do Ensino do 1º Grau.<br>Pesquisas sobre Imigração Russa-Alemã, como parte, realizando visita a Guaragi, em conjunto com alunos do Curso de História e Estudos Sociais, no ano de 1974.<br>Levantamento de fontes de Ponta Grossa no Cartório Hildegard Kossatz com colaboração dos alunos do Curso de História. |
| Aída Mansani Lavallo                | Montagem de 2 projetos de pesquisa: 1º) Exportação Paranaense no século XX e 2º) Ocupação econômica dos campos de Ponta Grossa e Castro, com previsão de início em janeiro de 1976.<br>Levantamento de Arquivos, com auxílio dos alunos do Curso de História, da cidade de Imbituva em 1974.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| Hilda de Oliveira Ladeira           | Levantamento dos Arquivos paroquiais nas Igrejas de Ponta Grossa e levantamento de Arquivos dos Colégios de Ensino de Ponta Grossa.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| José Hyczy Fonseca                  | Pesquisas com alunos e estagiários no Sambaqui de Ribeirão e Sambaqui de Caraguatã.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| Carmencita de Holleben Mello Ditzel | Realizou pesquisas com alunos do Curso de História (6º Período), nos Arquivos da Catedral Sant'Ana.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| Elisabete Alves Pinto               | Realizou pesquisas com alunos do Curso de História nos Arquivos da Catedral Sant'Ana.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| Maria Aparecida Cezar Gonçalves     | Realizou pesquisas com alunos do Curso de História nos Arquivos da Catedral Sant'Ana.<br>Levantamento de Arquivos, em conjunto com a prof. <sup>a</sup> Aída Mansani Lavallo, prof. <sup>a</sup> Arithozina Moreira Sive, com auxílio de alunos do curso de História e de Estudos Sociais, da cidade de Tibagi, e dos Arquivos e histórico da Comunidade Ucraniana em 1974.                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |

Fonte: Relatório Anual de Atividades (UEPG, 1975, p. 16-17).

Os professores do DEHIS-UEPG já eram requisitados por setores da comunidade para eventos como palestras e produção de pesquisas. A tipologia de documento Relatório de Prestação de Contas a um órgão estadual e nacional mostra

também o surgimento de uma nova modalidade historiadora, que estaria dentro das Universidades, receberia daí seu apoio material e intelectual, ao mesmo tempo em que precisaria mostrar em produção sua razão de ser, ou seja, precisaria mostrar ao financiador sua relevância social, seja na formação de novos profissionais com uma visão cívica, seja na produção de conhecimento para essa sociedade que circundava. Nesse aspecto, vemos informações que nos fazem concluir que parte da comunidade ponta-grossense já reconhecia o DEHIS-UEPG como lugar produtor de conhecimento histórico na década de 1970. Os seus professores, parece-nos, também tomavam para si a responsabilidade pelo conhecimento de cidades da região dos Campos Gerais. Vejamos algumas das publicações de professores do Departamento, nessa década:

Quadro 3 - Produções escritas de professores do DEHIS-UEPG, 1970

| PROFESSOR                       | PRODUÇÃO ESCRITA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|---------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Aída Mansani Lavallo            | A madeira na economia Paranaense (Dissertação de Mestrado/1974)<br>Análise Quantitativa das Tropas passadas no Rio Negro (1830 – 1854) (Tese de Livre Docência/1975)<br>Trapeirismo na Conjuntura da 5ª Comarca de São Paulo (Boletim do DEHIS-UFPR) (UEPG, 1975, s. p.)<br>Levantamento dos Arquivos da cidade de Imbituva (UEPG, 1976, p. 89) |
| Guízela Veleda Frey Holzmann    | História de Ponta Grossa (1975), Editora Requião<br>Sínteses Históricas dos Arquivos de Pirai do Sul e Jaguariaíva, pela UFPR (UEPG, 1975)<br>Resumo Histórico sobre a Diocese de Ponta Grossa (UEPG, 1976, p. 89)<br>Monografia sobre Distritos de Ponta Grossa, pela FUNDEPAR (UEPG, 1975, s. p.)                                             |
| José Hyoszy Fonseca             | Publicação referente ao Dia do Índio no Jornal Iapó, em 30/04/1975 (UEPG, 1975)                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| Maria Aparecida Cezar Gonçalves | Estudo demográfico da Paróquia Nossa Senhora Sant'Ana (1823-1879) (Dissertação de Mestrado/1979)                                                                                                                                                                                                                                                |
| Elisabetes Alves Pinto          | A população de Ponta Grossa a partir do Registro Civil (1889-1920) (Dissertação de Mestrado/1980)                                                                                                                                                                                                                                               |
| Hilda de Oliveira Caldeira      | Um estudo sobre a Imigração Holandesa nos Campos Gerais (UEPG-Cadernos Universitário/1976) (UEPG, 1976, p. 89)                                                                                                                                                                                                                                  |

Fonte: Relatório Anual de Atividades (1975/1976) / Banco de Dados de Dissertações e Teses UFPR.

Além das pesquisas desenvolvidas na década de 1970, a partir dos documentos, podemos ver uma preocupação na qualificação do corpo docente já atuante e na oferta de cursos de qualificação para futuros professores e estudantes. Os professores do DEHIS-UEPG, muitos deles, buscavam qualificação em outras

instituições, com destaque para a UFPR. É o caso daquelas que cursaram o Mestrado em História do Brasil e o concluíram, bem como das que iniciaram o mesmo curso, mas não o concluíram<sup>54</sup>. Ainda havia a busca por cursos de qualificação de carga horária menor<sup>55</sup>. Alguns professores buscaram qualificações em outros centros<sup>56</sup>, mas o certo é que houve um movimento em prol da capacitação. Em 1974, em movimentos e acordos com colegas de Departamento, por exemplo, Maria Aparecida Cezar Gonçalves, Elisabete Alves Pinto e Aída Mansani Lavallo foram fazer curso no DEHIS-UFPR sobre Romário Martins:

O Departamento de História deu condições às Professoras Aída Mansani Lavallo, Elisabete Alves Pinto e Maria Aparecida Cezar Gonçalves, para participarem do Colóquio de Estudos Sobre Romário Martins, realizado em Curitiba, nos dias 8, 9, 10, 11 e 12 de dezembro de 1974, sob os auspícios do Departamento de História UFPR (UEPG, 1974, p. 16).

No Relatório de 1976, há a notícia de que o Departamento realizou a VII Semana de Estudos Históricos, com programação de palestras, garantindo ao participante um certificado. Segundo o registro, houve 171 inscritos e foram emitidos 110 certificados (UEPG, 1976, p. 90). Algumas das palestras foram ministradas por professores do DEHIS-UFPR. Vemos uma preocupação em ambientar e atualizar os alunos no cenário historiográfico:

- Dia 03/05 – Tema: “Atual panorama da Arqueologia Brasileira”. Professor: José Wilson Rauth
- Dia 04/05 – Tema: “Atual Panorama da Arqueologia Brasileira”. Professor: José Wilson Rauth
- Dia 05/05 – Tema “Imigração Ucraniana no Paraná”. Professora: Dra. Oksana Boruzenko.
- Dia 06/05 – Tema: “Imigração no Paraná”. Professor: Rui Cristóvan Wachowicz.
- Dia 07/05 – Tema: “Depopulação na América Após o Descobrimento”. Professora: Altiva Pilatti Balhana (UEPG, 1976, p. 90)

<sup>54</sup> É o caso da professora Hilda de Oliveira Ladeira, que cursou entre 1973 e 1975, mas acabou não concluindo, como aponta o Relatório de Atividades de 1976.

<sup>55</sup> Como Guízela Veleza Frey Holzmann, Líria Aracema Borsato e Brasil Borba, que participaram do 1º Ciclo de Estudos da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG), em novembro de 1974 (UEPG, 1974, p. 15). Podemos inferir que tal formação tinha alguma relação com a preparação dos professores para o curso de Estudos Sociais, o qual foi assumido pelo DEHIS-UEPG, nesse mesmo ano, e/ou algum grau de ligação com as disciplinas de Organização Política e Social do Brasil e Estudos dos Problemas Brasileiros. Estas disciplinas eram ministradas tanto no Curso de Estudos Sociais como em quase todos os Cursos da UEPG, pelos professores do DEHIS-UEPG.

<sup>56</sup> Como é o caso do professor Hécio de Oliveira Ladeira, que cursou “Pós-Graduação e Mestrado – História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Início – março de 1973” (UEPG, 1975).

A qualificação era realizada de forma interna tanto para alunos como para professores e futuros integrantes do corpo docente. Nesse sentido, sabemos da existência de Cursos Especiais de Férias, que aconteciam geralmente entre janeiro e fevereiro, os quais os professores ofertavam. No ano de 1976, entre os dias 2 de janeiro e 15 de fevereiro, a título de exemplo, aconteceram três cursos, *História Medieval II*, ministrado pela professora Marilda Coutinho Womika; *História Moderna*, pela professora Elisabete Alves Pinto; e *Estudos dos Problemas Brasileiros*, com a professora Líria Aracema Borsato.

O treinamento para futuros profissionais também era realizado pelo Departamento em formato de estágio, geralmente de 300h. Em 1974, verificamos, pelo Relatório Anual, uma quantidade considerável de professores já graduados buscando qualificação, para, por certo, posteriormente poder fazer parte do corpo docente na Universidade:

Quadro 4 - Relação de estagiários em formação – DEHIS-UEPG

| PROFESSORAS (ES)               | DISCIPLINAS                                                                                                       |
|--------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Giolita Consuelo Madalosso     | Estagiária em Introdução aos Estudos Históricos I e II, em 1974, supervisionada por Guízela Veleda Frey Holzmann. |
| Ademir Fernandes Cleto         | Estagiário em História do Brasil I, em 1974, supervisionado por Ismênia Pinheiro Machado.                         |
| Carmencita de Holleben Mello   | Estagiária em História da América I, em 1974, supervisionada por Brasil Borba.                                    |
| Cecília Calixto Joanico        | Estagiária em Antropologia Cultural I, em 1974, supervisionada por José Hyczy Fonseca.                            |
| Alcino Santos                  | Estagiário em Antropologia Cultural I, em 1974, supervisionado por José Hyczy Fonseca.                            |
| Marilene da Silva Santos       | Estagiária em História Econômica I, em 1974, supervisionada por Aída Mansani Lavallo.                             |
| Rosângela Camargo Wosiack      | Estagiária em História Antiga II, em 1974, supervisionada por Maria Aparecida Cezar Gonçalves.                    |
| Yara Conceição de Souza Castro | Estagiária em História da Civilização Ibérica I, em 1974, supervisionada por Joselfredo Cercal de Oliveira.       |

Fonte: Relatório Anual de Atividades (UEPG, 1974, p. 7).

Em 1978, foi aprovada a mudança de currículo do curso Licenciatura em História, pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEPG, no dia 09 de dezembro. No ano seguinte, 1979, os estudantes que ingressassem teriam formação nesse novo programa. Para a formação, precisariam cumprir 141 créditos, sendo uma carga horária total de 2320 horas-aula, organizados em 7 (mínimo) ou 14 (máximo) períodos (UEPG, 1979, p. 16). Entre as disciplinas que ingressaram no novo currículo,

estavam a de História Demográfica e Técnicas de Pesquisa em História. Conforme o quadro:

Quadro 5 - Currículo de Licenciatura em História 1979 -DEHIS-UEPG

(continua)

| DISCIPLINAS FUNDAMENTAIS | DISCIPLINAS DO CURRÍCULO MÍNIMO       | DISCIPLINAS COMPLEMENTARES OBRIGATÓRIAS | DISCIPLINAS COMPLEMENTARES OPTATIVAS    |
|--------------------------|---------------------------------------|-----------------------------------------|-----------------------------------------|
| Filosofia I              | Antropologia Cultural I               | Sociologia Geral II                     | Técnicas Audiovisuais                   |
| Metodologia Científica   | Antropologia Cultural II              | Sociologia da Educação I                | História das Ideais Políticas e Sociais |
| Expressão Oral e Escrita | Antropologia Cultural III             | Estudos dos Problemas Brasileiros I     | Literatura Brasileira I                 |
|                          | História da Civilização Ibérica I     | Estudos dos Problemas Brasileiros II    | História da Arte                        |
|                          | História da Civilização Ibérica II    | História Econômica I                    | História da Filosofia                   |
|                          | Introdução aos Estudos Históricos I   | História Econômica II                   |                                         |
|                          | Introdução aos Estudos Históricos II  | Geo-História                            |                                         |
|                          | Introdução aos Estudos Históricos III | História do Paraná                      |                                         |
|                          | História Antiga I                     | História Demográfica                    |                                         |
|                          | História Antiga II                    | Técnicas de Pesquisa em História I      |                                         |
|                          | História Medieval I                   | Técnicas de Pesquisa em História II     |                                         |
|                          | História Medieval II                  | Técnicas de Pesquisa em História III    |                                         |
|                          | História Moderna                      |                                         |                                         |
|                          | História Contemporânea I              |                                         |                                         |
|                          | História Contemporânea II             |                                         |                                         |
|                          | História da América I                 |                                         |                                         |
|                          | História da América II                |                                         |                                         |
|                          | História do Brasil I                  |                                         |                                         |
|                          | História do Brasil II                 |                                         |                                         |
|                          | História do Brasil III                |                                         |                                         |
|                          | Psicologia da Aprendizagem            |                                         |                                         |
|                          | Psicologia da Adolescência            |                                         |                                         |
|                          | Estrutura e Funcionamento do          |                                         |                                         |

Quadro 5 - Currículo de Licenciatura em História 1979 -DEHIS-UEPG

(conclusão)

| DISCIPLINAS FUNDAMENTAIS | DISCIPLINAS DO CURRÍCULO MÍNIMO | DISCIPLINAS COMPLEMENTARES OBRIGATÓRIAS | DISCIPLINAS COMPLEMENTARES OPTATIVAS |
|--------------------------|---------------------------------|-----------------------------------------|--------------------------------------|
|                          | Ensino do 1º e 2º graus         |                                         |                                      |
|                          | Didática I                      |                                         |                                      |
|                          | Prática de Ensino de História   |                                         |                                      |
|                          | Estágio Supervisionado          |                                         |                                      |

Fonte: Relatório de Atividades (1979).

Além das disciplinas, era exigida como obrigatória a prática esportiva do acadêmico, durante todo o período de graduação, levando a organização escolar para a Universidade, fazendo parte do projeto da realidade do ideário militar. Dentro do quadro de professores, no Departamento, constavam alguns de formação militar e ficavam responsáveis pela ideologia<sup>57</sup> ou ideário do regime político nacional. Em conjunto com o ministrar matérias específicas no Curso de História e no de Estudos Sociais, que reforçavam e apontam para legitimação, essas disciplinas eram ministradas em outros cursos, como Engenharia, Odontologia, Bioquímica, Pedagogia, entre outros, por esses professores. Há notícia, a partir do Relatório de Atividades 1976, de promoção de eventos com generais palestrando aos alunos, como aconteceu nos dias 10 e 19 de novembro, quando o Major Hélio Monteiro Pegado proferiu a palestra “*A Amazônia e o Desenvolvimento do Brasil*”, e o General Paulo Campos Paiva, a palestra “*As Ideologias Extremistas e a Mocidade Brasileira*” (UEPG, 1976, p. 90).

Quadro 6 - Professores, estagiários e funcionários – 1976

(continua)

| PROFESSORES TITULARES        | ESTAGIÁRIOS                        | FUNCIONÁRIOS                 |
|------------------------------|------------------------------------|------------------------------|
| Brasil Borba                 | Aures Joselia Gonçalves Schwab     | Maria Rut Canteri de Andrade |
| Guízela Veleda Frey Holzmann | Berenice Consuelo de Almeida Pavão | Doralice Ferreira            |
| Helena Parigot de Souza Cruz | Maria Helena Ramos David João      |                              |
| Ismenia Pinheiro Machado     |                                    |                              |
| Josefredo Cercal de Oliveira |                                    |                              |

<sup>57</sup> Sabemos do difícil debate na definição do termo ideologia e de qual seria a adequação de tal conceito. Porém, utilizamos aqui no sentido de manutenção da ordem sociopolítica e cultural vigente atrelada à classe militar, que então governava o país.

Quadro 6 - Professores, estagiários e funcionários – 1976

(conclusão)

|                                     |  |  |
|-------------------------------------|--|--|
| <b>PROFESSORES ASSISTENTES</b>      |  |  |
| Alfredo Bertholde Klas              |  |  |
| Carlito Moro                        |  |  |
| Hélcio de Oliveira Ladeira          |  |  |
| José Hyczy Fonseca                  |  |  |
| Maria Aparecida Cezar Gonçalves     |  |  |
| <b>PROFESSORES AUXILIARES</b>       |  |  |
| Aída Mansani Lavalle                |  |  |
| Alvaro Benedite Di Piero            |  |  |
| Hilda de Oliveira Ladeira           |  |  |
| Iária Aracema Borsato               |  |  |
| <b>PROFESSORES HORISTAS</b>         |  |  |
| Aramis Paretta Dure                 |  |  |
| Carmencita de Holleben Mello Ditzel |  |  |
| Elisabete Alves Pinto               |  |  |
| Ivan Meneguzzo                      |  |  |
| Jahir Augusto Pawleski              |  |  |
| José Herley Stachewiak              |  |  |
| Marilda Coutinho Wemika             |  |  |
| Neiva de Oliveira Moro              |  |  |
| Teresa Jussara Luporini             |  |  |

Fonte: Relatório Anual de Atividades (1976).

Na próxima parte da pesquisa, poderemos ver que a organização e a mudança de identidade do DEHIS-UEPG estiveram atreladas às trajetórias de Maria Aparecida Cezar Gonçalves e Elisabete Alves Pinto, em conjunto com os demais colegas, e ao encontro formativo narrado no capítulo anterior.

### 3.2 TRAJETÓRIA DE MARIA APARECIDA CÉZAR GONÇALVES: UMA VIDA ENTRE ENSINO E HISTÓRIA

Até porque ter história significa perder parte da nossa realidade (porque ela já deslizou para o passado) e não ter ainda a segunda parte (porque ela ainda está no futuro); na verdade, ter história é não ter nada mais que fragmentos do presente que se vão antes de você poder falar sobre ele. (C. S. Lewis)

Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois, quando nele se entra novamente, não se encontra as mesmas águas e o próprio ser já se modificou. (Heráclito)

Uma pessoa pode ser reduzida a um conceito ou categoria, como classe, geração, profissão? Acreditamos que não. Parece que a condição de ser histórico, estar em deslocamento, sempre em condição de estar sendo durante o tempo, coloca ao historiador um trabalho de lidar com fragmentos dispersos nos vestígios que chamamos de fontes, que se pretende narrar uma vida. Dosse (2007), pensando no trabalho biográfico, na especificidade da biografia intelectual, aponta-o como um desafio que precisa ser enfrentado sem cair na tentação da redução. Nesse exercício de reconstruir a trajetória de duas historiadoras, o qual será esboçado nas linhas que se seguirão, encontramos desafios específicos. Apesar de estarem próximas temporal e espacialmente, a vida das respectivas historiadoras não é transparente ao narrador. As brumas dos tempos, com diversas camadas, se apresentam. O que podemos, portanto, apreender sobre suas vidas e trajetórias são as marcas deixadas nas águas do quadro social, intelectual e cultural de Ponta Grossa, nos documentos produzidos por e sobre elas.

Maria Aparecida Cezar Gonçalves tem várias facetas, mas aqui nos deteremos à sua trajetória no campo da história e do ensino. Graduada em Geografia e História, na licenciatura e bacharelado - quando Geografia e História estavam juntas -, foi na área de História que seguiu como professora e pesquisadora. Ao lembrar seu período de graduação, como narrará, a Geografia exercia sobre ela grande atração, muito em razão da didática do professor. Os fios que ligam Geografia e a História, na sua atuação intelectual, não a abandonarão; o fascínio de olhar para a história e para o espaço se aglutinará na sua escrita:

[...] É aquela questão básica, a História precisa da Geografia e a Geografia precisa da História. Você não estuda Geografia só pelo terreno, só pelo clima, ou só por isso, ou por aquilo, relativo a ela, mas os efeitos dela sobre o homem. E o homem precisa da Geografia, porque, afinal, ele vive em cima de um terreno, ele vive sofrendo as agruras da climatologia ou da geologia, disso e daquilo outro, que são partes da Geografia. [...] é uma interação entre Geografia e História que não se pode deixar de lado. E, muitas vezes, os alunos diziam pra mim: 'Mas por que é que você tem que dar essas partes da Geografia?' Claro que eu tenho que dar! Você não vai entender nada do por que é que o homem está fazendo isso, ou está procedendo desta ou daquela maneira. Às vezes, uma guerra é por causa de comida, comida vem de onde? Vem da terra. Você tem que saber os lugares onde existe mais alimentação, mais generosidade de alimentos para o povo, e você vai em busca desse espaço. Então, o homem precisa de tudo isso. Precisa de um rio, precisa da água, precisa da vegetação [...] E o meio ambiente é o nosso lar, não podemos esquecer-nos dele. [Entrevista em 05/12/2008] (Gonçalves *apud* Carvalho, 2010, p. 226).

Nessa perspectiva, Maria Aparecida Cezar Gonçalves ligará a História e a Geografia, a partir da influência do meio ambiente no mundo social, e desse mundo social no meio ambiente. Professora no nível básico e no universitário, no que concerne à sua atuação no nível então chamado de 3º grau, articulará esses campos do conhecimento, a partir da História Regional, tanto no trabalho de ensino quanto no estudo da cidade de Ponta Grossa. No seu trabalho em conjunto com Elisabete Alves Pinto, no livro *Ponta Grossa: um século de vida (1823-1923)*, se dedicará a entender como o território de Ponta Grossa foi sendo constituído a partir das características ambientais com a ação dos atores históricos na cidade.

Nascida no ano de 1941, Maria Aparecida Cezar Gonçalves cursou Licenciatura em Geografia e História, pela FEFLC-PG. Concluída a graduação no ano de 1964, ingressou como professora no ano de 1968, como Assistente de Ensino. Iniciou os estudos de Mestrado em História do Brasil, na opção História Demográfica, no ano de 1975 (UEPG, 1976, p. 83). Além da atuação como professora e pesquisadora, vemos, no seu currículo, a atuação em cargos de ordem administrativa no Campus Universitário da UEPG em Telêmaco Borba, além da direção do Museu Campos Gerais (MCG). Para assumir e levar a cabo o projeto do DEHIS-UEPG, Maria Aparecida Cezar Gonçalves fará curso de qualificação em Museologia na Universidade Federal do Paraná no ano de 1983. Vejamos um resumo das seguintes informações, expostas no quadro abaixo:

Quadro 7 - Carreira de Maria Aparecida Cezar Gonçalves

| DISCIPLINAS MINISTRADAS (FEFCL-PG – UEPG) | CARGOS ADMINISTRATIVOS                                                       |
|-------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|
| História Antiga e Medieval                | Chefia do DEHIS-UEPG (1974)                                                  |
| História Medieval                         | Diretora do Museu Campos Gerais (1983-1985)                                  |
| História Contemporânea II                 | Coordenadora do Campus Universitário da UEPG em Telêmaco Borba (1987 – 1991) |
| História Demográfica                      |                                                                              |
| História da Cultura II                    |                                                                              |
| Antropologia Cultural                     |                                                                              |

Fonte: Currículo Lattes/Relatório de Atividades 1976 (UEPG, 1976)

Maria Aparecida Cezar Gonçalves direcionou sua vida para a Educação e atuou na construção de um espaço para consolidação da pesquisa e para que a comunicação histórica tivesse vida longa e próspera na cidade e região que estudou e viveu, pois teve papel importante, junto com sua colega Aida Mansani Lavalley na consolidação do MCG:

A professora Maria Aparecida foi diretora do Museu de 1983 a 1985, ficando à frente da organização da estrutura do museu no prédio do Antigo Fórum de Ponta Grossa, uma vez que foi a primeira administradora, e que teve como uma de suas tarefas mais importantes a legitimação do Museu neste espaço. Pouco depois, entre os anos 1993 a 1995, foi a vez de Aida Mansani Lavallo ocupar as obrigações de diretora. Aida teve sua passagem pelo MCG marcada pela promoção de diversos eventos culturais e exposições focadas na história dos Campos Gerais. Além de diretoras, ambas fizeram parte do corpo docente do Departamento de História por mais de duas décadas e foram as pioneiras, dentro da Universidade, em trabalhos e produções historiográficas sobre Ponta Grossa e os Campos Gerais (Lopes, 2024).

Esse comprometimento podemos notar também em seus depoimentos:

E ali, [na Faculdade] o que é que acontecia, cada professor que era indicado para a administração, lá. Nós que estávamos no grupo, fazíamos parte do departamento, ficávamos substituindo. Então, muito do que eu conheço, muito do que eu aprendi, não foi só com a minha matéria, com as minhas disciplinas, mas porque eu substituí outros professores. [...] porque nós tínhamos aquela mentalidade, naquele tempo, de que nossa obrigação qual era? Era servir a nossa Instituição, é claro, trabalhar por ela, pelos nossos alunos, não deixar lá [...] e quando um professor ia para a parte administrativa o outro tinha que substituí-lo. Isso para nós era uma questão própria, era uma questão natural.[...] [Entrevista em 05/12/2008] (Gonçalves *apud* Carvalho, 2010, p. 191).

A ideia de se dedicar, em solidariedade aos colegas de profissão e do departamento, e, ao mesmo tempo, servir à Instituição revela a ênfase dada à sua atuação como educadora. Maria Aparecida Cezar Gonçalves, mulher do interior, normalista, forma-se em História e Geografia, na opção bacharelado e licenciatura, no ano de 1964, atua na Educação Básica e, em 1968, além do ensino básico, começa a fase de docência no ensino superior. Nesse aspecto, a opção pelo magistério normalista e depois pelo ingresso nas licenciaturas, por parte de mulheres, não foi exclusiva de Maria Aparecida Cezar Gonçalves.

A historiadora Carmem Silvia da Fonseca Kummer Liblik, ao estudar a história de vida e de trabalho de historiadoras brasileiras, percebe uma tendência anterior ao ensino universitário para o ensino normalista objetivando o magistério, como fator geracional:

Essa, contudo, foi uma circunstância singular, pois o curso normal constituiu-se na alternativa eleita pela família da maior parte das mulheres que desejavam se profissionalizar, entrar para o mercado de trabalho e de certa forma contribuir financeiramente em suas casas. Para muitas famílias brasileiras, como as de Belona, Ceres, Juno e Urânia<sup>58</sup>, a profissionalização

---

<sup>58</sup> Como metodologia de pesquisa, Carmen Silvia da Fonseca Kummer Liblik utilizou-se de história oral. Apesar de os nomes das entrevistadas constarem na descrição metodológica e de entrevistas, ao citar as transcrições, em acordo com as entrevistadas, optou-se pelo ocultamento dos nomes

no magistério foi estimulada em virtude de uma possível mobilidade social e econômica que poderia ser materializada com os rendimentos que as filhas ou esposas trouxessem para o lar com tal profissão. A década de 1960, portanto, é um exemplo claro da efetivação desse processo no país, pois figura como um momento de intenso discurso modernizador e progressista no qual se abriu espaço às discussões a respeito da relação entre educação e ascensão social (Liblik, 2015, p. 14).

A tendência em procurar curso universitário aumentou como meio de ascensão social. A professora e historiadora, ao se lembrar desse contexto de escolha de curso e entrada no mundo universitário, fala que “A procura, a necessidade por uma formação universitária também aumentou demais. Então, naquele tempo era, assim, mais restrito a gente ir para a faculdade” (Gonçalves *apud* Carvalho, 2010, p. 124). Nesse sentido, a licenciatura, para jovens normalistas, era o caminho e a porta de entrada, além de um modo de vida, principalmente para mulheres.

Do se formar professora para o ensino básico até a entrada na docência no ensino superior, passaram-se 3 anos. Na visão da professora, à época, não se sentia capacitada e destinada para esse trabalho, mas, ao mesmo tempo, tinha consciência de sua capacidade de esforço e vocação para docência:

Olha [...] eu não tinha muito essa pretensão, eu achava que não tinha certa qualificação para ser uma professora universitária, e quem me levou foi o professor Paschoal. Foi ele que me induziu a fazer o concurso para ser professora na Faculdade. Ele foi o grande gerenciador dessa minha entrada na universidade. [...] É, havia poucos professores, mas sei lá, agora vou me gabar um pouco. A gente era uma aluna dedicada, eu trabalhava com ele lá no Aplicação desde 64. Então, ele sabia do meu potencial como professora e da minha qualidade de professora. [...] Do meu compromisso. Toda a minha, assim, [...] meu envolvimento com o trabalho, e o Colégio de Aplicação aquela época era ótimo. Era muito bom, era o Regente Feijó e o Colégio de Aplicação. [...] Eu trabalhava com a parte de história geral. [Entrevista em 05/12/2008] (Gonçalves *apud* Carvalho, 2010, p. 141-142).

Essa noção de docência, para a educadora, ultrapassava a ideia de profissão e era enxergada como vocação, que estava atrelada à instituição e à cidade na qual atuava e vivia. Nesse sentido, como vimos em depoimentos anteriores, a palavra servir ganhava contornos de empenho em prol da causa da educação na região. Nas suas lembranças, afirma que dedicou, até ser nomeada para professora, parte do seu tempo na docência sem remuneração:

[...] 1968 que eu fiz concurso para entrar na Faculdade. [...] Na verdade, eu comecei a lecionar em 67, a partir de agosto, no lugar da dona Josefina, que se aposentou, e a gente trabalhou durante todo esse semestre gratuitamente,

---

devido à descrição de situações familiares. Com isso, para citação de transcrições, escolheu nomes de origem do panteão grego.

no lugar dela, para que ela pudesse se aposentar e eu aguardasse a minha nomeação, que só aconteceu, eu só comecei a trabalhar em fim em março de 68. [...] Eu entrei como substituta. [...] Eu já era formada, mas não estava nomeada. [...] Eu era concursada, mas não estava ainda indicada, vamos dizer assim, pelo Estado [...] Mas eu digo, quando a dona Josefina se aposentou, eu ainda não tinha o ato oficial. Entendeu? Então eu continuei no lugar dela, mas sem ganhar nada. Meramente de boa vontade, porque eu ia ficar mesmo! Já estava concursada, já sabia que ia ficar, então eu fiquei no lugar dela, assim, voluntariamente, sem ganhar nada! [Profa. Maria Aparecida, entrevista em 05/12/2008] (Gonçalves *apud* Carvalho, 2010, p. 197-198).<sup>59</sup>

Vemos novamente a noção de solidariedade pela colega de trabalho e sua professora, ao mesmo tempo em que, no horizonte que se delineava, a nomeação se mostrava próxima. Em depoimentos, podemos ver como o mundo social e os acontecimentos de vida são incorporados e representados para si e para outros. Nesse sentido, torna-se necessário se atentar ao modo como escolheu se expressar, pois a escolha de palavras não pode ser olhada como sem importância. Assim, quando lemos os depoimentos, expressões como “servir”, “boa vontade” e “sem ganhar nada” são indicadoras de que o cargo de professora universitária não era compreendido apenas e simplesmente como profissão, uma relação assalariada de trabalho. Ao relembrar e representar o que ocorreu, Maria Aparecida Cezar Gonçalves aponta como uma causa.

Podemos imaginar o que se passava com uma jovem professora, no interior do Estado do Paraná, vendo a possibilidade de assumir um cargo de docente no Ensino Superior: as incertezas que poderiam ter a dedicação não recompensada por uma demora na nomeação ou possível indeferimento do concurso, devido à crise institucional que vivia o Brasil, que então era governado por atos institucionais, e que em 1968 iria entrar no momento mais autoritário e truculento desse período.

O encontro da professora com o Ensino Superior lhe deu uma posição social que não era acessível a todos e a todas. Desse encontro, também surgiria o interesse pela geografia e história – uma história que precisaria ser resgatada do seu esquecimento e comunicada a todos, aos seus alunos e à sua cidade, para que saibam da história de forma geral e se vejam como seres históricos. De novo vemos a faceta educadora presente. Em depoimento, Maria Aparecida Cezar Gonçalves declara e confessa:

---

<sup>59</sup> A admissão e nomeação, segundo Relatório de Atividades (UEPG, 1976, p. 83), se deram em 10/10/1968.

[...] a história ficou parcelada em cada lugar, em cada momento. E aí a gente estudando aquela fase, vendo quanta coisa boa teve, mas que ninguém sabe! A história é criticada, muitas vezes [...] se desloca o parecer, a partir do desconhecimento [...]. E isso vale inclusive para os particulares da nossa região, a nossa localidade, ou da nossa própria história pessoal, [...] muita gente acha que não tem uma história! Todo mundo tem a sua! (Gonçalves *apud* Carvalho, 2010, s. p.).

Com essa vontade de promover “a história (que) ficou parcelada”, vai encaminhar sua vida no final dos anos 1960 e durante a década de 1970, no sentido de encontrar essa história, para que pudesse comunicar e tornar atrativa aos seus alunos, os quais também têm história. Como professora, afirma que já à época entendia que as suas aulas deveriam cumprir essa missão de despertar o aluno para sua historicidade, um certo encanto e vertigem que o conhecimento histórico produz e provoca:

Você tem uma responsabilidade imensa, porque você tem que segurar aqueles alunos no Curso. O primeiro ano faz o Curso! Se você não conquista aquele alunado, se você não dá a ele bagagem para ir adiante, ele fica muito mal e vai embora, ou ele vai mal o resto do Curso. Ele leva de arrasto... Então, isso é uma coisa muito importante e História Antiga é uma disciplina muito pesada, muito difícil! E no segundo ano, dava História Medieval, que também era minha paixão, que se tornou, através do tempo, se tornou minha paixão! E muito difícil também! Inclusive porque você tinha que inserir nos alunos, você tinha que influenciar os alunos para verem a história da Idade Média com outros olhos. [...] [Profa. Maria Aparecida, entrevista em 05/12/2008] (Gonçalves *apud* Carvalho, 2010, p. 223).

Alguns alunos mantiveram lembranças que permitem entrever a sua ação como docente e como foi vista por alguns de seus alunos. Referimo-nos às memórias do grupo de pesquisadores e professores da UEPG, atualmente, que foram seus alunos. Em evento decorrido no ano de 2023, gesto de reconhecimento ao trabalho de Maria Aparecida Cezar Gonçalves e Aída Mansani Lavallo, um de seus alunos, ao discorrer sobre os trabalhos em prol da consolidação do Museu Campos Gerais, diz, conforme Lopes (2023):

O atual diretor do MCG, Niltonci Batista Chaves, foi aluno das professoras durante sua graduação na UEPG e, posteriormente, colega de Departamento de ambas. Segundo ele, “ao homenagear a professora Maria Aparecida e a professora Aída, o Museu manifesta oficialmente sua gratidão e reconhecimento pelo trabalho de ambas na consolidação desse importante espaço da memória local”.

A ideia de impregnar nos alunos a mesma paixão que lhe causava a história antiga e medieval, e ainda orientá-los para que olhassem com outros olhos esses períodos, nos leva ao seu arquivo doado ou, poderíamos dizer, sua paixão doada –

doação à qual nos referimos na introdução. Composta de livros, a paixão foi vivida com os olhos e com investimentos financeiros. O acesso aos livros e aos conteúdos historiográficos de referência não se dava de forma direta. Repetindo o pecado da obviedade, cabe lembrar que celulares, PDFs, tablets, livros em versões digitais e tudo mais que se refira ao fácil acesso que temos no terceiro milênio ainda não eram realidade para a jovem historiadora do interior do Paraná, nas últimas décadas do segundo milênio. Ainda, havia a fronteira da própria disponibilidade do impresso em Ponta Grossa (PR) e a do idioma.

Ao vermos o empenho em adquirir livros que lhe dessem suporte na sua atividade docente, percebemos o alto valor dado ao ato de leitura e ao livro, formando parte da sensibilidade historiadora e docente, de Maria Aparecida Cezar Gonçalves. Essa experiência e o esforço por superar as dificuldades de acesso ao conhecimento, como já mencionamos, tinham um propósito: desvendar os atrativos da história. Porém, em sua lida profissional, realidades se impunham, fazendo do trabalho docente um desafio, quando encontravam alunos imunes aos dotes da história ou mesmo, quando nesse belo encontro entre o aluno e a história, atravessa-se como um muro alto ou cerca de arames a realidade: material, geográfica e social de certos alunos. Vejamos como ela recorda desse desafio:

[...] Bom, as dificuldades eram sempre, todo o ano praticamente as mesmas [os alunos] trabalhavam [...]. O curso noturno, tinha também o diurno, também dei aula no curso diurno, mas falando do curso noturno, que é desse período, [os alunos] trabalhavam, não tinham tempo, chegavam atrasados, porque o horário do serviço não dava para chegar! Era aquela luta por causa do comparecimento. E aí pelas dez e meia da noite, a aula terminava dez para as onze, [22:50 h], muitas vezes dez e meia [22:30 h] tinha que ir embora porque se não perdia o ônibus [...]. Você era obrigada a ceder em muitos pontos, não tinha como! Porque junto, o lado que você tem de profissional competente, você tem que também ter a sua humanidade. O aspecto humano para com aquele aluno, porque, aí se não dá, você não vê só um elemento [...] você tem que ver um ser humano que tem muitas dificuldades, depende de outras circunstâncias, que fogem à minha alçada, como é o caso de um horário de ônibus, de um tempo de serviço, muitos trabalhavam em bancos naquela época. [...] tinha desde os mocinhos até os de mais idade, e nós tínhamos sempre, desde os primeiros tempos, muitos alunos de fora. Nós tivemos muitos alunos de Castro, Jaguariaíva e Palmeira [...]. A gente conversava, sabia que eles eram daquelas cidades, eles chegavam e conversavam. Aliás, muitos bons alunos [...]. Agora, assim, entre interessados e desinteressados, eu diria que era uma boa quantidade de desinteressados [risos] que estavam ali mesmo para ganhar um diploma, e interessados, assim, com muita vontade, não eram tantos! [...] penso assim, uns 30% [...]. Os outros se dividiam entre aqueles que estavam lá só por estar [...] “Ah! Mais eu não quero, porque isso não me interessa, eu quero um diploma de curso superior.” **E aquela luta da gente para trazê-los para um sentido maior.** [...] A seriedade que tem um curso bom, é [exige] que se dedique a ele [...] porque se a gente não tem seriedade com que a gente faz,

como é que você vai fazer com que o aluno tenha? [...]. [Profª. Maria Aparecida, entrevista em 05/12/2010] (Gonçalves *apud* Carvalho, 2010, p. 250, grifo nosso).

Utilizemos o recurso da imaginação e pensemos na professora apaixonada pela história medieval, ensinando sobre as três ordens aos alunos, com toda força, utilizando seus livros que, com muito custo, comprou e leu em horas vagas, quando “não estava trabalhando” - pois sabemos da realidade do professor, que, quando não está na docência, vive nos seus bastidores com planos de aulas e leituras. Às 21h50 da noite, o aluno lhe interrompe, perguntando: “- Professora, está acabando?”. A professora, naqueles segundos profundos que separam o momento em que foi interrompida ao motivo dessa, pensa: “- Opa! Temos um interessado. A aula vai fluir!”. A expectativa é desfeita com a realidade dura do desinteresse ou a situação de quem está pensando no horário do ônibus. Nessa situação, a leitura e a paixão serão, para Maria Aparecida Cezar Gonçalves, o apoio para despertar seus alunos para o “sentido maior”.

Nos relatórios anuais das atividades, entre as décadas de 1970 e 1990, sempre na seção final, são descritas atividades do Departamento, como eventos, palestras, pesquisas e viagens pedagógicas desenvolvidas. Em 1979, como professora de Antropologia Cultural, desenvolvia, com seus alunos, atividades que tinham como proposta a realização de viagens pedagógicas para observar e refletir sobre indígenas, negros e imigrantes. Assim, uma das viagens visava a: “Verificar ‘Enloco’ o comportamento e atividades de indígenas semi-civilizados” (UEPG, 1979, p. 78). O local indicado, para o qual foi realizada a viagem, foi a Reserva Indígena Marreca dos Índios, situada no município de Guarapuava. Viagem a Paranaguá, com direcionamento para os aspectos da arquitetura, dentro do programa de História Medieval, no ano de 1975 (UEPG, 1975).

Outras viagens foram programadas em conjunto com colegas para Arquivos e outras cidades, a fim de despertar nos alunos o interesse por questões patrimoniais e pela importância do trabalho de organização de fontes como base necessária para pesquisa. Cito como exemplo as viagens realizadas para Paranaguá, Tibagi e demais cidades. Como forma de avaliação, os alunos precisariam prestar e entregar relatórios a partir do que foi aprendido em sala de aula.

A atuação de Maria Aparecida Cezar Gonçalves foi decisiva na mudança de identidade departamental e encaminhamento do DEHIS-UEPG para lugar de

produção de pesquisa. Durante o período em que exerceu a chefia do Departamento, instituiu-se um programa de pesquisa em história regional, como visto na seção anterior. Em 1974, no entanto, o DEHIS-UEPG começou a agregar uma carga de docência enorme, pois assumiu o Curso de Estudos Sociais e disciplinas em outros vários cursos, com professores se desdobrando em várias frentes para atender à demanda da Instituição e às imposições do projeto da Ditadura Civil-Militar. Maria Aparecida Cezar Gonçalves assina o Relatório Anual de Atividades de 1974, lutando por tornar o DEHIS-UEPG lugar de pesquisa:

A atividade efetiva de pesquisa vem sendo realizada morosamente, uma vez que os Senhores Professores implicados não contam com tempo remunerado para ativar o trabalho. A falta de recursos financeiros constitui-se óbice para realização do trabalho. Esperamos, para o próximo exercício de 1975 contar com o efetivo apoio da instituição para melhor desenvolvimento do mesmo (UEPG, 1974, p. 18).

E, mais adiante, descreve a “estafante” atividade a que os professores estavam atrelados e como isso prejudicava o desenvolvimento de atividades de pesquisa e de formação:

O Departamento não desenvolveu maiores atividades devido ao excesso de trabalho pois, além do atendimento normal ao Curso de História, durante o ano de 1974, passou ser responsável pelo Curso de Estudos Sociais e, ainda a oferta de variado número de disciplinas para outros Cursos, que envolveu a maioria dos professores numa estafante atividade docente (UEPG, 1974, p. 21).

Além da atuação na formação de profissionais de história, Maria Aparecida, junto com o Departamento, tinha como proposta divulgar o conhecimento histórico de formas e por canais mais amplos, como foi o caso de palestra apresentada na emissora TV Esplanada, de Ponta Grossa (UEPG, 1977, p. 174).

Nesse trabalho de educação, Maria Aparecida Cezar Gonçalves e suas colegas de departamento, Aida Mansani Lavallo e Guízela Veleza Frey Holzmann, produziram uma obra de história regional para crianças. Vemos nela traços nítidos, em algumas partes, de cada uma das pesquisas das respectivas historiadoras, inclusive de Maria. Trata-se de um pequeno livro destinado a contar para o público infantil a história de Ponta Grossa, o qual é intitulado *A História Regional nas escolas de 1º grau do Município de Ponta Grossa*, organizado com imagens e atividades para utilização em escolas. Conta a história dos tropeiros e sua relação com a formação da cidade de Ponta Grossa, a história da formação da população e organização

administrativa, e a da história da política. Esse livro indicava que as autoras tinham uma relação com a localidade, querendo atuar na educação e na formação com o conhecimento pesquisado. Havia uma preocupação em comunicar esse conhecimento descoberto e produzido para um público leigo.

Nesse sentido, a atividade leitora de Maria Aparecida Cezar Gonçalves foi essencial em sua atuação na pós-produção e nos trabalhos escritos. Entre os títulos que compõem seu acervo doado, constam livros que não foram utilizados em seus textos conhecidos. Boa parte do material é destinada à compreensão do mundo antigo e medieval. Esse fato, quando cruzado com os dados biográficos, a partir dos quais sabemos que sua docência se dava nas disciplinas de História Antiga e História da Idade Média, leva-nos a ligar os rastros. Sobre essa atuação:

[...] Então eu tinha as minhas disciplinas, naquela época eu trabalhava História Antiga e Medieval, duas disciplinas muito pesadas do primeiro ano e do segundo ano. Primeiro ano que você tem uma... Como é que eu posso dizer... Você tem uma responsabilidade imensa, porque você tem que segurar aqueles alunos no Curso. O primeiro ano faz o Curso! Se você não conquista aquele alunado, se você não dá a ele bagagem para ir adiante, ele fica muito mal e vai embora, ou ele vai mal o resto do Curso. Ele leva de arrasto... Então, isso é uma coisa muito importante e História Antiga é uma disciplina muito pesada, muito difícil! E no segundo ano, dava História Medieval, que também era minha paixão, que se tornou, através do tempo, se tornou minha 2ª paixão! E muito difícil também! Inclusive porque você tinha que inserir nos alunos, você tinha que influenciar os alunos para verem a história da Idade Média com outros olhos [...] (Gonçalves *apud* Carvalho, 2010, p. 22).

Maria Aparecida Cezar Gonçalves atuou em todos os níveis da educação e concebia sua atuação de professora como ligada profundamente à leitura. Em sua lembrança, ficam nítidas as dificuldades geracionais – tecnologia disponível, acesso a obras, idioma - que ela tinha de transpor:

Eu me lembro também uma vez que eu peguei um livro em espanhol, não me lembro mais o nome do livro, mas eu me lembro que era em espanhol, porque a gente trabalhava muito com o espanhol. E eu dizia: 'ah! como que isso aqui pode ser assim?'; não conseguia de forma nenhuma compreender, fui descobrir que a tradução estava errada. [...] É, não tinha como você compreender aquilo, como tem muito disso nas traduções, e a gente trabalha basicamente com tradução. [...] Você às vezes não tem outro referencial para buscar, porque o grande problema do professor, qualquer professor, mesmo de nível médio, mas principalmente nível universitário, é que ele tem que ter uma bibliografia, porque se ele não tiver, como – eu vou usar essa palavra – conferir certas informações? E, assim mesmo, às vezes ele vai passar coisas erradas, porque você não conta com uma reserva de conhecimento, além daquele pouquinho que você tem que transmitir na sala de aula... Aquele pouquinho que você transmite na sala de aula é, na verdade, resultado de uma gama imensa de conhecimento que você teve que obter, caso contrário, a sua aula vai ser seca, infértil, sem emoção... Sem profundidade, ineficaz,

vai ser uma porcaria! [Entrevista em 05/12/2008] (Gonçalves *apud* Carvalho, 2010, p. 153).

As memórias, em conjunto com o acervo, nos revelam a importância e o lugar que ocupou a leitura. Entretanto, para podermos ter a dimensão da circulação e das formas de leitura, podemos buscar compreender como outra colega do DEHIS-UEPG, da mesma geração, realizava a leitura de um livro presente em seu acervo. Um desses casos é o de Aída Mansani Lavalle, que fornece pistas sobre como a leitura de certos livros estava contribuindo para transformar a prática e o entendimento da historiografia. Em seu livro *“Germânia-Guaira: um século de sociedade na memória de Ponta Grossa”*, menciona a leitura do livro *“História: novos problemas”*, organizado por Jacques Le Goff e Pierre Nora, obra presente no acervo de Maria Aparecida Cezar Gonçalves:

Outro trabalho importante foi a História: novos problemas [...] que traz em História social e ideologia nas sociedades de George Duby, várias reflexões sobre a validade de estudo acerca das sociedades organizadas, valorizando fenômenos mentais, cuja intervenção na ordenação das sociedades humanas é tão determinante quanto a dos fenômenos econômicos e demográficos (Lavalle, 1996, p. 18-19).

Podemos presumir que, a partir de 1980, o encaminhamento e o entendimento do ofício de historiador já estavam consolidados dentro da Universidade, e já se caminhava para a mudança de aportes teóricos, com a leitura de obras da chamada Nova História. A mudança de identidade departamental do DEHIS-UEPG, de lugar estritamente reservado à formação de professores para lugar produtor de pesquisa e formador de pesquisadores, estará atrelada à trajetória das historiadoras Maria Aparecida Cezar Gonçalves, Guízela Velêda Frey Chamma Holzmann, Aida Mansani Lavalle, Cirlei Francisca Carneiro Luz e Elisabete Alves Pinto.

A produção de Maria Aparecida Cezar Gonçalves de maior fôlego, como já citado, consiste em sua dissertação, livro em conjunto com Elisabete Alves Pinto e outro livro escrito e destinado a crianças, visando a construir e instruir a memória sobre a história da cidade. No seu texto de dissertação, encontramos o maior volume de escrita. O texto seguia um formato de organização do conhecimento que correspondia ao padrão dos historiadores que se formaram no Mestrado em História do Brasil, seja na linha econômica ou demográfica, do DEHIS-UFPR. A estruturação de sua dissertação, portanto, seguia uma ordem, com introdução, na qual apresentou o tema e sua pertinência, em poucas páginas. A seção que preparava o leitor e garantia a

validade do que estava escrito era a parte intitulada de Apresentação e Crítica das Fontes e Métodos e Técnicas. O trabalho partia, sem maior necessidade de reflexão, de um chão epistemológico tido como seguro no campo da história, já consolidado pelos líderes do grupo que pesquisava o Paraná.

Nessa parte, algumas boas páginas eram destinadas a apresentar ao leitor as fontes pelas quais construiriam os seus textos. Descreviam em que estado e forma estavam organizadas e arquivadas, qual era a história de produção dos documentos, que, no caso do trabalho da professora Maria Aparecida Cezar Gonçalves, seriam:

Dois arquivos paroquiais foram utilizados para o arrolamento dos dados necessários ao presente trabalho: - Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora Sant'Ana de Castro, para o período de 1823 a 1825; - Arquivo da Igreja Matriz de Nossa Senhora Sant'Ana de Ponta Grossa, para o período de 1826 a 1879. Os Censos Antigos foram encontrados no Departamento de Arquivos do Estado de São Paulo. Como fontes complementares, os arquivos da Prefeitura e Câmaras Municipais das cidades de Ponta Grossa e Castro e o Arquivo Público do Estado do Paraná, onde foram pesquisados documentos versos sobre a região de Ponta Grossa (Gonçalves, 1979, p. 5).

A quantidade de fontes mobilizadas era enorme. Entre essas fontes estavam Livros de Batismos, Casamento e Óbitos, além de Atas da Câmara de Castro e Ponta Grossa; Relatórios de Presidentes da Província do Paraná; Mapas Populacionais, entre outros documentos. Eram as fontes primárias, em grandes quantidades, que possibilitavam o trabalho ser reconhecido. Os documentos eram copiados, fotografados, fotocopiados e adquiridos em edições quando possível. Nessa seção, vê-se que a relação com o documento não era só mapeá-los e fazer uma relação sumária, pois eram lidos na íntegra a ponto de perceber falhas e faltas no registro em determinados momentos, e comparados com documentos da mesma época e outras, mostrando a qualidade de cada documento. Nesse sentido, resgatava o contexto de produção e uso do documento, como também sua transmissão.

A partir dessa parte e em conjunto com ela, apresentava as técnicas que seriam utilizadas para organizar e fazer esses documentos fornecer dados e respostas para o objetivo da pesquisa, que seriam as técnicas oriundas da demografia histórica já elencadas aqui. Seu recorte temporal, na dissertação, era de 1823 a 1879; a documentação levantada, portanto, abrangia uma quantidade de informações significativas. O recorte e o uso dessa documentação seriam necessários para o objetivo da pesquisa, que seria desenvolvido nas seções seguintes do texto.

Antes de trazer a análise, principalmente demográfica, o texto reservava um capítulo para o histórico da localidade, o que Maria Aparecida Cezar Gonçalves chamou em seu texto de “Histórico da Conjuntura Ponta-grossense 1823-1879”. Nesse histórico, resgatou a história de formação do território e a ocupação dele, abordando as formas sociais e atores que ocuparam o espaço geográfico, interagindo com o ambiente propício para suas atividades e modos de ocupar a terra, e, ao mesmo tempo, reconstruindo as origens dos povoadores que organizaram a estrutura social e a delimitação espacial da localidade. Esse histórico era feito através de documentos de várias épocas e tipos, os quais diziam respeito ao espaço e como foi sendo transformado. Para apresentar esse espaço, além de escrever, confeccionou mapas a partir das informações inventariadas, mostrando, assim, que o espaço é definido na sua relação histórica entre grupamentos humanos e o ambiente físico. Cito um trecho dessa seção de sua dissertação:

Habitantes originários de Castro mas fixados em território da futura paróquia, ou ainda, residentes em Castro mas possuidores de propriedades ‘além do Pitangui’, onde desenvolviam atividades vinculadas principalmente à pecuária, seja como criadores, comerciantes ou tropeiros, foram não só os responsáveis pelas manifestações feitas junto a S. M. Imperial D. Pedro I, para elevação do Bairro à Freguesia, como também se constituíram nas primeiras autoridades de Ponta Grossa, após a instalação da mesma como Freguesia. O interesse demonstrado por estes proprietários pela autonomia da região onde auferiam parte de seus lucros, pode ser encarado como sintoma do destaque que a mesma começava a apresentar. Este florescimento seria o resultado de interações sócio-econômicas: a existência de uma vida comunitária que, incipiente de início, se desenvolve através das transações comerciais principalmente da atividade pecuarista derivadas. A interação em andamento está intimamente relacionada ao local escolhido pela população para estabelecimento de suas propriedades. Região de clima úmido, quente temperado, caracterizada pela paisagem de campo aberto onde predomina a estepe de gramíneas baixas que tanto encantou Saint-Hilaire, em 1820, apresentava ainda a vantagem de estar situada ao longo do caminho das tropas. O interesse pelo local demonstra-se evidente. Ao mesmo tempo que oferecia condições ideais para a criação de gado, proporcionava condições para a comercialização de animais entre criadores e compradores, que na Feira de Sorocaba encontravam o ponto alto de seus lucros. Integrada, portanto, “na estrutura econômica brasileira”, a comunidade pontagrossense encontrou alento para desenvolver vida própria, independentemente da Vila de Castro. O desenvolvimento lento e gradual foi, no entanto progressivo e alcançado a custa do sacrifício da população local que lutou com denôdo para alcançar verdadeira autonomia (Gonçalves, 1979, p. 36-37).

O excerto textual nos diz muito sobre a concepção de história. Ao recuperar a visão de encantamento do viajante Saint-Hilaire e em conjunto com o conhecimento da geografia física do território em que se formou a cidade de Ponta Grossa, a historiadora mobiliza-os com as interações humanas socioeconômicas sobre este

espaço, a partir de um contexto mais amplo da região com o contexto nacional, como os fatores que se aglutinaram na formação e desenvolvimento de Ponta Grossa. Esses vetores não se moveram sozinhos, mas foram frutos de grupos sociais que possuíam interesses e projetos na organização do espaço e independência política. A ação dos sujeitos detentores de poder que atuaram no processo de forma mais enfática, os fazendeiros e tropeiros, que eram sempre nomeados em narrativas históricas anteriores, não aparece nomeada no trecho apresentado. Eles são identificados não mais no interesse da memória familiar, mas como atores sociais de uma estrutura social específica, da história pública da cidade. O acesso à ação desses sujeitos se dá por fontes escritas em comparação com o contexto mais amplo, não mais através da transmissão privada da memória.

Entre os regimes de escrita fundados na memória e afetividade e os fundados no conhecimento acadêmico, interessa-nos compreender como se dão tanto os confrontos quanto as colaborações mútuas, pois, como propõe Paul Ricoeur, a memória, além de ser estágio possibilitador da historiografia, pode, no ato da recepção, operar já instruída pelo conhecimento da historiografia. Muitas vezes, para o historiador, falta o reconhecimento, a falta que é suprida quando consegue reconstruir um quadro mais amplo de experiências individuais, de tirar a unicidade, singularidade da história memorial, e nesse trabalho de reconstrução instruir a memória a partir da verdade histórica, de ângulos mais amplos. A historiografia parte da memória, mas não fica nela; pode colaborar com ela, dialogar, podendo lhe causar desconforto ou ferida, pois a historiografia tem a tendência global de comparar, de verificar, de duvidar, para chegar à verdade sobre a realidade:

O que não impede que a ideia de objetividade histórica mereça ser defendida contra formas de relativismo que privariam a historiografia da sua ambição primeira: a de oferecer uma representação fiável do passado. Essa afirmação de fiabilidade deve ser renovada não só contra o tratamento retórico do conhecimento histórico, mas também contra alegadas reivindicações que nascem e são preservadas por memórias comunitárias. Sem essa ambição de verdade do saber histórico, a história não teria o seu papel no confronto com a memória; voltarei a isso mais adiante. Certamente que a história está privada dessa 'graça' do reconhecimento que dá à memória uma espécie de iluminação; essa ausência cria o seu mal-estar, mas não a condena; podemos apenas esperar das suas construções que elas sejam conduzidas como reconstruções segundo uma lógica de probabilidade, para utilizar os termos de C. Ginzburg a propósito do seu modelo da verdade histórica. (Ricoeur, 2016, p. 5).

Contudo, a sensibilidade, no aspecto de afeto, de elevação de protagonistas e de uma relação de catarse que o texto histórico produz, não é suprimida de todo na

narrativa e na perspectiva historiográfica de Maria Aparecida Cezar Gonçalves. No mesmo trecho, que há pouco lemos, podemos ligar com suas memórias de professora, uma relação de identificação com outro herói: a população. Em suas palavras: *“a custa do sacrifício da população local que lutou com denôdo para alcançar verdadeira autonomia”* (1979, p. 37), foi protagonista de sua história. O povo estava interligado em suas diferentes classes, condições e status sociais por aquela estrutura parida da complexa relação narrada há pouco: grupamentos humanos locais, meio físico, estrutura econômica nacional e vontade e poder político de setores da sociedade na autonomia e organização do espaço.

A fome, fato que atormentou e deu o que pensar na cidade e no Paraná, na década de 1850, é recuperada pela historiadora e abordada como problema relacionado inclusive ao modo da exploração da terra. Esse quadro se deveu à falta de uma intencionalidade na produção agrícola, em razão da facilidade e rentabilidade da extração de erva-mate e da criação e invernagem do gado. A população, esse todo unido pela estrutura, unido de forma desigual pelo crivo de escravo e livre, conseguiu vencer pelo sacrifício, novamente, da população. No caso, a mão de obra escrava era a base que garantiu que a crise fosse minimizada na região:

Ponta Grossa, embora sofresse os impactos da crise, condições para prosseguir seus empreendimentos e reclamos, teve condições derivadas em lugar da permanência das atividades da criação, invernagem e comércio de animais pelo território da paróquia que lhes permitia usufruir de rendas relativamente seguras e, em segundo, da existência de mão de obra escrava que, dedicada ao cultivo nas fazendas garantiam a produção do milho e feijão, indispensáveis ao regime alimentar da época (Gonçalves, 1979, p. 47)

Os escravos surgem como atores sociais, compondo a população e sendo a base que garantiu, durante determinadas conjunturas, a condição política da classe senhorial e deu base para a justificação do modo de exploração econômica do território. Da década referida em diante, no entanto, novos atores ganhariam espaço, ligados à estrutura, como os comerciantes e contingentes populacionais de outros lugares que entrariam e seriam, ao mesmo tempo, resultado e fator de desestabilização da formação da estrutura social então vigente. Novas profissões surgiram; o desejo e o projeto de colônias agrícolas de imigrantes europeus interagiriam com a estrutura organizada (Gonçalves, 1979, p. 48-49).

O certo é que, do resgate histórico a partir da localização e leitura exaustiva nas fontes apresentadas, Gonçalves (1979) repara atores históricos excluídos nas

narrativas históricas anteriores a dela, sobre a Ponta Grossa antiga, do século XIX. A pesquisa dela e de colegas historiadores profissionais permitiu, segundo ela, garantir e atestar a existência e participação quantificadas de outros atores sociais, como escravos, comerciantes, mulheres, imigrantes, profissionais de várias frentes. Conforme afirma, sobre a presença de imigrantes: “**A presença destes elementos é atestada** através dos registros de nascimentos, óbitos e casamentos encontrados na Prefeitura Municipal de Ponta Grossa e na Igreja Matriz de Ponta Grossa” (Gonçalves, 1979, p. 49; 51, grifo nosso).

O trabalho de garantir e atestar presença era o de proceder com o dever profissional apreendido nas leituras, no Mestrado, no contato com seus professores. Trata-se de operar a partir da pesquisa, quantificando dados, para apontar a participação de determinados grupos na estrutura demográfica e social da cidade. Assim, a demografia era um instrumento para verificar quais grupos compuseram a população da cidade durante o tempo e como participaram na construção da estrutura demográfica (quantidade) e social no sentido de ter influência nas bases econômicas, comportamentais e políticas.

Nesse aspecto, avançamos para a próxima parte da seção do texto, a narrativa demográfica da cidade. Nessa parte, cada texto e quadro partem de alguma tipologia específica de fonte, como Mapas Gerais de Habitantes, Listas Nominativas, Livros da Igreja, entre outros, a partir de recortes temporais específicos, confrontados entre eles, para poder construir e apresentar um Quadro Estatístico que diga quem é a cidade durante determinado recorte temporal. Pode responder de quem é feita a cidade de Ponta Grossa, como foi a moral comportamental em relação à fidelidade do casamento, como atuaram as questões sanitárias sobre os diferentes componentes humanos da cidade, pode também levantar o conhecimento sobre a condição feminina e masculina e essas condições para crianças, jovens, adultos e idosos, livres e escravos. Para ilustrar a forma de construir história a partir da demografia, vejamos o quadro da página 58:

Fotografia 8 - Distribuição por cor e condição social (Gonçalves, 1979).

QUADRO Nº 4  
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR COR E CONDIÇÃO SOCIAL  
Paróquia de N. Senhora Sant'Ana de Ponta Grossa  
1825

| COR    | LIVRES   |                    |                      | ESCRAVOS |                    |                       | TOTAL DA POPULAÇÃO |       |
|--------|----------|--------------------|----------------------|----------|--------------------|-----------------------|--------------------|-------|
|        | Nºs. ABS | % do Total da Pop. | % do Total de Livres | Nºs. ABS | % do Total da Pop. | % do Total de Escrav. | Nºs. ABS           | %     |
| Branca | 1209     | 77,4               | 95,5                 | -        | -                  | -                     | 1209               | 77,4  |
| Parda  | 57       | 3,6                | 4,5                  | 95       | 6,1                | 32,0                  | 152                | 9,7   |
| Negra  | -        | -                  | -                    | 202      | 12,9               | 68,0                  | 202                | 12,9  |
| Total  | 1266     | 81,0               | 100,0                | 297      | 19,0               | 100,0                 | 1563               | 100,0 |

FONTE: Mapa Geral de Habitantes. 1825. Departamento de Arquivo do Estado de São Paulo.

Fonte: Gonçalves (1979).

Nesse quadro, a proposta é narrar a composição de Ponta Grossa a partir do crivo de cor e condição social, ou seja, livre e escravo. A forma numérica de dizer e apresentar a história, o passado ponta-grossense, é para tentar tirá-lo de incompreensões ou conhecimentos não fundamentados. O número e o processo de chegar até ele, por parte da historiadora, exercem o poder de comprovação. A demografia e quantificação em história eram pensadas e utilizadas como fator a trazer à historiografia a exatidão. A preocupação de cor por condição social, do quadro apresentado acima, fazia parte do debate que trouxe calorosas reflexões da década de 1950 a 1970/80, no Paraná, que permaneceriam ainda hoje. O debate seria sobre a existência de contingentes significativos de escravos de origem africana no Paraná, e ainda a questão de cor da população. Além da produção de Bento Munhoz da Rocha Netto, que já vimos, a questão ganha contornos quando da publicação do trabalho de Wilson Martins, *Um Brasil diferente* (1955):

Wilson Martins, portanto, em seu 'ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná', ao defender a ideia de que o Paraná seria 'Um Brasil diferente', atribuiu à formação do estado 'uma civilização original, construída com pedaços de todas as outras'. O literato em questão justificava o argumento como um 'ponto de vista sociológico'. Afirmava: 'Sem escravidão, sem negro, sem português e sem índio, dir-se-ia que sua edificação humana não é brasileira'. 'Assim é o Paraná', escreveu ao concluir a obra. Tratando essencialmente da imigração de cor branca no Paraná, caracterizava o que alegava por constituir-se num 'brasileiro do Paraná'. Em um dos subtítulos do livro intitulado 'Não houve escravatura no Paraná', Wilson Martins fez afirmações contundentes quanto aos aspectos raciais e indicou um "tipo físico"

em específico, enquanto resultado de 'fenômenos de aculturação' (Weber, 2024, p. 14-15).

A tese da não existência de escravos e negros no Paraná foi respondida pelos historiadores Brasil Pinheiro Machado (Machado, 1969), que afirmou que sem trabalho escravo nada foi feito no Paraná, e por Cecilia Maria Westphalen (Westphalen, 1997) a partir de pesquisas em documentos e fontes primárias, e orientação de pesquisas sobre a escravidão no Paraná. O mesmo pode ser dito de Altiva Balhana Pilatti (1997). Nesse aspecto, os quadros e em específico o que utilizamos para ilustrar servem de exemplo para mostrar que o projeto de revisar noções não fundamentadas sobre a história do Paraná estava no horizonte de objetivos de Maria Aparecida Cezar Gonçalves, respondendo a partir da pesquisa realizada em Ponta Grossa. Em outros quadros, aponta para a existência significativa de escravos e população parda e preta na cidade, mostra como movimentou a composição durante o tempo estudado. É significativo lembrar da palestra que profere na Semana de História do DEHIS-UEPG, em 1983, sobre a integração do negro na sociedade.

A forma de escrever história a partir das técnicas da demografia histórica visava a apreender e fornecer um desenho mais exato da sociedade estudada. O trabalho de Maria Aparecida Cezar Gonçalves buscava perceber a proporcionalidade de homens para mulheres, livres e escravos, e com essas informações inferir a natalidade, compra e vendas de escravos na movimentação desses, e, para livres, aventar possibilidades de efeitos de guerras e migração como mudanças nas quantidades. Objetivava dizer também se a sociedade era jovem ou idosa; no caso de Ponta Grossa, isso condizia com o projeto de sondar adequação da sociedade com a moral religiosa ou não. Ainda, tinha como intuito estudar a diferença na movimentação populacional entre escravos e livres:

Comparando-se os números proporcionais de livres e escravos, observa-se que, no âmbito destes, as diferenças entre os grupos de 0 - 19 e 20 - 59 anos são bem menores que entre os livres. Esta ocorrência parece indicar o fator de reposição através das compras de novos escravos em idade de trabalho para compensar os efeitos de mortalidade (Gonçalves, 1979, p. 72).

Assim, o trabalho segue com a parte que tomará toda a parte do texto, até o final, com quadros e descrição da estrutura da cidade e sua história, a partir de crivos variados. O objetivo é, depois do histórico, desenhar quem era a população e como ela se organizava no espaço e durante o tempo.

O próximo bloco será destinado à trajetória e trabalho de Elisabete Alves Pinto. Foi aluna e depois colega de Maria Aparecida no DEHIS-UEPG, e realizou percurso de pesquisas em sintonia, quando de sua dissertação. Participando da mesma geração e formação, no entanto, veremos a individualidade e interesses próprios.

### 3.3 VONTADE DE MEMÓRIA: A TRAJETÓRIA DE ELISABETE ALVES PINTO

Atuando como professora, colega de Maria Aparecida Cezar Gonçalves, Elisabete Alves Pinto assim o fez até a aposentadoria. Fez o percurso possível dentro da carreira como pesquisadora universitária, graduou-se e tornou-se mestre e doutora em História. Produziu, junto com Maria Aparecida Cezar Gonçalves, estudos em Demografia Histórica que ainda são utilizados na produção de conhecimento histórico sobre a cidade de Ponta Grossa e região<sup>60</sup>.

Em conjunto e em relação com a sua atividade pesquisadora, estava a docência. Endereçou seus esforços durante os anos de 1970 a 1990 à pesquisa e à formação de pesquisadores. Em documentos doados, materiais que revelam a construção de sua vida imersa entre a história e as suas sociabilidades, encontramos trabalhos de estudantes de graduação e pós-graduação. Vemos uma continuidade clara na vontade de formar pesquisadores na metodologia da demografia, é nítido o

---

<sup>60</sup> Como é o caso da dissertação de mestrado defendida na UFSC, em 2009 (recente, quando falamos de perspectiva histórica), por Emerson Marcos Gomes (2009, p. 20). No caso, Gomes (2009), ao analisar e estudar a questão urbana em Ponta Grossa, vai utilizar e consultar o livro de Gonçalves e Pinto (1983). Exemplo outro é de Josélia Maria Loyola de Oliveira Gomes (2018), em estudo sobre a presença de escravos carmelitas na Fazenda Capão Alto – Castro (PR), que utiliza a pesquisa de doutorado de Elisabete Alves Pinto sobre domicílios, estrutura familiar e população em Castro (1800-1830), para empreender seu estudo, além de utilizar-se de cópia de fonte documental primária “Auto de Violência” de 1798, presente no ABDEAP-CDPH (UEPG). Um caso mais atual será a dissertação de Vinicius Augusto Andrade de Assis (2020, p. 45), na qual dialoga e utiliza-se das contribuições de Pinto (1992) em alguns momentos de seu texto. Cito como exemplo um: “‘de Guiné’ no período entre 1826 e 1836. Tomando os cativos recenseados na lista de 1804, Horácio Gutiérrez detectou 140 oriundos de grupos Banto – sendo 63% de nação Benguela – e sete de origem sudanesa: seis Mina e um de Guiné<sup>106</sup>. Elisabete Pinto encontrou resultados que dialogam com Gutiérrez. Extraíndo os dados localizados pela autora, confeccionei a Tabela 1.7, na qual fica clara a predominância de escravos naturais de Castro em inícios do século XIX – que variaram de 70,43 a 81,09%. Entre os ‘gentios de Guiné’, nota-se um aumento absoluto a partir de 1822, embora não ultrapassassem 16% da população escrava entre 1801 e 1830. Entretanto, dos 1.593 escravos recenseados em Castro no ano de 1836, 727 foram declarados como ‘Pretos africanos’ – alcançando 46% da escravaria local<sup>107</sup>. Embora se presencie um aumento nos batismos de africanos, nota-se que a predominância era o crescimento nos batismos de filhos de mães escravas em todo período”. (Assis, 2020, p. 48-49)

encaminhamento do trabalho a formar pesquisadores, apontando para rumos de história oral.

A historiadora Elisabete Alves Pinto se dedicará prodigamente à história demográfica. No entanto, não se deterá somente na escrita da história: direcionará esforços para a formação de novos historiadores científicos. Ela atuou como professora do DEHIS-UEPG e, entre as disciplinas que ministrava, estavam as que versavam sobre metodologia e técnica de pesquisas na produção de conhecimento, como a disciplina Técnicas de Pesquisa em História III, História da América e História Demográfica.

Nascida em 1945, Elisabete Alves Pinto fez sua graduação em Licenciatura em História pela FEFLC-PG, concluindo no ano de 1971, conforme os dados presentes no seu currículo, nos Relatórios de Atividades, especialmente no catálogo de 1976 (UEPG, 1976, p. 68). Ingressa como professora horista, no DEHIS-UEPG a partir do ano de 1974, para substituição de uma professora afastada por motivos de atestado médico. Antes de ingressar no Departamento como professora, passa por um período de qualificação, em estágio para a disciplina de História Antiga, durante o ano de 1972.

No ano de 1977, continuará seus estudos, ingressando no Mestrado em História do Brasil, na opção da História Demográfica. A dissertação *A população de Ponta Grossa a partir do Registro Civil (1889-1920)*, orientada por Altiva Balhana Pilatti, foi defendida e aprovada no ano de 1980. Em 1984, foi aprovada em 1º Lugar no concurso para professora, como Auxiliar Nível 1. Ainda, em 1984, ingressa no Doutorado, no Programa de Pós-Graduação em História Demográfica da UFPR, no qual defenderá a tese *Vila de Castro: população e domicílio (1800-1830)*, sendo orientada por Cecília Maria Westphalen, no ano de 1992.

Quadro 8 - Carreira de Elisabete Alves Pinto

(continua)

| DISCIPLINAS<br>MINISTRADAS (UEPG) | CURSOS MINISTRADOS                   | CARGO<br>ADMINISTRATIVO                     |
|-----------------------------------|--------------------------------------|---------------------------------------------|
| História da Cultura II            | Licenciatura em Letras – UEPG        | Chefe de Departamento<br>de História – 1988 |
| História Antiga e Medieval        | Licenciatura em Estudos<br>Sociais - |                                             |
| História Medieval I e II          | Licenciatura em História –<br>UEPG   |                                             |

Quadro 8 - Carreira de Elisabete Alves Pinto

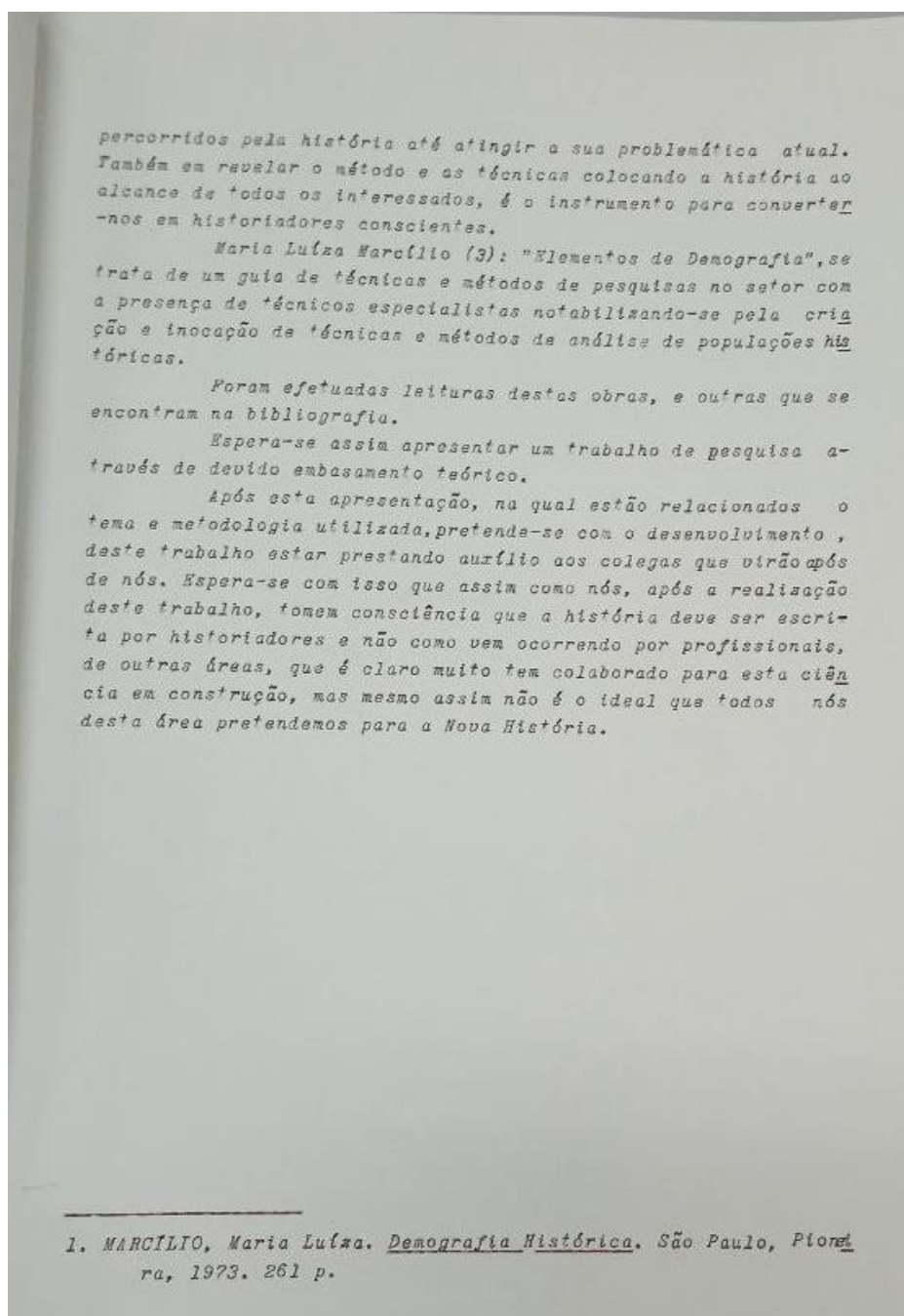
(conclusão)

| <b>DISCIPLINAS<br/>MINISTRADAS (UEPG)</b> | <b>CURSOS MINISTRADOS</b>              | <b>CARGO<br/>ADMINISTRATIVO</b> |
|-------------------------------------------|----------------------------------------|---------------------------------|
| História Moderna II                       | Licenciatura em Estudos Sociais – UEPG |                                 |
| História Contemporânea II                 | Licenciatura em História – UEPG        |                                 |
| História Contemporânea II e III           | Licenciatura em Estudos Sociais – UEPG |                                 |
| História da América                       | Licenciatura em História – UEPG        |                                 |
| História Demográfica                      | Licenciatura em História – UEPG        |                                 |
| Técnicas de Pesquisa em História          | Licenciatura em História – UEPG        |                                 |

Fonte: Relatório Anual de Atividades, 1976 / Ficha Cadastral (DEHIS-UEPG).

No seu acervo, um dos tipos documentais que encontramos são os trabalhos de alunos e alunas. Nesses trabalhos, manuseamos textos transcritos, fruto de entrevistas na linha de história oral, e a crítica dessas entrevistas, organização de arquivos e de demografia. Nos textos dos seus estudantes de Licenciatura em História – UEPG, encontramos uma pista do que seria seu projeto. Em um desses trabalhos, uma de suas alunas reclama de que a história tem sido escrita por não profissionais e afirma que, apesar da colaboração que possa vir de amadores, a história é uma atividade específica e precisa ser feita por profissionais:

Fotografia 9 - Trabalho de conclusão de disciplina - ADBEAP



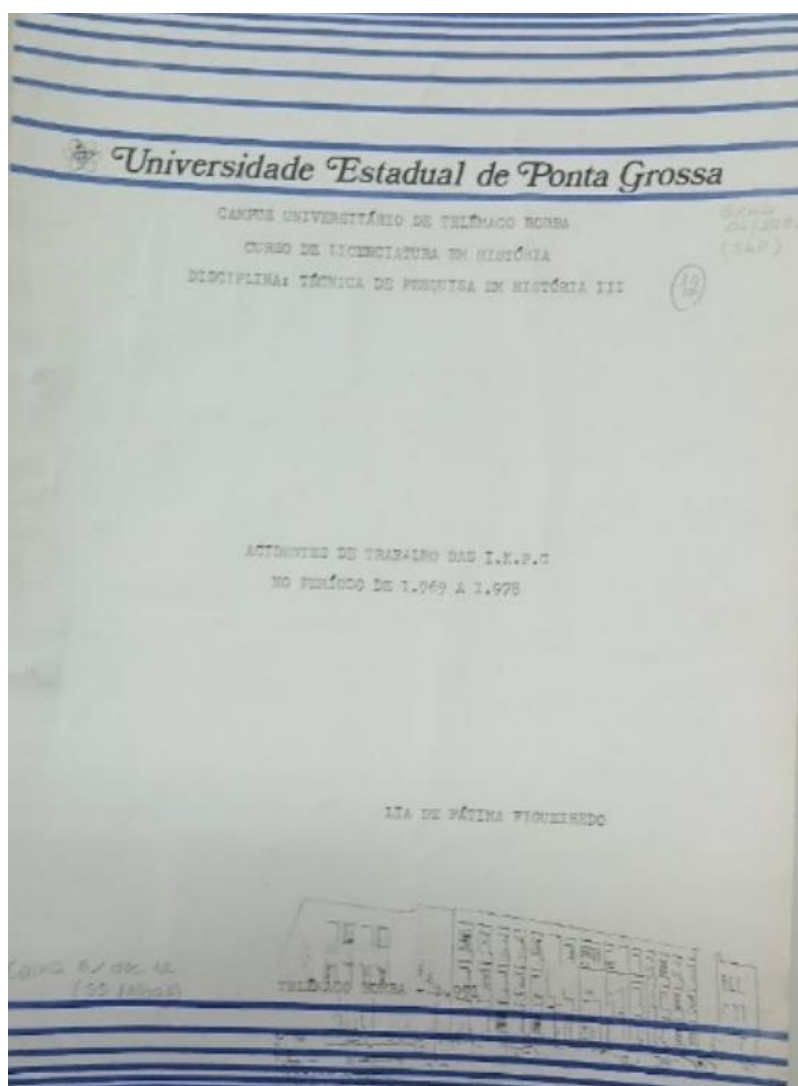
Fonte: ADBEAP/CDPH-UEPG. Acervo Documental e Bibliográfico Elisabete Alves Pinto. Caixa 6, Ponta Grossa, 1997.

Esse documento é um trabalho de conclusão de curso da aluna de Elisabete Alves Pinto na disciplina Técnicas de Pesquisa em História III, no ano de 1991. O trabalho em questão aponta para a atuação de Elisabete Alves Pinto como uma das responsáveis no DEHIS-UEPG por transformar o curso de formação de professores em também formações de pesquisadores. No caso do trabalho citado acima, presente no ADBEAP, a aluna utiliza-se de bibliografia e método de história demográfica. Em

sua introdução, é apontado que a formação de uma nova identidade do historiador era delineada como aquela que pesquisava a partir de métodos disciplinares.

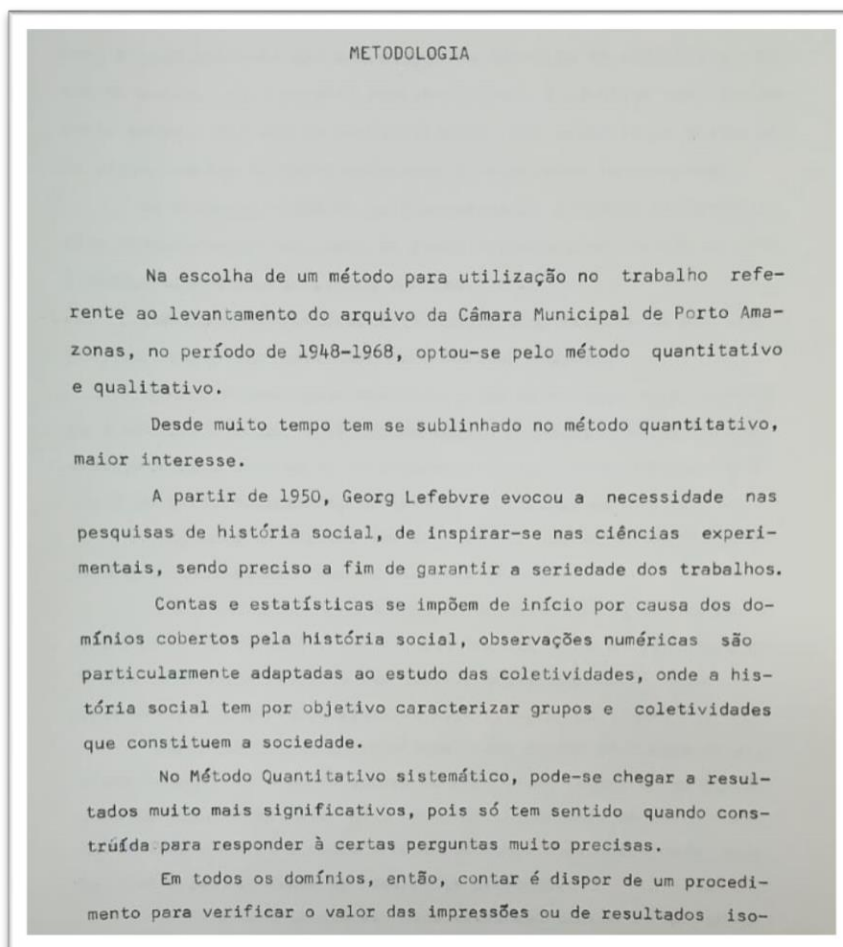
A prática de guardar documentos e textos produzidos por alunos pode apontar para três sentidos: 1º) relação afetiva com a atividade de docente formadora de alunas e alunos; 2º) valorização dos trabalhos produzidos por seus alunos nos aspectos de contribuição para desenvolvimento de novas pesquisas, fornecendo subsídios para novos pesquisadores; e 3) prática de arquivamento de si, evidenciando que se via, de forma parcial, naqueles trabalhos, aos quais atribuía valor tanto para si mesmo quanto para a posteridade:

Fotografia 10 - Trabalho de conclusão de disciplina de aluna



No ADBEAP, é notória a preservação dos documentos dos alunos, como documentos de papel almaço, e a proposta de desenvolvimento nessa disciplina de técnicas para produção de história oral, com intuito de promover a preservação da memória histórica dos Campos Gerais, com produção de textos e fitas cassetes e de áudio. Além disso, alunos, orientados por Elisabete Alves Pinto, na disciplina de Técnicas de Pesquisa em História, produziram trabalhos de pesquisa e organização de arquivos, utilizando métodos de quantificação e estabelecimento de série, como é o caso da foto a seguir, na qual lemos trabalho de arrolamento e organização de Arquivo de Porto Amazonas. No texto em questão, do ano de 1991, chama a atenção a ênfase dada à história regional e a importância dada à série e à quantificação, na produção historiográfica e na organização de arquivos e fundos documentais. Além disso, nota-se a concepção da noção de preservação da memória e das fontes históricas da região, e sua divulgação ao público mais amplo possível:

Fotografia 11 - Trabalho de conclusão de disciplina



Fonte: ADBEAP/CDPH-UEPG

Esses documentos revelam pistas de uma atuação que visava a formar uma comunidade de profissionais aptos à produção de conhecimento historiográfico e tornar públicos os documentos para que pesquisadores do futuro tivessem acesso e pudessem dar sequência. Documentos de ordem material e imaterial, como no caso de memórias coligidas, inclusive, através da história oral, revelam um desejo de atuar no sentido de fazer do DEHIS-UEPG um espaço para formação de profissionais em história, que tivessem qualificação para o desenvolvimento de pesquisas e pudessem atuar em prol da preservação da memória regional.

O fazer historiográfico da autora, que entra como professora durante a década de 1970, para docência, na UEPG, estaria ligado a essa atividade de formar um Departamento de História e uma comunidade de pesquisadores que tivessem as técnicas necessárias para que o conhecimento fosse verificável e rastreável. No ano de 1974, mesmo antes de sua entrada no Mestrado em História do Brasil (UFPR), como professora horista, seguindo a orientação do Departamento daquele momento, já desenvolvia pesquisas com alunos, conforme nos aponta o Relatório Anual de Atividades.

A produção escrita de Elisabete Alves Pinto pode ser apreendida em três trabalhos: dissertação “A população de Ponta Grossa a partir do Registro Civil (1889-1920)” e na adaptação desse texto para o livro publicado em conjunto com Maria Aparecida Cezar Gonçalves, “Ponta Grossa: um século de vida 1823-1923”; e em trabalho de maior fôlego, a tese “Vila de Castro: população e domicílio (1801-1830)”. No presente trabalho, vamos nos deter aos trabalhos de dissertação e tese.

Em sua dissertação, Elisabete Alves Pinto, de forma comum para o período e pesquisas realizadas no Mestrado em História do Brasil do DEHIS-UFPR, inicia se vinculando ao projeto do mesmo Departamento: produzir história sobre a população e as estruturas sociais do Paraná. Aponta que os quadros gerais do desenvolvimento e transformações históricas das estruturas sociais e econômicas acontecidas no Estado já foram traçados e que, naquele momento, estudos particulares de localidades específicas foram e estão sendo feitos (Pinto, 1980, p. 2). O trabalho faz parte desse projeto a partir da contribuição do estudo da localidade de Ponta Grossa no recorte da Primeira República.

Na introdução, discorre sobre como deu a delimitação do seu trabalho a partir do acesso a fontes e a opção de operar com as fontes do Registro Civil, quando se

tornaram fechadas as portas dos arquivos paroquiais. Ao estudar a cidade de Ponta Grossa, ela parte da leitura e das bases estabelecidas na dissertação de Maria Aparecida Cezar Gonçalves. O seu recorte temporal é também organizado a fim de continuar o conhecimento da cidade do ponto em que o trabalho da colega havia chegado, que havia sido até 1879 (Pinto, 1980, p. 2-3). O seu interesse e problema de pesquisa, a partir do período de 1889-1920, é o de:

[...] encontrar, dentro do possível, os fatores que contribuíram para o crescimento populacional de Ponta Grossa, durante o período proposto para estudo. Em virtude desta problemática, coloca-se a hipótese de que o crescimento da população ponta-grossense ocorreu em decorrência das transformações econômicas e da própria localização geográfica da cidade que, como ponto de entroncamento, atuou como de atração de novos contingentes de migrantes. (Pinto, 1980, p. 3).

Assim, na linha da demografia histórica, com a noção de estrutura, a pesquisa visa a estudar a composição populacional, a partir dos vários ângulos que os documentos permitem, e os fatores que afetam essa estrutura. O trabalho é organizado em sua apresentação de forma semelhante ao que já vimos de Maria Aparecida Cezar Gonçalves. Depois de breve introdução, apresentando problemática e hipóteses de trabalho, há a parte metodológica, seguindo a tendência dos trabalhos realizados na Pós-Graduação em História do Brasil do DEHIS-UFPR. Como já vimos no trabalho de sua colega, primeiramente há a seção Apresentação e Críticas das Fontes, seguida por Métodos e Técnicas. O núcleo central delas é:

Como fonte básica para o estudo do movimento da população ponta-grossense, foram utilizados os dados vitais de nascimentos, casamentos e óbitos, existentes nos registros do Arquivo Cartório Sant'Ana de Registro Civil. Com o objetivo de complementar as informações sobre a população, também foram consultados os documentos relativos ao período de 1889-1920, dos Arquivos da Prefeitura e Câmara Municipal de Ponta Grossa e Arquivo Público do Paraná, assim como os recenseamentos de 1890, 1900 e 1920 (Pinto, 1980, p. 7).

A apresentação das fontes é uma descrição detalhada dos tipos, quantidades, localização, estado de arquivamento e lacunas dentro de cada tipologia de documento. O estudo se organiza a partir da história serial, estabelecendo séries documentais num período contínuo, para conseguir o objetivo da pesquisa, que seria compreender a estrutura e movimento da população durante o espaço e tempo. A partir disso, busca sondar comportamentos típicos da população:

Através das séries de nascimentos, casamentos e óbitos, foi possível traçar as curvas que denotam as flutuações do movimento anual, decenal e sazonal da população ponta-grossense, evidenciando de modo geral seu crescimento. Como maneira de demonstrar uma tendência de evolução dos costumes da população foi efetuado o estudo da frequência de legitimidade, comparando-a com as outras localidades anteriormente estudadas. Também a relação dos nascimentos legítimos com os casamentos é apresentada, como uma medida aproximada da fecundidade, uma vez que na sua proposição inicial este trabalho trata apenas da exploração sumária dos dados vitais. (Pinto, 1980, p. 4-5)

A exceção, o particular, não era objetivo da pesquisa. O objetivo era compreender o comportamento social comum e estrutural. Por isso, para conseguir chegar até essa estrutura o mais precisa possível e compreender os fatores envolvidos, era necessário analisar leis e fatos sociais que contribuíam para determinados comportamentos da população frente às normas e à moral religiosa – sendo, à época, a Igreja Católica a instituição dominante -, bem como entender como a população crescia com a incorporação de “elementos” externos, e ainda como seus grupos distintos interagiam diante de situações como epidemias. Para isso, era necessário um recorte de tempo significativo, refletindo ou fazendo alusão à concepção de tempo braudeliana, especialmente do tempo conjuntural no caso do seu trabalho, sustentado por uma massa e série de documentos relativamente homogêneos.

Esta seção, portanto, revestia-se de importância ímpar no tipo de trabalho que se realizava. A apresentação era detalhista e demonstrava uma imersão exaustiva nas fontes. Retomava o histórico da formação do documento ao tempo da sua produção, como também o propósito da criação, a forma de uso e como realmente acontecia na prática, assim, de modo a podermos acessar essa forma de pensar, sentir, fazer e comunicar história:

De conformidade com o art. 29 do Decreto nº 9 9886 de 7 de Março de 1888, findos os livros de registros, deveriam ser encaminhados para o arquivo da Câmara Municipal. As decisões nº 1, de 19 de Julho de 1890 e, nº 25 de 24 de Agosto de 1891, determinam que findos os livros do Registro Civil, deveriam ficar no próprio Cartório, sob a guarda dos funcionários responsáveis pelo mesmo. Durante o arrolamento dos dados no arquivo do Cartório Sant'Anna de Registro Civil, foi observada a existência de séries completas de livros de registros de nascimentos, casamentos e óbitos, desde o ano de sua instalação em 1889. Estes livros apresentam suas folhas numeradas e rubricadas e, no último dia de cada ano, lavrado o termo de encerramento, constatando-se o cumprimento das Decisões nº1 e nº 25 art. 29 do Decreto nº 9 605, anteriormente mencionados. Embora o Regulamento do Registro Civil tenha estabelecido um modelo padrão para os livros de registros, os mesmos variam na forma e espessura, guardando entretanto as características das 4 divisões das folhas para o assentamento dos dados necessários. De maneira geral,

estas coleções apresentam boa legibilidade e conservação, proporcionando condições propícias para a exploração dos dados. (Pinto, 1980, p. 8-9)

Essa parte visava a compreender a trajetória de criação, uso e transmissão dos documentos que agora a historiadora tomava como fonte de pesquisa. Na parte intitulada Crítica das Fontes, era realizada, em conjunto com esse estudo sobre a produção do documento, a comparação entre séries e tipos documentais, para verificar as lacunas, contradições e imprecisões dos documentos, a fim de poder chegar mais perto da informação real, e assim transformar em números e estatística. Analisando os Registros de Casamento na regulamentação e como realmente eram praticados, escreve:

Entre os impedimentos destacam-se as uniões entre parentes até o 2º grau, mulheres menores de 14 anos e homens menores de 16 anos e menores de 21 anos. As referências quanto ao estado civil dos noivos são registradas apenas a partir do ano de 1912. Independente da condição social, a profissão do noivo é mencionada com irregularidade durante todo o período de estudo (Pinto, 1980, p. 18).

Um pouco adiante, relatará o problema da grafia dos nomes de estrangeiros, colocando em comparação a forma escrita pelo funcionário do Cartório e a forma assinada pela pessoa (Pinto, 1980, p. 19). Em outro parágrafo, mostra alguns registros faltando o prenome dos nubentes e realiza crítica das informações contidas a partir da situação histórica da cidade. Vejamos como realizar a leitura dos documentos:

Verifica-se também, indeterminações quanto ao estado civil e idade. Independente da condição social, esporadicamente é mencionada a profissão e a cor. O número de filhos e referências testamentárias são raramente indicadas. Para os óbitos infantis, a idade é indicada em meses ou dias. Em alguns casos, encontram-se indicações de 'recém-nascido' e 'nati-morto'. A maioria dos óbitos faz referência quanto a declaração da causa-mortis, observando sobre a presença ou não do atestado médico. A constatação pelo próprio Regulamento, do pequeno número de pessoas habilitadas para o exercício da medicina, faculta a pessoas idôneas, testemunhar sobre o óbito. O testemunho do óbito por pessoas leigas, no entanto, é passível de críticas, principalmente no que se refere à declaração da causa-mortis. Evidentemente que estas pessoas, desprovidas de maiores conhecimentos médicos, não poderiam constatar a causa real do falecimento, trabalho difícil também para os médicos, cometendo, certamente erros de diagnóstico (Pinto, 1980, p. 22).

Assim, pretende descrever e levar ao leitor a situação do documento e o processo de pesquisa feito para chegar aos dados históricos demográficos. A questão fica ainda mais clara quando levanta a questão dos sub-registros e a necessidade de não ter uma postura ingênua com o documento:

Um dos problemas com que se depara o estudioso de demografia é a existência do sub-registro nas estatísticas vitais, os quais distorcem os resultados obtidos para o movimento da população. Embora tenha sido enfatizada anteriormente a regularidade das informações contidas nos assentamentos do Registro Civil, cumpre assinalar que os mesmos apresentam sub-registros, assim como terá sido observado, nos registros paroquiais. Esta situação pode ser melhor evidenciada através da comparação com os registros paroquiais, referentes ao período de 1889 -1893. De início propôs-se, apenas, a comparação do número anual de registro entre uma e outra fonte. De imediato, no entanto, os resultados obtidos ressaltaram a existência de sub-registro em todas as categorias, despertando o interesse para obtenção de um número mais representativo da realidade demográfica (Pinto, 1980, p. 23)

Assim, para chegar a “um número mais representativo da realidade demográfica”, utilizará o método comparativo, conceituação e técnicas de pesquisas apreendidas de Louis Henry. Um dos procedimentos realizados, como pudemos dimensionar ao visitar o Acervo da historiadora, é o uso das fichas de pesquisa, já apresentadas aqui através de fotos, pelas quais buscava-se erradicar ou amenizar os problemas de informação no documento:

Este levantamento foi efetuado em folhas nominativas abreviadas para nascimentos, casamentos e óbitos. As folhas nominativas abreviadas são divididas em colunas numeradas, com itens específicos, os quais possibilitam anotar os seguintes dados: data, ata, sexo, legitimidade, estado civil, idade, geração, origem, residência, profissão, assinaturas, nome, prenome, relação de parentesco, cor e condição social, para cada registro. Para o levantamento dos registros de óbitos, o item ‘condição social’, nunca referido, foi substituído por ‘causae-mortis’, assim como para os registros de casamentos, foi utilizado para anotar a existência de filho (os, as) antes da realização do ato civil ou, o grau de parentesco existente entre os nubentes. A transcrição destas informações, permitiu a ordenação dos dados vitais em séries cronológicas anuais, homogêneas e contínuas. A exploração sumária de cada uma das séries proporcionou a obtenção dos resultados preliminares, para o estudo do movimento da população pontagrossense referente ao: movimento anual e decenal dos nascimentos, casamentos e óbitos, movimentos sazonais, nupcialidade e mortalidade. (Pinto, 1980, p. 38-39).

Assim, conseguimos compreender a relação com a fonte nesse modo de fazer a história e o motivo de arquivar em acervo pessoal quantidades enormes de fichas metodológicas com documentos. A fonte e a forte interação crítica com ela possibilitavam à historiadora uma sensação de imersão ao passado estudado e, ao mesmo tempo, garantiam precisão no conhecimento histórico.

A partir dessa seção de fontes e metodologia, segue-se o capítulo chamado “Síntese Histórica de Ponta Grossa”. Essa parte é para narrar a história da cidade. Elisabete Alves Pinto retoma o trabalho de Maria Aparecida Cezar Gonçalves e as questões levantadas pela colega, como a dificuldade da delimitação dos limites espaciais da cidade, como também os projetos históricos em relação ao espaço para

conseguir chegar a uma delimitação precisa. Assim, busca, em documentação diversa, como as Atas da Câmara e outras, mostrar que o espaço foi sendo compreendido e conquistado historicamente. A descrição do clima e da fauna faz parte dessa seção, além da posição ocupada pela cidade nos caminhos históricos do Brasil, como o Viamão.

O foco e período do trabalho é a Primeira República, como o contexto pós-abolição. Nesse sentido, partindo de onde Maria Aparecida Cezar Gonçalves parou, busca compreender quais eram as características estruturais da população e como essa estava organizada. A partir desse aspecto, assumindo tese já conhecida e consolidada pela historiografia paranaense, inclusive por sua orientadora de mestrado, Altiya Balhana Pilatti, a de que, no final do século XIX e início do XX, as estruturas sociais dos Campos Gerais sofreram transformações, desenvolve-a no contexto de Ponta Grossa:

A intensificação das atividades urbanas [...] caracterizam aspectos do crescimento do centro urbano. As últimas décadas do século XIX são marcadas pela decadência da classe dos fazendeiros, pelo declínio da invernagem e da produção das fazendas, juntamente com a perda dos mercados de São Paulo e Rio de Janeiro. Na região de Ponta Grossa, as fazendas de criar eram: 13 em 1859, 21 em 1866 e, por volta de 1922 seu número foi para 12 [...] (Pinto, 1980, p. 47).

Essa desintegração da estrutura agrária configura-se, ao mesmo tempo, como consequência e fator desencadeador do processo de transformação socioeconômica da cidade, contribuindo para a chegada do imigrante, bem como para a consolidação de um regime de pequenas propriedades, a chegada das linhas férreas – que transformam a cidade em entroncamento ferroviário –, o desenvolvimento de profissões liberais e do comércio, e, já no século XX, a criação de indústrias, com a inauguração da Rede Elétrica, em 1905. Todos esses fatores se conjugam para transformar a população de uma configuração campeira em uma cada vez mais urbana; de uma preponderância quase que exclusiva do mando de fazendeiros para outros atores sociais participando de formas decisivas na disputa pelo espaço social, como os imigrantes; da mão de obra escrava nas grandes fazendas ao trabalho livre em regimes de pequenas propriedades próximas ao núcleo urbano, sendo que, ao longo do tempo, serão incorporados por este.

Após a seção de Síntese Histórica, chega-se à parte do texto destinada à demonstração demográfica, a partir de tabelas e gráficos sobre a estrutura da

população. A ideia é que existe uma estrutura que se move durante o tempo, sofrendo ação de “elementos exógenos e endógenos”. A partir dos números e da descrição da estrutura populacional, pode-se chegar à conclusão de que a cidade é um espaço social, uma comunidade que pode ser caracterizada como receptiva a elementos externos. Durante esse mesmo recorte temporal, percebeu-se, pelas datas de casamentos e de concepção, que se respeitavam as prescrições da Igreja em relação ao calendário, como era o caso da Quaresma e Páscoa; por outro lado, não existia o alinhamento no período do Advento.

O quadro de referência e objetivos da pesquisa visava, portanto, a uma descrição da sociedade ponta-grossense, a partir da demografia histórica, a fim de compreender quem eram os ponta-grossenses e o que era Ponta Grossa, a partir de sua trajetória histórica, de onde vieram seus contingentes populacionais, o que faziam, como se comportavam, e quais variáveis afetavam seu crescimento numérico e a sua vida social.

Em sua tese de doutoramento, Elisabete Alves Pinto mudará o foco e se voltará ao período de 1801 a 1830. Nessa pesquisa, visará a compreender a estrutura da população, dos domicílios e da família na Vila de Castro. A tese, defendida em 1992, foi orientada por Cecília Maria Westphalen. A estrutura é semelhante à da dissertação, com introdução, apresentando o trabalho, o fator que motivou a pesquisa, outros que dificultaram, como o acesso limitado às fontes Paroquiais, que foram liberadas de forma parcial depois de forte insistência junto ao Bispo Dom Antônio Mazzarotto, as perguntas que guiaram a pesquisa e os objetivos. Após essa seção, a seguinte é destinada à descrição detalhada das fontes, como ela as organizou para pesquisa e a metodologia. A fonte principal da tese são as Listas Nominativas, a partir das quais irá comparar com outros documentos. Sobre metodologia, a partir da leitura de historiadores e historiadoras internacionais e brasileiros, propõe um modelo novo de leitura das fontes e de fichas de levantamentos de dados, o qual apresenta em anexo.

A história da família e de domicílio é a proposta diferencial de seu trabalho. O objetivo é compreender a composição domiciliar e familiar, com suas múltiplas formas de variação e interação. Nesse sentido, a historiadora busca refinar a conceituação de família e domicílio, partindo de uma diferenciação de família e domicílio, pois a família estaria ligada por laços de matrimônio, consanguinidade e adoção, já domicílio

refere-se a pessoas vivendo no mesmo território subordinado ao chefe e sua família, portanto, em revisão, argumenta:

Discorda-se do autor quanto a possibilidade de aplicação indistinta destes termos, considerando em primeiro lugar que a família, agregados e escravos não se julgavam iguais tendo em vista que seus direitos e deveres eram diferenciados. A própria citação do Ouvidor Durão usada por Freitas, permite esta conclusão, uma vez que ser 'como uma só família' é necessariamente não ser da família; é apenas uma força de expressão. Em segundo lugar, analisando a documentação existente constata-se que tanto as determinações quanto os levantamentos dos domicílios, deixam claro quais as pessoas que constituíam a família e quais as que embora morando no mesmo domicílio, dela não faziam parte, mas estavam sujeitas a autoridade do chefe (Pinto, 1992, p. 30).

A conceituação serve para compreender também a estrutura de poder do domicílio, que era composto por livres e escravos, e como se dava a hierarquia. Assim, visa a aprofundar o conhecimento sobre a história da família no Brasil, a partir de sua dinâmica regional, num caso local que foi o de Castro. Para a autora, o conhecimento era muito vago, havia poucas pesquisas que aprofundassem o conhecimento em experiências históricas concretas, e a opção de região com as fontes e metodologias apropriadas possibilitava essa apreensão. Com isso, poderia escapar de definições surgidas em outros contextos, para se perceber a especificidade e mesmo as semelhanças da região paranaense. A autora destaca como o computador foi essencial nesse tipo de pesquisa, pois possibilitava o trabalho de probabilidades para preencher as lacunas:

O uso do computador proporcionou condições para que se pudesse englobar a gama de combinações possíveis entre os núcleos centrais e os integrantes. Ao todo foram compostas 244 probabilidades de composição dos domicílios para enquadrar cada chefe e demais pessoas presentes, atendendo às peculiaridades da composição de cada domicílio (Pinto, 1992, p. 34).

Assim, a partir da apresentação de metodologia, adequação do quadro conceitual e uso de computador com modelos matemáticos, dialogando com autores nacionais e internacionais, a autora afirma que seu trabalho propõe uma novidade, que é a forma de enxergar e pesquisar a particularidade local:

A principal alteração que se efetuou em relação aos modelos adaptados e propostos pelos autores citados para o estudo dos domicílios no Brasil, foi o de deslocar os agregados parentes das sub-categorias dispostas em ordem vertical, geralmente integrantes das categorias de famílias nucleares extensas, múltiplas ou aumentadas, para ordená-los na ordem horizontal, distinguindo o parentesco se ascendente, descendente ou colateral, ou ainda as várias composições destes elementos (Pinto, 1992, p. 35).

Na seção seguinte, a autora aborda como se deu a ocupação de Castro, os grupos e as origens dos grupos que ocuparam a região e seus devidos fins. Nesse aspecto, faz um levantamento exaustivo das fazendas com seus devidos proprietários, como também das mudanças de proprietários a partir de vendas e heranças. Além da forma de ocupação da terra e dos embates que envolveram, discorre sobre a fundação da Vila de Castro, como seu ordenamento social, político e econômico. As seções seguintes são destinadas à análise demográfica da estrutura populacional e domiciliar. Sobre isso, os dados que a autora pesquisa e constrói permitiam conclusões como a que segue em citação, lembrando que sondar o comportamento da sociedade fazia parte dos objetivos da demografia histórica praticada por essa geração:

Em dois domicílios de mulheres solteiras, não foram registrados filhos. Ou não tiveram, morreram ou já haviam saído do domicílio. Em todos os outros eles existiam, demonstrando que as relações extraconjugais eram freqüentes na vila de Castro (Pinto, 1992, p. 148).

Os trabalhos realizados pelas autoras Elisabete Alves Pinto e Maria Aparecida Cezar Gonçalves foram lidos e recebidos como contribuições de historiografia. Nesse espaço que dedicamos para ler e compreender seus textos, podemos perceber algumas de suas teses, como também a forma como viam seus trabalhos e compreendiam o que fazia parte do ofício do historiador. Na seção seguinte, veremos como esses trabalhos foram recebidos.

### 3.4 A RECEPÇÃO DA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA: A LEITURA DE ELISABETE ALVES PINTO E DE MARIA APARECIDA CEZAR GONÇALVES PELA COMUNIDADE HISTORIADORA

O texto, no processo de produção, é carregado pelo escritor, porém, depois de concluído, ele se desprende do seu escritor, e ele o carrega. Com isso, queremos dizer que o sentido do texto é relacionado com a recepção leitora<sup>61</sup>, de indivíduos e comunidades, e essa recepção não é totalmente controlável pelo escritor. O texto historiográfico não foge à regra. Ele sairá do mundo da pesquisa e entrará no mundo

---

<sup>61</sup> Os aportes da teoria estética da recepção têm sido apropriados pelos historiadores, conforme aponta Benatte (2012). O texto é realizado nos encontros com os leitores/as e comunidades leitoras, portanto, no ato de recepção do texto, e não somente na produção. Conforme aponta Chartier (1999), os sentidos da leitura, ou as formas de apropriação, podem ser sondados pela outra faceta da leitura: a escrita. É o que pretendemos sondar nessa parte da dissertação.

do leitor. Assim, um texto histórico se constitui como tal tanto na concepção do historiador que o elabora quanto no modo como é recebido. Nesse sentido, a história acadêmica será medida, avaliada e terá vida longa como epistemologicamente e hermenêuticamente plausível e válida por uma comunidade de leitores, que poderá recebê-la como valiosa ou não. Conforme Certeau:

Finalmente, o que é uma 'obra de valor' em história? Aquela que é reconhecida como tal pelos pares. Aquela que pode ser situada num conjunto operatório. Aquela que representa um progresso com relação ao estatuto atual dos 'objetos' e dos métodos históricos e, que, ligada ao meio no qual se elabora, torna possíveis, por sua vez, novas pesquisas. (Certeau, 1982, p. 64).

Assim, neste espaço que se encaminha para o final, pretendemos empreender uma análise sobre como as obras e as historiadoras estudadas foram recebidas, buscando apreender essas leituras e se, ou como, contribuíram com o campo. Podemos, claro, retomar a ideia de pacto entre o leitor e leitora, e a ideia de que a comunicação envolve um contexto e código partilhado entre o produtor da comunicação e o destinatário.<sup>62</sup>

Em artigo publicado recentemente na Revista de História Regional da UEPG, adaptado de capítulo de sua tese de doutorado, Rosângela Petuba propõe problematizar certa visão e modelo explicativo que estão presentes em obras acadêmicas e não acadêmicas.

Contudo, o propósito desse artigo é dialogar com aquela que considero a face mais inquietante dessa questão: **a dificuldade de problematizar criticamente essa chave explicativa dentro da própria produção intelectual de caráter acadêmico - projetos de pesquisas e estudos realizados na graduação e pós-graduação, artigos e demais reflexões produzidas que se debruçam sobre análise dos processos históricos-sociais da cidade de Ponta Grossa** com seus projetos presentes e passados de reordenação social (Petuba, 2023, p. 2, grifo nosso).

A partir de sua inquietação sobre a ferrovia, memória, história e trabalhador ferroviário em Ponta Grossa, coloca em revisão a produção historiográfica local. Dos autores e autoras citados até o momento, Petuba (2023) é a única que torna objeto a história acadêmica local. Como vimos na citação acima, preocupa-se em entender - segundo sua leitura - como a historiografia acadêmica da/sobre a cidade mobilizou,

---

<sup>62</sup> Como descreve Zilberman (2018).

de maneira irrefletida ou não crítica, o conceito e chave explicativa: *cidade encruzilhada*<sup>63</sup>.

Localizando a origem no historiador pertencente ao CCEC, *Eno Teodoro Wanke*, comenta: “[...] A representação da cidade como a encruzilhada do Paraná foi incorporada de forma quase universal à história da cidade e influenciou vastamente a historiografia produzida sobre ela, sem que se chegasse, de fato, a questionar quais as raízes de tal construção” (Petuba, 2023, p. 13). Sobre a tese de que a cidade é/era encontro natural e destinado de caminhos, ou de que tinha lugar geo-histórico privilegiado, e sobre a permanência de longa duração dessa representação sobre Ponta Grossa, escreve:

Assim, a representação da ‘cidade encruzilhada’, da ‘cidade encontro de caminhos’, do ‘grande entroncamento rodoferroviário do Paraná’ **tem sido ponto de partida e premissa naturalmente aceita na discussão sobre Ponta Grossa**. A permanência dessa imagem encontrada em produções contemporâneas oriundas de espaços políticos e intelectuais importantes da tessitura de discursos e práticas sociais na e sobre a cidade atestam a força de tal construção (Petuba, 2023, p. 10, grifo nosso).

Assim, tomando e tornando a produção historiográfica como fonte e discurso produtor e/ou reprodutor de conceitos e sentidos, a autora objetiva estabelecer “[...] um diálogo com a historiografia local a fim de indagar quais os sentidos construídos para a ferrovia na história de Ponta Grossa, esmiuçando a intrincada dinâmica de criação, questionamento e cristalização de conceitos” (Petuba, 2023, p. 8). Nesse âmbito, Petuba (2023), além de historiar a maneira como os historiadores locais receberam e se utilizaram da chave explicativa já mencionada, também analisa como se dá a criação e consolidação de conceitos, além de como a historiografia funciona como discurso produtor de memórias:

Para enfrentar o debate em torno da constituição da tese da cidade encruzilhada como um processo de produção de uma memória histórica, foi preciso aprofundar o entendimento do impacto do trabalho do historiador na constituição de memórias e de entender a própria historiografia enquanto um processo de instituição de memórias como alertou a historiadora Iara Aun Khoury (Petuba, 2023, p. 3).

---

<sup>63</sup> Como veremos na análise da obra das historiadoras Maria Aparecida Cezar Gonçalves e Elisabete Alves Pinto, a ideia do desenvolvimento da cidade a partir de eixo explicativo, no caso delas, não foi tomado de forma a reproduzir acriticamente a memória produzida no texto historiográfico, pois as leituras referenciais das autoras se encontram nas produções de Brasil Pinheiro Machado, Altiva Balhana Pilatti e Cecília Westphalen, além de densa pesquisa em fontes documentais.

A autora toca em ponto essencial à história da historiografia, demonstrando sua relação com o lugar que a situa e, também, como dois registros, duas formas de operar o conhecimento sobre a cidade, podem se encontrar. Isso fica claro quando ela localiza a produção e origem do termo no texto não acadêmico, mas, ao mesmo tempo, percebe e constata seu uso por historiadores profissionais. Outra questão que a pesquisa levanta, mesmo que sem intenção, é a das possibilidades do conhecimento histórico, ou melhor, como podemos, a partir da história da historiografia local/regional, levantar questões de teoria e epistemologia da história. Mesmo ao negar essas questões, acaba por sugerir-las:

Obviamente, não se trata de contestar o que já foi objeto de tantas pesquisas amparadas em aporte documental. Nesse sentido, não contestamos o fato de que Ponta Grossa estar integrada ao Caminho de Viamão influenciou seu desenvolvimento histórico. As evidências colhidas e discutidas a esse respeito não são meras ficções literárias. E não é objetivo dessa discussão negar ou confirmar a influência da localização geográfica no desenvolvimento da cidade (Petuba, 2023, p. 15).

O trabalho de Petuba (2023), ao tocar no surgimento de conceitos e chaves explicativas sobre a cidade, torna-se de crucial importância para o que se realiza, pois coloca em perspectiva de estudo a produção das historiadoras Pinto e Gonçalves (1982).

O historiador Edson Armando da Silva realiza a leitura das autoras, no que concerne à forma de ocupação do território entre os séculos XVIII e XIX - concebido como lugar de passagem -, bem como à mudança da estrutura populacional a partir da chegada de novos imigrantes, tomando esses estudos como consolidados, ao citar seus textos e utilizar as tabelas e os gráficos construídos pelas historiadoras. Vejamos:

Com base em estudo realizado por Maria Aparecida Cezar Gonçalves e Elizabete Alves Pinto no cartório Sant'Ana de registro civil, pesquisando os anos de 1889 a 1920, pode-se visualizar a distribuição dos imigrantes na sociedade pontagrossense no início do século, e as principais atividades desempenhadas por eles (Silva, 1992, p. 25).

E ainda:

Conforme referem Maria Aparecida Cezar Gonçalves e Elizabete Alves Pinto 'todo e qualquer viajante, comerciante ou aventureiro que se dirigisse, por terra, de São Paulo para o extremo sul do país, nos finais do século XVIII ou inícios do século XIX, deveria atravessar as terras da Comarca de Castro, alcançando o Bairro de Ponta Grossa, que se constituía à época num local obrigatório de passagem, ligada que estava ao Caminho do Viamão' (Silva, 1992, p. 21).

A historiadora e professora Carmencita Holleben Mello Ditzel, em tese de doutorado, ao dialogar com a produção em conjunto de Gonçalves e Pinto, o livro produzido em 1983, *Ponta Grossa: um século de vida 1823-1923*, também tomará as teses de ocupação de território, posição geográfica, cidade de tipo receptivo e mudança de estrutura demográfica e social com a chegada de contingente de imigrantes como consolidadas:

A população ponta-grossense começou se modificar a partir da chegada das primeiras levas de imigrantes europeus, ocorrida no início da década de 1870, conforme relatam Pinto e Gonçalves: 'Em novembro e dezembro de 1877 e julho, agosto e outubro de 1878, chegaram ao município de Ponta Grossa, 2.381 russos alemães, dos quais 1.646, tinham mais de 10 anos; 461 entre 10 e 3 anos e 274 com menos de 3 anos de idade.' (PINTO e GONÇALVES, 1983, p. 76) (Ditzel, 2008, p. 75).

Ainda, ao dialogar com a tese de Pinto (1992), a qual defende em seu doutorado sobre a vila de Castro, domicílios, famílias e suas relações com Curitiba (PR), tomando essa cidade como centro irradiador, concorda, nesse sentido, com Brasil Pinheiro Machado (1951; 1969). Vejamos:

Ao analisar a estrutura da população de Castro, Pinto (1992) conclui que as sesmarias dos Campos Gerais foram concedidas a paulistas, curitibanos e parnanguaras. Exemplifica com diversos casos, entre eles: Guilherme Dias Cortes, medidor do rocio de Curitiba; José Rodrigues de França, Capitão-Mor de Paranaguá; Ignácio Morato, de Paranaguá, e Manoel Rodrigues da Motta, tabelião em Curitiba. Afirma ainda que existem relações estreitas de parentesco entre paulistas e curitibanos e, conseqüentemente, com os povoadores da região do Iapó. Para a referida autora, durante o século XVIII, a Vila de Curitiba exerceu o controle político administrativo dos Campos Gerais designando os juízes, almotacéis e capitães do mato. Esse domínio político permitia a participação de sesmeiros do Iapó na composição da Câmara Municipal de Curitiba. Essa partilha do poder esteve presente na emancipação da freguesia, depois vila de Castro, pois o processo se efetivou com a aprovação dos curitibanos (Ditzel, 2008, p. 25-26).

Cirlei Francisca Carneiro Luz, em estudo sobre a economia madeireira em Ponta Grossa e Guarapuava, usará como base a pesquisa de Maria Aparecida Cezar Gonçalves, como estudo consolidado no estudo demográfico de uma comunidade<sup>64</sup>. Ao situar o desenvolvimento histórico de Ponta Grossa, irá recorrer ao estudo de Maria Aparecida Cezar Gonçalves: "A ocupação dos campos se fez com base nas atividades do gado, principalmente do comércio de tropas bovinas e muares" (Luz, 1980, p. 24). Gutiérrez (1987), em texto sobre a demografia escrava, considera o texto de

<sup>64</sup> Essa referência aparece na página 303 (Gutiérrez, 1987).

dissertação de Maria Aparecida Cezar Gonçalves como estudo que contribuía para firmar o conhecimento histórico em base sólida.

Concluímos, a partir das leituras realizadas, que diversas pesquisas que procuraram compreender fenômenos relacionados à cidade de Ponta Grossa, encontraram, nos trabalhos de Maria Aparecida Cezar Gonçalves e Elisabete Alves Pinto, trabalho de historiografia. Consideraram suas pesquisas como lugar seguro para continuar novas pesquisas. A produção de suas teses, apesar de aprofundamentos posteriores, estabeleceu bases na historiografia ponta-grossense. Em suma, foram recebidas como historiografia e abriram caminhos para aprofundamentos posteriores; seus trabalhos ganharam virtudes epistêmicas e metodológicas, por apontar que os caminhos que fizeram para chegar até seus textos podem ser refeitos, rastreados e lastreáveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A academização do trabalho historiográfico transformou e ampliou as formas de produção de conhecimento histórico sobre e de Ponta Grossa. Os efeitos causados foram uma sistematização do conhecimento e de métodos de chegar até ele. Uma organização e periodização a partir de uma abordagem de longa duração, na qual se estabeleceram os períodos, momentos de rupturas, continuidades e perspectivas que se abriam para o presente de então.

Outro efeito, nas primeiras produções, foi o desaparecimento, esmorecimento dos nomes e pessoas nos textos estudados, sendo percebido um foco nas estruturas e em olhar a sociedade como organismo em movimento. Entretanto, ao mesmo tempo que são “despessoalizados”, verificamos que a escrita de Gonçalves (1979) e Pinto (1980) avivam, em suas narrativas históricas, sujeitos anônimos, novos atores no texto histórico a partir da quantificação, como é o caso de escravizados, mulheres e crianças - sujeitos que não estavam representados em textos históricos de então.

Assim, nos textos de dissertação e tese, percebemos que o ser/sujeito dos trabalhos foi uma comunidade estruturada, ligada por um espaço geográfico e trajetória histórica comum, formando uma estrutura que poderia ser conhecida e quantificada, enquanto trazia como sujeitos históricos grupos esquecidos dentro da história local. Além disso, percebemos uma certa tensão em relação ao trabalho de divulgação no livro *Ponta Grossa: um século de vida 1823-1923*, uma tensão entre pessoalizar e seguir a análise de estrutura. Isso porque poderemos ver, nesse livro, o desejo de manter o estatuto de cientificidade, ao mesmo tempo, a utilização de registro de fontes orais – as quais encontramos no Acervo Documental de Elisabete Alves Pinto -, e um afeto pela cidade e desejo de que essa afetividade contagiasse o leitor.

Essa “despessoalização”<sup>65</sup>, suspeitamos, também se efetivou no ocultamento e na opção por tornar o eu-pesquisador opaco, colocando sua presença em situação

---

<sup>65</sup> Em diálogo com Jurandir Malerba, e sua análise do estruturalismo, percebemos a tendência de ontologizar estruturas nos trabalhos demográficos (Malerba, 2008). O autor propõe que, a partir da abordagem estruturalista, inspirada na linguística de Ferdinand de Saussure, entre outros, principalmente mediada pela ação de Claude Lévi-Strauss, essa abordagem que privilegiava a sincronia e os fatores inconscientes e estruturais acabou por ontologizar as estruturas e matar o sujeito. Em texto clássico de Braudel sobre o tempo – tempo do acontecimento, conjuntura e longa duração -, o de menor força é o tempo dos acontecimentos ou de curtíssima duração, que é o da ação consciente. Toda essa influência chegou ao Departamento de História da UFPR, o lugar de formação das autoras aqui pesquisadas. Portanto, a hipótese aqui indicada nos forneceu base para, na

externa ao objeto<sup>66</sup>. Esta realidade se diferencia das obras produzidas em contexto fora da Universidade, principalmente as de maior recepção e circulação, como foi e é o caso de *5 Histórias Convergentes*, de Epaminondas Holzmann, marcadas pela presença e não anulação da *persona*. O afeto, ao que parece ao historiador Epaminondas, não traria dano à verdade histórica.

Outro contraste é de ênfase, pois Holzmann focará a história de pessoas. A história da cidade é movida por pessoas com nomes e atos que puxam e encaminham a cidade. A individualidade, a exceção, o talento, na sua concepção, são motores no encaminhamento histórico. Os indivíduos narrados são atores que conseguiram transcender o contexto social e econômico, e colocar a cidade no trilho do progresso, esses representados pela música, justiça, medicina moderna, imprensa e teatro. Esse aspecto torna Ponta Grossa um centro importante no Estado do Paraná, não mais tanto a posição geográfica, a chegada da linha férrea, o tropeirismo, a classe de fazendeiros, mas, sim, indivíduos migrantes – Jacob Holzmann (Rússia), Casimiro dos Reis (Pernambuco), Francisco Burzio (Itália), Hugo dos Reis (Rio de Janeiro) e José Cadilhe (Antonina) - com suas vontades de fazer Ponta Grossa seguir para a marcha do progresso. Ele não desconsidera fatores conjunturais, mas a ênfase recai sobre os indivíduos principais. Pela narração, o autor manifesta impressões e afetos que certas narrativas evocam em sua memória. Apesar de utilizar fontes escritas para comprovar parte dos fatos, como jornais e outros escritos, vai ser a memória a fonte maior de autoridade. Essa memória opera em dois registros, as que ele viveu e aquelas que recebeu por tradição familiar. Para estruturar as narrativas pelas memórias, juntará fontes escritas, trabalhos de outros historiadores e uso do conhecimento de acontecimentos históricos gerais, alguns que viveu, como a chamada Revolução de 1930, e outros que pode ter aprendido na lida com imprensa, família, sala de aula ou por leituras que não indica de forma clara. Algumas informações e fatos narrados por Holzmann não são rastreáveis ou, pelo menos, não são de fácil rastreabilidade em outras fontes que não em seus escritos.

---

produção das autoras estudadas, perceber como se realizou a recepção dessas ideias na escrita das historiadoras, comparando-a também com produção anterior ao regime acadêmico.

<sup>66</sup> Ferdinand Braudel, na década de 1980, já apontava que, ao historiador, cada vez mais lhe era negada a presença sentimental na obra, e o lugar que lhe estava reservado era o do silêncio pessoal: “Aliás, à medida que evolui, o ofício do historiador nos condena cada vez mais à secura, à exclusão do coração. De outro modo, a história, que tanto se compraz no contato com outras ciências dos homens, não tenderia a se tornar, como estas últimas, uma ciência muito imperfeita, mas uma ciência” (Braudel 1989, p. 11). Por isso, o historiador precisa ser um observador “[...] tão desprendido quanto possível, o historiador deve se condenar a uma espécie de silêncio pessoal” (Braudel, 1989, p. 11).

Isso difere dos escritos de Maria Aparecida Cezar Gonçalves e Elisabete Alves Pinto, as quais, para cada informação e acontecimento, intentam endereçar à fonte material que poderia comprovar. A forma de apresentação, ao mesclarem textos e uma quantidade enorme de gráficos e tabelas a partir de uma igual quantidade de documentos passados por aquilo que chamam de crítica das fontes, é para demonstrar a veracidade e cientificidade do conhecimento. Todos ou quase todos os fatos, informações e acontecimentos têm um lastro de arquivo e documento, e o percurso para chegar até a informação pode ser feito por outro interessado. Em alguns casos, não em todos, a comparação do texto de Holzmann e a produção de Maria Aparecida Cezar Gonçalves e Elisabete Alves Pinto possibilita formas de pensar nas diferenças e o lugar da produção a partir do registro memorialístico e do registro acadêmico, conforme propõe Chartier (2022, p. 18-19):

[...] Ricoeur estabelece uma série de distinções essenciais entre estas duas formas de presença do passado no presente que asseguram, por um lado, o trabalho da memória e, por outro lado, a operação historiográfica. A primeira diferença é a que distingue o testemunho do documento. Se o primeiro é inseparável da testemunha e da credibilidade outorgada a suas palavras, o segundo permite o acesso a conhecimentos que foram recordações de ninguém. À estrutura fiduciária do testemunho, que implica a confiança, se opõe a natureza indiciária do documento, submetido aos critérios objetivos da prova. Uma segunda distinção opõe a instantaneidade da memória e a construção explicativa da história, seja qual for a escala de análise dos fenômenos históricos e o modelo de inteligibilidade escolhido, tanto as explicações que estabelecem as determinações desconhecidas dos atores quanto as explicações que privilegiam suas estratégias explícitas e conscientes. Depreende-se daí uma terceira diferença: entre o reconhecimento do passado possibilitado pela memória e sua representação, no sentido de 'ter o lugar de', assegurada pelo relato histórico.

Essa realidade não é distinguida por Epaminondas Holzmann, que mescla memória e história, a mescla que é cortada e separada no registro acadêmico trabalhado e proposto por Maria Aparecida Cezar Gonçalves e Elisabete Alves Pinto. De qualquer forma, o historiador Epaminondas Holzmann e as historiadoras Maria Aparecida Cezar Gonçalves e Elisabete Alves Pinto estão atrelados à noção de verdade histórica, virtude epistêmica, que não pode ser desatrelada de qualquer operação e da representação historiográfica, seja no registro histórico acadêmico ou não. Como demonstra Chartier (2022, p. 8-9) e como pudemos comparar nos estudos que fizemos, a história, desde os seus tempos ligados à retórica/poética, traz o argumento retórico à prova do referencial externo, sendo uma *mimese* do particular:

Trata-se então de reconhecer a compatibilidade, ou melhor, a inseparabilidade entre o pertencimento da história, qualquer que seja, à classe das narrativas e sua capacidade de fornecer um conhecimento submetido a operações próprias e aos critérios de controle compartilhados por uma comunidade científica (Chartier, 2022, p. 9).

Num tempo de polarização à esquerda e à direita<sup>67</sup>, sendo o passado constantemente mobilizado de um lado e de outro, torna-se válida a definição do que deveria ser o ofício do historiador:

Trata-se então de reconhecer a compatibilidade, ou melhor, a inseparabilidade entre o pertencimento da história, qualquer que seja, à classe das narrativas e sua capacidade de fornecer um conhecimento submetido a operações próprias e aos critérios de controle compartilhados por uma comunidade científica (Chartier, 2022, p. 20).

Assim, a obra que se quer histórica, acadêmica ou não, deverá ter como horizonte a verdade, mesmo que seja parcial. A pretensão de autoridade de uma representação da realidade histórica será proporcional à sua capacidade de prova. A história, nesse aspecto, e se assim proceder, poderá ser instrumento de cidadania:

Nessa perspectiva, a história sempre deve ser o saber que desmascara as verdades alternativas, que rechaça as negações do que foi ou do que é, que estabelece um conhecimento comprovado. Assim, pode contribuir a apaziguar as feridas que deixou em nosso presente um passado que foi amiúde injusto e cruel. Assim, pode desempenhar seu papel cívico e ético (Chartier, 2022, p. 20).

O trabalho que desenvolvemos, portanto, aponta questões importantes que emergem de pesquisa de cunho local para reflexão sobre historiografia, formas de apresentação, mecanismos que tornam, de certa maneira, o fazer historiografia permanente e outros que tornam a produção de conhecimento histórico escassa. Nos ajuda a pensar sobre a cultura histórica contemporânea e fornece caminhos para se pensar a relação entre memória e história. Permite, ainda, pensar como a história acadêmica e a história testemunhal, por sua diferença epistemológica e narrativa, alcançam e exercem apelo no leitor, e ainda, qual seria o lugar social de cada forma de história diante da sociedade, e os possíveis diálogos entre maneiras distintas de construção de conhecimento histórico.

---

<sup>67</sup> Basta uma breve consulta à internet para ver esse espectro e a crise da verdade se escancarar. Facilmente achará quem negue que houve uma Ditadura Civil-Militar no Brasil, que a Escravidão Africana no Brasil foi quase que voluntária e cuja culpa recai aos próprios escravizados; como achará grupos negando o Shoá (Holocausto), e ainda encontrará personagens proeminentes nas redes alegando que a URSS era o paraíso terrestre e que a imagem de Stálin genocida foi uma caricatura do Ocidente.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Isabele Fogaça. A criação da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa sob o olhar da imprensa. **Revista NEP - Núcleo de Estudos Paranaenses da UFPR**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 22-38, 2025.
- ASSIS, Vinicius Augusto Andrade de. **A flor de senzalas miúdas**: escravidão e parentesco nos campos de Castro (1789-1836). 2020. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2020.
- ARRUDA, Gilmar; PROENÇA, Wander de Lara. A historiografia do Paraná e o espaço simbólico da academia: os historiadores, seus lugares e suas regiões (1970-2012). **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 18, n. 1, 2013.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998.
- BALHANA, Altiva P.; MACHADO, Brasil P.; WESTPHALEN, Cecília M. **História do Paraná**. v. 1. Curitiba: GRAFIPAR, 1969.
- BALHANA, Altiva Pilatti. Apresentação. In: GONÇALVES, Maria Aparecida; PINTO, Elisabete Alves. **Ponta Grossa**: um século de vida (1823-1923). Ponta Grossa: Kugler Artes Gráficas, 1983.
- BALHANA, Altiva Pilatti; WESTPHALEN, Cecília Maria. O emprego de computadores na História. **Revista de História**, São Paulo, n. 94, p. 641-644, 1973.
- BARROS, José D'Assunção. História local e história regional: a historiografia do pequeno espaço. **Revista Tamoios**, São Gonçalo (RJ), v. 18, n. 2, p. 22-53, jul.-dez., 2022.
- BENATTE, Antonio Paulo. Os pentecostais e a Bíblia no Brasil: aproximações mediante a estética da recepção. **Rever**, São Paulo, v. 12, p. 9-30, 2012.
- BENATTE, Antonio Paulo. História da historiografia local/regional: O projeto de Frederico Martinho Bahls. In: **Dicionário Histórico dos Campos Gerais**. Ponta Grossa: UEPG, 2019. Disponível em: <https://www2.uepg.br/dicion/historia-da-historiografia-localregional-i-o-projeto-de-frederico-martinho-bahls/>. Acesso em: 15 dez. 2025.
- BONI, Maria Ignês M. de; MARCHI, Euclides; NADALIN, Sérgio; SIQUEIRA, Marcia D. Trinta anos de historiografia: um exercício de avaliação. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, ANPUH/Marco Zero, v. 13, n. 25/26, 1992-1993.
- BOURDIEU, Pierre. **A ontologia política de Martin Heidegger**. Tradução de Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papirus, 1989.

BRAUDEL, Fernand. **A Identidade da França: Espaço e História**. v. 1. Tradução de Lygia Anjos Watanabe. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

BRAUDEL, Fernand. História e Ciências Sociais: a longa duração. **Revista de História**, São Paulo, v. 30, n. 62, p. 261–294, 1965.

CAMPOS, Nívio de. Pierre Bourdieu e a questão dos intelectuais. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 17, p. 1-18, 2022.

CARVALHO, Silvana Maura Batista. **A formação do professor de história na Faculdade de Filosofia da Universidade Estadual De Ponta Grossa de 1950 a 1970**: propostas curriculares e memórias docentes. 2010. Tese (Doutorado em Educação: História e Historiografia da Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 5, p. 173-191, 1991.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. Verdade e prova: história, retórica, literatura, memória. **Revista de História**, São Paulo, n. 181, 2022.

CHAVES, Niltonci Batista. **Percursos de um Historiador**: História Local, Imprensa e Intelectuais (HUGO REIS 1908/1924). Texto apresentado como requisito parcial para ascensão à categoria de Professor Associado na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa: UEPG, 2019. Disponível em: <https://www2.uepg.br/museu/wp-content/uploads/sites/31/2021/06/Percursos-de-um-historiador-historia-local-imprensa-e-intelectuais-Hugo-Reis-1908-1924.pdf>.

CORDOVA, Maria Julieta Weber. Bento Munhoz da Rocha Netto: a formação social do Paraná e a projeção de uma identidade regional. In: BENATTE, Antonio Paulo; SAAD, Cesar Van Kan (orgs.). **História da historiografia paranaense**: matrizes & mutações. Londrina: EDUEL, 2019.

CORDOVA, Maria Julieta Weber. **Brasil Pinheiro Machado**: um estudo de história intelectual. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

CORDOVA, Maria Julieta Weber; GARCIA, Ana Flávia Barboza. Jacob Holzmänn: um intelectual mediador no interior do Brasil nas primeiras décadas do século XX. In: CAMPOS, Nívio; MONTANER, Geraldo Garay (orgs.). **Os intelectuais em contextos nacionais e internacionais**: campos, fronteiras e disputas. Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

CORDOVA, Maria Julieta Weber. O discurso regional autorizado de Bento, Brasil e David. **Revista NEP - Núcleo de Estudos Paranaenses da UFPR**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 1-14, 2015.

CORDOVA, Maria Julieta Weber. **Tinguis, Pioneiros e Adventícios na Mancha Loira do Sul do País**: o discurso regional autorizado de formação social e histórica paranaense. 2009. Tese (Doutorado em Sociologia) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

DITZEL, Carmencita Holleben Mello. **Manifestações autoritárias**: o integralismo nos Campos Gerais (1932-1955). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

DUMOULIN, Olivier. **O papel social do historiador**: da cátedra ao tribunal. Tradução de Fernando Scheibe. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

DOSSE, François. **La marcha de las ideas**: historia de los intelectuales, historia intelectual. Valência: Universitat de València, 2007.

DROYSEN, Johann Gustav. **Manual de Teoria da História**. Tradução de Sara Baldus e Julio Bentivoglio. Petrópolis: Vozes, 2009.

DUBY, Georges. **Para uma história das mentalidades**. Tradução de Amélia Joaquim. Lisboa: Terramar, 1999.

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. História, historiador e identidade profissional. Sobre a história do Curso de História da Universidade Federal do Paraná. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 54, p. 219-235, julho-dezembro de 2014.

GINZBURG, Carlo. **Os queijos e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Tradução de Maria Betânia Amoroso e José Paulo Paes. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In: GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais*: Morfologia e História. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOMES, E. M. **Evolução urbana de Ponta Grossa – PR**: uma análise entre as décadas de 1960 e 2000. 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programas de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

GOMES, Joselia Maria Loyola de Oliveira. A presença de escravos carmelitas na Fazenda Capão Alto, no Paraná: questões historiográficas. **Resgate**: Revista Interdisciplinar de Cultura, Campinas, v. 26, n. 1, p. 173-190, 2018.

GUEBERT, Caroline Aparecida; KARVAT, Erivan Cassiano. De histórias e tradições: o Centro Cultural Euclides da Cunha e a historiografia no periódico do Tapejara (1950-1961). **Ateliê de História**, Ponta Grossa, v. 3, p. 41-77, 2015.

GUEBERT, Caroline Aparecida. **Da intelectualidade princesina, o coração do Brasil**: trajetória, sociabilidades cívico-letradas e a plasticidade do Sertão imaginado no círculo euclidiano (Paraná, meados do século XX). 2018. Dissertação (Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História) - Universidade Federal do Paraná, 2018.

GUTIÉRREZ, Horácio. Demografia escrava numa economia não exportadora: Paraná, 1800-1830. **Estudos Econômicos (São Paulo)**, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 2, p. 297-314, 1987.

HENRY, Louis. Temas de pesquisa, fontes e métodos da demografia histórica do Brasil. **Revista de História**, São Paulo, v. 53, n. 105, p. 63-79, 2023.

JAVORSKI, Maureen Elina. Aspectos da produção historiográfica de Alfredo Romário Martins. In: BENATTE, Antônio Paulo; SAAD, Cesar Van Kan (orgs.). **História da historiografia paranaense**: matrizes & mutações. Londrina: EDUEL, 2019.

LAVALLE, Aída Mansani. **Germânia-Guaíra**: um século de sociedade na memória de Ponta Grossa. Ponta Grossa: UEPG, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora Unicamp, 1990.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

LIBLIK, Carmem Silvia da Fonseca Kummer. A formação e a profissionalização de historiadoras universitárias brasileiras (1960-1980). **História Oral**, v. 18, n. 2, p. 7-34, jul./dez. 2015.

LIMA, Lourival Santos; MICHAELE, Faris Antonio S. **Biografia de Vila Velha**. Ponta Grossa: 1975.

LOPES, Itamar Cardozo; DENIPOTI, Cláudio. Entusiastas da cultura: O universo do livro e suas representações nas cartas do Centro Cultural Euclides da Cunha. **História**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 368-393, 2010.

LUZ, Cirlei Francisca. **A madeira na economia de Guarapuava e Ponta Grossa 1915-1974**. 1980. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1980.

KARVAT, E. C. As vidas de Faris Michael: reflexões acerca de trajetórias de vida, biografias e escritas da história. In: XV Encontro Regional de História, 2016. Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba, 2016.

MALERBA, Jurandir. Estrutura, estruturalismo e história estrutural. **Diálogos**, Maringá, v. 2, n. 1, p. 19-55, 2008.

MIGUEL, Igor da Silva. **Mischlei e Mediação Educacional**: uma análise pedagógica de Provérbios de Salomão. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MICHAELE, Faris A. S. **Ensaio contemporâneos (ciência e filosofia)**. Curitiba: Editora Guaíra Limitada, 1940.

MICHAELE, Faris A. S. **Breve introdução à antropologia física**. Curitiba: Superintendência do Ensino Superior do Paraná, 1961.

MICHAELE, Faris A. S. **Arabismos entre os africanos na Bahia**. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense, 1968.

MICHAELE, Faris A. S. **Cepa esquecida**: brasileiros ilustres de sangue indígena. Ponta Grossa: Gráfica Planeta, 1983.

MUELLER, Helena Isabel. Fragmentos de construção de subjetividade: Brasil Pinheiro Machado. *In*: BENATTE, Antônio Paulo; SAAD, Cesar Van Kan (orgs.). **História da historiografia paranaense**: matrizes & mutações. Londrina: EDUEL, 2019.

MUSEU CAMPOS GERAIS. **Curso de Iniciação Secundária III**. Iniciação Geográfico-Histórica. Fundo Cadernos Pedagógicos de João Rodriguez Becker y Silva. Curitiba, 1937.

NICOLAZZI, Fernando F. Os historiadores e seus públicos: regimes historiográficos, recepção da história e história pública. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 203-222, jan./jun. 2019.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História da PUC-SP, São Paulo, v. 10, 1993.

OLIVEIRA, R. P. O engajamento político e historiográfico no ofício dos historiadores brasileiros: uma reflexão sobre a fundação da historiografia brasileira contemporânea (1975-1979). **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 11, n. 26, 2018.

PAZ, Francisco Moraes. **Na poética da história**: a realização da utopia nacional oitocentista. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

RICOEUR, Paul. Memória, história, esquecimento. *In: Recursos em Linha*, Instituto de Estudos Filosóficos (UC), tradução de Hugo Barros, 2016.

ROSENTHAL, Paul-André; SATTLER, Janyne. Por uma história política das populações. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 1, n. 1, 2009, p. 176-200.

RUNDVALT, Darcio. **Para além do cenário, do palco ou do pitoresco**: a paisagem dos Campos Gerais no Paraná nos relatos de viagem do século XIX - Auguste de Saint-Hilaire, Thomas P. Bigg Wither e Visconde de Taunay. 2016. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

SILVA, Helenice Rodrigues da. O intelectual no campo cultural francês: do Caso Dreyfus aos tempos atuais. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p. 395- 413, jul. 2005.

SILVA, Helenice Rodrigues da. A História Intelectual em questão. *In: LOPES, Marcos Antônio. (org.). Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 15-25.

VAN KAN SAAD, Cesar. Arquivo historiográfico e a escrita da história: uma leitura de História da História do Brasil. *In: CUNHA, André Gustavo Lescovitz; MORAES, Anne Caroline da Rocha; ZLATIC, Carlos Eduardo (orgs.). O fazer histórico na contemporaneidade*. 1. ed. Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2019.

WEBER, Maria J. Eugenia, pensamento social e discursos identitários no Brasil: entre “heróis capengas”, “urupês de pau podre” e “manchas loiras”. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 29, 2024.

WESTPHALEN, Cecília Maria. Historiografia paranaense. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Brasília/Rio de Janeiro, n. 343, p. 105-126, abr./jun. 1984.

WESTPHALEN, Cecília Maria. Os Cursos de Pós-Graduação em História da UFPR. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 14, n. 26/27, 1997.

ZILBERMAN, Regina. **Teoria da Literatura I**. 3. ed. Curitiba: IESDE Brasil, 2018.

ZULIAN, R. W. "A semente de uma grande cidade": uma leitura dos discursos construídos sobre a fundação da cidade de Ponta Grossa (PR). **Revista de História Regional**, [S. l.], v. 14, n. 2, 2010.

ZULIAN, R. W. **Entre o aggiornamento e a solidão**: práticas discursivas de D. Antônio Mazzarotto, primeiro bispo diocesano de Ponta Grossa - PR (1930-1965). 2009. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

## APÊNDICE A – ENTREVISTAS COLIGIDAS DA TESE DE DOUTORADO

CARVALHO, Silvana Maura Batista. **A Formação do Professor de História na Faculdade de Filosofia da Universidade Estadual de Ponta Grossa de 1950 a 1970**: propostas curriculares e memórias docentes. 2010. p. 286. Tese (Doutorado em Educação: História e Historiografia da Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

| <b>Professora Guízela Veleda Frey Chamma</b><br><br><b>GUÍZELA VELEDA FREY CHAMMA Realização da entrevista - data 17/03/2009 - horário: das 15:00 às 17:00 h - local: residência do entrevistado em Ponta Grossa</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | <b>Página</b>            |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------|
| <p>1. [...] o curso de História e Geografia aqui em Ponta Grossa era muito fraco. Não criticando os professores, que eram ótimas pessoas! Mas não tinham conhecimento, por isso apenas liam os conteúdos em sala de aula, nunca usavam um mapa, não havia metodologia. Fui aprender a ser professora no mestrado. E, ainda, quando fui aprovada no concurso, peguei o programa da disciplina pronto e corri atrás, em busca de ajuda em Curitiba, não recebendo apoio dos novos professores formados pela UFPR [...] Então, fui em busca de aquisição de bibliografia na cidade de São Paulo, adquirindo livros escritos em alemão, língua que eu dominava a leitura; em espanhol, os quais se encontravam em maior quantidade, e em francês. [...] Como já disse, fui à São Paulo comprar livros. Cheguei lá, não sabia onde, pensei em procurar o pessoal do Mackenzye, porque lá eu havia feito o curso de Pedagogia. Mas não adiantava! Fui a uma livraria e perguntei sobre o tema. Então, um senhor me levou ao andar superior e eu fiquei lá, escolhi os livros, mas eram em outras línguas, então comprei dois livros em alemão, três em espanhol e dois em francês. É, tinha sim! Então, comprei os livros à prestação, em três vezes, e a livraria mandou entregar. Recebi aqui em casa. Era assim, um acordo entre livrarias. E aí, eu lia bem em alemão, então estudava, lia, lia e chorava em cima dos livros. Mas estudava, estudava com dificuldade, fazia planejamento [...] [Profª Guízela Veleda Frey Chamma<sup>115</sup>, entrevista em 17/03/2009].</p> | <p>Páginas 133-134</p>   |
| <p>2. fui convidada e incentivada pelos colegas para fazer o concurso na cadeira de Introdução aos Estudos Históricos, [...] Mas estudava, estudava com dificuldade, fazia planejamento. Mas naquele tempo, a gente mandava toda a documentação para o MEC e os outros professores que fizeram concurso comigo, que foram o Josefredo para Civilização Ibérica e a Maria Aparecida para História Antiga e Medieval, e, daí, naquele tempo, foi dividida em duas – Antiga / Medieval, mandaram junto. A documentação deles foi aprovada e a minha não! [...]. [Entrevista em 17/03/2009].</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | <p>Página 193</p>        |
| <p>3. [...] Eu estudei muito, foi na USP. Eu ia para aula toda semana, sabe lá o que é isso? Ainda,</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | <p>Páginas 217 – 218</p> |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                      |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|
| <p>nas férias eles davam um curso intensivo e eu pesquisei o mês de janeiro e fevereiro todo, no Arquivo Nacional E depois, mais dois anos do Doutorado [E, qual foi sua dissertação?] Ah! Não me lembro, eu apresentei um relatório lá. Mas, a tese foi sobre o Paraná – Povoadores dos Campos Gerais, com o histórico de todas as cidades de Pirai do Sul, Castro, Ipiranga, Imbituva, Ponta Grossa e até Porto Amazonas. Por isso, fui convidada pelo bispo de Ponta Grossa para fazer a história da diocese, 218 daí viajei por todas às cidades, para pesquisar nos livros das igrejas.[...] [Profª Guízela, entrevista em 17/03/2009].</p> |                      |
| <p>4. [...] com o professor Brasil [Pinheiro Machado] que eu aprendi o que era pesquisa, aí sim eu pude melhorar a disciplina [Introdução aos Estudos Históricos]. [A senhora trabalhava com pesquisa com os alunos, na sua disciplina? Pesquisa bibliográfica ou pesquisa de campo?] As duas, eu pegava os alunos e ia lá para a biblioteca, e dizia: "agora vocês vão pesquisar sobre tal assunto". E saía, fazia viagens, no 1o semestre para a Lapa, no 2o semestre para Paranaguá. Ia para Morretes, depois, separado para Antonina. Ia para cá, Imbituva, Prudentópolis, Castro, Pirai do Sul [...]. [Entrevista em 17/03/2009]</p>        | <p>Página 230</p>    |
| <p>5. [...] com o professor Brasil [Pinheiro Machado] que eu aprendi o que era pesquisa, aí sim eu pude melhorar a disciplina [Introdução aos Estudos Históricos]. [A senhora trabalhava com pesquisa com os alunos, na sua disciplina? Pesquisa bibliográfica ou pesquisa de campo?] As duas, eu pegava os alunos e ia lá para a biblioteca, e dizia: "agora vocês vão pesquisar sobre tal assunto". E saía, fazia viagens, no 1o semestre para a Lapa, no 2o semestre para Paranaguá. Ia para Morretes, depois, separado para Antonina. Ia para cá, Imbituva, Prudentópolis, Castro, Pirai do Sul [...]. [Entrevista em 17/03/2009]</p>        | <p>Página 243ufp</p> |

MARIA APARECIDA GONÇALVES Realização da entrevista: - data 05/12/2008 -  
horário: das 14:00 às 15:45 h - local: residência da entrevistada

| <p><b>Professora Maria Aparecida Cezar Gonçalves</b></p> <p><b>MARIA APARECIDA GONÇALVES</b><br/>Realização da entrevista: - data 05/12/2008 - horário: das 14:00 às 15:45 h - local: residência da entrevistada</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | <p><b>Páginas</b></p> |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------|
| <p>6. [...] a história ficou parcelada em cada lugar, em cada momento. E aí a gente estudando aquela fase, vendo quanta coisa boa teve teve, mas que ninguém sabe! A história é criticada, muitas vezes [...] se desloca o parecer, a partir do desconhecimento [...]. E isso vale inclusive para os particulares da nossa região, a nossa localidade, ou da nossa própria história pessoal, [...] muita gente acha que não tem uma história! Todo mundo tem a sua!</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                       |
| <p>7. [...] Deixe eu me lembrar como é que foi o vestibular. O vestibular era uma prova escrita e uma prova oral. [...] de História. Frente a frente com o professor. [...] Era dissertativa. [...] [Havia questões descritivas?] Isso, questões descritivas e as perguntas que também acabavam sendo descritivas porque em História você [...] não tem como responder sim ou não. É muito difícil.[...] [E a prova oral era um ponto, dissertação de um ponto?] Era um ponto, como é que se chama? [...] Sorteado, lá na cestinha! E aí tinha lá, aquela mesma lista da prova escrita valia para a prova oral [...] aí, você sorteava o ponto, e dentro daquelas três questões, você [...] Dependia da banca também, não é! [...] Me parece, porque no meu caso eu acho que era uma, me fizeram [...] Era assim: A, B e C as letras, a letra A sempre era dissertação e a B e C eram para fazer perguntas. E aí faziam questões assim mais abertas [...] A gente podia divagar um pouco também, errar mais! [risos]. Mas, eu me lembro que não fui muito bem no vestibular, não. As minhas notas não foram aquela maravilha! [...] Ah! Tinha que atingir, se não me engano, 5,0 [...]. Se não, era eliminado! [Por mais que houvessem vagas?] Exatamente! Eu me lembro que, parece-me que minha média foi 6,5, bem baixinha! Ah! Desculpe, tinha sim, tinha outras matérias porque a nota de História que foi a mais baixa do meu vestibular [...] me lembro que eu tirei 6,5 e era a mais baixa de todas as notas. E, foi para onde eu fui, para onde 71 eu me identifiquei mais e depois fui mais bem sucedida [Entrevista em 05/12/2009].</p> | <p>Páginas 70-71</p>  |
| <p>8. [...] Quando eu entrei na nossa antiga Faculdade de Filosofia, diziam para mim: "Nossa você vai fazer cursinho Walitta!" Já, havia essa conotação do curso de História ser um curso muito fraco, ser um curso onde todo mundo passava, e que não tinha nada a ver com o conhecimento. [...] quando eu fiz era História e Geografia juntos. [...] Eu me formei ainda era bacharel e depois que eu fiz licenciatura.[...] Meu tempo ainda é daquele tempo assim bem antiquinho! [risos]</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | <p>Página 96</p>      |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                   |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|
| <p>9. A procura, a necessidade por uma formação universitária também aumentou demais. Então, naquele tempo era, assim, mais restrito a gente ir para a faculdade. E eu, graças a Deus, eu fui! Naquele tempo [...] meus professores [...] eram licenciados<sup>112</sup>, e a maior parte em História e Geografia, porque o nosso curso era História e Geografia. Aliás, Geografia e História – dizia-se assim. Mas com raras exceções, que eu prefiro não determinar nomes [...] eram ótimos mestres, daqueles que tinham realmente muita vocação e gostavam de ensinar. E tinham muita alegria! E também havia aqueles que tinham muita alegria, mas não tinham muita vocação... [...] Não se dedicavam, propriamente, mas muitos deles, muito bons! Mas essa base que você perguntou, eu tive uma boa base, eu acho! [...] sempre com falhas, não vou dizer muitas, mas falhas! Por exemplo, nós tivemos uma disciplina, foi Antropologia, que é uma disciplina, nossa! De alta importância, como todas as outras, não tem uma maior ou menor, mas ela é básica e nós [...] não tínhamos professores, vinha um, vinha outro, vinha um, vinha outro. [Profa. Maria Aparecida Cezar Gonçalves, formada em 1964, entrevista em 05/12/2008].</p> | <p>Página 124</p> |
| <p>10. [...] tinha a parte das disciplinas de História e das disciplinas de Geografia. Então, nós tínhamos lá, por exemplo, a Geografia Física [...] o professor Olavo era quem trabalhava conosco. Maravilhosas as aulas do professor Olavo! Ele sempre me chamava de Lindamir, ao invés de Aparecida, até hoje ele lembra isso! [...] as aulas dele eram magníficas! E eu, de toda a equipe [...] de toda aquela turma [...] eu era a única que tinha ido do magistério direto para a faculdade, os outros todos tinham ido do científico, portanto, dizia o professor, vou repetir o que o professor Olavo falava, todos tinham uma base geográfica muito boa, só eu não tinha. E eu era uma das melhores alunas dele [...]. Então, a gente não tinha isso, e no científico você recebia [...]. Eu, uma vez, fiz uma prova de Geografia Física, e ele disse: "A maior nota é de uma pessoa que não teve o curso científico, teve só o magistério" [Escola Normal]. E era assim, também, ele dava Geografia Física [...]. [Profa. Maria Aparecida, entrevista em 10/12/2008].</p>                                                                                                                                                             | <p>Página 130</p> |
| <p>11. Faris Michaeli, isso! [...] Ele era o tipo do pesquisador, ele não era um professor nato, ele era pesquisador da mais alta excelência! Mas ele tinha dificuldade em transmitir o conhecimento que ele tinha. Meu Deus! Aquele homem era um poço de conhecimento! [...] não me lembro porque que ele saiu, não sei se ele ficou doente, o que foi, e aí começou... vinha um e vinha outro, vinha um e vinha outro.[...] [Profa. Maria Aparecida, entrevista em 10/12/2008].</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | <p>Página 131</p> |
| <p>12. Pesquisas bibliográficas durante o curso que eu fiz.. Como aluna? A única que ainda pediu um trabalho um pouco maior foi a professora Josefina, no primeiro ano, ela dava História Antiga. [...] Pesquisa bibliográfica, só, exclusivamente! [Entrevista em 05/12/2008]</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | <p>Página 132</p> |
| <p>13. [...] Não tinha nada de pesquisa de campo na parte de História. Quem fazia um pouco de pesquisa de campo era Geografia, que aí era o professor Olavo que nos levava na Vila Velha, estudar lá o material [...] os arenitos, isso sim! Depois, um pouco de pesquisa de campo a gente teve em Psicologia, com o professor Martins [...] Na licenciatura. Aí, também eles</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | <p>Página 132</p> |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------|
| mandaram a gente fazer entrevistas, com pessoas, teve alguma coisa nesse sentido. [Profa. Maria Aparecida, entrevista em 05/12/2008].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                |
| 14. [...] Montava-se os planos, fazia-se o material didático, era carregado de material, aí tinha que [...] com o professor, professor Aguiar, que era o nosso professor de Didática... como é que chama? [...] Especial, é de História, de Didática Geral era o professor Paschoal, e de Didática de História era o professor Aguiar, isso tanto na Geografia também era ele [...]. [Entrevista em 05/12/2008].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | Página 139     |
| 15. Olha [...] eu não tinha muito essa pretensão, eu achava que não tinha certa qualificação para ser uma professora universitária, e quem me levou foi o professor Paschoal. Foi ele que me induziu a fazer o concurso para ser professora na Faculdade. Ele foi o grande gerenciador dessa minha entrada na universidade. [...] É, havia poucos professores, mas sei lá, agora vou me gabar um pouco. A gente era uma aluna dedicada, eu trabalhava com ele lá no Aplicação desde 64. Então, ele sabia do meu potencial como professora e da minha qualidade de professora. [...] Do meu compromisso. Toda a minha, assim, [...] meu envolvimento com o trabalho, e o Colégio de Aplicação aquela época era ótimo. Era muito bom, era o Regente Feijó e o Colégio de Aplicação. [...] Eu trabalhava com a parte de história geral [Entrevista em 05/12/2008]. | Página 141-142 |
| 16. [...] Bem no começo. Mas eu não sou dessa fase, eu sou de lá quando ele funcionava na Faculdade. Quando ele veio aqui para o Instituto eu também já não trabalhei mais. Já não estava mais lá. Agora eu não me lembro! [Entrevista em 05/12/2008].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | Página 142     |
| 17. É, isso mesmo, era isso mesmo! O professor da classe, se ele quisesse, ficava assistindo, mas se não, não. Era a equipe de Didática que dizia se ele estava errando, se estava acertando, estava fazendo o que era preciso. Mas o professor da classe não. [...] Eu não me lembro de ter recebido, devo ter recebido por que eu trabalhei quatro, cinco anos, acho, [...] no Aplicação. Quando ele mudou para lá eu não fui. [Entrevista em 05/12/2008].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | Página 142     |
| 18. Já havia aumentado muito, e assim, pela própria estrutura da escola, tinha que receber Português, Matemática [...] de todas as áreas. E aí ele já não estava mais comportando tudo isso, então ele perde um tanto da sua característica principal [Entrevista em 05/12/2008].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | Página 143     |
| 19. [...] nós éramos em poucos alunos naquele tempo na Faculdade. O bacharelado não tinha aula para dar, só na licenciatura. Mas nós éramos acho que em sete, me deixa eu pensar:- eu, Dona Laura, Rosélia, João Lubzick, Hécio Ladeira, Gari... Não, o Gari não se formou! Como é o nome dele? Ele mora lá em Londrina, ele é juiz hoje, o Oldakowski, Carlos Oldakowski.[...] e o professor Alcides [...]. Parece-me que éramos oito quando nos formamos na licenciatura. No bacharelado éramos esses oito e acho que mais alguns, mas não me recordo agora. Mas éramos poucos alunos, não é como hoje, essa avalanche! Claro hoje houve um aumento demográfico muito grande. [Profa. Maria Aparecida [Entrevista 5/12/2008].                                                                                                                                 | Página 149     |
| 20. [...] é uma disciplina muito difícil de ser trabalhada. Eu sei disso porque depois eu lecionei Antropologia no lugar do professor                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | Página 152     |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                       |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------|
| <p>Fonseca, e olha que tive de estudar um monte! [risos]. Tive até que aprender um pouco de química, sabe [...] É, para você passar para os alunos, um mínimo você tem que ter. [...] Não tinha nada, nada! [...] Ele fundou tudo, ele formou tudo. [...] trabalhei um pouco, porque quando o professor Fonseca foi para a parte administrativa quem ficou dando aula no lugar dele fui eu. Eu que fui trabalhar com Antropologia e, a maioria sempre era a Antropologia Cultural, como você acabou de dizer. Mas evidente que para você chegar na antropologia cultural, você tem que ter o mínimo de antropologia física. Aquelas noções elementares [...] e era realmente muito difícil, muito difícil mesmo, inclusive porque a gente não tinha muita bibliografia [Entrevista em 05/12/2008].</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                       |
| <p>21. Eu me lembro também uma vez que eu peguei um livro em espanhol, não me lembro mais o nome do livro, mas eu me lembro que era em espanhol, porque a gente trabalhava muito com o espanhol. E eu dizia: “ah! como que isso aqui pode ser assim?”; não conseguia de forma nenhuma compreender, fui descobrir que a tradução estava errada. [...] É, não tinha como você compreender aquilo, como tem muito disso nas traduções, e a gente trabalha basicamente com tradução. [...] Você às vezes não tem outro referencial para buscar, porque o grande problema do professor, qualquer professor, mesmo de nível médio, mas principalmente nível universitário, é que ele tem que ter uma bibliografia, porque se ele não tiver, como – eu vou usar essa palavra – conferir certas informações? E, assim mesmo, às vezes ele vai passar coisas erradas, porque você não conta com uma reserva de conhecimento, além daquele pouquinho que você tem que transmitir na sala de aula... Aquele pouquinho que você transmite na sala de aula é, na verdade, resultado de uma gama imensa de conhecimento que você teve que obter, caso contrário, a sua aula vai ser seca, infértil, sem emoção... Sem profundidade, ineficaz, vai ser uma porcaria! [Entrevista em 05/12/2008].</p> | <p>Página 153</p>     |
| <p>22. [...] eu acho assim, que o professor universitário, principalmente das licenciaturas, devia ter um maior contato com o básico, para ele aprender, 154 de fato, o que é o básico [...]. Eu fui professora de todos os níveis. Mas a maioria não é! A maioria nem sabe o que é um trabalho numa escola de 1o grau, de fundamental, hoje que chama, nas primeiras séries. Eu acho assim, que o professor deveria ter, mesmo aquele que já está na sala de aula na universidade, como o estudante que está lá, eu acho que o fato de ele ter a disciplina de Didática é muito pouco para esse envolvimento. Se ele tivesse um pouco mais, com todas as séries, alguma coisa assim, que fosse institucionalmente voltada para o ensino das primeiras séries, eu acho que seria muito bom! [Entrevista em 05/12/2008].</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | <p>Página 153-154</p> |
| <p>23. [...] Ah! Sim. Aí já era o curso de História, aí já eram separados, História e Geografia, [...] não era mais! Já entrava tudo nos quatro anos [...] com todas as disciplinas pedagógicas, já desde o primeiro ano, inclusive. [...] [Entrevista em 05/12/2008].</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | <p>Página 160</p>     |
| <p>24. [...] Porque antes de eu fazer mestrado, vamos dizer assim de [19] 68, que foi quando eu entrei, até eu sair para o mestrado, havia... Eu vou voltar àquela questão de fechamento, eu</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      | <p>Página 191</p>     |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                       |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------|
| <p>não podia sair, porque eu tinha o ensino médio que barrava as minhas idas para fazer um curso melhor e de maior longevidade. Então fazia só esses cursinhos assim de fim de semana, participação, desse e daquele outro. [E aqui na região?] É aqui na região, também vinha o pessoal de Curitiba, fazia alguns cursos para nós, que a gente convidava e tal. [...] Promovido pela própria faculdade. E ali, [ na Faculdade] o que é que acontecia, cada professor que era indicado para a administração, lá. Nós que estávamos no grupo, fazíamos parte do departamento, ficávamos substituindo. Então, muito do que eu conheço, muito do que eu aprendi, não foi só com a minha matéria, com as minhas disciplinas, mas porque eu substituí outros professores. [...] porque nós tínhamos aquela mentalidade, naquele tempo, de que nossa obrigação qual era? Era servir a nossa Instituição, é claro, trabalhar por ela, pelos nossos alunos, não deixar lá [...] e quando um professor ia para a parte administrativa o outro tinha que substituí-lo. Isso para nós era uma questão própria, era uma questão natural.[...]. [Entrevista em 05/12/2008]</p> |                       |
| <p>25. [...] 1968 que eu fiz concurso para entrar na Faculdade. [...] Na verdade, eu comecei a lecionar em 67, a partir de agosto, no lugar da dona Josefina, que se aposentou, e a gente trabalhou durante todo esse semestre gratuitamente, no lugar dela, para que ela pudesse se aposentar e eu aguardasse a minha nomeação, que só aconteceu, eu só comecei a trabalhar em fim em março de 68. [...] Eu entrei como substituta. [...] Eu já era formada, mas não estava nomeada. [...] Eu era concursada, mas não estava ainda indicada, vamos dizer assim, pelo Estado [...] Mas eu digo, quando a dona Josefina se aposentou, eu ainda não tinha o ato oficial. Entendeu? Então eu continuei no lugar dela, mas sem ganhar nada. Meramente de boa vontade, porque eu ia ficar mesmo! Já estava concursada, já sabia que ia ficar, então eu fiquei no lugar dela, assim, voluntariamente, sem ganhar nada! [Profa. Maria Aparecida, entrevista em 05/12/2008].</p>                                                                                                                                                                                          | <p>Página 197-198</p> |
| <p>26. [...] Ah! Isso a gente fazia as nossas reuniões, e aí, claro a gente discutia que disciplina que vai ter, como é que vai ser uma vai ser antes, outra vai ser depois, uma discussão muito mais... não era teórica... uma discussão mais normativa [...]. Normativa, essa aqui, aquela ali, essa é para você, aquela é para ela, vamos designar que periodização, vai para cima, vai para baixo, tem pré-requisito, não tem pré-requisito... Mais não me lembro, pelo menos... Nada de uma, digamos, uma reunião, assim, mais esclarecedora [...]. [Entrevista em 05/12/2008].</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | <p>Página 203</p>     |
| <p>27. [...] próprios professores, agora, aí sim! Aí a gente fazia, durante uma reunião lá... Podia discutir essas ementas. [...] Isso, sim, aí havia! [...] a gente conversava, sim, mas não era [...] uma coisa proposital, com aquele objetivo, a gente discutia, conversava, mas... Isso, isso e, muitas vezes, a gente perguntava uns para os outros, se interessavam e queriam saber e tal, mas não de uma forma [sistemática]. Pelo menos eu não me lembro, pode ser que tenha havido, mas, sinceramente, eu não me lembro! [...] [Profa. Maria Aparecida, entrevista em 05/12/2008].</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | <p>Página 204</p>     |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |                      |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|
| <p>28. [...] eu acredito que, desde sempre e até hoje, nenhum curso supera todas as expectativas de um aluno. Então, você ganha uma base, eu acho que minha base foi boa. Naquela época, os professores eram muito competentes, embora nem todos fossem titulados. Eu acho que no meu tempo não tinha nenhum titulado, que deu aula para mim. [...] eu digo, assim, titulada em mestre, doutor, phd, essas coisas! Hoje a gente fala em titulação, é isso! [...]. [Entrevista em 05/12/2008].</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | <p>Página 207</p>    |
| <p>29. [...] E outro problema, que eu acho ainda mais sério, é o fato de nós ficarmos, durante muito tempo, muito fechados em nós mesmos e de a gente não sair para congressos, para estudos em outros lugares. Essa eu acho uma grande falha minha. Acredito que seja dos outros também. [...] Eu acho que é pessoal e institucional, os dois casos.[...] [Entrevista em 05/12/2008].</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | <p>Página 212</p>    |
| <p>30. [...] Não, não havia! E o fato também é que a gente que trabalhava no ensino médio. Se a gente ganhava, digamos, a oportunidade de a Faculdade nos dar licença para ir fazer um simpósio, fazer um curso, o Estado não permitia. O Estado, quando eu falo, [do magistério] no ensino médio. Então a gente não podia sair. Porque, como é que o professor sobrevivia e sobrevive até hoje? Das aulas que leciona! [...] Não havia incentivo para isso. Era muito difícil. Eu fiz poucos encontros, assim, fora daqui. Naquela época ainda havia, muitas vezes, ainda não, até hoje tem, hoje muito mais, mas havia algum curso aqui a gente ia e fazia... Cursos de curta duração. Teve só um que foi assim, acho que uns dois, não sei, quantos meses de aperfeiçoamento. Isso aí! [Profa. Maria Aparecida , entrevista em 05/12/2008].</p> | <p>Página 212</p>    |
| <p>31. [...] houve uma época [...] que começaram a vir professores aqui [FEFCLPG] [...] para nos ensinar a trabalhar com a pesquisa de cartório, de arquivo da igreja até, como era o nome de uma professora de Curitiba?148 Ela que vinha no sábado, a gente trabalhava com ela, e aí havia alunos também. Podia quem queria, também foi uma coisa interessante, porque aí a gente aprendeu a lidar com isso. Quando eu fui fazer as minhas pesquisas, eu também já estava mais construída nesse procedimento, já sabia trabalhar melhor e orientar os alunos.[...] [Entrevista em 05/12/2008].</p>                                                                                                                                                                                                                                               | <p>Página 213</p>    |
| <p>32. [...] E eu me lembro de um curso, de dois simpósios que marcaram muito a minha vida. Um que foi em Campinas. Meu Deus do céu! Acho que há uns 34 anos atrás. [...] eu fui num simpósio em Campinas que também abriu bastante a minha cabeça e me deu novas informações bibliográficas, novo conhecimento teórico. [...] o pessoal era bom, não vou dizer muito bom, mas era bom! [...] E aí, então, aquilo deu uma abertura maior para a gente buscar mais coisas, procurar novos conhecimentos, a gente aprendeu que havia outras linhas de ação dentro da História. Então, a gente foi procurar livros, e comprou livros. Mas não se podia comprar muitos, tinha que fazer escolha, porque sempre [foram] muito caros [...] [E. ntrevista em 05/12/2008]</p>                                                                              | <p>Página 214</p>    |
| <p>33. [...] E outro foi um simpósio que eu fiz em Niterói. Aquele simpósio, meu Deus do céu! Foi maravilhoso, sabe! A gente abriu a mente, a gente ganhou uma mentalidade nova, no meu caso, uma mentalidade nova sobre a História em geral, sobre as novidades da História [...]</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | <p>Página 216-17</p> |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                   |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|
| <p>Dentro da teoria da História, mas principalmente dentro da História mesmo, da história dos países, enfim, da história geral. E, eu me lembro que eu cheguei de lá tão entusiasmada [na FEFCL-PG] e eu briguei, lutei e consegui que fosse instituído no nosso Curso a História do Oriente. Hoje não tem mais. E quem está na vez hoje? O Oriente. China, Índia, Japão. [História] Do Extremo Oriente [...] quem trouxe essa novidade fui eu, depois desse congresso. Não sei se era Congresso de História, Simpósio de História, em Niterói. [...] [Simpósio] Nacional, da ANPUH, eu acho. Da Associação Nacional dos Professores de História, muito bom! E a gente aprendeu e eles mandaram coletâneas para gente, mandavam as coisas. Uma beleza, maravilhosos! E eu fiquei naquele Simpósio só escutando, só escutando, não falava nada, porque a gente se sente pequeno [...] eu não fiz nenhuma apresentação. [...] Só como participante, mas nossa, muitos estudiosos do Brasil, célebres daquela época! Aí, como é o nome de um deles? Como era? Um baixinho, ele tem livros de historiografia [Ciro Flamarion Cardoso.] Esse mesmo! [risos]. Historiografia, uma coisa horrível, não sei porque é que quanto mais eu aprendo menor eu me sinto. Eu sei que eu não sei nada! Ah! Meu Deus é uma tristeza [risos]. E aí a gente procura melhorar e procura querer saber. [...] [Entrevista em 05/12/2008].</p> |                   |
| <p>34. [...] Eu saí para mestrado em 76. [...] Ah! Não sei mais falar, essa nova direção [...] Eu fui em 76, e ela, acho que foi em 74 [...] ela começou a lutar para fazer o mestrado [...] Eu fiz em Curitiba, na Federal do Paraná [...] Eu fiz em história demográfica. História do Brasil, opção história demográfica. Foi esse o meu... [...] Eu vou voltar àquela questão de fechamento, eu não podia sair, porque eu tinha o ensino médio, que barrava as minhas idas para fazer um curso melhor e de maior longevidade. Então fazia só esses cursinhos, assim, de fim de semana, participação desse e daquele outro [...] aqui na região também vinha o pessoal de Curitiba, fazia alguns cursos para nós, que a gente convidava [...] [Entrevista em 05/12/2008].</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | <p>Página 218</p> |
| <p>35. [...] Então eu tinha as minhas disciplinas, naquela época eu trabalhava História Antiga e Medieval, duas disciplinas muito pesadas do primeiro ano e do segundo ano. Primeiro ano que você tem uma... Como é que eu posso dizer... Você tem uma responsabilidade imensa, porque você tem que segurar aqueles alunos no Curso. O primeiro ano faz o Curso! Se você não conquista aquele alunado, se você não dá a ele bagagem para ir adiante, ele fica muito mal e vai embora, ou ele vai mal o resto do Curso. Ele leva de arrasto... Então, isso é uma coisa muito importante e História Antiga é uma disciplina muito pesada, muito difícil! E no segundo ano, dava História Medieval, que também era minha paixão, que se tornou, através do tempo, se tornou minha paixão! E muito difícil também! Inclusive porque você tinha que inserir nos alunos, você tinha que influenciar os alunos para verem a história da Idade Média com outros olhos. [...] [Profa. Maria Aparecida, entrevista em 05/12/2008].</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            | <p>Página 223</p> |
| <p>36. [...] me parece que éramos todos do ensino médio [...] vamos ver pelo começo, eu, o Fonseca já estava quando eu entrei [...] O Xixa</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          | <p>Página 224</p> |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |            |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| [José Herley Stachowiak]. É, então [...] o Joselfredo, a Guízela [...] [Profa. Maria Aparecida, entrevista em 05/12/2008]                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |            |
| 37. [...] É. Você, às vezes, não tem outro referencial para buscar, porque o grande problema do professor [...] - Como eu vou usar essa palavra, conferir certas informações? E, assim mesmo, às vezes ele vai passar coisas erradas! Porque você não conta com uma reserva de conhecimento, além daquele pouquinho que você tem que transmitir na sala de aula. Aquele pouquinho que você transmite na sala de aula é, na verdade, resultado de uma gama imensa de conhecimento que você teve que obter. Caso contrário, a sua aula vai ser seca, infértil, sem emoção [...] Sem profundidade, ineficaz [...] E se o aluno pergunta alguma outra coisa, muitas vezes, você mesmo estudando o assunto, você não sabe! Imagine se você ficar só na superficialidade... [...] [Profa. Maria Aparecida, entrevista em 05/12/2008].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | Página 225 |
| 38. [...] É aquela questão básica, a História precisa da Geografia e a Geografia precisa da História. Você não estuda Geografia só pelo terreno, só pelo clima, ou só por isso, ou por aquilo, relativo a ela, mas os efeitos dela sobre o homem. E o homem precisa da Geografia, porque, afinal, ele vive em cima de um terreno, ele vive sofrendo as agruras da climatologia ou da geologia, disso e daquilo outro, que são partes da Geografia. [...] é uma interação entre Geografia e História que não se pode deixar de lado. E, muitas vezes, os alunos diziam pra mim: "Mas por que é que você tem que dar essas partes da Geografia?" Claro que eu tenho que dar! Você não vai entender nada do por que é que o homem está fazendo isso, ou está procedendo desta ou daquela maneira. Às vezes, uma guerra é por causa de comida, comida vem de onde? Vem da terra. Você tem que saber os lugares onde existe mais alimentação, mais generosidade de alimentos para o povo, e você vai em busca desse espaço. Então, o homem precisa de tudo isso. Precisa de um rio, precisa da água, precisa da vegetação [...] E o meio ambiente é o nosso lar, não podemos esquecer-nos dele [Entrevista em 05/12/2008]. | Página 226 |
| 39. [...] Olha, esse suporte historiográfico [...] ele veio mais tarde, ele não foi de início. Sabe, quando você faz um trabalho mais intuitivo do que propriamente... Sei lá, intelectual [...] essa parte da historiografia, eu, na verdade, eu trabalhei com ela [...] no comecinho da década de 70. Ali começou uma questão maior sobre historiografia, mas acontece que ainda eu não tinha um suporte sobre o assunto, sobre a temática, os meus colegas também não. Depois que eu fui para o mestrado, lá eu comecei a ter essa visão nova da história, comecei a trabalhar com isso nas minhas aulas, a colocar aos meus alunos algumas questões desse nível, mas sem caracterizar como historiografia, entende? Isso foi o que aconteceu comigo! Por isso que eu digo que ela foi mais intuitiva do que propriamente acadêmica, achei a palavra! Dentro daquilo que eu aprendi, que eu recolhi do conhecimento, que eu fui colher com o meu estudo, evidente! E, dessas poucas oportunidades que eu saí e, que realmente cresci, tive uma abertura muito grande, é que a historiografia começou a fazer parte da minha vida, mas não de forma sistêmica, digamos                                              | Página 227 |

|     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                 |
|-----|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
|     | <p>assim, de uma forma bem natural, na colocação para os alunos, falando em autores, em teorias, mas sem fazer daquilo um bicho de sete cabeças. Porque para mim a historiografia até hoje, estudada como tal, é um bicho de sete cabeças! Quando eu trabalhava com ela, assim, de uma forma natural, eu achava uma delícia, mas depois que eu comecei estudar mais [...] com o mestrado é que isso vai se alinhar mesmo de uma forma teórica, de uma forma intelectual mesmo, da coisa. Mas antes eu não tinha.[...] [Entrevista em 05/12/2008].</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                 |
| 40. | <p>[...] Ah! De pesquisa bibliográfica. E, às vezes acontecia de... No começo eram mais nesse sentido, de pesquisas bibliográficas, entregava, a gente corrigia, mas depois de algum tempo eu fazia, e fazia questão de que eles apresentassem o trabalho, que, afinal, a função qual era? Era a de serem professores! [Você tinha essa clareza? E você trabalhava com eles nessa linha?] Eu trabalhava com eles nessa linha, exatamente! "Ah! Porque eu não sei apresentar!". "E como é que vai ser professor? Você não está aqui para ser professor, o seu curso não é uma licenciatura em História, não é para ser um professor?". "Ah! Mas eu não vou trabalhar como professor". "Isso não me interessa, o que me interessa é que você está aqui para ser um professor, então, você vai ter que vir aqui na frente e expor o que você pesquisou, porque é isso que você vai fazer como professor, você vai ter que procurar nos livros, montar sua aula e depois ir lá repartir com os alunos o que você aprendeu". [...]. [Entrevista em 05/12/2008].</p> | Página 231      |
| 41. | <p>[...] Eu sei que com a Tusa, a briga que a gente tinha [...] a gente discutia por algumas coisas. Quer dizer, não é com todo mundo que dava para discutir! Mas eu dizia assim para ela: "Tusa, veja bem!" Ela dizia: "Ah! Se o aluno chegou na prática de ensino ele tem que ser aprovado.". "Mas como, Tusa? Não, não pode ser assim!". Ela dizia: "Mas tem que ser, ele já está 233 no quarto ano!". "Mas Tusa, comigo ele foi um ótimo aluno porque ele escreve bem e sabe a matéria. Já com você ele tem que saber dar uma aula, por em prática aquele conhecimento que ele aprendeu comigo.". "Ah! Mas é que não sei o que, não sei o que...". [...]. Mas era uma coisa que eu combatia muito, sabe? Porque, para mim, são coisas totalmente diferentes você ser, por exemplo, uma excelente aluna na minha matéria, mas pode ser uma péssima professora. [...] [Entrevista em 05/12/2008].</p>                                                                                                                                                        | Páginas 232-233 |
| 42. | <p>Avaliação?! Eu sempre fazia uma prova, às vezes duas provas, às vezes três [...]. Fazia muitas provas, assim, muitas não, algumas [...] De consulta, é. Eles odiavam. Era pior do que... [risos] É porque aí não acha aquilo que a gente está perguntando, normalmente faz [uma reflexão] [...] Então, eles odiavam as minhas provas de consulta, mas eu fazia, pelo menos uma por ano eu fazia, ou por semestre. Fazia uma prova tradicional, tinha que estudar e mostrar o conhecimento, o que mais que eu fazia? Apresentação de trabalhos, sempre tinha que ter a apresentação.[...] [Entrevista em 05/12/2008].</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | Páginas 235     |
| 43. | <p>[...] É exatamente na minha época [de ingresso como professora do Curso de História] o que houve foi quando passou para universidade, que eram faculdades isoladas, e aí, a Universidade, aí sim! [...] houve muita discussão entre certas pessoas que não</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | Página 240      |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                   |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------|
| <p>aceitavam a mudança. Você sabe que a mudança é uma coisa extraordinária! [...] Nossa! Gera uma resistência, todo mundo tem medo do novo, e todo mundo tem medo de perder o que tinha obtido. São duas circunstâncias bem específicas. Isso eu vivenciei naquele momento. [...] Como é que se diz? Um momento bastante crítico dentro da Faculdade, na Universidade. [...] a partir de 72, com a instituição da Universidade é que surge essa nova estrutura, com setores, departamentos, reitoria, de começo tudo muito incipiente [...] É, a gente tinha que aprender também o que era a nova estrutura, então tinha que tomar conhecimento dela, tinha que participar daqueles novos órgãos que estavam sendo instituídos, colegiados de curso. [...]. [Entrevista em 05/12/2008].</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                   |
| <p>44. [...] Bom, as dificuldades eram sempre, todo o ano praticamente as mesmas [os alunos] trabalhavam [...]. O curso noturno, tinha também o diurno, também dei aula no curso diurno, mas falando do curso noturno, que é desse período, [os alunos] trabalhavam, não tinham tempo, chegavam atrasados, porque o horário do serviço não dava para chegar! Era aquela luta por causa do comparecimento. E aí pelas dez e meia da noite, a aula terminava dez para as onze, [22:50 h], muitas vezes dez e meia [22:30 h] tinha que ir embora porque se não perdia o ônibus [...]. Você era obrigada a ceder em muitos pontos, não tinha como! Porque junto, o lado que você tem de profissional competente, você tem que também ter a sua humanidade. O aspecto humano para com aquele aluno, porque, aí se não dá, você não vê só um elemento [...] você tem que ver um ser humano que tem muitas dificuldades, depende de outras circunstâncias, que fogem à minha alçada, como é o caso de um horário de ônibus, de um tempo de serviço, muitos trabalhavam em bancos naquela época. [...] tinha desde os mocinhos até os de mais idade, e nós tínhamos sempre, desde os primeiros tempos, muitos alunos de fora. Nós tivemos muitos alunos de Castro, Jaguariaíva e Palmeira [...]. A gente conversava, sabia que eles eram daquelas cidades, eles chegavam e conversavam. Aliás, muitos bons alunos [...]. Agora, assim, entre interessados e desinteressados, eu diria que era uma boa quantidade de desinteressados [risos] que estavam ali mesmo para ganhar um diploma, e interessados, assim, com muita vontade, não eram tantos! [...] penso assim, uns 30% [...]. Os outros se dividiam entre aqueles que estavam lá só por estar [...] "Ah! Mais eu não quero, porque isso não me interessa, eu quero um diploma de curso superior." E aquela luta da gente para trazê-los para um sentido maior. [...] A seriedade que tem um curso bom, é [exige] que se dedique a ele [...] porque se a gente não tem seriedade com que a gente faz, como é que você vai fazer com que o aluno tenha? [...]. [Profª. Maria Aparecida, entrevista em 05/12/2010].</p> | <p>Página 250</p> |

Fonte: Elaborado pelo autor.

## APÊNDICE B - FONTES

BIG-WITHER, Thomas P. **Novo caminho no Brasil Meridional**: a província do Paraná. Três anos de vida entre em suas florestas e campos - 1872/1875. Tradução de Temístocles Linhares. Curitiba: Livraria José Olympio/UFPR, 1974.

GONÇALVES, Maria. A. C.; HOLZMANN, Guísela V.; LAVALLE, Aída M. **A história regional nas escolas de 1º grau do município de Ponta Grossa**. Ponta Grossa: UEPG, 1989.

GONÇALVES, Maria Aparecida Cezar; PINTO, Elisabete Alves. **Ponta Grossa**: um século de vida (1823-1923). Ponta Grossa: Kugler Artes Gráficas, 1983.

GONÇALVES, Maria Aparecida. **Estudo demográfico da Paróquia Nossa Senhora de Sant'Ana de Ponta Grossa**. (1823-1879). 1979. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1979. (Orientada pela Professora Oksana Boruszenko)

PINTO, Elisabete Alves. **A população de Ponta Grossa a partir do Registro Civil**. (1889-1920). 1980. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1980. (Orientada pela Altiva Pilatti Balhana)

PINTO, Elisabete Alves. **Vila de Castro**: população e domicílios. (1800- 1830). 1992. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1992. (Orientada por Cecília Maria Westphalen)

HOLZMANN, Epaminondas. **Cinco histórias convergentes**. 2. ed. Ponta Grossa: UEPG, 2004.

HOLZMANN, Guisela V. Frey. Arquivos da Câmara Municipal de Ponta Grossa. *In*: V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História – ANPUH, 1969, Campinas. **Anais** [...] Campinas, 1969.

HOLZMANN, Guisela V. Frey; SOARES, Olavo; MICHAELE, Faris Antonio S.; ROCHA, Nael Nunes; et al. **Ponta Grossa** - Edição Histórica. 1975.

PINTO, Elisabete Alves. Caixa 1. **Fundo de Arquivo do Centro de Documentação e Pesquisa em História**. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1997a.

PINTO, Elisabete Alves. Caixa 2. **Fundo de Arquivo do Centro de Documentação e Pesquisa em História**. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1997b.

PINTO, Elisabete Alves. Caixa 3. **Fundo de Arquivo do Centro de Documentação e Pesquisa em História**. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1997c.

PINTO, Elisabete Alves. Caixa 4. **Fundo de Arquivo do Centro de Documentação e Pesquisa em História**. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1997d.

PINTO, Elisabete Alves. Caixa 8. **Fundo de Arquivo do Centro de Documentação e Pesquisa em História.** Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1997e.

PINTO, Elisabete Alves. Caixa 9. **Fundo de Arquivo do Centro de Documentação e Pesquisa em História.** Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1997f.

PINTO, Elisabete Alves. Caixa 14. **Fundo de Arquivo do Centro de Documentação e Pesquisa em História.** Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1997g.

PINTO, Elisabete Alves. Caixa 15. **Fundo de Arquivo do Centro de Documentação e Pesquisa em História.** Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1997h.

PINTO, Elisabete Alves. Caixa 16. **Fundo de Arquivo do Centro de Documentação e Pesquisa em História.** Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1997i.

PINTO, Elisabete Alves. Caixa 17. **Fundo de Arquivo do Centro de Documentação e Pesquisa em História.** Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1997j.

PINTO, Elisabete Alves. Caixa 18. **Fundo de Arquivo do Centro de Documentação e Pesquisa em História.** Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1997k.

PINTO, Elisabete Alves. Caixa 19. **Fundo de Arquivo do Centro de Documentação e Pesquisa em História.** Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1997l.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Relatório Anual. **Departamento de História.** Ponta Grossa, 1974.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Relatório Anual. **Departamento de História.** Ponta Grossa, 1975.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Relatório Anual. **Departamento de História.** Ponta Grossa, 1976.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Relatório Anual. **Departamento de História.** Ponta Grossa, 1977.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Relatório Anual. **Departamento de História.** Ponta Grossa, 1978.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Relatório Anual. **Departamento de História.** Ponta Grossa, 1979.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Relatório Anual. **Departamento de História.** Ponta Grossa, 1980.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Relatório Anual. **Departamento de História.** Ponta Grossa, 1981.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Relatório Anual. **Departamento de História.** Ponta Grossa, 1982.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Relatório Anual. **Departamento de História**. Ponta Grossa, 1983.

**ANEXO A – QUADRO Nº 25 DISSERTAÇÃO DE MARIA AP. CEZAR  
GONÇALVES**

106

QUADRO Nº 25  
DIFERENÇAS DE FREQUÊNCIA DA ILEGITIMIDADE  
Populações Livres

| PARÓQUIAS                             | LEGÍTIMOS |       | ILEGÍTIMOS |       | EXPOSTOS |       | TOTAL DE ILEGÍTIMOS |       | TOTAL |
|---------------------------------------|-----------|-------|------------|-------|----------|-------|---------------------|-------|-------|
|                                       | Nº ABS    | I     | Nº ABS     | I     | Nº ABS   | I     | Nº ABS              | I     |       |
| Crulay <sup>14</sup>                  | 6642      | 99,34 | 44         | 0,66  | -        | -     | 44                  | 0,66  | 6686  |
| Bas-Quercy <sup>15</sup>              | 1701      | 98,9  | 19         | 1,10  | -        | -     | 19                  | 1,10  | 1720  |
| São Paulo <sup>16</sup>               | 13181     | 60,81 | 5032       | 23,20 | 3468     | 15,99 | 8500                | 39,20 | 21681 |
| N.S. Luz de <sup>17</sup><br>Curitiba | 12746     | 72,64 | 3893       | 22,18 | 910      | 5,18  | 4803                | 27,36 | 17549 |
| Lapa <sup>18</sup>                    | 2219      | 68,26 | 845        | 25,99 | 187      | 5,75  | 1032                | 31,74 | 3251  |
| Sant'Ana de<br>Ponta Grossa           | 7480      | 80,73 | 1641       | 17,71 | 145      | 1,56  | 1786                | 19,27 | 9266  |

FONTE: Registros de Batizados

GAUTIER & HENRY. Op. Cit. p. 67

VALMARY, Pierre. *Famílias paysannes au XVIII siècle en Bas-Quercy*. Paris, Presses Universitaires de France, 1963. p. 93.

MARCELLO, M.L. Op. Cit. p. 183.

KUBO, E.M. Op. Cit. p. 74.

VALLE, Marília Sousa de. *Movimento Populacional da Lapa - 1769-1818*. Curitiba, 1977 (Dissertação de Mestrado) (mecanografada). 126 p.

**ANEXO B – PROGRAMA DE DISCIPLINA HISTÓRIA DO PARANÁ DO DEHIS-  
UEPG, DE 1976**

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                            |                                                                                    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                                                                                                                                                                                                                            | <b>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA</b><br><small>(RECONHECIDA PELO DECRETO FEDERAL Nº 73.289 DE 07/12/73)</small><br><b>DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA</b> |  |
| <b>4 - PROGRAMA DAS DISCIPLINAS MINISTRADAS</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | <b>10</b>                                                                                                                                                  |                                                                                    |
| Curso                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | : Estudos Sociais                                                                                                                                          |                                                                                    |
| Disciplina                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | : HISTÓRIA DO PARANÁ                                                                                                                                       |                                                                                    |
| Nº de Créditos                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | : 3.0.0                                                                                                                                                    |                                                                                    |
| Carga Horária                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | : 45 horas-aula                                                                                                                                            |                                                                                    |
| Professora                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | : Hilda de Oliveira Ladeira                                                                                                                                |                                                                                    |
| <b>CONTEÚDO PROGRAMÁTICO</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                            |                                                                                    |
| <b>I - PREPARAÇÃO HISTÓRICOS</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                            |                                                                                    |
| a - O Meio Físico<br>b - Capitânias de São Vicente e Sant'Ana<br>c - Indígenas do Paraná contribuição e distribuição geográfica<br>d - O Potosi-rumo a Bacia do Paraná<br>e - Reduções - organização, vida e destruição<br>f - Fim do domínio espanhol em Guaira.                                                                                                           |                                                                                                                                                            |                                                                                    |
| <b>2 - O POVOAMENTO</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                            |                                                                                    |
| a - Origem e fundação de Paranaguá, Antonina e Morretes<br>b - Exploração do ouro:<br>. Administração das minas dos Distritos do Sul<br>. Consequências do ciclo da mineração<br>c - Ocupando o planalto<br>. Origem e fundação de Curitiba<br>d - Bandeiras Setecentistas - Afonso Botelho<br>e - Diogo Pinto de Azevedo Portugal e o povoamento dos Campos de Guarapuava. |                                                                                                                                                            |                                                                                    |
| <b>3 - O PARANÁ NO SÉCULO XVIII</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |                                                                                                                                                            |                                                                                    |
| a - Caminhos históricos e o tropeirismo<br>b - Origens da Administração Pública<br>c - Primórdios da economia rural - minas, fazendas e invernadas<br>e - Desenvolvimento e decadência da criação pastoril.                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                            |                                                                                    |
| <b>4 - O PARANÁ PROVÍNCIA</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                            |                                                                                    |
| A - Emancipação Política administrativa<br>b - Presidentes da Província<br>c - A Economia Provincial : o mate<br>. Importação e exportação<br>. Concorrência paraguaia<br>. O protencionismo à cancheada no Rio da Prata                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                            |                                                                                    |



# UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

(RECONHECIDA PELO DECRETO FEDERAL N.º 73.289 DE 07/12/73)

## DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



Continuação

### 4 - PROGRAMA DAS DISCIPLINAS MINISTRADAS

Disciplina : HISTÓRIA DO PARANÁ

- d - O Regime Escravocrata
    - O Caso Cormorant
    - Campanha Abolicionista
  - e - A imigração e a colonização
    - Principais núcleos
    - Grupos étnicos
    - Assimilação do imigrante na cultura luso brasileira.
  - f - A Política Final do Império.
- 5 - A REPÚBLICA NO PARANÁ
- a - Organização provisória do governo do Paraná
  - b - Reorganização do Estado
  - c - O Paraná na Revolução Federalista
  - d - Questão do Contestado
  - e - Política da 1ª República
  - f - Situação Econômica do Estado - Ciclo do ovinho : exportação e indústria
  - g - A intervenção de 1932 - 1945.
- 6 - O PARANÁ NO PANORAMA NACIONAL
- a - Aspectos sociais, econômicos e políticos do Paraná atual
  - b - O setor secundário no campo da indústria
  - c - A economia cafeeira
  - d - O surto da soja
  - f - Desenvolvimento demográfico e urbano
  - e - Comunicações
  - g - Cultura Paranaense
  - h - Integração das Comunidades Paranaenses.

\*\*\*\*\*

*Hilda de O. Ladeira*  
 HILDA DE OLIVEIRA LADEIRA  
 Professora